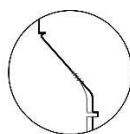


Tema de DISSERTAÇÃO

“CASA e CAIXILHO”

equação e seleção no projeto de arquitetura para uma habitação unifamiliar



FACULDADE DE ARQUITECTURA
UNIVERSIDADE DO PORTO

Dissertação de Mestrado Integrado em Arquitetura. Paulo Topa, Faup 2018

1	- Resumo	4
2	- Abstract	5
3	- Agradecimentos	6
4	- Introdução	8
	4.1 - Motivação	9
	4.2 - Objetivo	11
	4.3 - Objeto de estudo	12
	4.4 - Metodologia	13
	4.5 - Estrutura	14
Capítulos		
1	- O meu primeiro projeto na FAUP, digno desse nome: “A CASA DO JARDINEIRO”	
	1.1 - A encomenda e os alicerces onde o projeto assentou – (com novos conhecimentos!)	16
	1.2 - Especificação do sistema de ensino e processo árduo na feitura do PROJETO	18
	1.3 - Apresentação do projeto final da Casa do Jardineiro	26
	1.4 - Fotos da Maqueta	32
2	- Viagem no TEMPO e no ESPAÇO	
	2.1 – Resumo	36
	2.2 – Considerações iniciais	37
	2.3 – Em viagem	
	2.3.1 - Viagem 1 ----- Çatal Höyük	43
	Composição do formato de apresentação da viagem:	
	- Apresentação e considerações iniciais sobre o autor da obra	
	- Relato escrito da viagem	
	- Considerações pós-visita	
	- Apresentação dos desenhos de estudo por parte do autor do livro	
	- Apresentação de Esquícios, perspectivas, 3D, maquetas e fotos (nesta sequência e nos casos em que as obras possuam dados Suficientes – Estas buscas foram realizadas de forma autónoma, por iniciativa própria e independentes do formato apresentado no livro de estudo)	
	2.3.2 - Viagem 2 ----- Villa Real de Cnossos	47
	Composição do formato de apresentação da viagem:	
	- Idem à anterior	
	2.3.3 - Viagem 3 ----- Vivienda Egípcia	51
	Composição do formato de apresentação da viagem:	
	- Idem	
	2.3.4 - Viagem 4 ----- Vivienda Griega	55
	Composição do formato de apresentação da viagem:	
	- Idem	
	2.3.5 - Viagem 5 ----- Casa del Fauno	59
	Composição do formato de apresentação da viagem:	
	- Idem	
	2.3.6 - Viagem 6 ----- Vivienda Gótica	63
	Composição do formato de apresentação da viagem:	
	- Idem	
	2.3.7 - Viagem 7 ----- Casa Capen	66
	Composição do formato de apresentação da viagem:	
	- Idem	
	2.3.8 - Viagem 8 ----- Villa Foscari	71
	Composição do formato de apresentação da viagem:	
	- Idem	
	2.3.9 - Viagem 9 ----- Vivienda Otomana	77
	Composição do formato de apresentação da viagem:	
	- Idem	

2.3.11 - Viagem 10 -----	Grims Dyke -----	81
Composição do formato de apresentação da viagem:		
- Idem		
2.3.12 - Viagem 11 -----	Casa D.D. Martin -----	87
	Vivienda para un Amante del Arte -----	93
	Vivienda del Arquitecto -----	96
Composição do formato de apresentação da viagem:		
- Idem		
2.3.13 - Viagem 12 -----	Casa Strasser -----	100
	Casa Kallenbach -----	106
	Casa Lovell -----	110
Composição do formato de apresentação da viagem:		
- Idem		
2.3.14 - Viagem 13 -----	Casa Tugendhat -----	116
	Casa Carré -----	122
	Casa Goldenberg -----	127
Composição do formato de apresentação da viagem:		
- Idem		
2.3.15 - Viagem 14 -----	Casa Vanna Venturi -----	134
	Vivienda VI -----	139
	Casa Giovannitti -----	144
Composição do formato de apresentação da viagem:		
- Idem		
2.3.16 - Viagem 15 -----	Casa Kalko -----	150
	Casa Duarte -----	154
	Quinta da Malagueira -----	162
Composição do formato de apresentação da viagem:		
- Idem		
2.4 – Tempo de reflexão e análise -----		172
2.5 – Conclusão do estudo -----		173
2.6 – Considerações finais -----		178
3 - “CAIXILHO” -----		
– Considerações técnicas -----		180
3.1 – Tipos de caixilhos -----		183
3.2 - Caixilho eleição da contemporaneidade -----		208
3.3 - Opções de caixilho em alumínio, presentes neste período contemporâneo -----		211
3.4 – Considerações finais -----		224
4 - Projeto executado antes da minha formação académica “A VER O MAR” – em A Ver-o-Mar -----		
4.1 – Introdução -----		228
4.2 - A encomenda e os alicerces onde o projeto assentou – (sem novos conhecimentos!) -----		229
4.3 - Especificação do antigo sistema e processo primitivo na feitura do PROJETO -----		230
4.4 - Apresentação do projeto primitivo para uma casa unifamiliar - “A-Ver-o-Mar” -----		234
5 - Projeto executado pós-formação académica “A VER O MAR” – em A Ver-o-Mar -----		
5.1 – Introdução -----		242
5.2 - A nova encomenda e os alicerces onde este novo projeto assenta – (com novos conhecimentos!) -----		243
5.3 - Especificação do meu novo sistema na feitura do PROJETO -----		244
5.4 - Apresentação do projeto final para a nova casa unifamiliar - “A-Ver-o-Mar” -----		245
5.5 - Apresentação de 3D do projeto final para a nova casa unifamiliar - “A-Ver-o-Mar” -----		277
6 - Conclusão -----		293
7 - Bibliografia -----		294

O tema desta Dissertação, CASA e CAIXILHO, resulta de uma análise profunda e ponderada, sobre as diferentes e muito variadas possibilidades técnicas que, na atualidade, o âmbito da fenestração apresenta, quando utilizada no projeto de uma habitação unifamiliar. A seleção do tema recaiu sobre o resultado da equação entre a **Casa** e o **Caixilho**.

Numa fase inicial, o meu pensamento centrou-se no projeto realizado há algum tempo, projeto intitulado *A-Ver-o-Mar* quando surgiu a necessidade de realizar profundas alterações ao projeto de arquitetura desenvolvido, proposto pela cliente.

O pedido de alteração ao projeto chegou no momento final do meu percurso académico. Por conseguinte, a oportunidade de analisar o que tinha projetado antes de ter sido aluno da Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto e, com outro olhar, projetar novamente em circunstâncias muito diferentes.

Como, para mim, a frequência do curso de Arquitetura teve uma importância fundamental na minha vida e da forma como vejo agora a Arquitetura, sentiu-se a necessidade de expor a forma como foi, no âmbito do percurso académico, projetar uma habitação – Casa do Jardineiro – agora como aluno da FAUP.

A longa experiência como diretor técnico de obras, no período imediatamente anterior ao meu ingresso como aluno da Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto, concedeu um amplo conhecimento dos aspetos técnicos da obra, mas também um largo entendimento sobre os materiais utilizados nas obras. Incluir este âmbito na presente dissertação fez todo o sentido. Por conseguinte, a ideia que esteve na base do desenvolvimento do trabalho foi a procura da relação diferenciada entre projeto e construção em três momentos essenciais: como arquiteto sem licenciatura, como aluno do curso de Arquitetura e como arquiteto licenciado.

Assim, a presente dissertação procura deixar o testemunho da importância do conhecimento para encontrar profundidade na produção individual de cada um.

Depois do curso, existe, antes de mais, maior exigência, maior rigor, maior capacidade de interrelacionar conhecimentos que se prendem no domínio do projeto do espaço doméstico e as questões técnicas emergentes que consolidam a qualidade do habitar.

Enquanto diretor de obra, a questão estritamente técnica estava completamente dominada. No entanto, agora, após o percurso académico, percebi que a questão da forma construtiva implica a forma arquitetónica e esta relação é essencial para alcançar a *qualidade* da obra. Senão, posso agora dizer, que não é arquitetura.

The theme of this Dissertation, CASA and CAIXILHO, results from an in-depth and thoughtful analysis of the different and very varied technical possibilities that, at present, the scope of fenestration presents, when used in the design of a single-family dwelling. The selection of the theme fell on the result of the equation between the House and the Frame.

At an early stage, my thinking was centered on the project carried out some time ago, a project entitled A-Ver-o-Mar when the need arose to make profound changes to the architecture project developed, proposed by the client.

The request to change the project arrived at the final moment of my academic journey. Therefore, the opportunity to analyze what he had projected before being a student of the Faculty of Architecture of the University of Porto and, with another look, project again in very different circumstances.

As for me, the frequency of the Architecture course had a fundamental importance in my life and the way I now see Architecture, it was felt the need to expose the way in which it was, within the academic course, to design a house of the Gardener - now as a student of FAUP.

His long experience as technical director of works, in the period immediately preceding my admission as a student of the Faculty of Architecture of the University of Porto, granted a broad knowledge of the technical aspects of the work, but also a wide understanding about the materials used in the works. Including this scope in this dissertation made perfect sense. Therefore, the idea underlying the development of the work was the search for the differentiated relationship between design and construction in three essential moments: as an architect without a degree, as a student of the Architecture course and as a licensed architect.

Thus, the present dissertation tries to leave the testimony of the importance of the knowledge to find depth in the individual production of each one.

After the course, there is, first of all, a greater demand, a greater rigor, a greater capacity to interrelate knowledge in the realm of the domestic space project, and the emerging technical issues that consolidate the quality of living.

As a construction director, the strictly technical question was completely dominated. However, now, after the academic course, I realized that the question of the constructive way implies the architectural form and this relationship is essential to achieve the quality of the work. Otherwise, I can now say, it is not architecture.

Esta será seguramente a parte onde terei maior dificuldade, pois, os agradecimentos são tantos que não caberiam numa só página e a muitos deles gostaria que fossem dados pessoalmente, o que, em alguns dos casos, tal já não é possível.

Ao longo, e não só, da presente dissertação, contei com os mais diversos apoios, uns de forma mais direta, outros de forma mais indireta, mas igualmente prestativos à justa causa. A essas múltiplas pessoas que me ajudaram, quero, e sem exceção, manifestar a minha mais profunda gratidão, correndo o risco, como é óbvio, de injustamente não mencionar algum dos contributos daqueles que não se encontrem aqui expressos e que por uma ou outra razão ache que deu a sua cota parte, peço humildemente, e desde já, as devidas e sinceras desculpas.

Os meus agradecimentos, e de uma forma mais ou menos cronológica, vão:

Aos meus **Pais**, não só porque me geraram, mas também porque desde tenra idade me incentivaram para matérias de desenho e pintura, e apesar de ter ficado órfão de Mãe, muito cedo, o meu Pai, o mais empenhado dos dois nesta senda artística, sempre me transmitiu os seus próprios dotes e me incentivou a chegar mais além, tanto a mim, como aos meus irmãos, pois não é por acaso que, de cinco filhos, um é arquiteto, há muito tempo, outro é escultor e pintor que, curiosamente, se dá pelo nome de Miguel Ângelo e, finalmente, eu próprio, ainda na firme tentativa de o ser e assim concretizar o meu sonho de menino. Aquilo que mais lamento, presentemente, é não poder contar com a sua presença, mas tenho a plena convicção que estarão a apoiar o meu nobre intento.

À minha querida **Madrinha**, que pode e deve ser apelidada de minha **segunda mãe**, pois tomou conta de cinco crianças órfãs, sendo eu o mais velho das cinco, com apenas 7 anos de idade, e a qual dedicou e sacrificou toda a sua vida, em prol de uma condição humana equilibrada e condigna, dedicando-se ferverosamente aos cuidados necessários na nossa competente educação/formação e sempre apoiando-nos de forma incansável e incondicional. Este é, igualmente, mais um daqueles maravilhosos seres, que também já não se encontra entre nós, mas tal como os meus Pais estará certamente a torcer por mim, orgulhosa pela minha atitude e perseverança em querer ser arquiteto, pois sabia que este era um dos meus mais importantes sonhos.

À minha **Família**, que cedo reconheceu algumas das minhas qualidades em matérias desenhadas e artísticas, nomeadamente e de forma especial os meus irmãos.

Ao CICCOPN - Centro de Formação Profissional da Indústria da Construção Civil e Obras Públicas do Norte, onde realizei o curso de desenho técnico, com mérito.

Ao Eng.º Sousa Lopes, um dos meus maiores mentores e o primeiro homem para quem trabalhei (no verdadeiro sentido da palavra), desempenhando a função de desenhador projetista. Este ser é uma das pessoas que mais admiro e à qual chamo um **HOMEM**, com letra grande, por um carácter assinalável, pela elevação de postura enquanto ser humano, pela competência do seu laborar, pela vasta riqueza de conhecimentos e cultura geral e, ainda, porque desde o início do nosso relacionamento laboral, eu ainda muito jovem, me incentivou, de forma séria, a continuar o meu percurso académico.

Ao Eng.º Américo Monteiro, igualmente um homem de carácter bem definido, portador de uma postura idónea, culturalmente rica, e um amigo verdadeiro. Lembro-me das nossas longas conversas de aconselhamento, quase a entrar pela noite dentro e apesar da diferença de idades e de este ter uma vida deveras ocupada, sempre dispensou o seu precioso tempo para me incentivar a ser algo mais, mais que um diretor técnico/comercial, que por acaso era o cargo que desempenhava na época, desejando, desde sempre e profundamente, que eu tirasse uma qualificação superior.

Aos vários clientes que tive, ao longo da vida, e que sempre acharam que deveria tirar o curso de arquitetura, nomeadamente Dª Rosa Maria, Dr.ª Justina Aguiar, Dr. Mário Campos Fontemanha, José Duarte, Armando Paiva e Castro, Ferreira Leite, Jorge Costa, entre muitos outros.

À FAUP, pela sua existência e de primordial importância neste processo e a todos os que conheci no meu percurso académico nomeadamente aos Professores Rui Cardoso, José Miguel Rodrigues, Jorge Alarcão, Graça Dias, entre outros. Ao Jorge Vieira da secretaria da FAUP, pela sua amizade e incentivos como um bom e sincero amigo.

Por último, mas não menos importantes para a finalização deste percurso.

À minha adorável e belíssima **FILHA**, seguramente o ser maior de todos os meus sonhos sem qualquer margem para dúvidas, o ser mais importante da minha vida e aquele que despoleta em mim a ânsia de querer ser *maior e mais completo*. Espero servir-lhe como um dos bons exemplos a seguir no seu percurso de vida, e fico, desde já, e apesar dos seus 6 aninhos de idade, imensamente orgulhoso, por esta já ter dado os seus primeiros passos, em desenho e pintura, por iniciativa exclusivamente sua e com motivações muito próprias. Em matéria de agradecimentos, tenho que lhe dar um beijinho e abraço muitíssimo fortes, pela compreensão que teve e ainda tem, por, muitas das vezes, o pai ter estado ausente, por ter prejudicado quase todos os fins-de-semana, períodos destinados a estar comigo, com trabalho e não lhe ter prestado a necessária atenção e devido carinho mas, mesmo assim, mantém inabalável o orgulho em ser minha filha, feliz e satisfeita, por ver o seu PAPÁ (como ternamente me chama) a cumprir os seus objetivos. Bem-haja minha estimada e doce filha...

À minha orientadora, **Ana Isabel da Costa e Silva**, pelas competências reconhecidas, enquanto professora de uma cadeira complexa e difícil e, sobretudo, pelas suas qualidades humanas. A sua escolha não foi feita por acaso. Pensei, de forma cuidada e maturada, sobre quem seria o melhor e o mais enquadrado orientador no tema e a professor Ana surgiu muito naturalmente, não só pelas qualidades já enunciadas, mas também por ser uma professora dedicada, com carisma e realmente preocupada com a forma de melhor dignificar a palavra ENSINO, com postura séria e competente. Sem a sua estimável e preciosa ajuda, não seria seguramente possível a realização deste estudo, nem a entrega de uma competente DISSERTAÇÃO como matéria final de curso. Foi com humildade que me portei, enquanto seu aluno, e é com a mesma humildade que profiro, OBRIGADO, por depositar confiança no meu trabalho e acreditar em mim, como possível bom arquiteto no desempenho das tarefas e funções no futuro, dando continuidade e prestigiando o bom nome da Faup e da Arquitetura, tal como, ela própria o faz presentemente. É com orgulho e gratidão que menciono, pelo menos para mim, uma das melhores e mais competentes professoras na arte do ensino, presentemente na FAUP, e espero que assim permaneça, com a mesma energia, princípios e predisposição ao longo de toda a sua carreira académica. Um enorme bem-haja também para si, tanto como minha professora, como boa conselheira e verdadeira amiga.

“Projeto para a Casa do **JARDINEIRO** – Faup”

“Percepção do conceito **CASA**”

“Conceito **CAIXILHO**”

“Projetos **A-VER-O-MAR**”

Por ser precisamente esta a fase inicial da apresentação deste estudo, quero fazer aqui, uma pequena, mas importante declaração. Tenho a perfeita consciência de que não sou, nem bom orador, nem domino a técnica de escrita, até porque, a vida me impulsionou substancialmente para feitura de teor prático e, por tal, gostaria de, humildemente, e desde já, pedir desculpas, caso não consiga tratar os ASSUNTOS ACADÉMICOS e TEMAS de ESTUDO, aqui presentes, como realmente merecem, no uso da devida e necessária elegância linguística.

Quando propus a minha candidatura à faculdade, tive de fornecer uma data de elementos, um deles constava de uma carta de intenções. Foi nessa, precisamente e logo no início desta minha carreira académica, que referi os motivos da minha pretensão, valores esses que continuam firmes ainda hoje, e que passo a citar:

Ser um «belo sonho» que tenho desde menino, e que por motivos de sobrevivência económico-social tive de interromper precocemente.

Ter desde sempre laborado na área de construção civil, onde se insere como arte principal a Arquitetura e nunca me ter sido possível autenticar de uma forma legal e competente a originalidade das minhas próprias obras e feições arquitetónicas.

Por ser o mundo que sempre amei exclusivamente e que continuo a amar indescritivelmente, até aos meus dias de hoje. Penso que em todo o trajeto laboral que tive até aqui, me entreguei sempre de corpo e alma, de forma leal e honesta e com este importante passo, que agora, pretendo dar, possa no futuro e em definitivo cunhar os meus trabalhos pessoais como verdadeiramente meus, embora no futuro, sejam estes com mais qualidade e a competência necessária, caso atinja a meta a que me proponho.

Por último, porque me encontro decidido a saber substancialmente mais do que sei presentemente, e com a perfeita convicção de que sem a partilha dos superiores conhecimentos de V.a.s. Ex. cias, jamais poderei almejar entrar definitivamente nesse V.º belo mundo, e assim, num possível futuro laboral nesta área, poder dignificar e enaltecer tal «nobre arte».

Estes foram os motivos que apresentei, "ipsis verbis", aquando dessa minha candidatura e sem qualquer tipo de quid pro quo, tanto na época, como no presente momento, sobre o que queria em definitivo ser e em que tipo de especificidade queria exclusivamente laboral. Era para mim esta a atitude adequada a ter, no sentido de concretizar o meu sonho de longa data e sendo uma premissa devidamente pensada, bem maturada e plenamente consciente de que, embora sendo, uma árdua tarefa, foi aquela que assumi, de corpo e alma desde o primeiro instante, ou seja, desde que pisei os terrenos da FAUP e calcorreei pelas célebres e diversas instalações ao longo destes anos.

Ser Arquitecto, é para mim,

“Seja assim o arquitecto – homem entre homens – organizador do espaço – criador de felicidade.”¹

“Tudo tem importância na organização do espaço – as formas em si, a relação entre elas, o espaço que as limita – e esta verdade que resulta de o espaço ser contínuo anda muito esquecida.”²

“1) Começo um projecto quando visito um sítio; ... Um sítio vale pelo que é ou deseja ser...; Nenhum sítio é deserto...; 3) Alguns dos meus últimos projectos passaram por longo debate com grupos organizados de moradores ou futuros moradores...; 4) ... A tradição é um desafio à inovação...”³

entre outras.

Estas são frases que surtiram o devido efeito, na razão de eu ser, o que pretendo ser.

Tendo a arquitetura como base a organização de espaços, e estes serem de vital importância à vivência do próprio homem, somente fazem sentido se os ditos espaços satisfizerem as necessidades da condição humana para os quais foram concebidos.

A razão de eu querer ser ARQUITETO, passa precisamente por desempenhar este nobre papel, organizador de espaços consciente, projetar com maestria, perceber corretamente o carácter do lugar, mas, tudo isto, da forma mais competente e com a dedicação necessária, a fim de prestigiar e dignificar os princípios basilares da própria arquitetura, levando mais além os seus preceitos e valorizando a minha própria razão de existir, enquanto ser útil na sociedade.

¹ TÁVORA, Fernando – Da Organização do Espaço. p.75. Dissertação de Mestrado Integrado em Arquitetura. Paulo Topa, Faup 2018.

² TÁVORA, Fernando. - Da Organização do Espaço, p.30. Dissertação de Mestrado Integrado em Arquitetura. Paulo Topa, Faup 2018.

³ SIZA, Álvaro Siza. – TEXTOS 01 – Capítulo OITO PONTOS

Segundo Sócrates, “só sei que nada sei”⁴, é uma frase incontornável, quanto mais se sabe, mais verificamos que há muito, mas mesmo muito mais a aprender. Inculto ou convencido será aquele que pensa que tudo sabe, mas a verdade inequívoca é que este não sabe rigorosamente nada, porque não se dignou a ser humilde nem dedicou o tempo necessário no almejo de ascender à dita sabedoria.

Outro diapasão forte ao longo da minha vida, “artista é aquele que sempre morre insatisfeito”, porquê? Porque, por mais que evoluas, jamais te darás por satisfeito, exigirás sempre mais e mais de ti, e daí não te refugiarás nunca na imprestável condição da estagnação.

Estes são princípios fundamentais, tão básicos e simples, que todos os seres humanos os deveriam conhecer e pelos quais pautei todo este meu percurso académico. É certo que sou um pouco rebelde, pois não suporto as injustiças e maus juízos, não gosto de fugir à verdade precisa e concisa, acho insuportáveis os autoconhecimentos desmedidos e não substanciados, razões estas, que me fazem insurgir por vezes de uma forma mais intempestiva, mas, todavia, sempre educada. Posso até não concordar com alguns métodos ou posturas neste estabelecimento de ensino, pois é um direito, que por acaso, me assiste enquanto humano e ser pensante, mas no essencial, estou aqui da forma mais humilde possível, com vontade de iniciar esta nobre atividade, de aprender mais ainda, de deixar de lado e de forma agora segura, os vícios do passado e começar praticamente, tudo de novo, como se de uma nova vida estivéssemos a falar.

Penso ter sido um pouco de tudo isto o que fiz e transmiti ao longo destes anos, em matéria de curso. O corolário desse esforço e perseverança de postura, são sentidos de forma aprazível, no final deste, e espero humildemente que o meu sonho de sempre se concretize.

⁴ <https://www.culturagenial.com/frase-so-sei-que-nada-sei>

Este presente estudo, é o resultado de um longo percurso académico e onde se pretende apresentar na sua fase inicial, um projeto realizado na própria FAUP, “a casa do Jardineiro”, como resultado de como foram absorvidos, logo numa fase embrionária de todo um moroso processo, os primordiais CONHECIMENTOS ACADÉMICOS necessários adquirir, tanto teóricos como práticos, como alicerces ao bom desempenho de uma prática projetual, bem como, no entendimento do tipo de arquitetura que se deve produzir e quais as referências mais adequadas a se seguir, para, aquando num desempenho futuro em matéria de projeto arquitetónico, estes sejam os recursos determinantes e importantes no garante da qualidade e competência do mesmo. A segunda fase, incide no estudo e aprofundamento de matéria que se pode considerar como a mais relevante, do ponto de vista teórico, num processo criativo, ou seja, a perceção do que é uma CASA Unifamiliar e o sistema de CAIXILHO mais apropriado a esta. Por último, a fase novamente mais prática e técnica, tal como a primeira, dedicada ao ato projetual, mais refinado propriamente dito, como demonstração do aprendizado ao longo de todo um percurso académico, versado em Arquitetura. O projeto a que se refere a última fase, compreende a feitura projetual para uma CASA UNIFAMILIAR, junto ao mar, enquadrada no términus da zona piscatória da praia de A-Ver-o-Mar, concelho da Póvoa de Varzim, distrito do Porto, Portugal. A encomenda para esta casa, passa por duas fases distintas, a primeira encomenda solicitava uma casa unifamiliar, de alto nível e aparato, podendo se desenvolver em dois pisos e composta por Hall de entrada, 3 Quartos, um deles suite, um amplo Estúdio, Sala da Jantar, Salão de Estar, Cozinha, Arrumos, Despensa, Lavandaria, Garagem fechada para 2 automóveis, entre outros, e foi produzida numa altura em que não disponha de quaisquer conhecimentos a nível académico no âmbito da Arquitetura mais formal, sendo esta, feita de forma puramente autodidata. Como comparativo e em confronto direto, com uma segunda solução, esta agora alicerçada dos conhecimentos devidos, mas compreendida agora num programa totalmente novo, surgido por motivos de alteração do suposto número do agregado familiar e do novo tipo vivencial. A habitação compreende-se agora no desenvolvimento de um só piso, com 2 Quartos sendo um deles suite, e as restantes áreas teriam de ser relativamente mais contidas e concretizadas de um modo construtivo, com determinantes de valor baixo/médio custo, quer em matéria de revestimentos, quer do próprio sistema construtivo a adotar.

Esta segunda opção, como é óbvio, é totalmente oposta, aos princípios habitacionais e exigências construtivas sugeridos no projeto inicial. O agregado familiar era para ser supostamente maior e o casal ainda mantinha um relacionamento estável. Mudou o panorama vivencial, mudou todo um programa habitacional, e assim sendo, esta era a oportunidade e altura precisa para se repensar tudo de novo. Servindo esta própria experiência como base de sustentação à compreensão da evolução do aprendizado, academicamente falando e como produto prático aos suportes prestativos da tão almejada dissertação.

Para apresentar como tema de estudo e tendo como base agora, corresponder aos princípios teóricos em matéria de dissertação, na FAUP – Faculdade de Arquitetura Universidade do Porto, foram selecionados dois temas que pareceram ser dos mais fundamentais dentro do vasto e complexo contexto arquitetónico, a perceção do conceito Casa e o conhecimento adequado sobre o Caixilho, numa tentativa de realizar um estudo competente e que sirva os preceitos exigidos.

A Casa foi selecionada, devido à sua complexidade, domínios históricos envolvidos e a curiosidade sobre a sua própria evolução ao longo dos tempos. O Caixilho, pela sua diversidade, determinação formal e complexos conhecimentos tecnológicos.

Sendo assim e com o intuito de se apresentar uma dissertação capaz e meritória, foram perscrutados variados livros, na expectativa de se encontrar literatura sustentável e que permitisse a realização de um estudo com conteúdo válido e imprescindível na ascensão aos conhecimentos necessários para uma boa e sólida prática projetual. A busca parece ter sido frutífera, quer pela quantidade de informação recolhida, quer pela própria qualidade da mesma, permitindo que qualquer caminhada deste tipo tenha capacidade de evoluir e, como é óbvio, corresponda a uma apresentação de competências e comprovativos necessários, tanto no seu formato escrito, como nos apoios desenhados, um formato com saldo positivo, perante as exigências desta prestigiada entidade, e com o fito de se alcançar com firmeza uma postura digna de ARQUITETO.

Sem a leitura adequada, este estudo, jamais poderia ser realizado de forma produtiva. Não se compreenderiam motivos, tendências, movimentos ou evoluções históricas, sem se dar o tempo devido à leitura, pois, somente assim, se pôde ter uma melhor compreensão sobre a natureza dos assuntos e possibilitar a retirada dos substratos fundamentais para a riqueza dos conhecimentos próprios. Todos os livros têm a sua cota parte de importância, mas inevitavelmente, uns têm mais conteúdo que outros, devido às particularidades dos temas selecionados. Para o estudo em análise, os que mais se destacaram dos demais e com o necessário conteúdo, para validar os temas presentes neste, destacam-se:

TÁVORA, Fernando. DA ORGANIZAÇÃO DO ESPAÇO

SIZA, Álvaro. UMA QUESTÃO DE MEDIDA - Entrevistas com Dominique Machabert e Laurent Beaudouin

SIZA, Álvaro. TEXTOS 01 – Capítulo – Oito pontos

VALENTIM, Nuno. REABILITAÇÃO DE CAIXILHARIAS DE MADEIRA EM EDIFÍCIOS DO SÉC. XIX E INÍCIO DO SÉC. XX – Do restauro à selecção exigencial de uma nova caixilharia: o estudo do caso da habitação corrente portuguesa – Dissertação

PINTO, Luísa. LE CORBUSIER E A JANELA – Do Vão Tradicional ao Brise-Soleil

MONTEIRO, Rafael. APUNTES SOBRE 21 OBRAS

CORNOLDI, Adriano. LA ARQUITECTURA DE LA VIVIENDA UNIFAMILIAR – Manual del espacio doméstico

DRILLER, Joachim. BREUER HOUSES – 1st ed. London: Phaidon, 2000. ISBN 0-7148-3893.4

RYBCZYNSKI, Witold. LA CASA: História de una idea. Madrid: Nerea (D.L. 1989)

Os métodos utilizados para formatar conteúdos teóricos e se enriquecer ao nível de conhecimentos sobre as dinâmicas e evoluções da própria Arquitetura, foram substanciados, neste estudo, por alguma literatura pessoal, por vários e importantes livros, presentes no vasto espólio da FAUP e pela própria discussão livre e espontânea de temas arquitetónicos, relacionados com o entendimento de matérias tidas como base importante à compreensão dos feitos arquitetónicos, com algumas personalidades incontornáveis e devidamente reconhecidas, quer no panorama mais social da Arquitetura Portuguesa, quer com os professores da própria Faup, considerados os mais relevantes em contributos para um crescimento mais sustentável e conhecimentos mais apropriados.

Quanto à metodologia projetual, utilizada neste estudo, baseia-se agora, numa abordagem substancialmente diferente, com conceitos e preocupações muito mais rigorosas e vastas, tais como, a integração adequada da peça arquitetónica, com o próprio terreno, aproveitando inclusive as próprias morfologias que possam servir como benefício à própria criação, observação mais ponderada sobre os cuidados a ter quanto à integração das novas peças arquitetónicas nas frentes urbanas, a importância e relevância que esta deverá ter, ou não, na malha urbana, a compreensão histórica do lugar onde se pretende inserir a composição espacial, um posicionamento mais cuidado mediante o percurso solar relativo à instalação arquitetónica, os recursos naturais mais presentes e importantes a uma melhor feitura construtiva, o jogo de massas, cheios e vazios que se podem e devem produzir nos processos criativos, mais conteúdos para se reconhecer as melhores referências a ter e as mais adequadas consoante o tipo de processo arquitetónico que se pretende levar a efeito, entre muitos outros predicados, que sustentem uma melhorada postura para efeitos de reconhecimento laboral e significativo contributo ao bom nome da própria Arquitetura. Grande parte, do referido anteriormente, não era seguramente avaliado, devidamente ponderado, significativamente introduzido e nem tão pouco conhecido, no insipiente método projetual de outrora.

Será sempre com nobres intentos, trabalho árduo e formas puras, que se apresentam dissertações válidas, e a presente não pretende ser a exceção, aguardando, depois de todo o esforço despendido, que esta corresponda ao expectável crescimento e demonstre ter-se já adquirido os conhecimentos e instrumentos suficientes no sentido de almejar o pretensão sucesso.

Estrutura

Quanto à sua estrutura, este estudo, divide-se em **quatro capítulos** e são os seguintes:

“Projeto para a Casa do JARDINEIRO – Faup”

“Viagem no TEMPO e no ESPAÇO”

“CAIXILHO”

“Projetos A-VER-O-MAR” – Antes... e Depois

Composição:

Os capítulos teóricos, são compostos, por peças escritas, fotos, perspectivas e desenhos de apoio.

Os capítulos práticos, são compostos por elementos desenhados e peças escritas necessárias à compreensão dos métodos utilizados ao longo do processo, tais como, programas das próprias encomendas, descritivos de esclarecimento das atitudes projetuais e em forma de anexos complementares à matéria desenhada.

Introdução

O meu primeiro projeto na FAUP, digno desse nome - **“A CASA DO JARDINEIRO”**

A encomenda e os alicerces onde o projeto assentou – (com novos conhecimentos!)

A última fase da unidade curricular, correspondente a Projeto neste 1º ano do curso, na FAUP, consistia em:

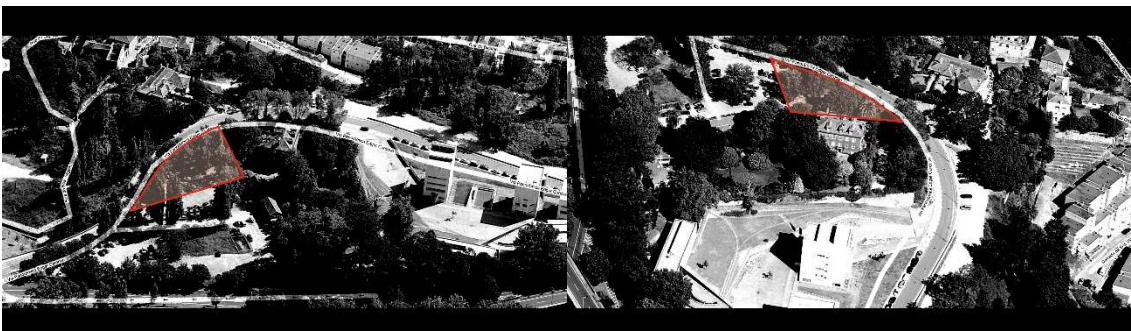
Desenvolver um projeto para uma pequena moradia, em que esta comporta-se um quarto principal e um segundo espaço, do tipo multifuncional, permitindo funcionar como um quarto adicional, pequeno estúdio, sala de costura, biblioteca, entre outros.

A casa em termos de composição geral, teria de comportar os quartos e a correspondente instalação sanitária, banho completo, na parte destinada à zona mais privada, sala comum e banho de serviço, na zona de usos coletivos, e por último, na área destinada aos serviços, cozinha, despenseiro e lavandaria.

As áreas possíveis a utilizar para cada compartimento, deveriam contidas e o sistema construtivo a adotar seria imperiosamente o de baixo custo.

Quanto ao terreno de implantação para a suposta moradia, iria ser uma pequena parcela, de formato triangular, confinante com o terreno da atual “Casa Cor-de-Rosa” e que precede o edifício Carlos Ramos. Esta parcela de terreno compreende-se na parte mais a sul do grande estacionamento que se encontra do lado nascente/sul deste edifício emblemático.

Fotos aéreas da envolvente e localização do próprio terreno, objeto de estudo:



Apesar de embrionária esta fase do percurso académico, já se sabia mais ou menos o que pretendia e já tinha alguns alicerces sustentáveis, potencializados obviamente, pelo aprendizado nas unidades curriculares ao longo do ano e das quais tentei tirar o máximo de proveito possível para a minha justa e importante causa. Aliás, lembro-me de um texto que considero ainda hoje interessante na defesa destes meus princípios e acerca deste mesmo projeto, que passo a apresentar:

CASA DO JARDINEIRO

Solicitação da proposta:
Elaboração de projeto para uma casa que cumprisse integralmente o programa enunciado nos requisitos fornecidos e com o propósito de suprir as carências habitacionais do nosso jardineiro da FAUP.

Local de implantação:
Terreno com pendentes acentuadas, de forma mais ou menos triangular e que se posiciona do lado nascente relativamente à propriedade da casa cor-de-rosa.

Perante este novo panorama, mais uma vez de considerável dificuldade e ainda com necessidades de desmaterializar algumas das minhas retrogradadas ideias, decidi corresponder em definitivo a este último desafio dedicando o máximo empenho e seriedade possível no cumprimento desta nobre tarefa.

Após analisar o local da pretensão arquitetónica e elaborar os meus primeiros esboços, encontrei na primeira das três fórmulas inicialmente sugeridas a forma que mais, segundo eu, se adequava à pretensão solicitada. Apesar de ter encontrado a tal forma que justificaria o seu posicionamento e determinaria a sua orientação solar, deparei-me de imediato com todas as dificuldades do maldito vício. Agora é que de facto eram elas e tinha de me render à evidência, uma casa não é só a sua correta posição e a melhor orientação solar, é muito mais para além disso. É a relação equilibrada que estabelece entre os seus cheios e vazios, é a harmonia que se estabelece entre os espaços e a sua própria espacialidade arquitetónica, é a relação devidamente pensada dos espaços construídos e a sua relação não só com o próprio interior mas com o exterior que o circunda e determina. Foi deveras uma tarefa imensamente difícil, com imensas dúvidas alterações consecutivas e mesmo até de vários fracassos, pois sem estes últimos não detetáramos humildemente o erro e a natural necessidade de evoluir. Não pretendo alongar-me como outrora, mas não posso terminar a minha reflexão sobre este exercício final, sem enaltecer a MATÉRIA lecionada e o esforço despendido para a minha aprendizagem ao longo deste ano, os quais foram determinantes para me possibilitarem uma nova postura, uma mente mais aberta e uma nova identidade sobre a temática do que é, e como se deve fazer ARQUITETURA

Foram diversas as tentativas até ao produto final, mudei inclusivamente inúmeras situações na reta final, somente devidas ao firme propósito de tentar satisfazer melhor o que me foi inicialmente determinado, tentar alcançar a unidade, simplicidade e na busca incessante de uma visualização arquitetónica mais apurada. Imperou seguramente para tudo isto, o que penso ser o bom senso e uma salutar postura para alcançar algo do qual eu próprio tenho orgulho.

09.07.2013
Paulo Topa



Estes pensamentos foram transmitidos de forma sincera e sentida, aquando da entrega do produto final, pois desenganaram-se, muitos daqueles que somente me julgaram pela minha postura física, ou pela própria idade. Eu estava e continuo aqui, de “pedra e cal”, como se diz na gíria, com o firme propósito de aprender e com uma postura humilde. Não quis, nem quero, estar nesta entidade e na própria vida de outra forma que não esta. O saber não ocupa lugar ou idade, ele é o somatório das várias experiências, sacrifícios e dedicação árdua às causas do saber ao longo de toda uma vida.

O sistema de ensino, em que se baseia a cadeira de PROJETO, consiste fundamentalmente na criação de competências e no fornecimento de dados necessários e supostamente suficientes ao bom desempenho na arte de projetar arquitetura. Para tal, esta cadeira divide-se em duas componentes importantes e ao mesmo tempo desassociáveis, porque ambas se complementam entre si, refiro-me, à componente teórica e à parte prática da feitura projetual.

Estes dois elementos combinados é que determinam se um trabalho é competente e deve ser devidamente apreciado/elogiado.

A parte teórica, é mais dedicada à compreensão dos fenómenos e evoluções da arquitetura propriamente dita, onde o aluno tem de estar com a devida atenção às aulas, focado para armazenar toda a informação despendida e criar processos de estudo adequados, necessários à própria compreensão da matéria arquitetónica e promover o seu crescimento como futuro autor nesta nobre arte.

A parte prática, é a que contém a carga laboral mais intensa, pois, consiste na criação de uma estrutura mental bem definida, em termos do se quer fazer, e como se quer estar, no desempenho das suas funções no futuro. Para isso é necessário criar uma espécie de biblioteca muito pessoal, com substrato documental de matéria histórica válida, com o intuito de nos apoiar numa seleção mais cuidada em matéria de referências comprovadas e que nos ajude a validar a nossa própria matéria projetual, tomando sempre a devida consciência, que tudo isto, somente será possível, produzindo-se em termos práticos, inúmeros esboços de estudo, peças desenhadas rigorosas, muitas perspetivas e variadíssimas maquetas.

O processo para a unidade curricular, PROJETO, é, como se pode facilmente depreender pelo exposto anteriormente, bastante extenso, moroso e complexo.

Tem de ter como base uma dedicação enorme, juntar espírito de sacrifício, e atribuir o tempo devido a cada tarefa. Estes são, quanto a mim, os ingredientes para quem quer ser arquiteto. Não é por acaso, que em vários e reconhecidos meios de comunicação audiovisuais e mesmo na imprensa escrita, por todo o mundo, este curso ter sido considerado o mais difícil de se obter, precisamente pela carga de trabalho exigida, embora necessária à sua boa feitura.

O projeto... a CASA DO JARDINEIRO

O enunciado entregue pelos docentes da UC Projeto 1:

Projecto 1

Ano Lectivo 2012/2013

3º Exercício prático – A casa do(a) Jardineiro(a) da FAUP

I – TEMA

O presente exercício, que tem como finalidade o estudo de uma composição que cumpre a função "habitar", será elaborado na consideração simultânea de diferentes parâmetros e decisões que, interligados, determinam o conjunto arquitectónico a criar. Este, será a síntese final do exercício e evidenciará a intenção de:

- propor soluções espaciais que dêem uma resposta apropriada às necessidades de habitar;
- clarificar a relação entre o lugar, como suporte e contexto, e a edificação, como resposta ao programa;
- aprofundar as questões da interioridade, dos mecanismos espaciais de transição e do exterior tratado;
- considerar as propriedades físicas e plásticas dos materiais;
- desenvolver noções básicas de estrutura resistente;
- relacionar o tempo, a matéria, a forma e a luz na arquitectura;
- desenvolver coerentemente a forma dos espaços a criar, explorando a descoberta de diferentes ambientes, geometrias e volumes na sua caracterização, promovendo a clareza na identificação das partes, nas suas relações e na definição de um conjunto edificado;
- reforçar o papel do espaço exterior na conquista da unidade e coesão final da composição.

Tal como no anterior exercício, a unidade do conjunto não deverá obstar à liberdade de concepção de diferentes experiências e à procura de uma grande diversidade de espaços, tanto interiores como exteriores. Os volumes e ambientes a criar, em clara correspondência com o programa estabelecido, deverão constituir um todo unitário a partir do qual seja possível ler uma síntese de força, beleza, coesão, simplicidade, harmonia e economia de meios.

II – PROGRAMA

A construção a projectar destina-se a albergar o(a) Jardineiro(a) da FAUP. Nesta habitação deverão existir espaços destinados às funções correntes, tais como dormir e tomar banho, estar, comer, cozinhar e lavar/secar a roupa; entre outros espaços exteriores, será igualmente previsto um pequeno quintal, destinado à plantação de produtos hortícolas ou ervas aromáticas.

Num terreno com uma superfície total de cerca 830 m² pede-se que, na composição final, a área útil total das superfícies encerradas não exceda 100 m² e possua:

- quarto para dormir, que inclua uma zona de estar (ouvir música, ler, etc.) e também vestir e higiene pessoal (20 m²);
- espaço, mais ou menos formalizado, para um hóspede dormir (10 m²);
- zona de estar, cozinha, zona de comer e pequena instalação sanitária, que poderá servir o hóspede (60 m²);
- zona de lavar e secar a roupa (10 m²).

No entanto, e em conformidade com o ponto I (Tema) desta ficha, a componente funcional do programa deve ser apenas uma das premissas para o estudo e experimentação espacial nas suas diferentes dimensões e variáveis específicas.

Continuando a prática dos exercícios 1 e 2 do presente ano lectivo, as questões relativas às qualidades e tipos de espaço deverão, elas próprias constituir-se em programa e, numa constante relação dialéctica, estar sempre presentes no processo de criação.

III – LOCALIZAÇÃO

A construção localizar-se-á dentro dos limites estabelecidos no terreno indicado na planta anexa (escala de 1/500), localizado nas imediações da FAUP; estes limites serão objecto de tratamento e definição por cada estudante. Os limites a traçado indicados na planta serão materializados por cada estudante, de acordo com as necessidades de cada solução.

A implantação do edifício e o desenho da área edificada livre de construção deverão ter em conta aspectos tais como:

- topografia, orientação solar e limites físicos;
- acessos;
- articulação com a envolvente próxima e longínqua;
- globalidade de intervenção no terreno;
- cumprimento do programa indicado.

IV – FASEAMENTO E ELEMENTOS DE APRESENTAÇÃO

O faseamento do trabalho e a especificação das peças para a apresentação do trabalho serão indicados oportunamente.

Porto, 8 de Abril de 2013

Os docentes da UC Projecto 1

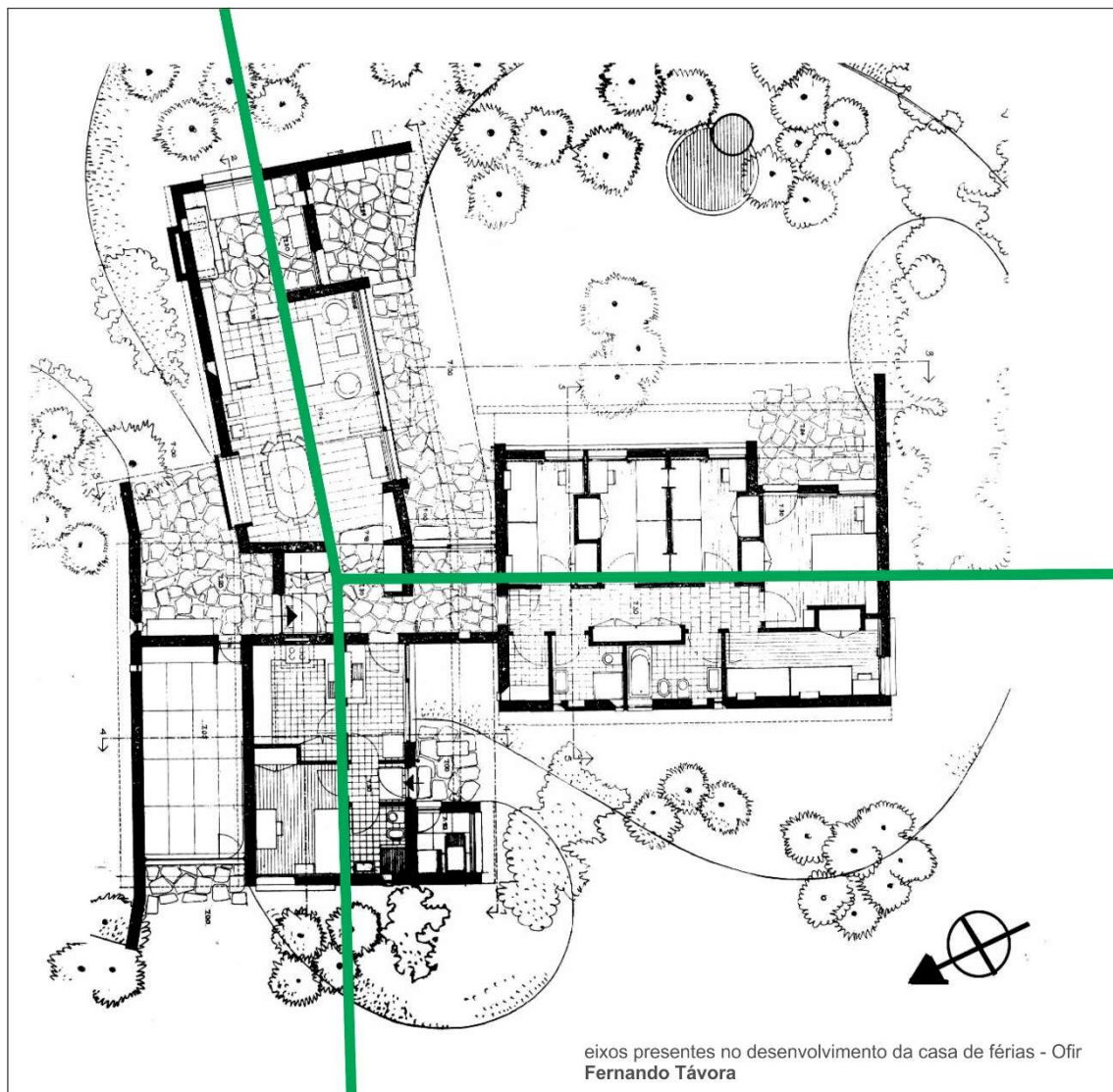
Por esta altura, a minha mente encontrava-se a ferver e repleta de novos elementos, que até aqui nunca foram por mim devidamente valorizados, tais como, os cheios e vazios, que de imediato me fascinaram, o que é fora e o que é dentro, os volumes que geram, o que sugere ou cria os próprios espaços, o estabelecimento de relações entre as espacialidades arquitetónicas e o próprio sítio onde se encontra, o propósito das suas funções habitacionais, as relações possíveis estabelecerem entre o interior e o exterior e vice-versa, o tipo de vãos na massa formal mais adequada, o controle que se pode obter em matéria de iluminação através dos vãos frontais, ou dos vãos que buscam a luz zenital, entre muitas outras. Todas estas informações e

dados adquiridos, foram fornecidos durante as próprias aulas, tanto teóricas, como práticas, como os elementos arquitetónicos a ter em conta e ferramentas essenciais ao bom desempenho projetual.

Nesta ânsia de se produzir algo diferente e de realmente bom, o debruço nesta matéria incidiu no afinho e determinação para a realização desta difícil tarefa. Procurou-se um pouco por todo o lado em matéria de referências.

Quanto aos eixos, desenvolvidos em forma de Y (ípsilon), estabelecidos no desenvolvimento da estrutura formal da casa, foi inspirado na casa de férias em Ofir, de Fernando Távora, onde estes se encontram bem expressos e os quais definem e comandam as diferentes zonas da casa, o que área coletiva, área de serviços e a zona mais reservada e íntima, destinada aos quartos. É verdade que esta forma, não é tão similar, a aqui apresentada como tema de trabalho, é seguramente mais fechada que a de Távora, e infinitamente mais aberta, mas o princípio básico e importante, era o mesmo, comandar através dos eixos a distribuição da casa e estabelecer o carácter dos ambientes.

Casa de férias em Ofir, Fernando Távora - 1957-58



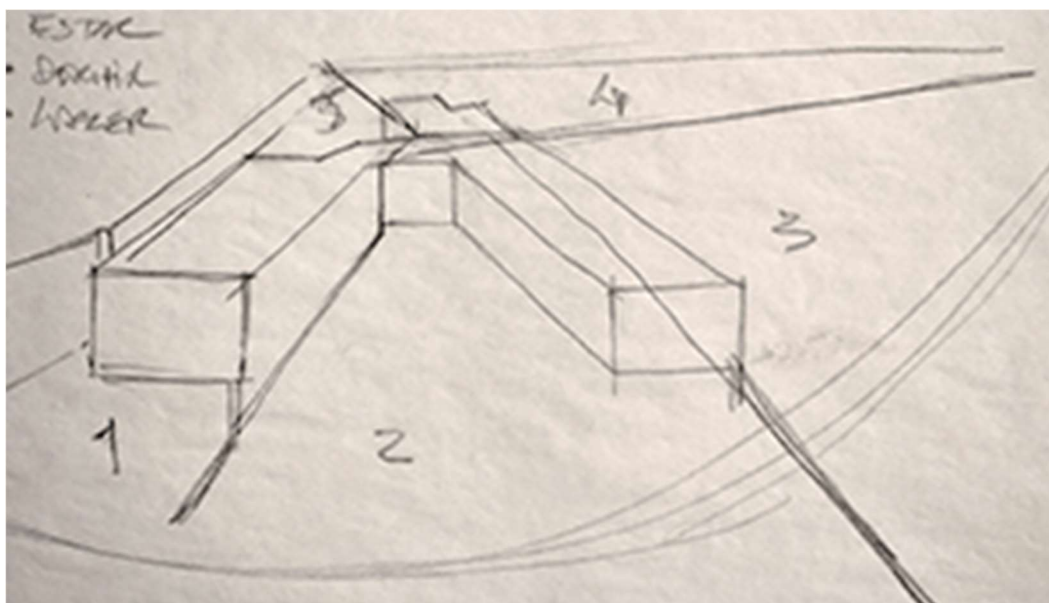
<http://meijide.tumblr.com/image/50997969884>

Mesmo que se pretendesse fazer algo de muito parecido, o que vai totalmente contra certos procedimentos e propósitos de vida, este projeto apoiou-se sobre boas referências sim, mas copiar, definitivamente, não, esta similaridade seria muito difícil de igual, não só pelas características, mas também pelo tipo de programa das próprias casas, que comportam, pretextos, contextos e essencialidades bem diferentes.

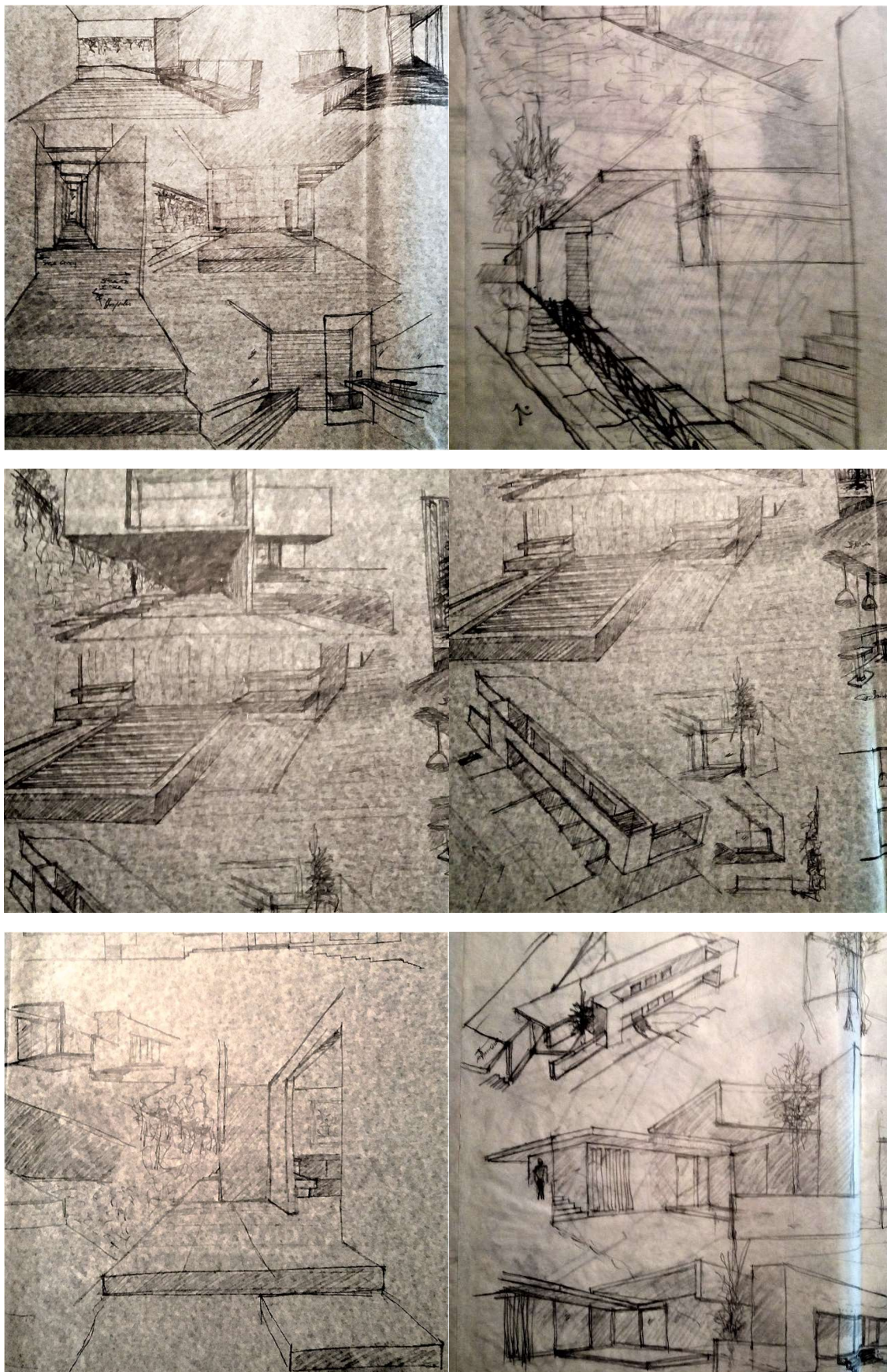
Depois de se ter observado de forma atenta obras de reconhecidos arquitetos, tais como, Álvaro Siza, Frank Lloyd Wright, entre outros, na tentativa de perceber como se desenvolvia e formava o conteúdo arquitetónico de uma casa. Em primeiro lugar e tal como Álvaro Siza diz, procurou-se ter como postura primordial para uma boa execução projetual, a visualização competente do terreno e tomar as devidas anotações, depois inserir a massa arquitetónica, no contexto urbano que o circunda, seguidamente, integrar a mesma, mais ou menos na topografia do terreno, criando mais cheios e vazios, na busca de uma maior intimidade, ou procurar a solução oposta, subtrai-la do próprio terreno, mais preocupado com as vistas panorâmicas sobre o rio Douro e na possível ostentação da forma.

Bem, aqui foi um misto, criou-se uma simbiose entre a casa e o terreno, na parte mais alta deste, foi provocada uma fusão com o próprio terreno, na parte mais baixa, a casa sobressai da sua base natural, podendo assim, usufrui-se das vistas panorâmicas e de uma relação mais imediata com a envolvente mais próxima. Outra das preocupações projetuais, foi para a tentativa de se compreender o modo de habitar do próprio jardineiro, de origens mais rurais, e, com esse fundamento, foi estabelecido um breve diálogo, com o próprio, com o objetivo dessa compreensão e tentar-se conjugar essas mesmas necessidades habitacionais, embora agora adaptadas de uma forma mais conveniente a esta nova circunstância, que é o de habitar num centro urbano com grande densidade populacional e protagonismo histórico. Nesta tentativa formal exterior, procurei inserir um conteúdo interior diversificado, que estabelecesse relações diretas entre si, mais óbvias e evidentes nas zonas coletivas e um percurso ao longo de toda a casa, que fosse alternando entre desnivelamentos de piso, tanto interiores, como exteriores, os últimos dos quais manifestam-se de forma mais contundente, ou com maior firmeza, como lhes queiram chamar, buscando a obtenção de vazios que pudessem albergar alguns espaços exteriores habitáveis e percursos protegidos dos elementos climatéricos mais agressivos.

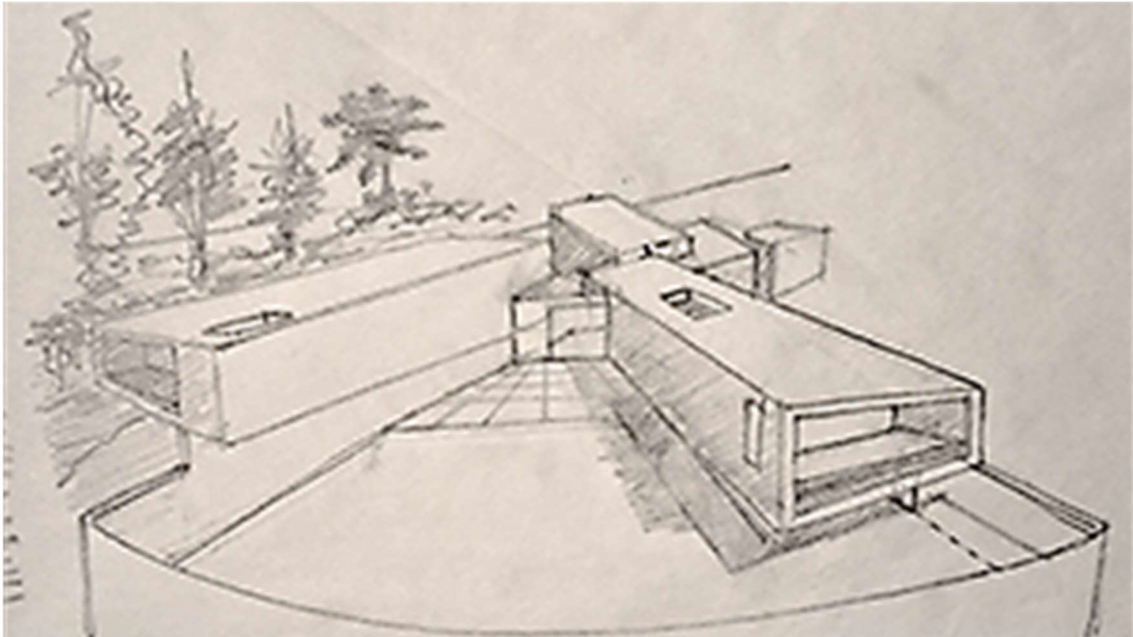
As primeiras formas arquitetónicas que surgiram durante a execução do projeto...



Esquços iniciais à procura da forma mais assertiva, inserção e enquadramentos com o próprio terreno

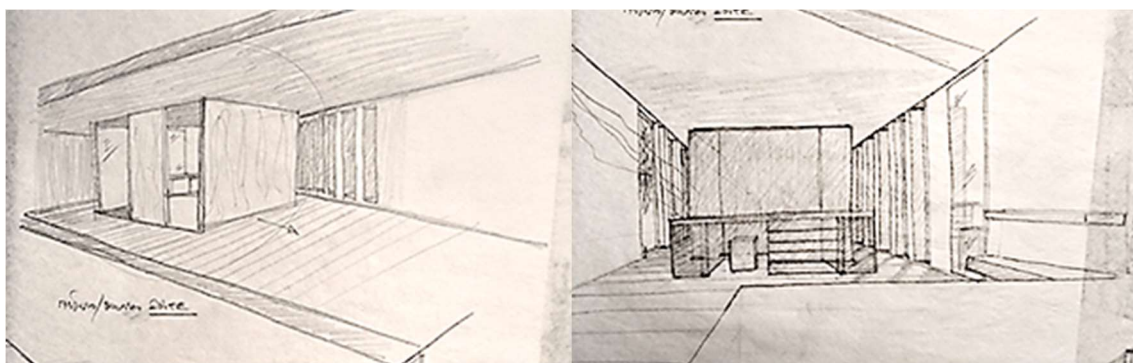


Um apuramento mais cuidado da forma projetual inicial

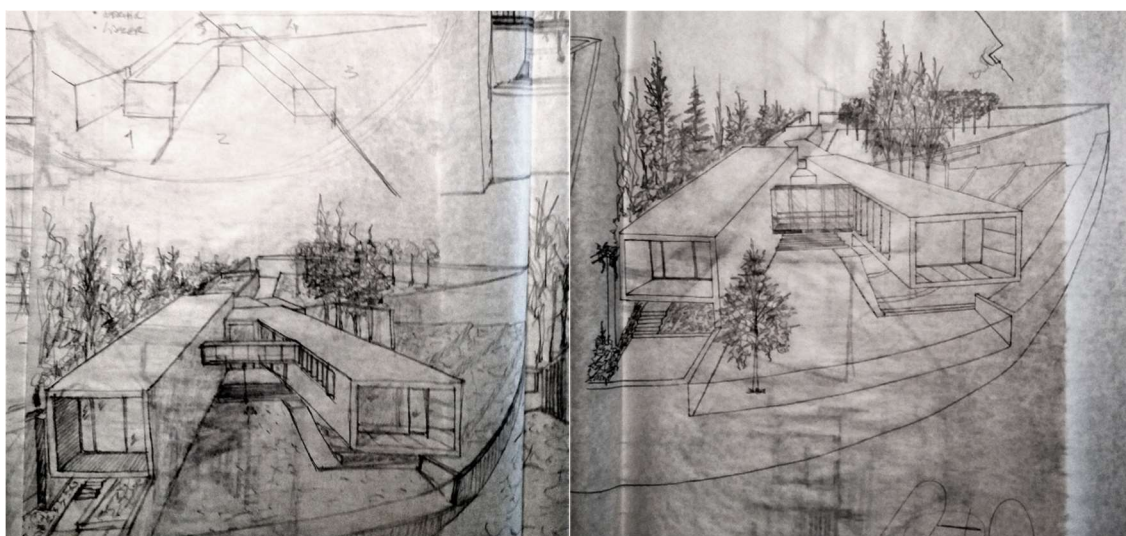
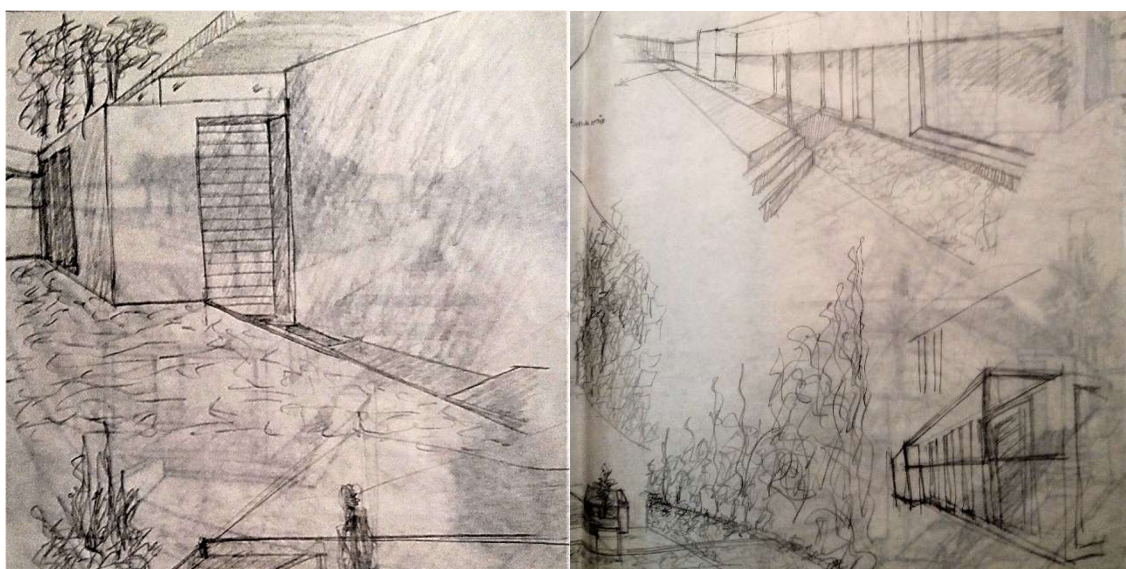
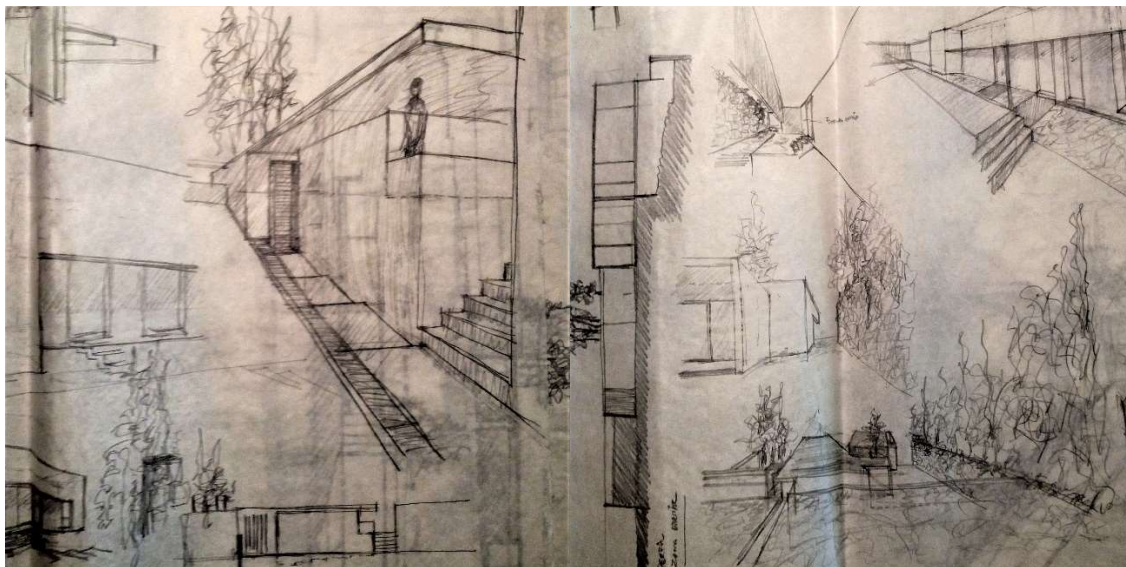


Quanto à abertura dos vãos, procurei aberturas francas, totalmente envidraçadas e em que o caixilho não tivesse tanto protagonismo na composição do próprio vão. Esta atitude, partia de um princípio fundamental, como conjugar as formas alcançadas com a luz. Nesse intento, apoiei-me em algumas tendências arquitetônicas criadas por Le Corbusier, utilizando friestas na composição de algumas fachadas, e formas esculpidas para determinar a composição espacial dominante do edifício, com o propósito de enaltecer, tanto a luz que entra pelos paramentos da fachada, como a luz zenital que se projeta nos interiores, proveniente das claraboias e longos rasgos existentes nos planos da cobertura, em proveito de uma produção de espaços mais ricos e diversos em termos lumínicos.

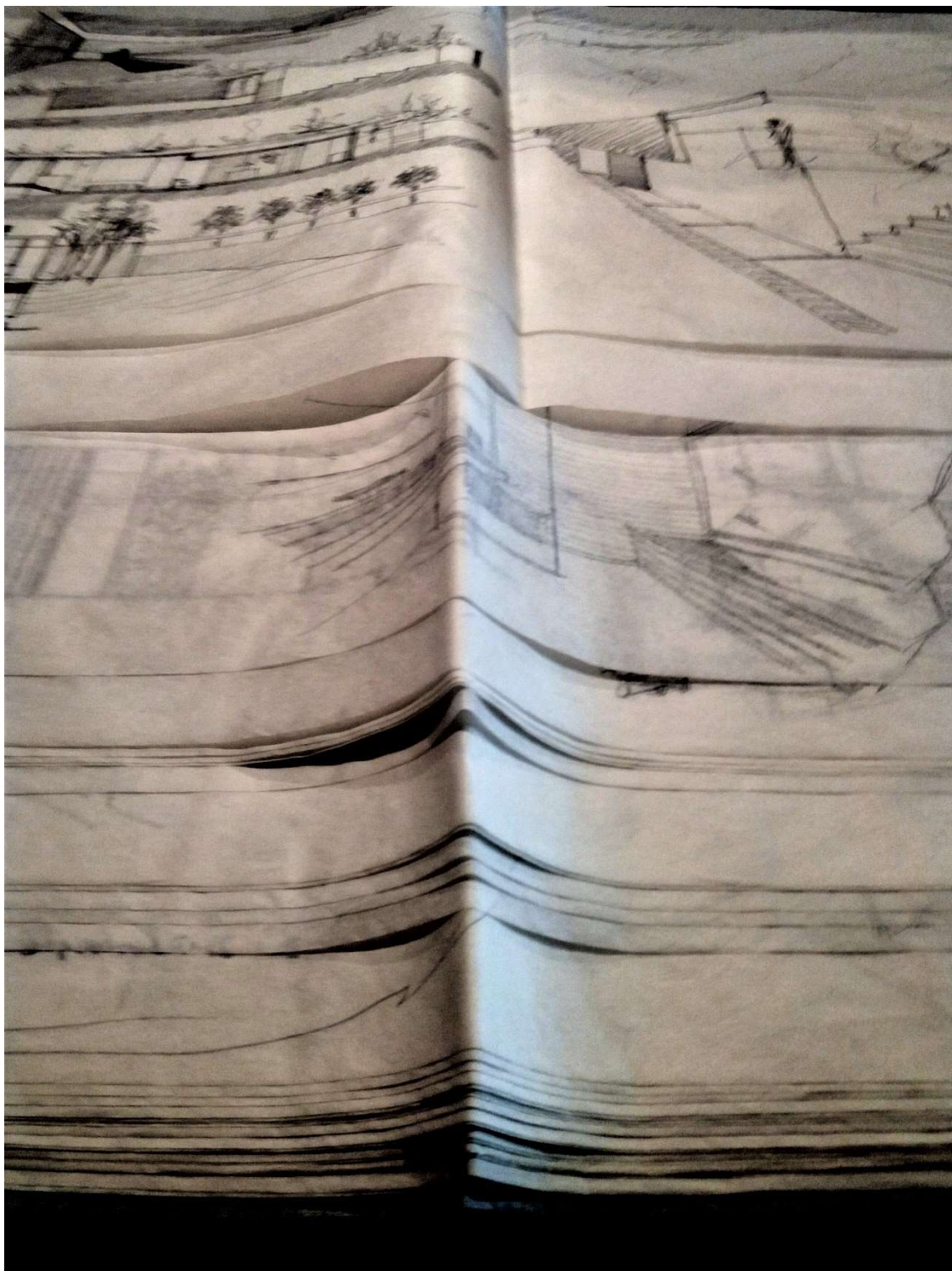
Em busca do tipo de vãos a introduzir na massa arquitetônica e seus possíveis efeitos nos planos de interior



Esquços numa fase mais terminal da elaboração do projeto, com intenções de produzir como matéria final os desenhos rigorosos para apresentação e correspondente discussão acerca deste. - "Casa do JARDINEIRO"



Fotos do dossier de Estudo - "ESQUIÇOS" – realizados durante o PROCESSO ARQUITETÓNICO



----- O PROCESSO – Realização do projeto no 1º ano na FAUP -----

"CASA do JARDINEIRO"



1_ FAUP_ PROJECT
- Casa do JARDINEIR



1_ FAUP_ PROJECT
- Casa do JARDINEIR



1_ FAUP_ PROJECT
- Casa do JARDINEIR



1_ FAUP_ PROJECT
- Casa do JARDINEIR



1_ FAUP_ PROJECT
- Casa do JARDINEIR



1_ FAUP_ PROJECT
- Casa do JARDINEIR



2_ FAUP_ PROJECT
- Casa do JARDINEIR



2_ FAUP_ PROJECT
- Casa do JARDINEIR



2_ FAUP_ PROJECT
- Casa do JARDINEIR



2_ FAUP_ PROJECT
- Casa do JARDINEIR

Viagem no “TEMPO” e no “ESPAÇO”

Este estudo, é maioritariamente no seu conteúdo, baseado num único Livro, já editado, que faz parte do espólio da biblioteca da FAUP e que achei de extrema relevância para se compreender de forma mais precisa a feitura da CASA. O seu título é: **“LA ARQUITECTURA DE LA VIVIENDA UNIFAMILIAR – Manual del espacio doméstico**, e o seu autor é Adriano CORNOLDI”. Não só o seu título é imediatamente sugestivo para o meu tema de Dissertação, bem como, os assuntos que este refere e a trajetória que realiza através do tempo na evolução da ARQUITETURA é extremamente bem conseguida. Toda a sua estrutura é especialmente bem organizada, bastante seletiva, e aborda de forma sui generis, toda a arquitetura até aos dias de hoje, ou seja, desde a Primitiva, Greco-Romana, Monumental, Vernacular, entre outras, até à que se pratica nos dias de hoje, a Contemporânea e nos seus mais variados estilos, movimentos ou tendências arquitetónicas.

Viagem no “TEMPO” e no “ESPAÇO”

Sendo este um curso de ARQUITECTURA, onde se aprende a arte de bem projetar e fazer, a sua forma de aprendizagem é feita com estudo cuidadoso. Nada se adquire de forma gratuita e para se saber como projetar é necessário aprender. Aprender com vontade, dedicação, humildade, espírito de sacrifício e muito trabalho à mistura. Somente com este tipo de atitude e forma de estar se poderá realizar a suposta boa Arquitetura, tal como o próprio Siza Vieira diz a um determinado momento no seu livro, “Uma questão de medida” - Entrevistas com Dominique Machabert e Laurent Beaudouin, sito:

Qual é a diferença entre boa e má arquitectura?

Não tenho, para isso, uma resposta descritiva. Na qualidade da arquitectura, há qualquer coisa que, a meu ver, não pode ser descrita, qualquer coisa que provoca uma sensação de totalidade, de conforto, de ascensão, que eu não consigo explicar. Não consigo dizer exactamente porque me senti bem, há algum tempo, em Los Angeles quando entrei na pequena casa de Schindler ou na de Frank Lloyd Wright. Quando se entra, essa sensação de paz, de felicidade ... Uma atmosfera quase paradisíaca. Posso analisar isso, e dizer que é porque existe ali uma grande continuidade de formas, uma grande coerência e proporções magníficas ... Posso dizer uma quantidade de coisas. Talvez as mesmas que exprimiria a propósito de outra arquitectura que não provocasse em mim uma sensação semelhante. Não sou especialista, mas talvez aconteça o mesmo em relação à música: porque me comove ou não? Tudo isso desperta, no foro interior de cada um, reacções insuspeitas que são muito difíceis de explicar.⁵

Um bom projeto de Arquitetura, reflete-se num trabalho, bem desenhado, devidamente maturado e que nos transporte para este tipo de sensações que Álvaro Siza refere, do conforto e de ascensão. Onde quando se entra nas suas espacialidades, nos transmita essa sensação de paz, de felicidade e que nos transporte para aquela tal atmosfera quase paradisíaca, que tão calorosamente este clama no seu livro. Onde realmente não tenhamos de nos confrontar com a produção, cada vez mais generalizada de muitos dos jovens arquitetos de hoje, da simples arquitetura-espetáculo, superficial e vistosa.

Assim sendo, na tentativa de se melhorar preceitos e valorizar os conhecimentos em prol de uma boa formação de ARQUITETO não resta outra solução, que não aquela de se deitar pés ao caminho.

A atenção para se exercer o presente tema de estudo, mais em concreto, a CASA, recai particularmente num dos livros recomendados para esta dissertação: “LA ARQUITECTURA DE LA VIVIENDA UNIFAMILIAR – Manual del espacio doméstico, de Adriano CORNOLDI”. Ao longo da sua leitura, percebe-se toda a evolução do conceito “CASA” e as suas naturais exigências em cada época. Aqui percebe-se inequivocamente que a habitação unifamiliar, não é feita ao acaso e de forma isolada, ela é pensada para suprir as necessidades do próprio Homem, conforme a época em questão, do local geográfico onde esta se encontra e dos materiais à disposição na época. O Homem é seguramente a peça chave de todo este processo e comum ao longo de

⁵ SIZA, Álvaro. UMA QUESTÃO DE MEDIDA - Entrevistas com Dominique Machabert e Laurent Beaudouin – pág. 62. Dissertação de Mestrado Integrado em Arquitetura. Paulo Topa, Faup 2018.

todas as feitura arquitetónicas. Não só na obra desenhada/feita propriamente dita (em termos das suas próprias relações espaciais), mas também nas relações estabelecidas com as envolventes e os benefícios da luz natural, tão particular dependendo de local para local e onde estas de facto se inserem.

Sobre esta questão, recorda-se aqui:

Quando se fala de cor, não se pode evitar falar da luz. Consegue, como o faz Henri Ciriani, por exemplo, qualificar as diferentes categorias de luz?

Não sei responder a isso porque trabalho na interdependência da luz natural. Para mim, pensar de onde e como a luz chega, é a mesma coisa que pensar a relação entre um espaço e outro. A um espaço estreito sucede um mais largo, e depois de uma eventual esquina passamos a outra, ou a um pátio, etc. Tudo isso é acompanhado intimamente pela luz, inseparável da existência desses espaços. Por exemplo, posso precisar de uma transição mais sombria antes de chegar ao pátio, como na África do Norte ou no Sul de Portugal, onde quase nunca há quartos com janelas dando directamente sobre um pátio: há os quartos, um espaço de transição onde a luz é menos forte, e depois o pátio. Podemos também sentir a necessidade, depois de ter passado por um espaço de penumbra, de nos depararmos com o brilho de uma luz repentina...⁶

A arquitetura tem de ser pensada no seu todo, para que os espaços arquitetónicos criados tenham a configuração mais desejada e transmitam as sensações previstas. O contínuo e o descontínuo, o aberto e o fechado ou o cheio e o vazio, o mais iluminado ou de maior penumbra, o interior e o exterior, só surgem em harmonia se se jogar com todos os elementos que fazem parte da composição artística e onde a própria luz é um dos elementos chave e essenciais .

São precisamente esses condutores primordiais e formas de conceber arquitetura que estão patentes e se podem observar no livro “LA ARQUITECTURA DE LA VIVIENDA UNIFAMILIAR”.

Por exemplo:

Um pensamento claro na Introdução:

“Introducción

Una buena vivienda es aquella en la que se vive bien. Su cualidad esencial es la posibilidad que tiene de ser vivida. Puesto que el habitar doméstico cubre principalmente la vida privada, el valor de la vivienda reside antes que nada en su capacidad de favorecer la sensación de cálido recogimiento y de discreta relación entre los propios espacios "interiores" (ya sean cerrados o abiertos, cubiertos o descubiertos): su valor arquitectónico reside en la capacidad que tienen los espacios en sí mismos de expresar con su forma aquel recogimiento y aquella relación...⁷

Esta reflexão inicial faz compreender as necessidades habitacionais de outrora, numa tentativa de demonstrar as formas possíveis para alcançar tal intento de forma equilibrada e sustentada academicamente. Apercebemo-nos ao longo da leitura, que a casa não é só a casa, no sentido individual e como matéria isolada. Pelo contrário, alerta-nos para os fatores que são determinantes para uma existencialidade sadia e uma boa convivialidade com o mundo que a rodeia. A CASA não vive isolada, relaciona-se com a cidade, no estabelecimento da sua tipologia edificatória e a sua forma urbana, bem como a forma da sua implantação, ter, ou não, implicações regionalistas, bioclimáticas, entre outras. Refere ainda a tentativa de criar sistemas

⁶ SIZA, Álvaro. UMA QUESTÃO DE MEDIDA - Entrevistas com Dominique Machabert e Laurent Beaudouin – pág. 81. Dissertação de Mestrado Integrado em Arquitetura. Paulo Topa, Faup 2018.

⁷ CORNOLDI, Adriano. LA ARQUITECTURA DE LA VIVIENDA UNIFAMILIAR – Manual del espacio doméstico – pág. 9. Dissertação de Mestrado Integrado em Arquitetura. Paulo Topa, Faup 2018.

edifícios “tipo”, no caso de Muratori, Rossi e Aymonino, com as suas ideias ou sínteses de como regular de forma abstrata lugares e relações, com uma certa conceção espacial.

A ideia de uma “máquina de habitar” como solução arquitetónica ideal, originou teorias muito próprias sobre a construção modular, sendo um dos mais famosos exemplos, os perpetrados por Le Corbusier, que para além desse importante estudo, criou ainda os famosos cinco princípios da Arquitetura, os quais, passo a citar:

- 1- **Planta Livre:** criação de uma estrutura independente permitindo a livre aplicação das paredes.
- 2- **Fachada Livre:** a fachada pode ser projetada sem qualquer tipo de impedimentos. Resulta do ponto anterior, ou seja, da independência da estrutura.
- 3- **Pilotis:** estrutura formada por uma sucessão de pilares que elevam o edifício do chão, permitindo a acessibilidade do trânsito por debaixo do mesmo.
- 4- **Terraço Jardim:** transforma a cobertura do prédio numa espécie de jardim flutuante.
- 5- **Janelas em banda:** permitem uma relação desimpedida com a paisagem e é uma das resultantes criadas pela fachada livre.

Estes cinco princípios tornaram-se inclusivamente cânones da arquitetura moderna e um dos seus modelos práticos é a própria Ville Savoye. Para além de todo este rico legado teórico e de obra feita, Le Corbusier criou ainda o MODULOR que é um sistema de proporções elaborado por si e largamente utilizado.

Outros arquitetos mereceram também distinção, por parte do autor do livro, no contributo que prestaram com as suas importantes obras e manifestos exemplares de conceção espacial e de requintado equilíbrio entre a fineza e a variedade dos seus elementos, bem como na procura do estabelecimento de preciosas dinâmicas entre as suas relações arquitetónicas/ paisagísticas/ urbanísticas, tais como; Aalto, Kahn, Scarpa, Stirling, Gowan, Graves, grupo MLTV, Venturi e Siza.

Segundo Cornoldi, a cultura arquitetónica mediterrânica e centro europeia atual encontra-se numa fase de desvalorização dos próprios valores da qualidade habitacional privada.

1. La vivienda como lugar de lo privado

Esta elusión de la especificidad constructiva de las viviendas, así como el desinterés por la misma como espacio de la vida privada, se encuentran de modo particular en la cultura arquitectónica mediterránea y centroeuropea más que en la anglosajona (o la oriental).

En las zonas de influencia latina la calidad de la vivienda se contempla como respuesta a ideales de magnificencia antes que de intimidad, de representatividad más que de domesticidad. Se trata de una aproximación todavía condicionada, de una parte por el peso de la historia y de otra por los retrasos en las transformaciones socioeconómicas.

La historia está presente en la propuesta de imágenes esencialmente monumentales, tanto en las viviendas urbanas como en las rurales, caracterizadas por una vida más pública que privada en sus espacios principales: un cierto tipo de atrio, de sala, de escalera, de jardín ...⁸

A predominância do seu conceito é do domínio privado, deve responder às exigências muito particulares de uma só família e não às de um grupo social ou coletividade. Obviamente esta deve respeitar os princípios de continuidade geográfica do local onde se insere, de realizar malha urbana dentro de um certo contexto, ou de pertencer positivamente ao próprio tecido de cidade, que necessariamente terá as suas regras arquitetónicas e planos de Urbanismo. Este pensamento é igualmente válido para todas as zonas de implantação sejam elas urbanas ou de carácter rural.

⁸ CORNOLDI, Adriano. LA ARQUITECTURA DE LA VIVIENDA UNIFAMILIAR – Manual del espacio doméstico – pág. 11. Dissertação de Mestrado Integrado em Arquitetura. Paulo Topa, Faup 2018.

Uma das preocupações que a arquitetura de hoje enfrenta e que afeta tanto o autor, são os exageros monumentais das casas, as colinas artificiais onde estas assentam, as relações desproporcionadas entre os vários elementos arquitetónicos, bem como os muros ostensivos, que se preocupam mais em parecer do que realmente ser, preocupadas mais com o aspeto social, que o particular, ou seja, preocupam-se mais com o que comunicam aos outros em detrimento das suas próprias necessidades.

No capítulo 2 – Modernidade da experiência anglo-saxónica, sugere-se que os modos de vida da sociedade contemporânea têm a sua origem na Grã-Bretanha do século XVIII e que é de então que se manifesta a preocupação sobre os conceitos de privacidade e conforto. Na base da burguesia da época surge consequentemente a “CASA MODERNA”. A partir deste momento e mais concretamente nos inícios do século XX onde esta nova ideia assenta no projeto doméstico e é difundida um pouco por todo o mundo, quer através da feitura de novas formas e novos projetos, quer no debate internacional relacionado com a matéria do habitar privado. Este gerar de uma nova atitude e debate sobre o projetar, consolidou uma cultura de habitar muito própria do homem contemporâneo e perdura até aos dias de hoje.

Esta nova atitude, de qualquer das formas não é consentânea ou interpretada por todos de igual maneira, tais como, Shaw ou Lutyens. Apesar da divergência de opiniões parece pelo menos haver um senso comum, todas estas novas ideias derivam da sua génese, ou seja, da casa inglesa embrionária e a causa deste novo tipo de atitude arquitetónica.

No estudo que o autor realiza sobre a casa georgiana, observa-se a base da casa moderna, o princípio da composição por partes, com estabelecimento de relações entre si e perfeitamente organizadas. A sua construção impera no nível intermédio, onde se posiciona o acesso principal à casa e onde surgem com mais ou menos desníveis, a entrada e os aparatos sociais; Salão Nobre, Sala de Estar, Sala de Jantar, Escritório, Biblioteca e demais apoios sociais. No piso inferior surgem todos os tipos de serviços; Cozinha, Arrumos, Lavandaria, Serventias, Acomodações de Pessoal, Garrafeira entre outros. Quanto ao piso superior, este era reservado às atividades mais privadas, onde figuravam, quartos, banheiros, salas de repouso, closets, etc. Esta relação tripartida foi seguramente o alicerce para o sucesso dessa atitude projetual de então e à qual nos dias de hoje os arquitetos devem e dependem tanto.

Nesta tendência ou ligados de alguma forma a esta tradição inglesa e aos seus novos elementos arquitetónicos e espaciais, destacaram-se nomes de arquitetos famosos; Norman Shaw, James Stirling, Muthesius, Wright, Hoffmann, Khan ou Loos.

Uma nova atitude que está na base da construção do conceito CASA MODERNA, tem incluso uma grande virtude, não é castradora de espaços, ou obriga a simetrias ou assimetrias, ela permite e explora a criatividade. Tudo depende da arte do arquiteto na sua forma de criar, tem de facto por base aquela recomendação sem paralelo, mas não é imperativo de que a casa europeia, seja igual em todos os países. Não é impeditivo de se adotarem as particularidades próprias de cada local ou especificidades de cada país. O modelo pode estar em conformidade, mas com uma panóplia variadíssima de possibilidades, quer ao nível das espacialidades (mais fragmentadas entre si ou em maior continuidade), quer ao nível dos diversos tipos de acessibilidades. As plantas das habitações podem ter espaços mais centrados ou mais dispersos, mais nivelados ou mais desnivelados, os compartimentos mais unidos ou mais isolados, enfim uma sucessão de possibilidades infinitas e que diferem umas das outras, seja a casa inglesa, a italiana, a francesa ou a portuguesa, bem como, com a particularidade mais desenvolvida e ou reguladora de um ou outro arquiteto, seja ele Loos, Shaw, Le Corbusier ou Wright.

Um outro assunto que me parece relevante está relacionado com o espaço e as suas relações no capítulo 4, o autor fala-nos aqui de experiências mais amadurecidas sobre a arquitetura doméstica perpetrada por alguns ilustres arquitetos na busca do verdadeiro significado e carácter dos lugares do habitar. Segundo ele, Muthesius procurou criar um modelo ao qual apelidou de *Sachlichkeit* e que pretende dar resposta desde a forma à prática do habitar refinado no nosso quotidiano. A Casa, propriamente dita é o resultado da configuração de um sistema de espacialidades, umas maiores do que outras, em maior ou menor número, mas onde os principais espaços destas configurações são elementares e comuns em todas as suas composições.

Obviamente que também nesta questão alguns dos influentes arquitetos, têm formas, interpretações ou conceções diferentes. Consoante as suas peculiares posturas e formas de estar no mundo arquitetónico, estes procuram dar o seu cunho pessoal enquanto autores, embora todos o façam num objetivo comum, ou seja, contribuírem para uma melhor feitura projetual em termos globais.

Alguns dos exemplos fornecidos pelo autor:

Citando a Rossi podemos hablar de "permanencia" de los elementos fundamentales de una morada.?

La vivienda para Moore es "una infinidad de pequenos ámbitos", para Kahn es "sociedad de estancias", y Wright escribe: " ... concebí la vivienda esencialmente como un espacio interior habitable bajo el sentido más amplio de cobijo. Amaba el sentido de refugio".

Outras citações do autor:

La esencia de una buena vivienda está en cómo se entra y cómo se sale de ella.
J. Frank

La entrada a una vivienda debería realizarse de tal manera que hiciese que el huésped dejase en el guardarropa, al lado del sombrero, su intimidad hacia el dueño de la vivienda.
A. Loos

Dar la bienvenida es una de nuestras instituciones.
*L.I. Kahn...*⁹

Estas conceções diferenciadas promovem configurações diversas dos elementos espaciais principais da casa, segundo o autor, mas todos eles figuram no mais variado dos projetos com as suas características muito próprias e são as mesmas que classificam a sua condição como “CASA”. São estes elementos que permitem as várias sensações e emoções do percurso, desde o momento à sua entrada e que sugerem ou estabelecem relações entre os diversos compartimentos ao longo da sua promenade, que estabelecem e organizam a sua tipologia / acessibilidades e nos dão a conhecer a qualidade formal dos próprios espaços de habitar.

São estas precisamente as possibilidades infinitas que os arquitetos enfrentam. Como se produzir a melhor “CASA Unifamiliar”, qual a mais adequada das formas para se aceder à habitação, como se prepara a sua própria entrada, como se organiza o espaço de carácter mais social e como este nos convida ou condiciona a penetrar no seu espaço, como se acondicionam

⁹ CORNOLDI, Adriano. LA ARQUITECTURA DE LA VIVIENDA UNIFAMILIAR – Manual del espacio doméstico – pág. 36. Dissertação de Mestrado Integrado em Arquitetura. Paulo Topa, Faup 2018.

os compartimentos de teor mais privado, como se produz o estabelecimento de relações de todas estas espacialidades com o exterior e vice-versa.

Bem, todas estas criações e propostas podem assumir um carácter de maior liberdade ou de maior serenidade na organização dos seus espaços, uma forma mais compacta ou mais dispersa, com mais níveis ou menos níveis, espaços mais sequenciados ou mais contidos em si, obter mais relações com o exterior ou menos, mas toda esta feitura de obra não fará sentido algum se não for pensada exclusivamente em servir o Homem que nela habita...

Em viagem...

Viagem 1

Çatal Höyük

Para melhor compreendermos tudo isto o ideal será continuarmos a leitura deste livro que nos acomete numa espécie de viagem através do tempo. Apesar de resumida, esta evolução da CASA Unifamiliar é bastante rica em matéria de exemplos e de contexto escrito bastante esclarecedor.

A primeira passagem, como não poderia deixar de ser é pelo complexo habitacional do período NEOLÍTICO. Quando a maior parte do homem ainda se refugiava em cavernas por todo o mundo, nas regiões do Norte, no caso em Anatólia (posiciona-se na Ásia Menor, a região é banhada pelo mar Negro ao norte, o mar Mediterrâneo ao sul, e do mar Egeu, a oeste e correspondente a dois terços ocidentais da parte asiática da Turquia atual), mais concretamente na cidade primitiva de **Çatal Höyük**. Apesar de ser um dos primeiros assentamentos deste período, já se davam os primeiros e importantíssimos desenvolvimentos acerca do conceito CASA e consequentemente os primeiros passos à compreensão dos primórdios da habitação unifamiliar e da própria contextualização do seu rudimentar princípio de cidade.

É a partir do capítulo 7 Atlas .1 que realmente esta viagem começa em matéria da EVOLUÇÃO DA PRÓPRIA ARQUITETURA e do entendimento em causa, a compreensão do Conceito “CASA”.

Este exemplo inicial, serve para compreendermos a evolução da arquitetura nesta região entre o período do Neolítico (9.000 a.C.) e a era glacial (2.000 a.C.). Na época as construções realizavam-se predominantemente em armação de madeira, sustentada por primitivos tijolos realizados em argila simples e sem qualquer tipo de cozedura (as técnicas de cozedura ainda eram obsoletas na época e só foram introduzidas mais tardiamente numa mais eficaz consolidação enquanto material estruturante). Estas estruturas eram bastante simples, compostas por uma forma retangular simples e compreendiam-se numa média de vinte e cinco m². As suas paredes limítrofes eram completamente lisas praticamente fechadas, excetuando duas delas que comportavam duas discretas aberturas imediatamente após o seu sistema de cobertura e incisivas precisamente sobre o compartimento mais usuário e principal da casa. Estas paredes, que delimitavam a casa, serviam inclusivamente como uma espécie de estábulos para contenção do gado e animais domésticos ao seu redor e entre os interstícios das restantes casas que formavam o tecido da primitiva cidade. A acessibilidade a estas casas era feita através de uma abertura na cobertura plana, por intermédio de uma rudimentar escada em madeira e esta posicionava-se na área principal da habitação unifamiliar.

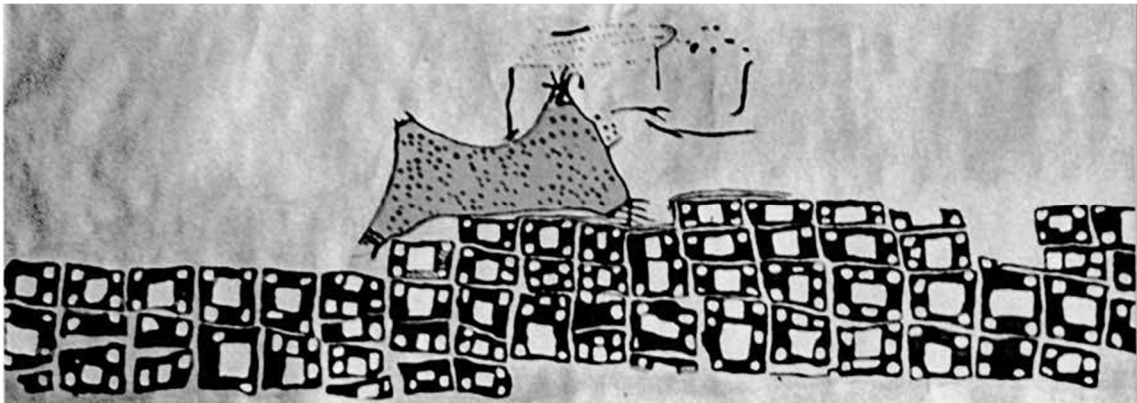
Apesar desta simplicidade construtiva, o seu sistema organizacional enquanto habitação unifamiliar, já compreendia desníveis entre os vários espaços, os quais os diferenciavam espacialmente, dando um carácter próprio aos espaços interiores do habitar. Com estes desníveis, diferenciava-se o local destinado à cozinha, da zona onde predominavam as restantes lides da casa perpetradas pela mulher, do espaço maior e comum destinado ao estar, bem como do local mais reservado ao próprio homem (chefe da casa). As zonas menos desniveladas destinavam-se aos filhos e restantes elementos do agregado familiar. Os habitantes da época aproveitavam as próprias paredes como telas, onde realizavam pinturas com cenas de caça, representações de animais e cenas da vida quotidiana.

Um das curiosidades que se pode ainda observar no agregado destas casas, que compunham o tecido de cidade propriamente dito, estas não formavam ruas, nem os seus complexos habitacionais compreendiam fortificações. A comunicação entre vizinhos e toda a restante circulação pedestre por toda a cidade era efetuada pelos próprios telhados

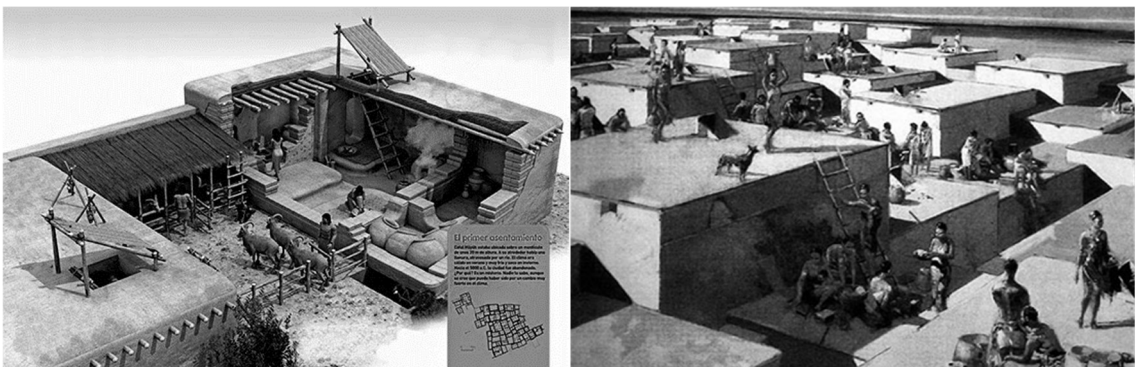
As primeiras civilizações e cidades no Crescente Fértil, tendo como exemplo este complexo habitacional, a sua malha urbana e forma de habitar é fundamental como conhecimento embrionário do sistema CASA. Algumas das imagens seguintes são disso esclarecedoras:



https://io9.gizmodo.com/how-farming-almost-destroyed-human-civilization-1659734601?utm_campaign=socialflow_io9_facebook&utm_source=io9_facebook&utm_medium=socialflow

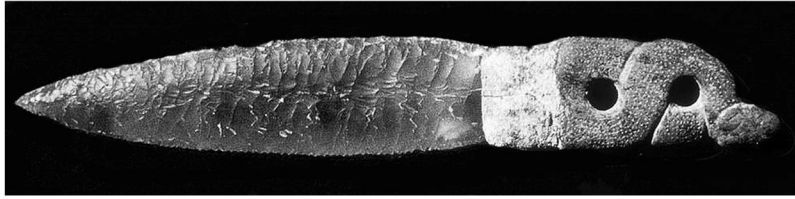


<https://vici.org/vici/42603/>



<https://www.pinterest.pt/pin/56400553306470788/?lp=true>

http://www.pinsdaddy.com/catal-huyuk-ma-8bBTgG6m7kf4ACKD81NxxWBN3*PP7wc9BjMhOSkrFFM/



<http://users.stlcc.edu/mfuller/catalhuyuk.html>



http://realhistorywww.com/world_history/ancient/Anatolia_Turkey.htm



<http://users.stlcc.edu/mfuller/catalhuyuk.html>

As primeiras imagens são preciosas para o nosso entendimento, porque documentam o tipo de Tecido Urbano de Cidade, a Malha Urbana que a compõe e como esta se distribui. As imagens seguintes, são esclarecedoras quanto ao seu sistema construtivo, quanto às formas espaciais do interior das habitações, bem como o tipo de vida da época manifestado através dos seus aparatos decorativos, utensílios domésticos e tipos de armas que utilizavam para a sua sobrevivência. A representatividade da sua arte era expressa na escultura e pintura que praticavam no cotidiano.

E assim, desta maneira, terminamos esta nossa primeira visita...

... através do Tempo e do Espaço

Viagem 2

Villa Real de Cnossos

A paragem aqui é em Creta, mais concretamente em **Villa Real de Cnossos**.

Importa esclarecer que relativamente ao enquadramento do livro, saltamos do capítulo .1 para o .4, isto porque o que mais importa para este estudo é o conhecimento da habitação unifamiliar em sinónimos mais contidos e modestos, os pontos anteriores referem-se a enormes e sumptuosos palacetes ou similares, quase parecendo micro-cidades, tantas eram as pessoas que estas instalações poderiam albergar.

O mesmo sucederá inclusivamente mais adiante, precisamente pelos motivos enunciados há pouco.

Voltando ao que interessa...

Considero esta paragem aqui obrigatória, devido ao facto de ser neste tipo de habitação que nos apercebermos da continuidade da evolução arquitetónica e nos termos mais adequados temporalmente falando. Ainda nos encontramos em 1.700 a.C., ou seja, antes de Cristo e a cerca de 4.000 anos após o caso de Çatal Höyük na Anatólia, o que é +/- coincidente com as datas dos pontos anteriores do livro, portanto não será por aqui que não haverá exatidão quanto à respetiva evolução arquitetónica... penso eu!

Esta unidade habitacional, uma residência senhorial unifamiliar, oferece-nos uma dimensão de implantação substancialmente maior e um salto qualitativo em matéria da capacidade habitacional, relativamente à primeira. Esse acréscimo não se reflete somente na planimetria desta, mas também na sua própria altimetria.

Conforme refere o próprio autor esta casa tem uma configuração tripartida tanto ao nível da Planta, como ao nível do seu Alçado pois esta desenvolve-se igualmente no mesmo número em pisos.

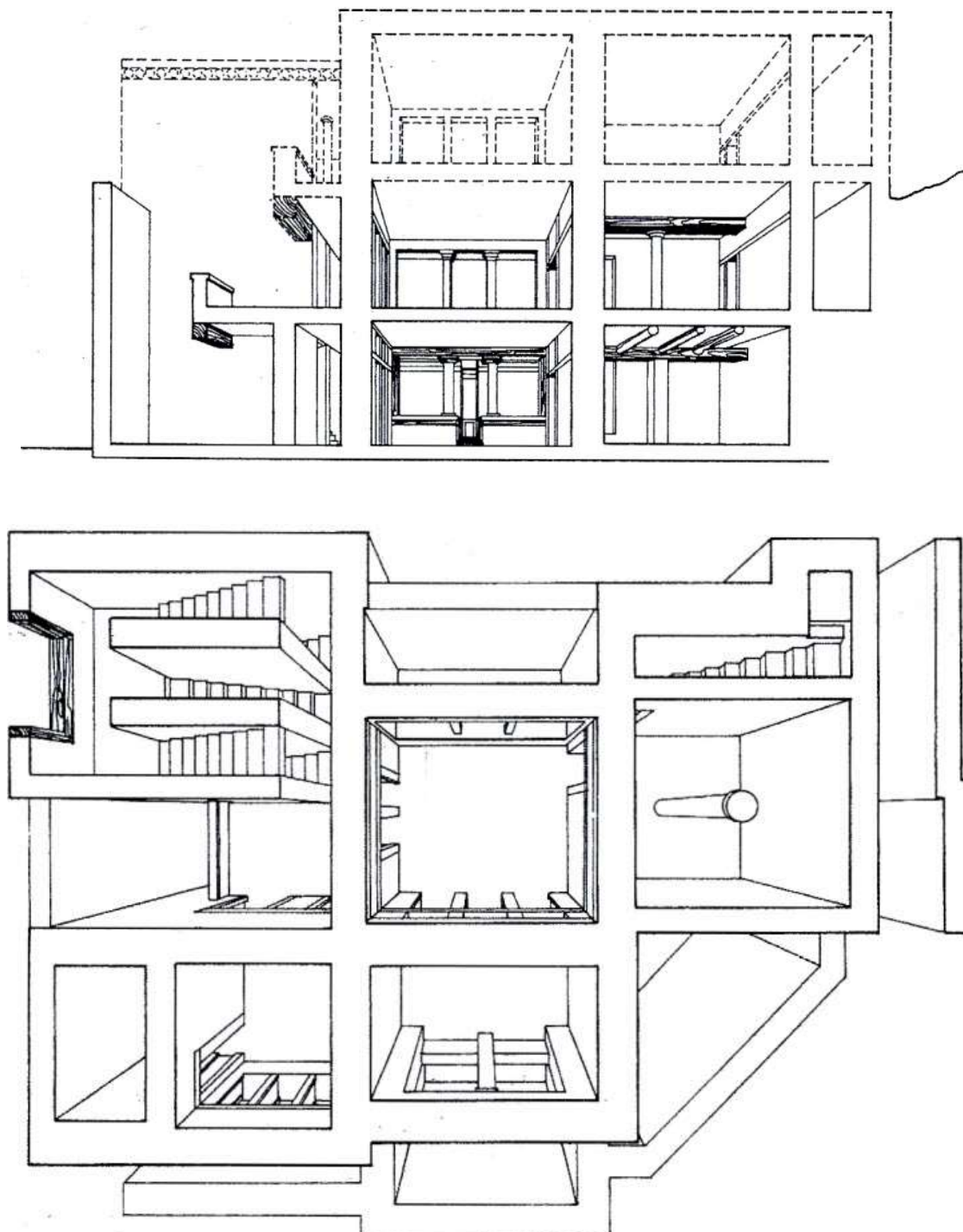
O que nos ressalta imediatamente à vista, para além da mancha de implantação referida há pouco, é que a sua complexidade habitacional é sobejamente maior, bem como o número de compartimentos, comparativamente à sua antecessora.

Aqui e ainda numa fase tão prematura, começam-se a dar os primeiros passos no chamado efeito de promenade arquitetónica e tão em voga nos dias de hoje. Nesta nova evolução da CASA, ao existirem os vários compartimentos e estes ao se relacionarem uns com os outros, embora sendo de maiores ou menores dimensões, mais abertos ou fechados, mais relacionados com o exterior ou mais reservados ao seu carácter interior, criam necessariamente uma sequência de diversidades espaciais provocando um alternar de emoções ao longo do percurso pelos mesmos. Um dos contributos importantes para esta diversidade é a introdução da galeria ou pátio (loggia), das pilastras e colunas que se posicionam criteriosamente em cada espaço e lhes confere um carácter específico e muito próprio a cada um deles.

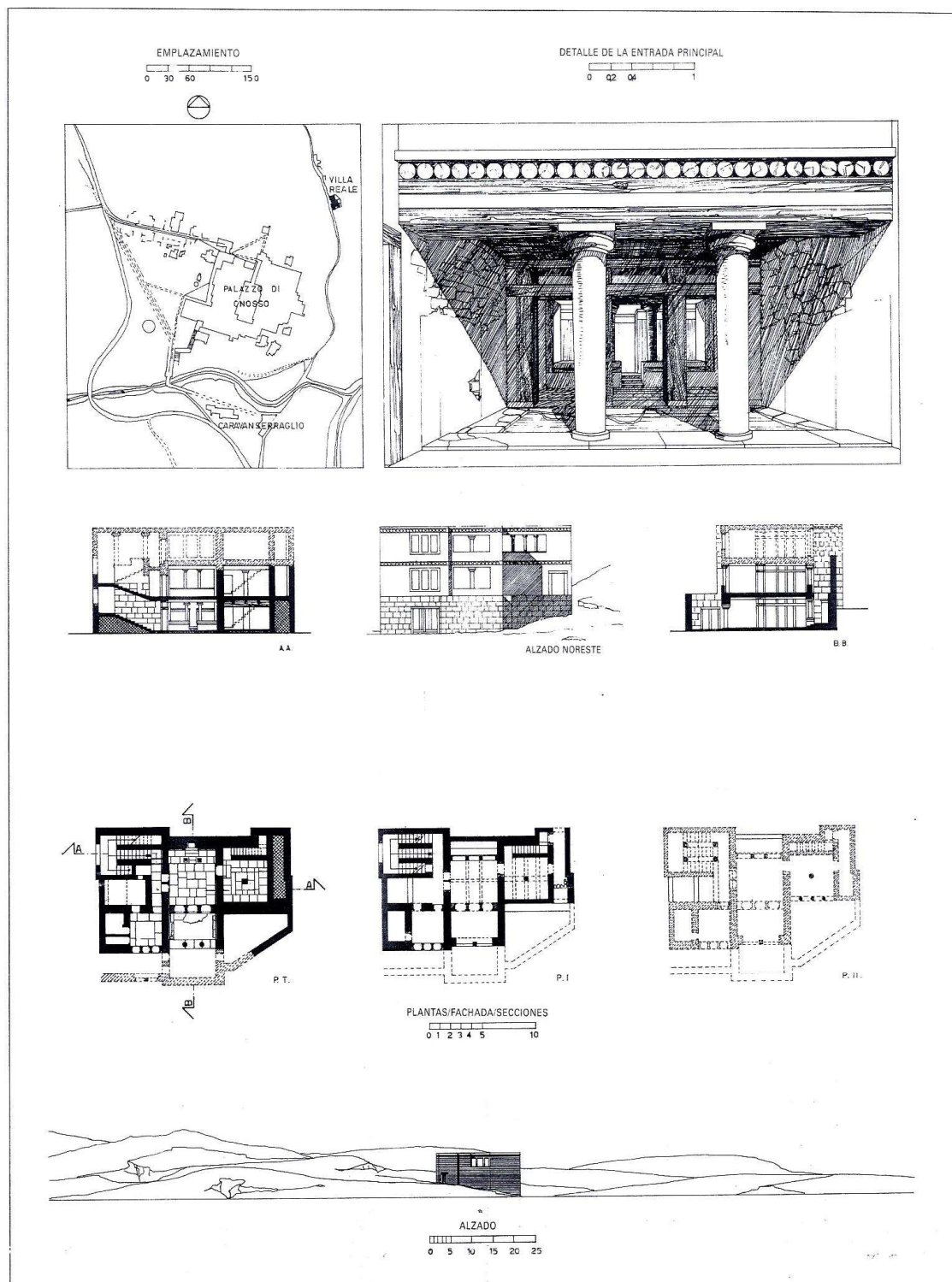
Outros dos avanços significativos verifica-se no sistema de escadarias que acedem aos pisos superiores (umas com patamar intermédio e outra de tiro como variante) e na quantidade e expressividade das aberturas para o exterior. As acessibilidades à casa são agora realizadas à cota de soleira da própria casa, ou dos compartimentos que os precedem.

A resultante deste momento de estudo é nada mais nada menos do que aquilo que o próprio autor escreve no final da sua apreciação à Villa Real de Cnossos (esta atitude é tomada de forma deliberada e exclusivamente porque eu próprio não encontro melhor maneira de expressar o sentimento acerca desta bela viagem), ou seja:

De todo ello resulta una implantación en la que se combinan de forma acertada composición y movimiento, rigor e invención.¹⁰



¹⁰ CORNOLDI, Adriano. LA ARQUITECTURA DE LA VIVIENDA UNIFAMILIAR – Manual del espacio doméstico – pág. 72. Dissertação de Mestrado Integrado em Arquitetura. Paulo Topa, Faup 2018.



... 11

¹¹ CORNOLDI, Adriano. LA ARQUITECTURA DE LA VIVIENDA UNIFAMILIAR – Manual del espacio doméstico – pág. 73. Dissertação de Mestrado Integrado em Arquitetura. Paulo Topa, Faup 2018.

... através do Tempo e do Espaço

Viagem 3

Vivienda Egípcia

Esta viagem faz paragem agora no capítulo 7 Atlas .6, a **Casa Egípcia**. A evolução arquitetónica continua de forma cada vez mais exuberante e mais bem pensada, a casa que temos como matéria de estudo situa-se em Akhetaten, hoje conhecida como Amarna. A sua posição geográfica encontra-se na margem leste do rio Nilo, na moderna província egípcia de Minya, a cerca de 58 km a sul da cidade de Al-Minya, a 312 km a sul da capital egípcia Cairo e a 402 km a norte de Luxor. O primeiro nome da cidade era a designação dada pelos antigos egípcios, a qual era escrita tanto como Akhetaten ou Akhetaton, em virtude de o seu fundador ter sido o Faraó Akhenaten, que ao longo do seu reinado adotou inclusivamente o nome de Amenhotep IV, governando na 18ª Dinastia por um período de 17 anos compreendidos entre 1.336 b.C. e 1.334 b.C. Akhetaten significa "Horizonte do Aten" (Aten, por sua vez, era o disco do sol na mitologia egípcia antiga, e originalmente fazia-se representar como o do Deus Ra). Gostava de referir ainda que tive o privilégio de estar fisicamente neste lugar, aquando o período de férias passadas no Egipto há cerca de 12 anos e foi seguramente um dos muitos sítios fantásticos e ricos, quer em termos culturais, quer arquitetónicos, o Egipto todo ele é simplesmente portentoso.

Após a anterior e breve apresentação da parte geográfica e importante cultura ancestral da cidade onde o imóvel se insere, passamos de imediato à causa em questão, a Casa.

Este imóvel representa, mais uma vez um passo seguro dado na evolução da Habitação Unifamiliar. Sendo esta uma cultura que se preocupava arquitetonicamente em acomodar as suas estruturas de uma forma organizada, as suas ruas ostentavam um desenho perfeitamente definido provocado por estas magníficas estruturas. Quero com isto dizer, que todas as casas eram voltadas para o seu interior, as paredes exteriores e de contenção eram praticamente cegas e puras, sendo somente o aparato ornamental da porta ou pórtico que sobressai em toda a sua composição. Os seus interiores por sua vez eram riquíssimos, em termos de variedade e composição espacial.

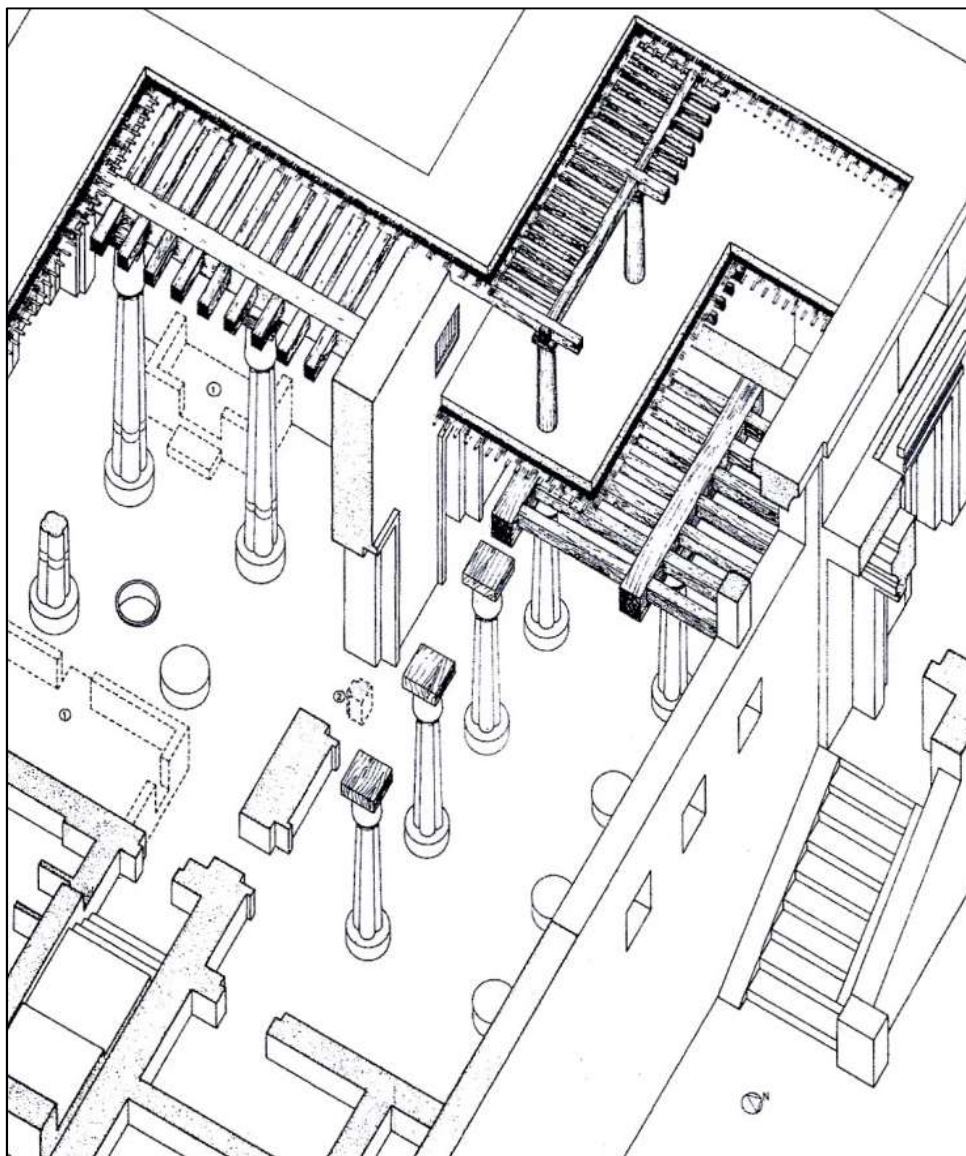
Na Casa que aqui visitamos, a sua implantação é efetuada num maciço elevado comparativamente à rua, daí a sua acessibilidade ser feita por intermédio de uma escadaria e o primeiro espaço que precede a porta de entrada é uma espécie de átrio descoberto que ostenta duas colunas e que funciona como uma espécie de pré-hall. De seguida passamos para o hall de entrada propriamente dito (este já inserido na cobertura da casa), sucedendo-lhe uma grande sala de receção e de festins que se desenvolve no sentido longitudinal, colunada e que por sua vez prepara o acesso a uma outra sala igualmente colunada. Esta última sala posiciona-se no centro de toda esta composição arquitetónica, conferindo-lhe assim o protagonismo de espaço central, o mais importante, de recolhimento mais prestigiado e por onde se acede a todos os espaços que a circundam. É igualmente por este mesmo compartimento que se acede a uma galeria descoberta que se encontra no piso superior. Esta galeria descoberta, tipo terraço, comporta uma espécie de sucessão de pérgulas que permitem o seu sombreamento parcial. Esta casa comporta ainda uma outra entrada, de menor aparato que a principal, sendo esta a entrada de serviço. Após a transposição desta porta acede-se a um pequeno hall, que antecede uma sala também colunada como as anteriores, mas de menores dimensões e terá a função de sala de espera. As restantes divisões desta estrutura habitacional e que se posicionam na parte posterior relativamente à porta principal e junto à entrada de serviço, referem-se aos compartimentos de teor privado e de serviços de apoio.

A beleza desta composição encontra-se no diálogo entre os seus espaços arquitetónicos, no número, altura e tipo de colunas que caracterizam e enriquecem cada espaço e que lhes confere o seu próprio carácter e grau de importância na composição habitacional.

É ao se deambular por esta casa de uma forma mais independente, até porque o próprio escrito do autor é um pouco confuso, que nos apercebemos que cada espaço tem uma razão de ser e de existir, que realmente os compartimentos estabelecem relações espaciais ricas e diversas, que as suas maiores ou menores dimensões fazem sentido e que nos despertam variadíssimas emoções, tal como se vivenciássemos esse próprio tempo que à muito nos antecede.

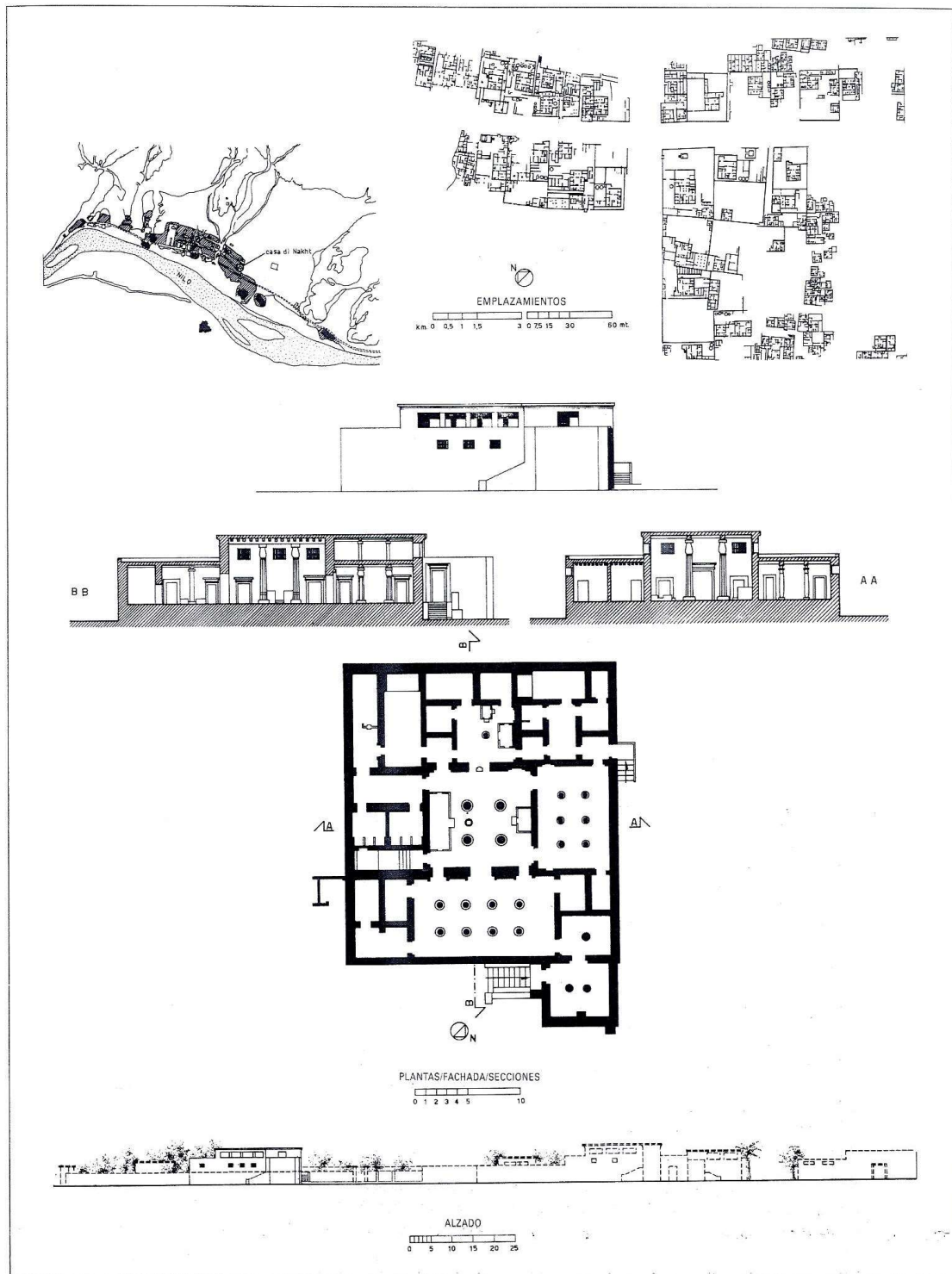
Curiosamente esta foi a sensação que eu próprio tive quando visitei o Egito, sente-se uma magia local que nos impele em termos imaginários a viver naquele tempo tão rico e sumptuoso em termos de linguagem arquitetónica. É algo que nos transcende... que é mais forte do que nós!

Para melhor compreensão do expresso, ficam aqui algumas imagens do autor publicadas neste seu livro:



... 12

¹² CORNOLDI, Adriano. LA ARQUITECTURA DE LA VIVIENDA UNIFAMILIAR – Manual del espacio doméstico – pág. 76. Dissertação de Mestrado Integrado em Arquitetura. Paulo Topa, Faup 2018.



... 13

¹³ CORNOLDI, Adriano. LA ARQUITECTURA DE LA VIVIENDA UNIFAMILIAR – Manual del espacio doméstico – pág. 77. Dissertação de Mestrado Integrado em Arquitetura. Paulo Topa, Faup 2018.

... através do Tempo e do Espaço

Viagem 4

Vivienda Griega

Chegou agora a vez de esta viagem fazer paragem no capítulo 7 Atlas .8, numa casa deveras importante, a **Casa Grega**.

Na continuidade da procura da evolução arquitetónica ao longo dos tempos, a casa grega evidencia uma construção idêntica em termos de relação formal com o exterior, ou seja, tal como a anterior, a casa egípcia, esta direciona todo o seu desenvolvimento e atenção para dentro em virtude de toda ela ser murada em toda a sua periferia com muros altos e completamente cegos, excetuando o pórtico de entrada por onde se acede à unidade habitacional. Em termos de compartimentos, o seu número é substancialmente mais elevado, pois comporta outro tipo de necessidades para suprir a vivência Grega. É evidente nesta composição a espacialidade dominante e maior de toda a casa, a qual se posiciona na zona de carácter mais senhorial e tal como a sua antecessora é através desta que se acede a todos os restantes compartimentos desta zona habitacional. A característica dominante desta é a sua galeria em Peristilo, composta por numerosas colunas que rodeiam todo o recinto e para assegurar em definitivo a sua importância em todo o contexto espacial que o rodeia o seu teto é mais proeminente que o da restante composição habitacional.

Quanto à composição geral, propriamente dito, a acessibilidade à casa é realizada através de um Pórtico (tipo Pronao, encimado por uma arquitrave, que repousa sobre as colunas de entrada, fazendo-nos lembrar a entrada de um templo Dórico), o qual define marcadamente a entrada principal e única a todo o edifício. Esta alteração arquitetónica rompe totalmente com a continuidade e singeleza das paredes perimetrais completamente herméticas. De seguida dá-se acesso a um pequeno vestíbulo que por sua vez antecede um longo corredor que se assume como percurso dominante e distribuidor de toda a casa e que separa morfologicamente a mesma, à sua esquerda a casa de carácter senhorial, à sua direita a casa vocacionada às áreas de estudo.

Os compartimentos mais importantes, à esquerda, são compostos primeiramente pela imponente Sala de Aulas principal, envolta pelo seu Peristilo como centro composicional, a qual comunica com todos os restantes espaços arquitetónicos, ou seja, cozinha, quartos de hóspedes, ginásio, sala de estar e de jantar, casas de banho, acomodações dos escravos e como não poderia deixar de ser, o Quarto Principal, pertencente ao senhor da casa.

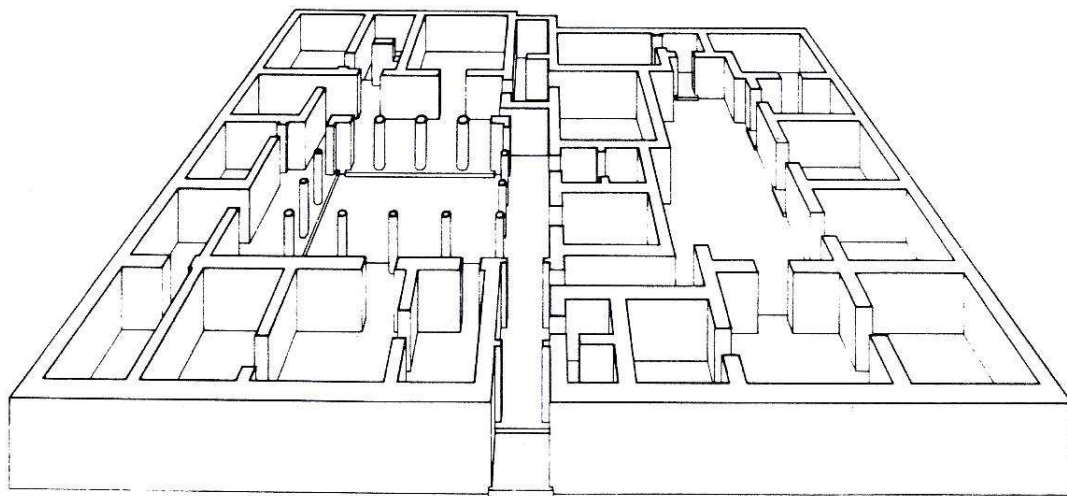
Do lado direito desta farta composição, encontram-se as acomodações do porteiro, que controla todas as entradas, precedida de uma segunda sala de aulas, igualmente de generosas dimensões, mas sem a imponência da primeira. Esta sala tal como a primeira posiciona-se espacialmente no centro compositivo e é através desta que se acedem aos aposentos dos serviçais, quartos de estudantes, refeitório e áreas de serviço.

Resta-me somente esclarecer, quanto a esta composição arquitetónica, que a casa original era composta unicamente pela ala esquerda, a segunda surge como ampliação da pré-existente. Muito provavelmente este aditamento terá sido causado pela necessidade vivencial de muitos dos Gregos de então, que se dedicavam incansavelmente a tarefas de ensino e propagação do culto do saber. Não é por acaso que estes foram os percursos da matemática, ciências e filosofia, criando ainda o importantíssimo conceito da prestigiada DEMOCRACIA, que ainda hoje nos serve de exemplo, tanto filosófico como prático.

Falando em termos analíticos da evolução da CASA, esta comporta de facto uma maior espacialidade e um maior número de compartimentos. O elemento que mais me sobressai nesta

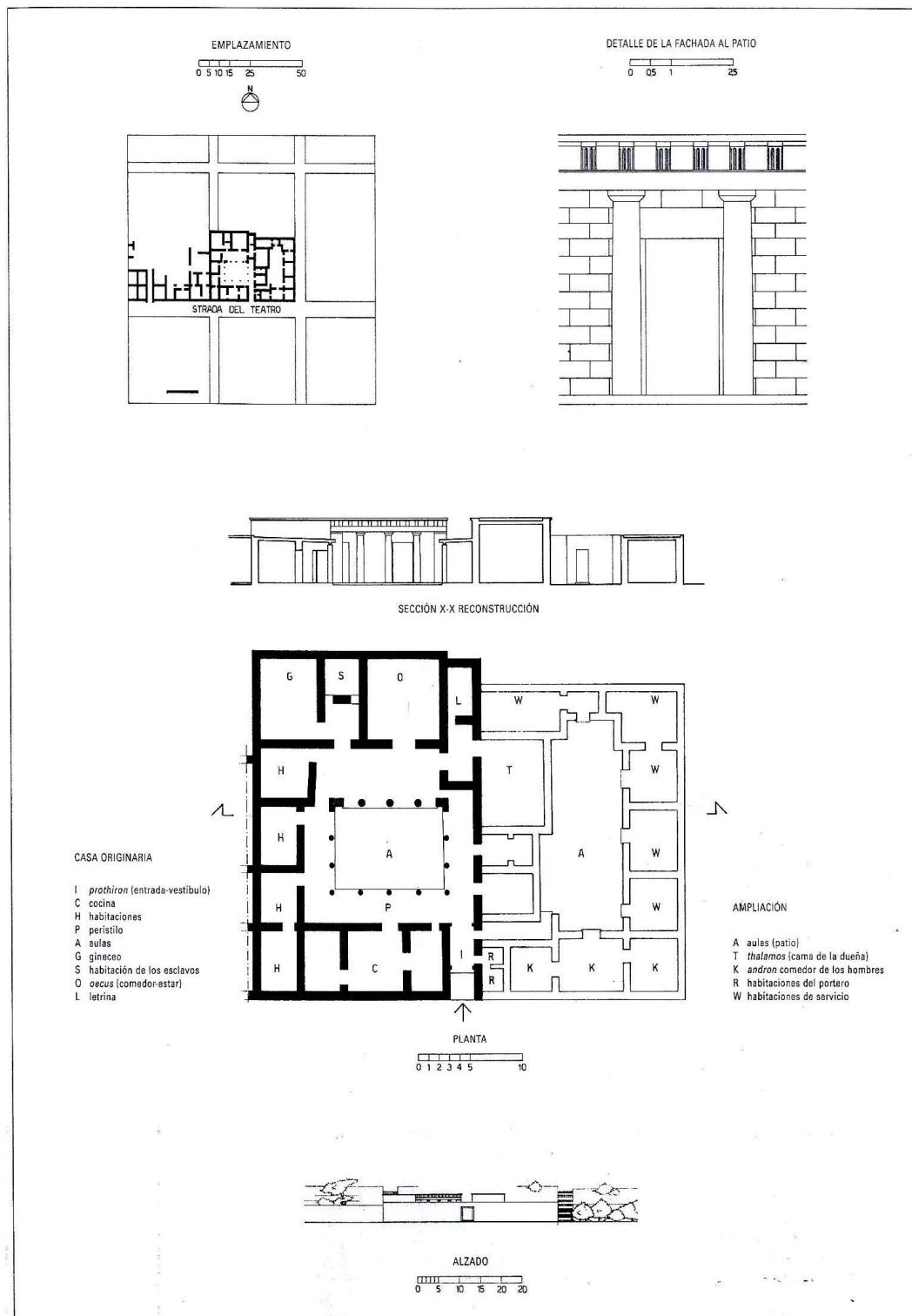
habitação unifamiliar foi a introdução marcante e dominante do conceito corredor como regulador das distintas espacialidades da casa. Obviamente que existirão outras diferenças arquitetônicas, mas que se devem mais ao tipo das necessidades habitacionais de cada civilização e não propriamente por fundamentos teóricos sobre a própria arquitetura. As salas principais como centro compositivo e distributivo a todos os espaços habitáveis, estão presentes em ambos os exemplos, bem como o carácter das áreas em termos de especificidade, excetuando aqui que este para além da sua função como unidade unifamiliar, alberga ainda espaços e acomodações extra, introduz mesclado neste universo uma vocação espacial para o ensino e é esta que seguramente promove uma grande diferenciação entre as próprias unidades.

Anexo: Desenhos da composição que figuram no livro deste estudo para a necessária compreensão:



... 14

¹⁴ CORNOLDI, Adriano. LA ARQUITECTURA DE LA VIVIENDA UNIFAMILIAR – Manual del espacio doméstico – pág. 80. Dissertação de Mestrado Integrado em Arquitetura. Paulo Topa, Faup 2018.



... 15

¹⁵ CORNOLDI, Adriano. LA ARQUITECTURA DE LA VIVIENDA UNIFAMILIAR – Manual del espacio doméstico – pág. 81. Dissertação de Mestrado Integrado em Arquitetura. Paulo Topa, Faup 2018.

... através do Tempo e do Espaço

Viagem 5

Casa del Fauno

A **Casa do Fauno** (Divindade Campestre, representada por uma figura que ostentava pés e chifres de cabra), era uma das mais casas mais deslumbrantes da colónia Romana de Pompeia devido à sua generosa implantação. Esta casa ocupava uma ilha na sua totalidade e era perifericamente ladeada pelas ruas de acesso. Apesar de ser uma construção megalómana para a época, era extremamente bem organizada, bastante ornamentada em termos de elementos arquitetónicos e a sua estrutura permitia uma vivência aprazível mediante as especificidades próprias de cada estação do ano.

A nossa visita 5 (corresponde ao capítulo 7 Atlas .9 do nosso livro de estudo) e começámos por aceder a esta portentosa casa por intermédio de duas possibilidades interessantes.

Se formos pela esquerda relativamente à fachada principal, após a transição do pórtico principal composto pelo vestíbulo e a porta de entrada (uma espécie de corredor estreito de transição), somos acolhidos por aquele que se considera ser o átrio principal, composto por um imponente e belo Átrio Toscano. Quase todos os átrios desta época caracterizam-se por serem espaços internos da CASA abertos, como um pátio ou uma espécie de praça em tamanho pequeno e do qual se articula o trânsito interno da mesma, mas este tinha a particularidade de a sua estrutura assentar sobre vigas libertando toda a espacialidade abaixo de si.

No caso de optarmos pelo pórtico de entrada do lado direito, somos desta vez acolhidos por um Átrio Tetrastilo, ligeiramente mais contido e onde a estrutura do seu telhado repousava sobre quatro colunas plantadas uma em cada extremo da abertura. Este átrio tem como particular característica na sua cobertura um sistema para receber as águas pluviais, que ao serem recolhidas eram armazenadas num tanque que se encontrava na sua base. Esta abertura quadrangular ao centro do próprio teto, com inclinação negativa, ou seja, inclinada para o seu interior, para além da recolha das águas pluviais, permitia igualmente a iluminação e ventilação natural do próprio recinto.

Após a chegada aos átrios referidos há pouco apercebemo-nos de todos os espaços que circundam os mesmos, compostos por uma data de quartos de dormir (Cubículos), compartimentos de serviços, pelas sumptuosas salas de comer designadas por Triclinium Otonal e Invernal e pelos Alae que eram salas abertas de cada lado do átrio. Ao centro do Átrio Toscano e em posição oposta à da entrada encontrava-se o Tablinium, que era uma sala finamente requintada onde o chefe da casa recebia os altos dignatários da sociedade da época. Dando continuidade à visita, penetrámos pelas alas e deparamos com um Peristilo composto por 28 colunas Jónicas e uma fonte no seu centro. Ao fundo deste peristilo, encontra-se um Triclinium Estival, que era uma sala revestida de um carácter originalmente sagrado dedicado a uma Ninfa, geralmente colocada perto de uma fonte ou mesmo uma fonte de água introduzida no próprio espaço e que serviria para banquetes e passar o tempo de lazer, ladeada uma espécie de sala aberta, finamente decorada (no caso retratada em mosaico a célebre batalha entre Alexandre e Dário), provida de bancos curvos de pedra servindo de espaço para falar de negócios, política ou discussões mais filosóficas. A este espaço dava-se o nome Êxedra. Ao lado direito deste Peristilo, encontra-se a cozinha, os sanitários / banheiros, estábulos e outras estruturas de apoio.

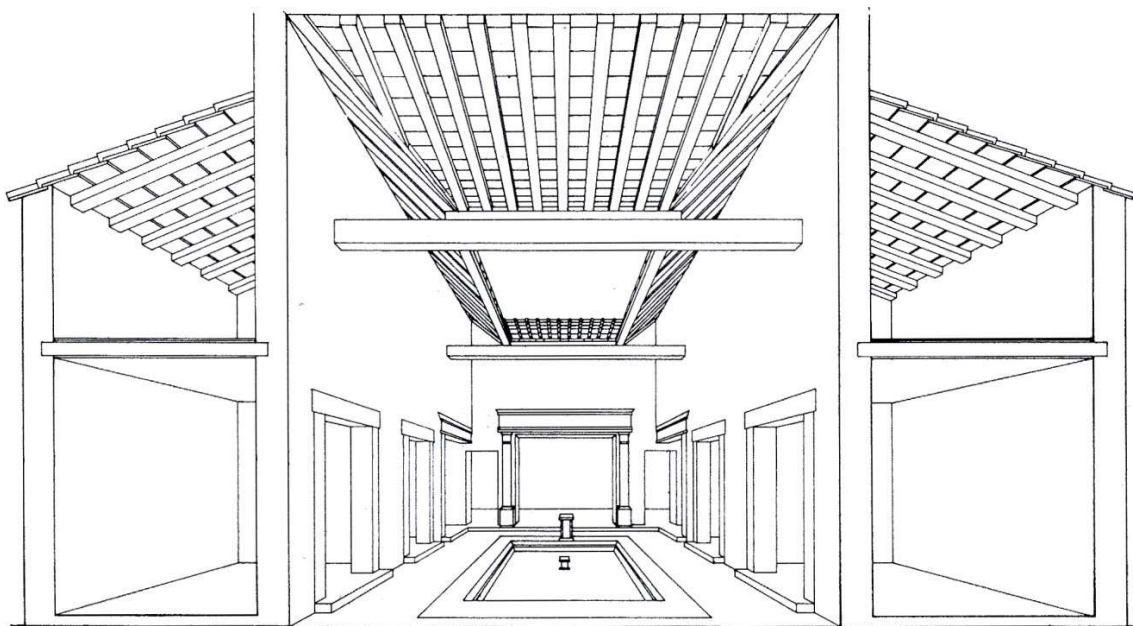
Ao observarmos atentamente a planta do primeiro espaço onde se encontram os Átrios de Entrada e os apoios espaciais complementares a si, comparativamente ao espaço ocupado pelo Peristilo, Triclinium Estival, Êxedra, Cozinha e Banheiros, deparamo-nos com uma quase consistência simétrica de ocupação por m².

Ao fundo de toda esta sucessão de espacialidades e percursos, por intermédio de um estreito corredor, chegamos finalmente ao término espacial desta enorme composição, o Grande Peristilo, composto este por 44 colunas e substancialmente maior que o seu antecessor.

Em jeitos de resumo final, os antigos ROMANOS adotaram nas CASAS formas habitacionais muito idênticas à da casa Grega, construindo com técnicas similares três tipos de habitações: espaço urbano a Domus, rural a Villa e a de composição por andares a Insula. A grande diferença da grega para a romana é que esta última, multiplicou os Átrios, o número dos espaços internos, introduziu novas áreas de culto, negócios e visitas, bem como deu um carácter mais privado aos quartos, banhos, cozinha, entre outros. No presente caso de estudo a ala esquerda, quanto a mim, tem o carácter mais privado e a ala direita terá um âmbito mais social.

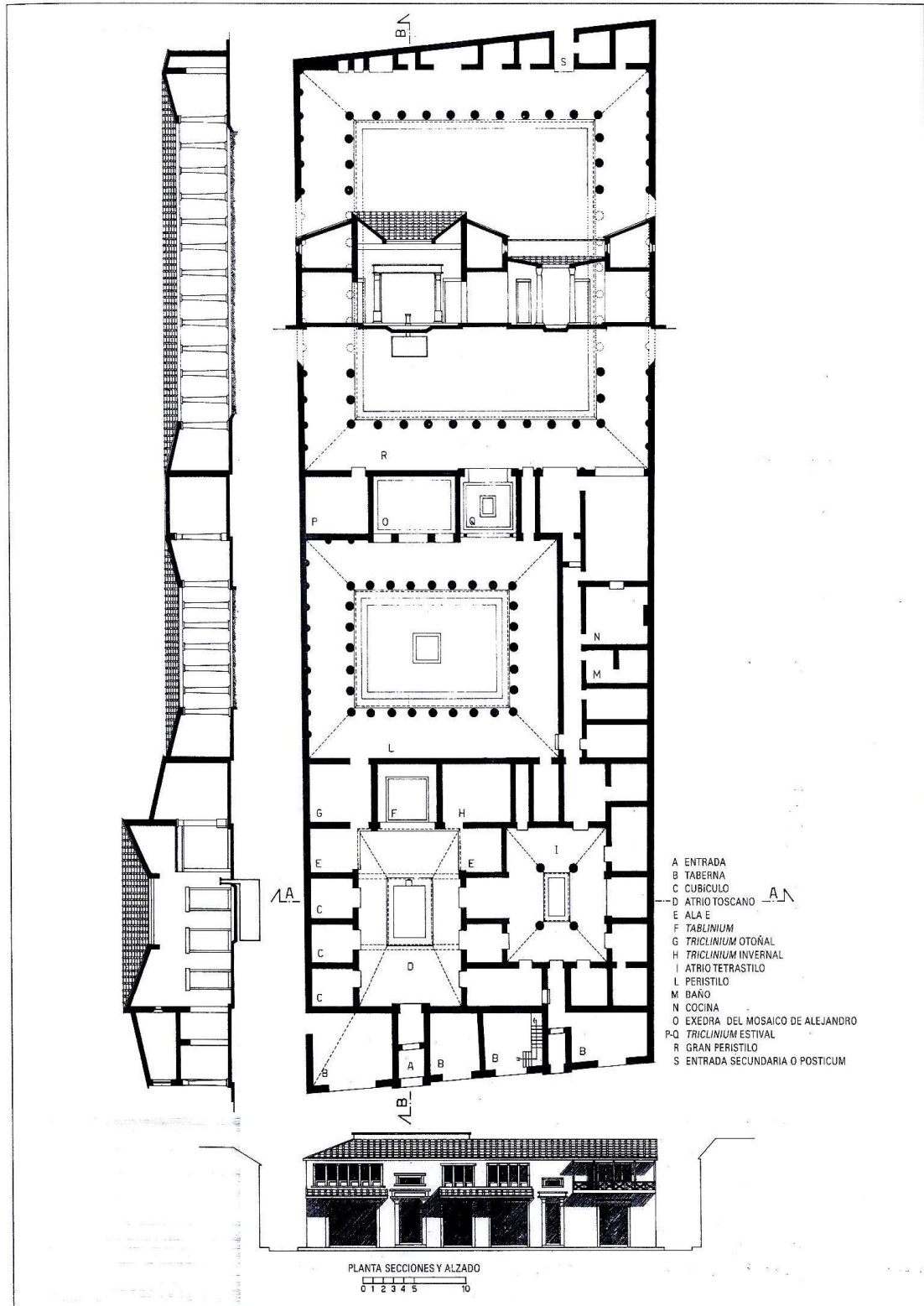
Serve este como mais um bom exemplo da evolução da CASA unifamiliar no seu contexto arquitetónico e que nos abre a porta da Máquina do Tempo para a seguinte paragem...

(Abaixo: doc.s de análise e estudo presentes no livro)



... 16

¹⁶ CORNOLDI, Adriano. LA ARQUITECTURA DE LA VIVIENDA UNIFAMILIAR – Manual del espacio doméstico – pág. 82. Dissertação de Mestrado Integrado em Arquitetura. Paulo Topa, Faup 2018.



... 17

¹⁷ CORNOLDI, Adriano. LA ARQUITECTURA DE LA VIVIENDA UNIFAMILIAR – Manual del espacio doméstico – pág. 83. Dissertação de Mestrado Integrado em Arquitetura. Paulo Topa, Faup 2018.

... através do Tempo e do Espaço

Viagem 6

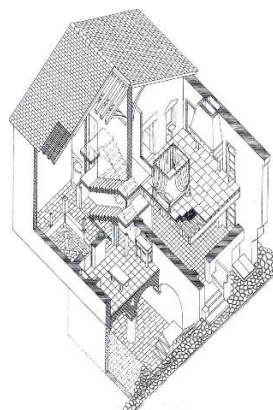
Vivienda Gótica

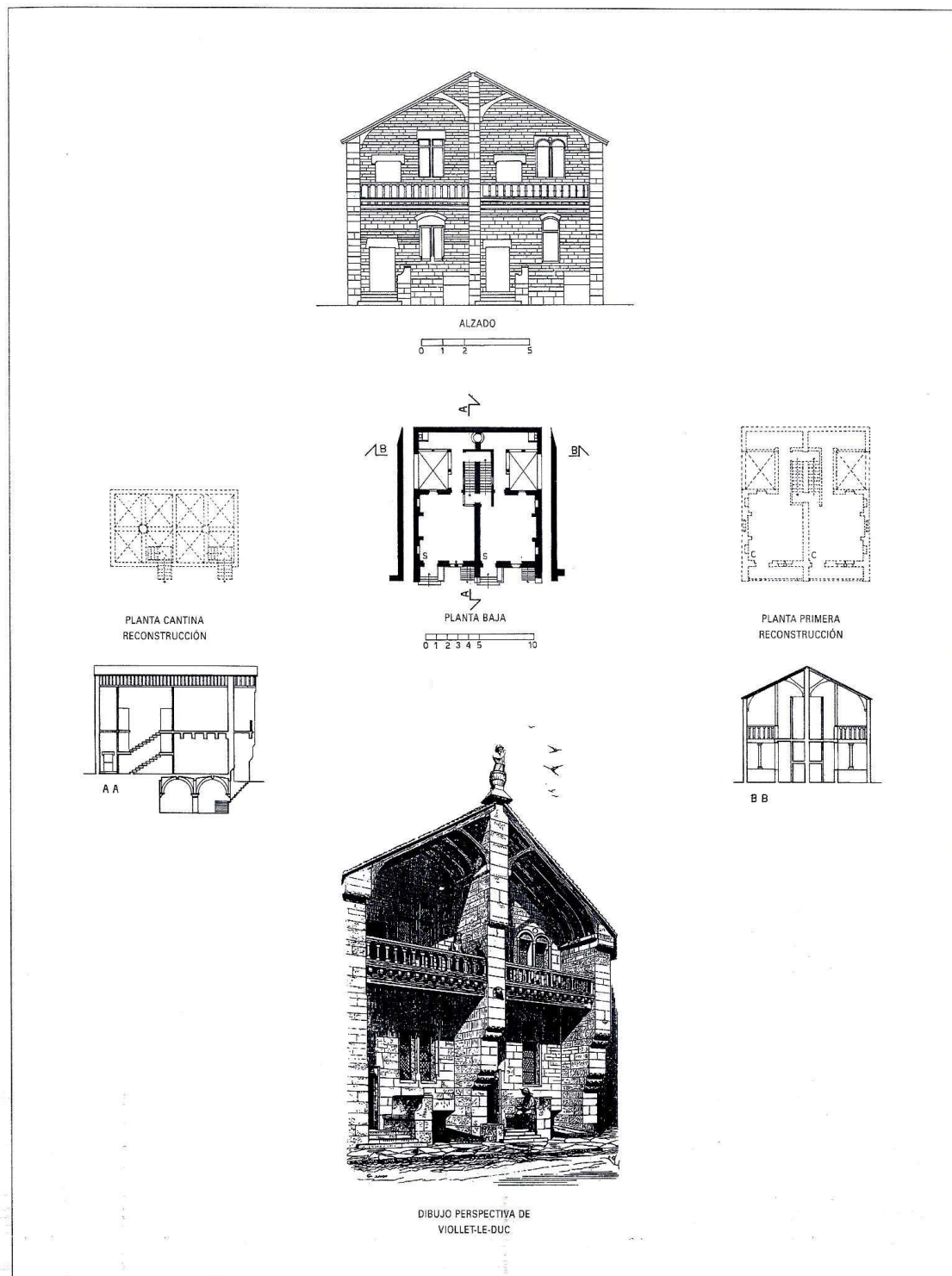
A nossa visita 6, a **Casa Gótica**, corresponde desta vez ao capítulo 7 Atlas .13 do livro e começámos logo por nos apercebermos de que existiu um salto substancial quer no tempo, quer na evolução da Casa Unifamiliar propriamente dita. Este salto verifica-se mais uma vez pelos motivos enunciados anteriormente, ou seja, as estruturas megalómanas, complexos habitacionais, palácios, entre outras, para esta análise e caso de estudo não têm a relevância que eu penso necessária.

Os novos espaços habitacionais que nesta paragem estudamos, mudaram radicalmente a forma de ver e de estar no contexto arquitetónico. Começa-se a partir de aqui a constatar-se uma preocupação maior relativamente à economia construtiva e a obter formas bem mais simplicistas que as de outrora, que primavam bastante pela sua complexidade construtiva, ostentação ornamental, provocada como simbologia da posição social e o poder económico do seu proprietário.

Apesar de ter ainda referências da sua homóloga anterior, a casa romana, esta gótica desenvolve-se mais no sentido altimétrico que planimétrico. Esta atitude permitiu mais uma evolução da Escalada Arquitetónica, os espaços ficam mais reconhecíveis e identificáveis em matéria de carácter habitacional, senão vejamos: A Cave, destina-se à cozinha, cantina, arrumos e compartimentos de apoio. O Rés-do-Chão comporta as salas, de jantar e de estar, bem como pequenos compartimentos de apoio e serviços, ou seja, confere-lhes o seu carácter social bem definido. Por sua vez o piso superior destina-se aos quartos e apoios sanitários que retêm a essência do carácter privado.

Nesta nova forma de desenhar a CASA, os compartimentos assumem um carácter próprio e abrem-se para espaços de serviço ou de circulação da própria casa e não como outrora se efetuavam que todos eles se abriam ou comunicavam com um grande átrio como regulador da sua distribuição habitacional. Em termos de aberturas, janelas e portas, existiu igualmente uma mudança radical, são em maior número e dimensões, e abrem-se para o contexto exterior. Precisamente o contrário do que até aqui sucedia, as casas funcionavam de fora para dentro e agora funcionam de dentro para fora, estabelecendo relações interior / exterior e vice-versa. A introdução das varandas, no piso superior, é também um sinónimo disto, ou seja, uma possibilidade de visualizar e de comunicar com o exterior deveras facilitado. Tal como diz o próprio autor uma distinta atitude da vida doméstica / coletiva desta época para épocas transatas o que mudou necessariamente todo o panorâmico arquitetónico do habitar unifamiliar.





¹⁸ CORNOLDI, Adriano. LA ARQUITECTURA DE LA VIVIENDA UNIFAMILIAR – Manual del espacio doméstico – pág. 94. Dissertação de Mestrado Integrado em Arquitetura. Paulo Topa, Faup 2018.

¹⁹ CORNOLDI, Adriano. LA ARQUITECTURA DE LA VIVIENDA UNIFAMILIAR – Manual del espacio doméstico – pág. 95. Dissertação de Mestrado Integrado em Arquitetura. Paulo Topa, Faup 2018.

... através do Tempo e do Espaço

Viagem 7

Casa Capen

Desta feita, passamos para o capítulo 7 Atlas .19 do livro e esta será a nossa viagem número 7.

A **Casa Capen**, ao contrário da anterior, que parecia desenvolver-se à volta exclusivamente do elemento escadaria com patamar intermédio que ligava os diferentes pisos, esta desenvolve-se igualmente por uma escadaria (esta praticamente de tiro, excetuando o seu arranque com um número diminuto de degraus) e concomitantemente por uma enorme chaminé que se posiciona ao centro da composição habitacional e que encosta lateralmente à escada, dando-lhe assim maior estabilidade e suporte.

A sua construção data de 1683 e funcionava como presbitério, ou seja, como casa de habitação para o pároco ou mesmo até, ocasionalmente, como Igreja Congregacional local.

Segundo o autor, esta unidade unifamiliar é provavelmente o melhor exemplo da Casa Colonial na Nova Inglaterra, e passo a citar: *“pela sua essencialidade e clareza dos ideais da habitabilidade doméstica, típicos da natureza nórdica.”*²⁰

A sua implantação dá-se em Topsfield, uma cidade no Condado de Essex, pertencente ao estado norte-americano de Massachusetts, nos Estados Unidos da América. Este mesmo Estado permanece como uma região geográfica de estimável valor histórico e tem Boston como capital, onde se reconhece o grande centro cultural e económico presente nesta localidade.

Referente à nossa visita, pode-se observar que toda a sua base construtiva é a madeira, excetuando a grande Chaminé que é totalmente realizada em pedra e funciona como centro compositivo da habitação. Apesar de ser uma casa adaptada ao local e seus próprios recursos, ela inspira-se na tradicional arquitetura inglesa.

A sua fachada frontal e laterais apresentam saliências, que se apelidavam de molhes. Que, para além de protegerem as pessoas das águas pluviais, confere à casa um pormenor decorativo qualificativo. A acessibilidade à casa posiciona-se no centro da fachada que converge para um hall de distribuição onde se situa a escadaria de acesso aos pisos superiores, que igualmente se posiciona ao eixo do próprio espaço. Do lado esquerdo do hall posiciona-se a Sala e do lado direito posiciona-se uma grande Cozinha, ou seja, porque esta é precisamente da mesma dimensão da sala que se encontra ao seu lado. Subindo para o piso superior damos com um recetáculo replicado do hall que nos antecede, o qual distribui por sua vez a acessibilidade à parte mais íntima, ou sejam, aos chamados quartos, também estes de generosas espacialidades. Por último, voltamos à escadaria e acedemos a um enorme Vão de Telhado, este compartimento ocupa praticamente e livremente a mesma área de planimetria destinada a cada um dos restantes pisos inferiores. Digamos, não rigorosamente igual devido à sua cobertura inclinada de duas águas e daí nos extremos da superfície não resultar toda uma área disponível à condição de habitar, devido ao seu pé-direito reduzido.

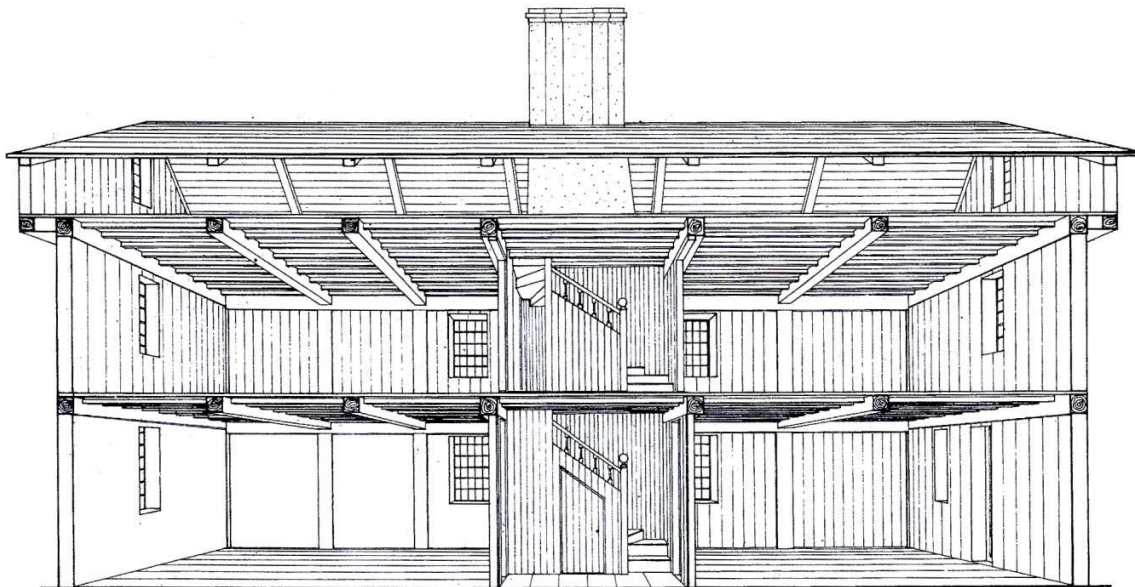
Em termos gerais podemos observar ainda que a casa com a grande chaminé, realizada em maciço de pedra e por se encontrar ao centro da composição arquitetónica, garante a sustentabilidade e travamento de toda a estrutura construtiva realizada em madeira. Esta habitação comporta grandes janelas de batente em todas as suas paredes, permitindo assim, uma excelente iluminação dos compartimentos, e ainda, com esta generosidade, estabelece uma ótima relação com o exterior que a envolve.

²⁰ CORNOLDI, Adriano. LA ARQUITECTURA DE LA VIVIENDA UNIFAMILIAR – Manual del espacio doméstico – pág. 102. Dissertação de Mestrado Integrado em Arquitetura. Paulo Topa, Faup 2018.

Nesta visita o que há a apreender, quanto a mim, é o seu sistema construtivo inovador apoiado na sua grande maioria pela originalidade. A introdução do maciço de pedra como centro compositivo e apoio estrutural a todos os elementos de madeira que compõem a sua construção, até aqui, não tem paralelo. Uma outra situação que nos chama a atenção são as áreas muito idênticas dos espaços arquitetónicos e a sua simplicidade espacial, pois aqui não se procura a ostentação nem a diversidade como tantos outros exemplos, mas sim dotar a casa de espacialidades simples mas que permitam igualmente uma boa habitabilidade, onde o carácter ou identidade de cada espaço, penso eu mais uma vez, será determinado pelo tipo de mobiliário, sistemas de apoio e utensílios que se encontram em cada um deles.

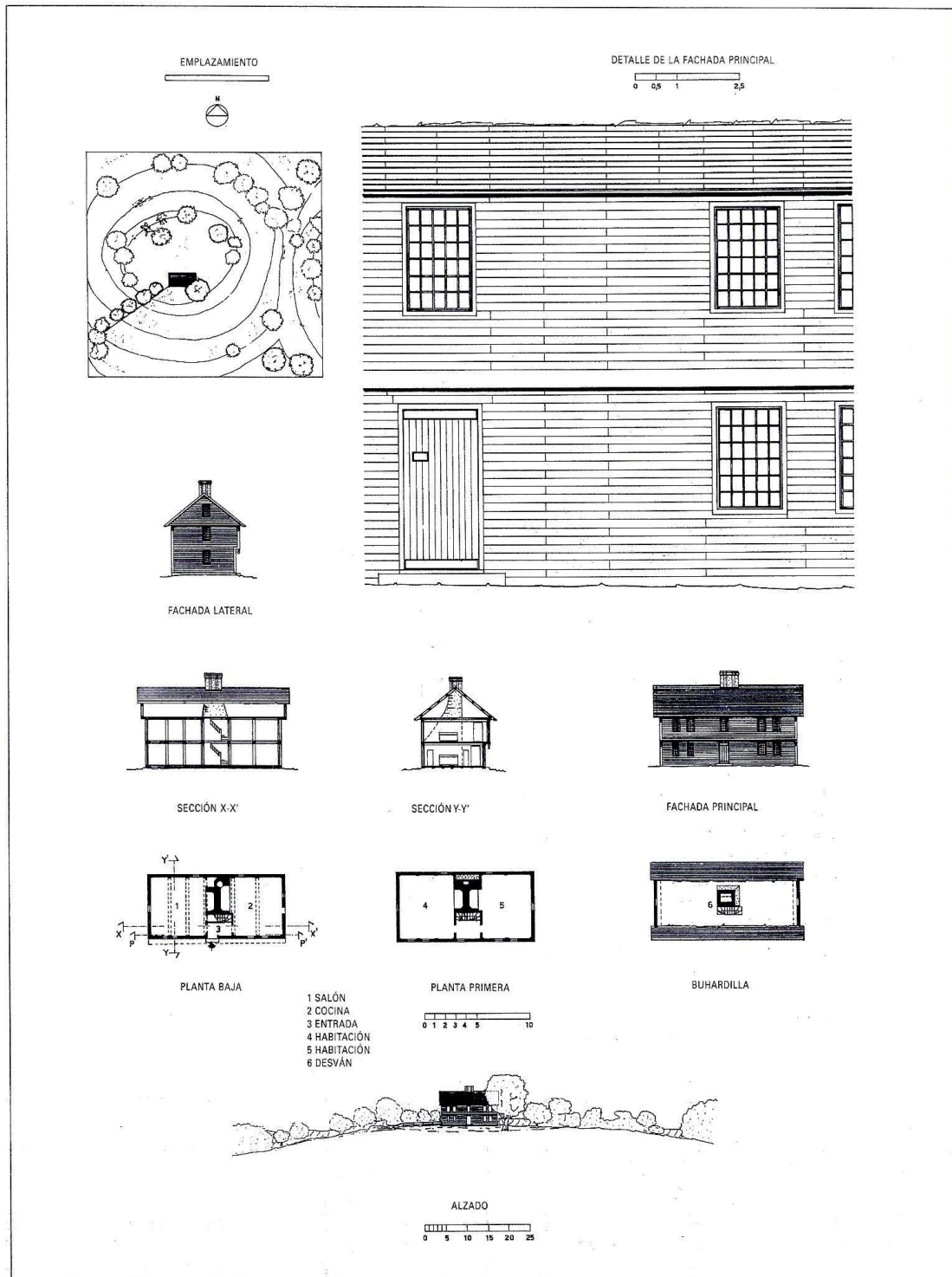
Desta forma termina mais uma visita.

(Anexo: doc.s usuais de análise e estudo presentes no livro)



... 21

²¹ CORNOLDI, Adriano. LA ARQUITECTURA DE LA VIVIENDA UNIFAMILIAR – Manual del espacio doméstico – pág. 102. Dissertação de Mestrado Integrado em Arquitetura. Paulo Topa, Faup 2018.



Imagens do estado atual da casa de estudo – Casa CAPEN



https://en.wikipedia.org/wiki/Parson_Capen_House



<https://www.flickr.com/photos/ethomsen/2661831521>

... através do Tempo e do Espaço

Viagem 8

Villa Foscari

Viagem número 8 e passamos para o capítulo 7 Atlas .22 do livro.

Vila Foscari – Andrea Palladio

Porquê esta paragem? Não procurávamos somente casas unifamiliares mais modestas e CONTIDAS? Bem... esta paragem deve-se por o seu autor ser o prestigiado PALLADIO.

De seu nome completo, Andrea di Pietro della Gondola, nasceu a 30 de novembro de 1508 em Pádua, Veneza e morre a 19 de agosto de 1580 em Maser, perto de Treviso com 71 anos. O seu movimento arquitetónico enquadrou-se no Renascimento-Maneirismo

Esta teria de ser uma paragem obrigatória devido ao que esta figura extraordinária deu à arquitetura em vida, pelas brilhantes obras que realizou e pelo extenso legado escrito que nos deixou. Ainda nos dias de hoje é considerado um dos indivíduos mais influentes na história da arquitetura e foi inclusivamente um dos famosos Arquitetos sobre o qual tivemos de realizar alguns estudos ao longo desta nossa travessia académica.

Quanto à Vila Foscari, que é mais um palacete que uma casa convencional, verificamos que é composta por três pisos bem definidos, de implantação retangular e com tema central como composição arquitetónica, muito comum neste autor. Palladio fez quase sempre obras majestosas e esta não é exceção, ao nos aproximarmos do edifício ressalta-nos imediatamente à vista o grande aparato da preparação da entrada. Após subirmos uma destas majestosas escadas (uma porque a entrada é servida por duas que se posicionam uma em cada extrema da casa de forma perfeitamente simétrica), somos acolhidos por um sumptuoso Vestíbulo composto por uma Pronau assente em 10 colunas do tipo Jónico (colunas Jónicas, são um desenvolvimento da coluna Dórica, ou seja, mais elegantes, de menor peso e a sua composição é: Base, Coluna em corpo canelado e Capitel com volutas) e que suportam um elegante frontão do tipo clássico greco-romano, de seguida acedemos ao tal centro compositivo referido à pouco, ou seja, uma enorme sala tipo Cruzeiro a qual atribui a todo o edifício o seu carácter central. Esta sala tem ainda uma particularidade interessante, é composta por pé-direito duplo encimada por abóbodas de berço cruzadas. Este primeiro piso comporta dois apartamentos, simétricos ao eixo, compostos por três quartos cada, sendo que o do meio tem uma secção quadrada, o maior e menor, são regidos pelo critério proporcional da sala em cruz. Por cima deste piso principal existem nas suas alas uma espécie de mezaninos e ao seu eixo, mais acima e como conclusão, existe uma sala central sob um telhado de tenda plana. Por sua vez, o piso inferior à cota da rua, é composto por espaços com a mesma secção em termos planimétricos que os demais pisos superiores e os seus tetos são todos eles abobadados.

A sua forma paralelepipedal e o seu tipo de composição espacial genioso, apanágio de Palladio, conferem a esta casa uma habitabilidade aprazível e bem estruturada, tal como o próprio autor sugere no seu livro:

La forma articulada confiere al salón central magnificencia y domesticidad al mismo tiempo. Este doble carácter se refuerza mediante la iluminación que se consigue a través de huecos situados en altura, culminando en un amplio ventanal en la pared del fondo, orientada hacia el campo. En el interior del salón se disponen pequeños huecos que permiten ver desde algunas estancias superiores el espacio situado debajo.

23

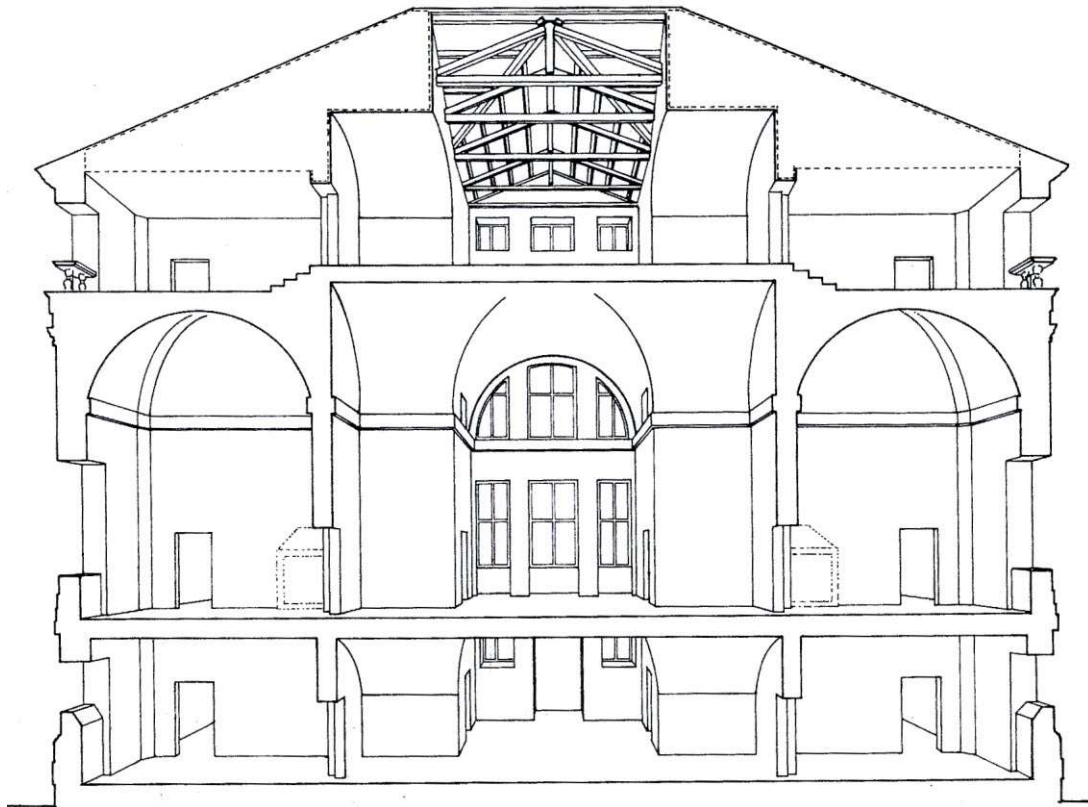
Esta sumptuosa casa desenvolve-se em três andares, que se distinguem espacialmente, penso eu, da seguinte maneira: o piso 0 para as atividades domésticas mais funcionais; o primeiro piso

²³ CORNOLDI, Adriano. LA ARQUITECTURA DE LA VIVIENDA UNIFAMILIAR – Manual del espacio doméstico – pág. 108. Dissertação de Mestrado Integrado em Arquitetura. Paulo Topa, Faup 2018.

destina-se aos "nobres" e suas acomodações; o segundo piso/cobertura serviria de depósito de mercadorias e consumíveis agrícolas.

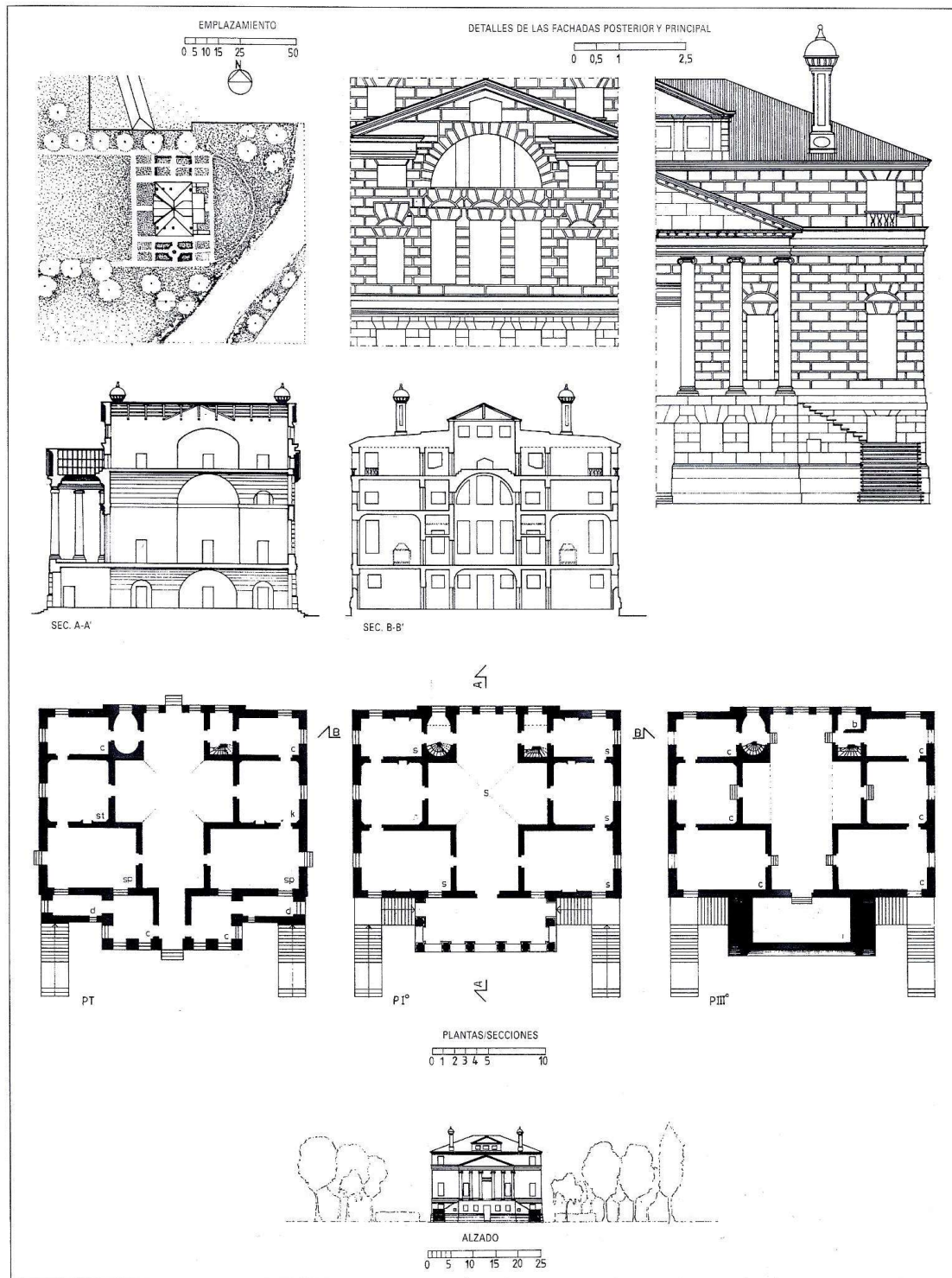
Este exemplo da Casa Foscari é provavelmente aquele onde o autor exemplifica fisicamente a sua arquitetura palladiana de uma das formas mais significativas.

Desenhos do livro como alicerces de estudo:



... 24

²⁴ CORNOLDI, Adriano. LA ARQUITECTURA DE LA VIVIENDA UNIFAMILIAR – Manual del espacio doméstico – pág. 108. Dissertação de Mestrado Integrado em Arquitetura. Paulo Topa, Faup 2018.



... 25

²⁵ CORNOLDI, Adriano. LA ARQUITECTURA DE LA VIVIENDA UNIFAMILIAR – Manual del espacio doméstico – pág. 109. Dissertação de Mestrado Integrado em Arquitetura. Paulo Topa, Faup 2018.



<http://ofhouses.tumblr.com/post/162384843014/444-andrea-palladio-villa-foscari-la>



<https://www.japluu.com/news/villa-foscari-la-malcontenta>



<https://lincantohotel.weebly.com/cose-da-vedere.html>



<https://divisare.com/projects/277787-andrea-palladio-atelier-xyz-villa-foscari-la-malcontenta>

... através do Tempo e do Espaço

Viagem 9

Vivienda Otomana

Viagem número 9 e passamos para o capítulo 7 Atlas .24 do livro.

A arquitetura do império Otomano desenvolveu-se de forma significativa adaptando a sua arquitetura tradicional à introdução de novos elementos espaciais influenciados pela arquitetura Persa e Bizantina, produzindo assim novos tipos arquitetônicos e um estilo muito próprio. A arquitetura otomana tem sido frequentemente descrita como uma síntese das tradições arquitetônicas do Mediterrâneo e Médio Oriente.

A **Casa Otomana** faz-nos lembrar um pouco a Casa Egípcia e Grega, relativamente às suas paredes herméticas, fechadas para o exterior, o que nos remete novamente para a casa que se desenvolve do exterior para o interior, privilegiando a intimidade. Mas de repente tudo se transforma, a esta particularidade que partilha com as suas congéneres do passado, contrapõe-se de imediato uma enorme contrariedade de atitude deste edifício para com os seus homólogos anteriores, é que esta formalidade só sucede no piso inferior, os pisos superiores ostentam uma enorme quantidade de aberturas para o exterior e alguma diversidade.

Toda a composição arquitetónica gira à volta da sua enorme galeria e a própria parece penetrar entre as restantes espacialidades habitáveis, definindo com clareza os quatro compartimentos dominantes, tanto do primeiro piso, como do segundo. Uma outra curiosidade é que esta enorme galeria é coberta, mas totalmente aberta para o exterior no seu paramento vertical. Esta atitude realça a escadaria e o seu palco desnivelado (mais alto, tipo palco/miradouro e dedicado a atos musicais ou representativos segundo o autor), tomando parte na composição frontal do Alçado Principal, fora do comum, mas interessante. Esta atitude é de facto caricata porque o piso inferior é totalmente encerrado e os pisos superiores, uma contradição absoluta, totalmente abertos, dialogando e estabelecendo relações francas com o exterior.

Os pisos superiores têm outra particularidade interessante, todos os compartimentos são desnivelados definindo a sua especificidade e espacialidade dentro desta composição habitável, o que nos faz lembrar um pouco a nossa Casa primitiva de Çatal Hüyük, na Anatólia, onde os desníveis eram fundamentais para atribuir o carácter formal de cada espaço. Curiosidade das curiosidades, Anatólia era uma região que se encontrava na atual Turquia, precisamente onde o Império Otomano foi erigido.

O Império Turco-Otomano

Formado a partir do século XIII, a partir do sultanato da Anatólia (Turquia).

Atingiu seu auge entre os séculos XVI e XVII

No século XIX, enfrentava a decadência interna e o imperialismo europeu, perdendo parte significativa de seu território. ²⁶

Outra situação igualmente peculiar nesta casa é a semelhança dos compartimentos com uma congénere do passado, relativamente à sua organização e ocupação ao longo do ano. Acho esta curiosidade interessante na medida que parece que vai buscar influências ao passado, o próprio autor refere no seu livro esta mesma ocorrência a qual passo a citar:

Un orden general caracteriza la organización de esta casa que diferencia los diversos espacios en función de los diversos momentos de vida colectiva a lo largo del día y del año; esta organización, que recuerda, por diversos aspectos, la de la domus romana, aquí sin embargo se encuentra distribuída en más niveles. ²⁷

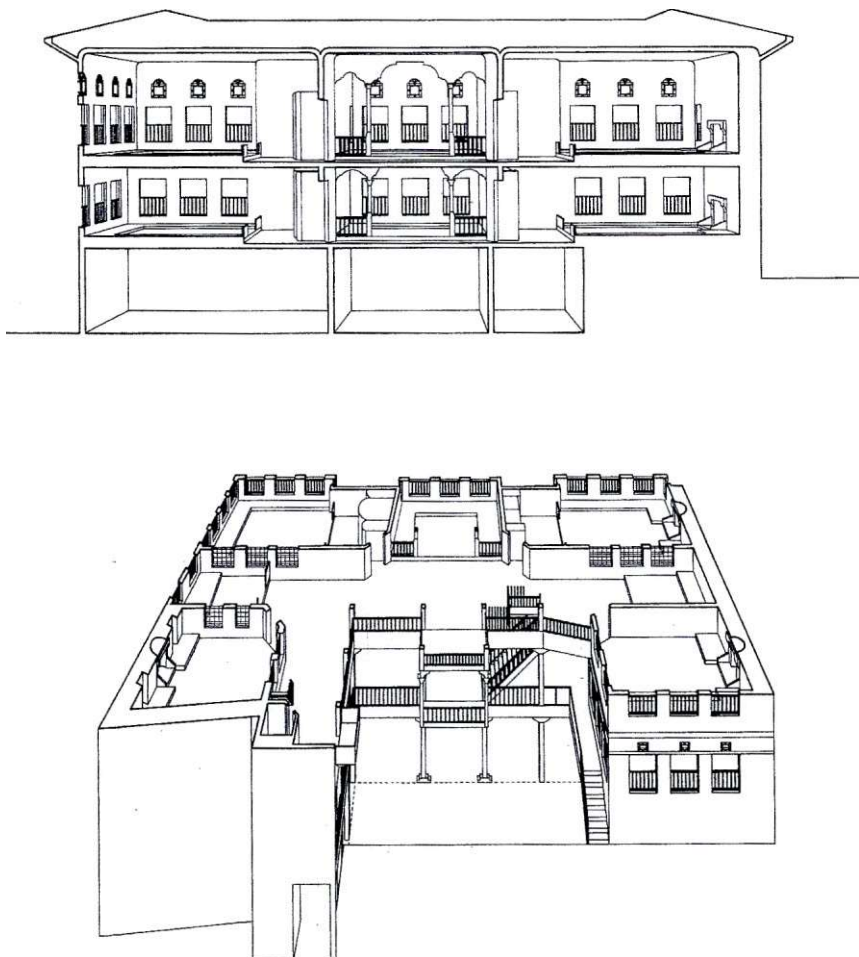
²⁶ <https://slideplayer.com.br/slide/1230936/>

²⁷ CORNOLDI, Adriano. LA ARQUITECTURA DE LA VIVIENDA UNIFAMILIAR – Manual del espacio doméstico – pág. 112. Dissertação de Mestrado Integrado em Arquitetura. Paulo Topa, Faup 2018.

Nesta viagem apercebemo-nos que as influências do passado se projetam nas várias espacialidades da casa, atribuindo-lhe um estilo e carácter muito próprio. A atitude dos Otomanos sobre adaptar as suas tradições arquitetónicas a novas influências é uma característica que não é exclusiva das casas típicas otomanas, reconhece-se igualmente esta atitude nas construções de carácter religioso ou monumental, ou seja, nas suas Mesquitas, Merdeses (Escolas Teológicas), Türbes (Mausoléus) e Madraçais Estatais (Edifícios do Estado).

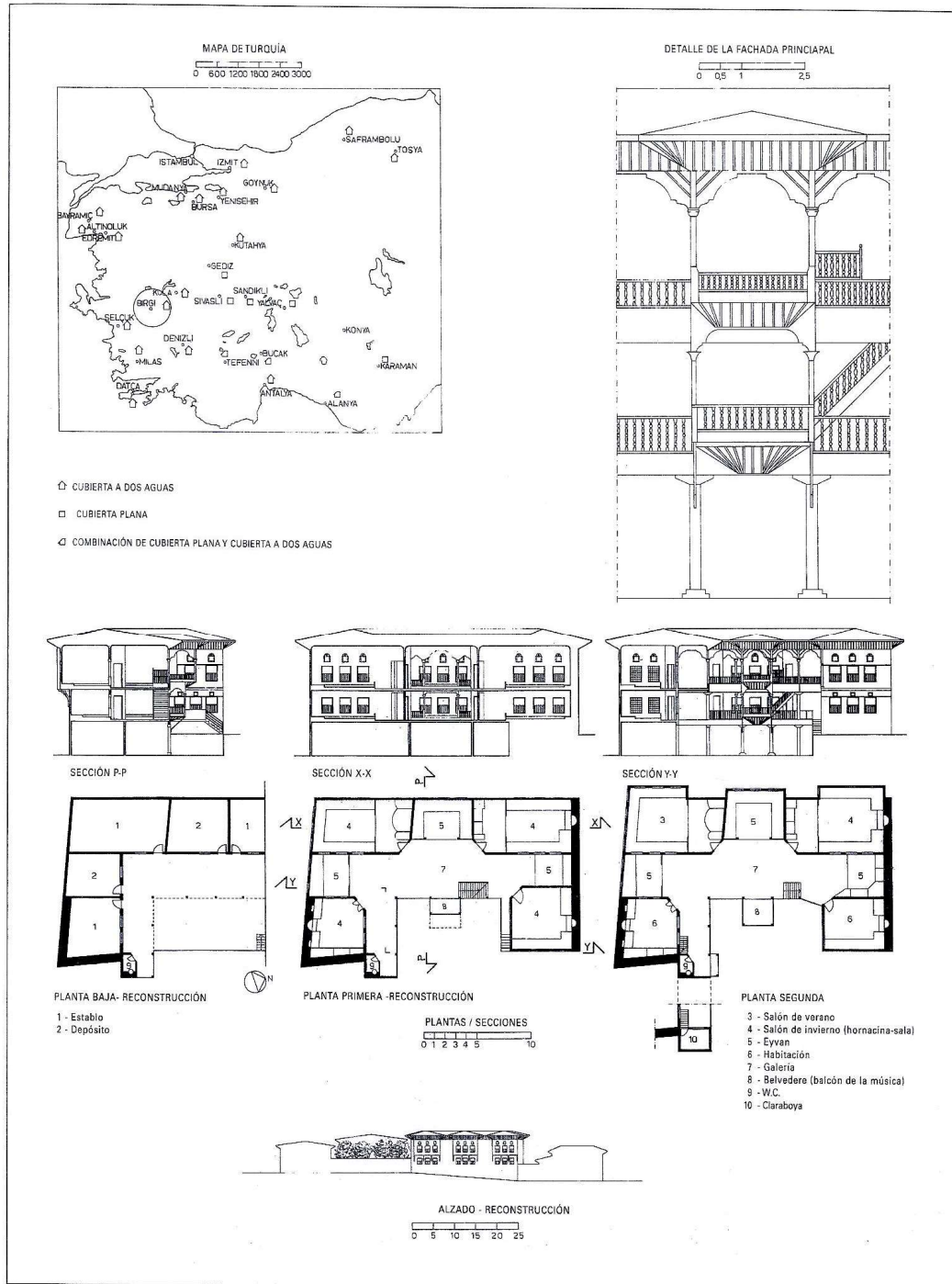
Desta forma se deu por terminada esta visita e encontramos-nos a fazer preparativos para a próxima...

Desenhos do livro:



... 28

²⁸ CORNOLDI, Adriano. LA ARQUITECTURA DE LA VIVIENDA UNIFAMILIAR – Manual del espacio doméstico – pág. 112. Dissertação de Mestrado Integrado em Arquitetura. Paulo Topa, Faup 2018.



... 29

... através do Tempo e do Espaço

Viagem 10

Grims Dyke

Chegamos desta feita à viagem 10 do capítulo 7 Atlas.32 do livro de estudo.

Casa Grims Dyke – Norman Shaw

Richard Norman Shaw, nasceu a 7 de maio de 1831, em Edimburgo, Reino Unido e morre a 17 de novembro de 1912, em Londres, Reino Unido. Norman Shaw, desenhou variadíssimas casas, edifícios comerciais e públicos, cada um deles com um estilo muito próprio e serviu de referência para as novas gerações de arquitetos. O seu procedimento arquitetónico compreendeu-se dentro das características do estilo Clássico Eduardiano do início do século XX.

O projeto que serve de estudo a esta visita refere-se a uma Casa Anglo-saxónica (casa Victoriana) de finais do século XIX, que segundo o autor apresentava características absolutamente antagónica comparativamente à sua precedente (casa Georgiana) e que passo a citar:

La vivienda anglosajona del siglo XIX (casa victoriana) presenta características estilísticas opuestas a las que se encontraban en el siglo precedente (casa georgiana). A los estilos neoclásicos se contraponen los neomedievales, al deseo de simetría el de asimetría; en cambio las características del espacio interior permanecen inalteradas.

Si bien las casas más notables de este período, como por ejemplo la célebre casa rosa de Webb, presentan implantaciones esquemáticas, casas menos notables, pero a la vez más interesantes, presentan ambientes caracterizados por la misma riqueza y variedad formal que las viviendas de Adam o de Soane. Lo dicho vale tanto para autores ingleses como Shaw, Baillie Scott, Voysey, Lutyens, Mackintosh como norteamericanos como Richardson, Little, Eyre, Price y Wright.³⁰

Apesar de estes últimos autores seguirem os ideais da arquitetura Neoclássica da época, como criativos que eram, apresentaram cada um deles, à sua maneira, ideias originais que permitiram maiores potenciais compositivos e mais ricos em matéria espacial.

Ao acedermos às imediações da casa apercebemo-nos que as paredes são realizadas em tijolo maciço, típico deste tipo de casas na época, molduras dos vãos na sua maioria em cantaria de pedra e uma espécie de arquitrave periférico e proeminente por quase todas as fachadas, realizado no mesmo tipo de pedra, e que ajudam na interpretação do desnivelamento interno que a casa comporta. Outros elementos que sobressaem na composição das fachadas são as sacadas e avançados exteriores realizados em madeira, com vários elementos ornamentais / decorativos do mesmo material e a imponência das várias chaminés na composição geral.

Para acedermos ao hall de entrada, penetramos primeiramente numa espécie de pré-átrio exterior coberto que nos confere uma sensação de conforto e proteção à chegada antes de abrirmos a porta. Após a transposição da mesma damos com um generoso átrio (hall de entrada), que apresenta como elemento dominante uma soberba escadaria, a qual permite a acessibilidade aos vários pisos e consequentemente aos diversos caracteres habitáveis da casa.

O primeiro piso é predominantemente de carácter social, pois é onde se posicionam os vários tipos de sala; sala de estar, jantar, vestíbulo de entrada, do lado direito relativamente a quem entra. Do lado esquerdo, encontram-se; cozinha, copa, despensa e suponho que uma generosa sala de repasto, pois os dados fornecidos pelo autor não são muito conclusivos e ou esclarecedores.

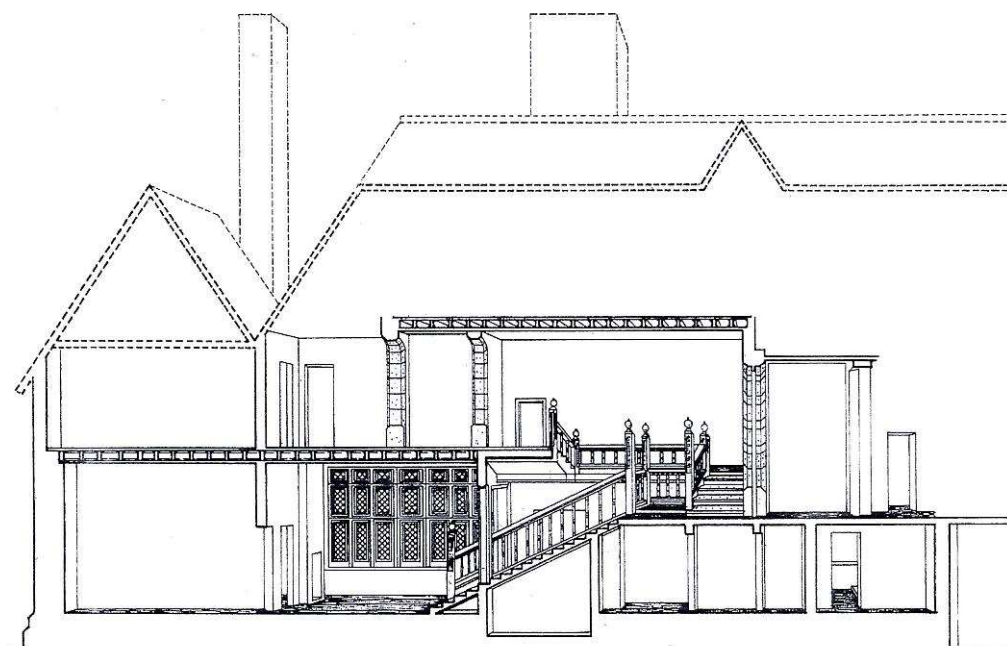
³⁰ CORNOLDI, Adriano. LA ARQUITECTURA DE LA VIVIENDA UNIFAMILIAR – Manual del espacio doméstico – pág. 126. Dissertação de Mestrado Integrado em Arquitetura. Paulo Topa, Faup 2018.

O segundo piso, por assim dizer, dado que este se encontra a meio piso da altura convencional de um piso completo, comporta a parte íntima da questão habitacional, dominada pelos quartos, sanitários, quartos de vestir e outros compartimentos de apoio a esta área.

O terceiro piso, ou seja, o meio piso seguinte, comporta um sumptuoso estúdio, biblioteca e unidades de apoio à área mais eclética da casa se assim podemos chamar. Por sua vez o vão-do-telhado comporta ainda algumas espacialidades, mas que às quais não se podem aferir o tipo de utilização, por a informação ser escassa, mas deduzo que serviriam como arrumos e outros afins do género.

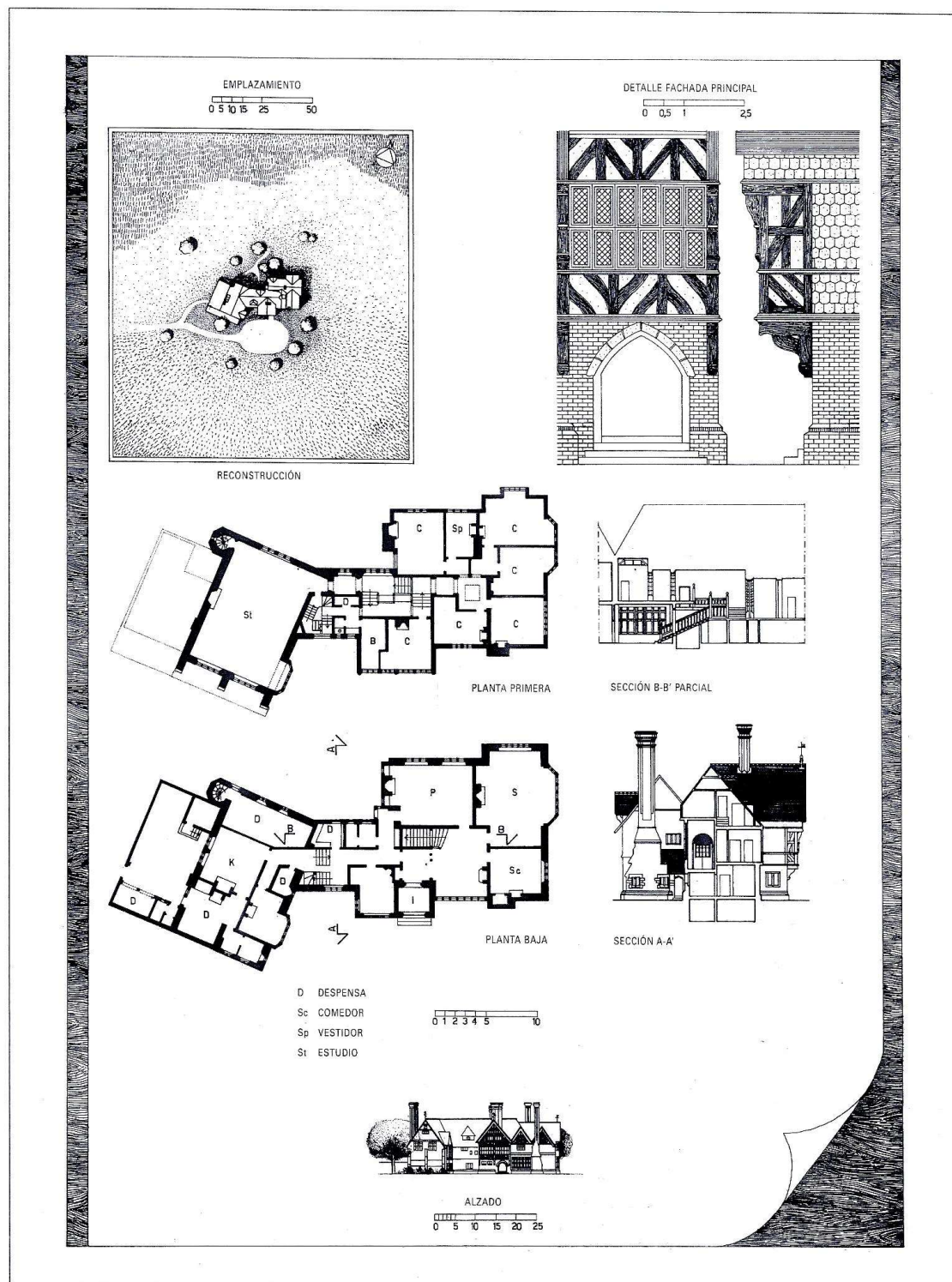
A inovação mais mediática nesta casa é a introdução magistral destes meios-pisos, que permitem espacialidades com uma variedade de pés-direitos, alguns deles duplos, uma espécie de mezaninos e uma variação constante de sensações ao longo do seu percurso. É o próprio pé-direito que confere o grau de importância do compartimento, bem como o seu carácter neste desenlace do habitável. Outra situação que merece a devida atenção é a sua assimetria, quando na grande maioria dos casos as casas da época primavam pela simetria espacial. Falta acrescentar ainda que aqui se começam a observar os cuidados com a luz com um pouco de maior acuidade, os vãos exteriores não são tão repetitivos, mas sim adequados a cada tipo de compartimento e às particulares necessidades deste.

Desenhos do livro:



... 31

³¹ CORNOLDI, Adriano. LA ARQUITECTURA DE LA VIVIENDA UNIFAMILIAR – Manual del espacio doméstico – pág. 126. Dissertação de Mestrado Integrado em Arquitetura. Paulo Topa, Faup 2018.



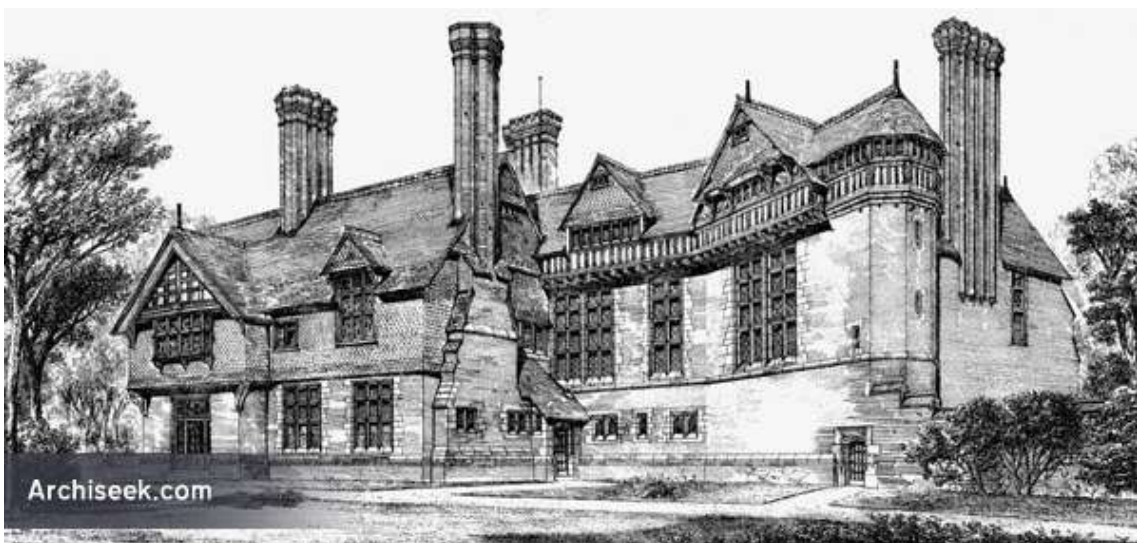
Desenhos e Fotos da casa Grims Dyke:



https://en.wikipedia.org/wiki/Grim%27s_Dyke#/media/File:Grims-dyke-1891.jpg



<http://archiseek.com/2013/grims-dyke-harrow-weald-kent/>



<http://archiseek.com/2013/grims-dyke-harrow-weald-kent/>

Viagem **11**

Casa D.D. Martin

**Vivienda para un Amante
del Arte**

Vivienda del Arquitecto

Viagem 11, capítulo 7 Atlas .37, .40 e .48 do livro.

Devido a esta fabulosa máquina do tempo, que por sua vez se vai adaptando mais rapidamente à modernidade e à proximidade temporal dos próprios autores, é possível realizarmos mais do que uma obra por visita, mesmo sendo elas construídas em lugares dispares umas das outras.

No primeiro caso muito peculiar desta visita, vamos visitar 3 obras de uma só vez: de Frank Lloyd Wright, Mackay Hugh Baillie Scott e Peter Behrens.

A primeira será a de Wright, que tal como os seus homólogos, foram caso de estudo durante o meu percurso académico, inclusivamente aquando fiz as provas de acesso à Faculdade de Arquitetura Universidade do Porto, o primeiro autor surgiu precisamente num deles, não com a obra que aqui vamos analisar, mas com a sua famosa Casa da Cascata; ...



<https://www.bbc.com/portuguese/vert-cul-40451624>

... a qual me valeu uma nota apreciável e consequentemente uma das que me deu acesso a esta prestigiada Faculdade. Bem... voltemos à visita, que é o que realmente importa e prosseguir com a nossa viagem através da evolução arquitetónica da CASA ao longo dos tempos.

Casa D. D. Martin – Frank Lloyd Wright

Wright, o autor da obra aqui em estudo escusa de apresentações muito substanciais, porque quem estuda arquitetura com propósito e seriedade, sabe que é uma das figuras que tem sobejamente de conhecer. A casa em questão foi construída em Búfalo, Nova Iorque, nos Estados Unidos. Esta casa insere-se no conceito das *Prairie Houses*, que quer dizer “casas da pradaria”, são casas urbanas construídas nos subúrbios de cidades de alguns Estados que compõem os Estados Unidos e reflete uma característica evidente que é a sua implantação horizontal numa grande área plana. As habitações deste tipo apresentavam-se ao nível da implantação e de uma forma geral, em Cruz ou duplo T, situavam-se em áreas verdes consideráveis, continham uma sintaxe espacial e articulação funcional ao nível das suas espacialidades uma linguagem muito própria. Em termos da composição formal das fachadas eram evidentes as lajes espessas, com grandes vãos entre apoios, consideráveis contrabalanços

(estrutura em suspensão), geometrias precisas, janelas em sequência e coberturas muito pouco inclinadas.

Obviamente, com as características acima enunciadas, este tipo de empreendimento só estava ao alcance dos mais abastados economicamente.

As obras de Wright caracterizavam-se por todas as anteriores valências e tinham como referência e ponto de partida o profundo conhecimento do Classicismo, influências de alguns dignitários e movimentos da arquitetura da época, tais como as da arquitetura vernacular inglesa ligada ao movimento Arts & Crafts europeu, influências da arquitetura tradicional japonesa, das obras de Henry Hobson Richardson e em particular de Louis Sullivan (autor e o primeiro arquiteto a seguir a célebre máxima "a forma segue a função"), com o qual inclusivamente chegou a laborar.

Aquando da transição para laborar e fazer experimentação por sua conta e risco, montando o seu próprio atelier, busca uma alternativa aos elementos de design e vocabulário estético com estilos anteriores da arquitetura clássica, nomeadamente a europeia. Com tal intento e pretendendo se afirmar pessoalmente no contexto e panorama arquitetónico da época, criou e desenvolveu uma forma característica de projetar estruturas que estivessem em perfeita harmonia com a humanidade e seu natural ambiente, filosofia essa que o mesmo apelidou de Arquitetura ORGÂNICA. Algumas das características peculiares deste movimento são as bases que procura ostentar na conjugação da sua composição, ou sejam, os quatro elementos primordiais da essencialidade, ar, terra, água e fogo. Dá-se nota disto nos elementos construtivos que normalmente utiliza e na posição "*sine qua non*" da lareira central, quase sempre de pedra, larga e firmemente plantada no centro da maior parte das suas composições, onde todos os restantes elementos arquitetónicos parecem irradiar a partir deste, como se fosse a fonte de vida da própria casa e conjugando ainda esse núcleo com os espaços mais fechados e outros consequentemente mais abertos ao ar, em contacto permanente com a própria natureza que os cerca.

Falando desta casa mais em concreto, pode-se observar que a predominância desta articulação horizontal permite espaços interiores abertos e bastante fluidos espacialmente, desde o momento em que se entra, até ao último dos compartimentos habitáveis. As áreas habitáveis interagem perfeitamente umas com as outras, quando se deambula pela casa, apercebemo-nos da ausência de paredes tradicionais que confinam os típicos corredores ou halls comunicantes, ou seja, uma área sucede livremente à outra sem que exista outra espacialidade de premeio. Uma outra característica interessante, é a ausência total de portas entre as espacialidades habitáveis, salvo nos compartimentos onde estas tenham realmente de existir. A privacidade dos espaços habitáveis é conferida pelas aberturas comunicantes entre eles com ângulos de visão extremamente bem elaborados, ora mais fechados, mais ou menos abertos ou totalmente abertos. Assim sendo, as áreas interiores desdobram-se em diversidade, promovendo vistas variadas e provocando a surpresa espacial que se pretende. Para realçar mais ainda esta integridade espacial o próprio mobiliário que faz parte do equipamento necessário à especificidade/função de cada uma, é inclusivamente incorporado nos elementos decorativos ou mesmo definidores do próprio espaço habitável.

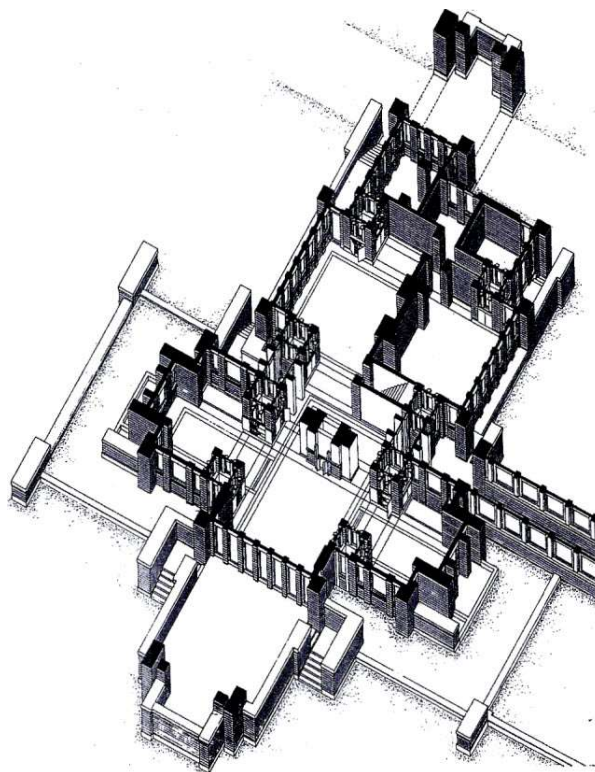
O percurso pela casa, neste caso em particular, vamos começar pela peça dominante, a grande lareira. Este elemento Arquitetónico, regulador de toda a composição, ou pelos menos assim parece, surge numa grande Sala de Estar que se estende até uma generosa Lógia exterior. Ao centro desta desenvolvem-se duas alas que dão o carácter cruciforme da sua composição

formal, na ala esquerda, surge a Biblioteca, na ala direita a Sala de Jantar. seguindo-se o eixo longitudinal da sequência espacial da sala no sentido do seu interior, deparamo-nos do lado esquerdo com uma sumptuosa Sala de Receção, ladeada ao seu lado direito pela Cozinha. Mais ao fundo e na sequência final da continuidade espacial, surge um Estúdio, o W.C. e a Lavandaria. Este tipo de fluência espacial é o que confere a esta casa o conceito de espaço único que Wright tanto procurou.

Voltando à sala principal, onde se encontra a predominante lareira, surgem a montante duas acessibilidades, primeiramente o Átrio Principal ou Antecâmara de acesso a toda esta espacialidade livre e fluida, seguidamente, encostada a esta, desenvolve-se a escadaria comunicante para o piso superior que comporta por sua vez a parte mais íntima da composição, os quartos e as áreas de apoio correspondentes.

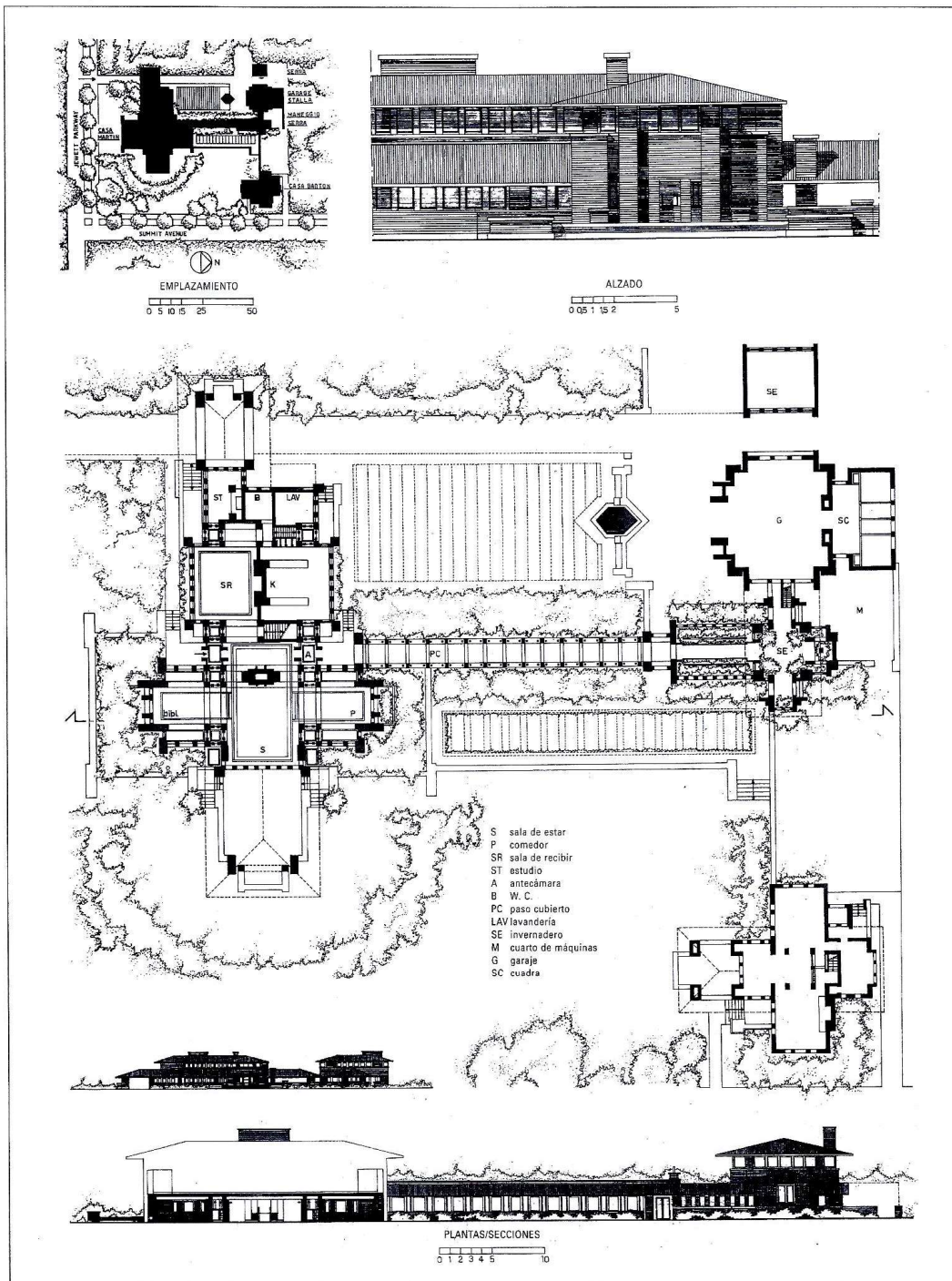
No enfiamento do Átrio principal, transversalmente ao eixo maior da casa, desenvolve-se um outro que alinha geometricamente o passadiço exterior coberto que comunica com uma generosa Estufa em termos espaciais e a sensivelmente 2/3 da sua área, surge um novo eixo transversal (este por sua vez paralelo ao dominante da estrutura principal da Casa), por onde se comunica com a Garagem e com os Estábulos. Ao lado da garagem e dos estábulos, de forma completamente isolada surge ainda uma segunda estufa, esta de menores dimensões que a primeira.

Em jeitos finais pode-se concluir desta visita que em substituição à rígida simetria clássica, pré-existente e dominante na época, contrapõe-se a conveniência à reciprocidade dos elementos arquitetónicos, ou seja, trata-se de uma nova forma de projeção onde o sistema indutivo é o do particular para o geral, resultando numa forma totalmente aberta e assimétrica...



... 33

³³ CORNOLDI, Adriano. LA ARQUITECTURA DE LA VIVIENDA UNIFAMILIAR – Manual del espacio doméstico – pág. 138. Dissertação de Mestrado Integrado em Arquitetura. Paulo Topa, Faup 2018.



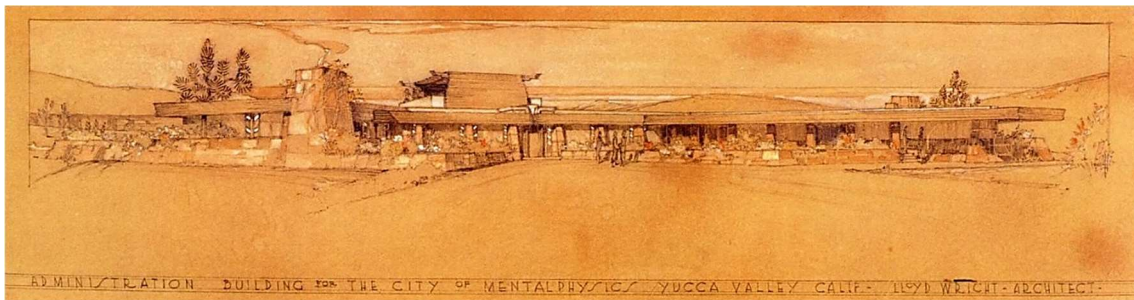
Antes de passar ao próximo autor, vou ainda postar alguns desenhos das obras de Wright, produzidos por si e de altíssimo carácter gráfico, provando o grande ilustrador que era e que me marcaram profundamente.



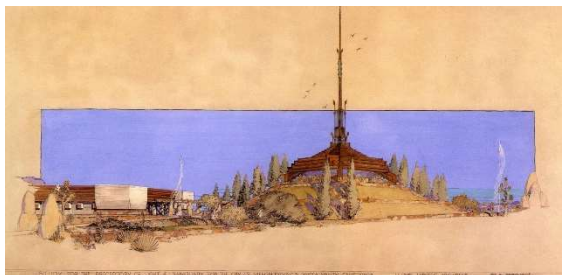
<http://robertostraub.com.br/frank-lloyd-wright/>



http://arch-grafika.ru/_fr/2/9928690.jpg



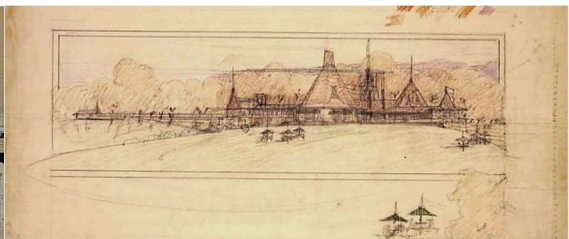
http://arch-grafika.ru/_fr/2/9928690.jpg



http://arch-grafika.ru/_fr/2/6931242.jpg

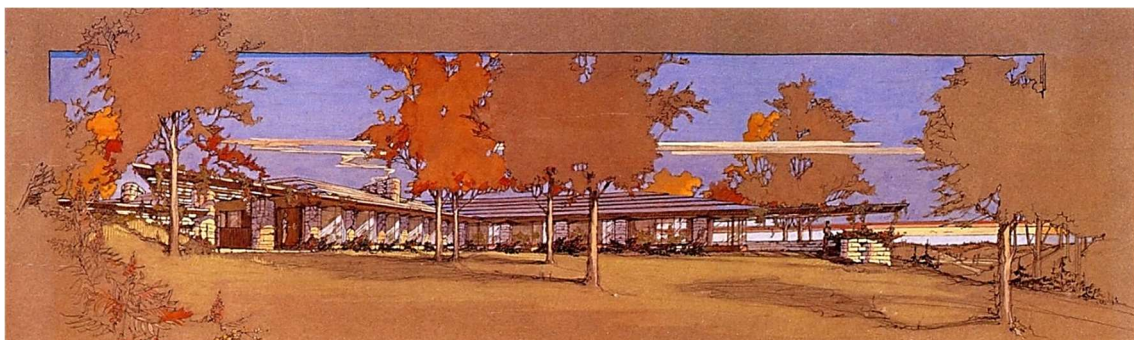


http://arch-grafika.ru/_fr/2/9294071.jpg

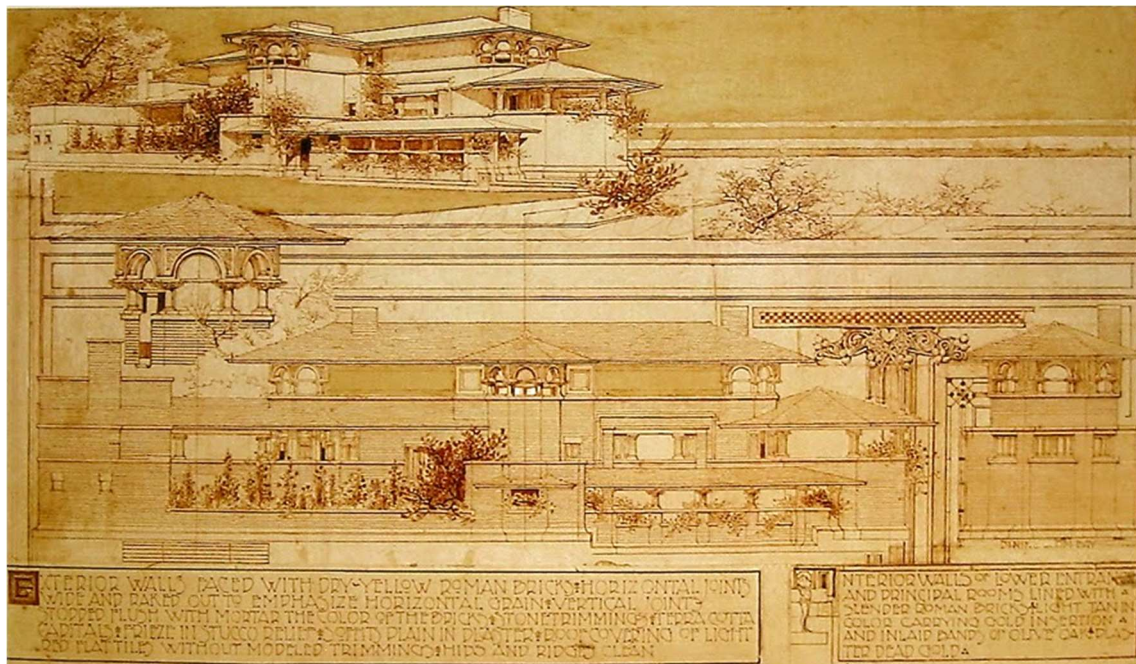


<http://illustrationart.blogspot.com/2007/05/revisiting-frank-lloyd-wright.html>

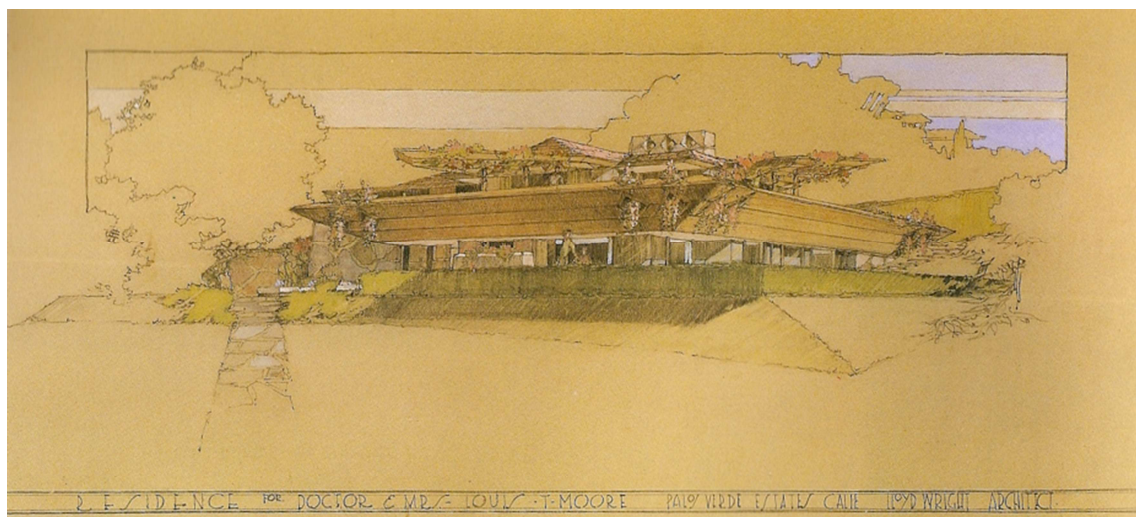
<http://www.sanmartin-arts crafts.com/2014/06/frank-lloyd-wright-architectural.html>



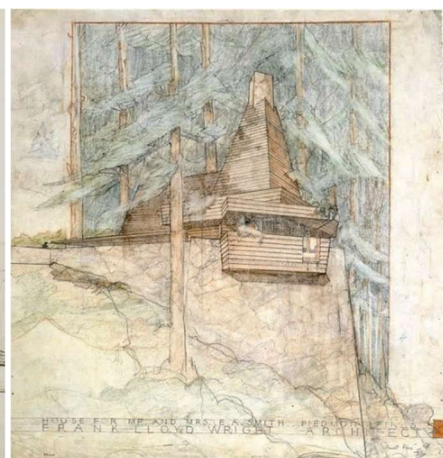
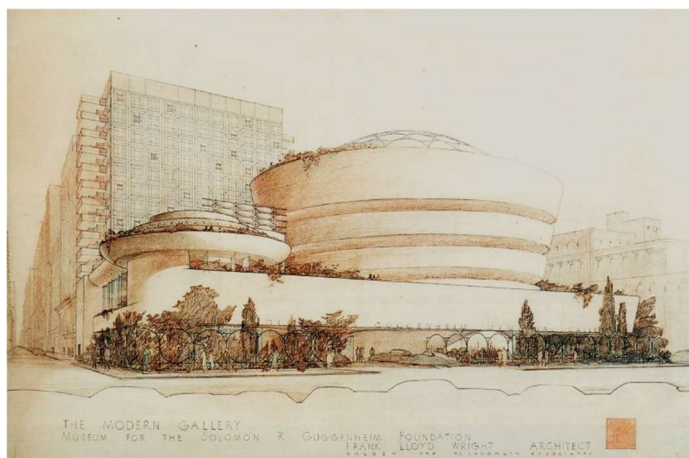
http://arch-grafika.ru/_fr/2/6352794.jpg



<http://www.sanmartin-artschools.com/2014/06/frank-lloyd-wright-architectural.html>



<https://archinect.com/forum/thread/98926/help-save-lloyd-wright-s-moore-house>



<http://acidadebranca.tumblr.com/post/26425032679/architectural-color-sketches-057-frank-lloyd>
<https://i.pinimg.com/originals/53/79/e7/5379e74148795a9f0ad0bffa84345e.jpg>

Casa para um Amante da Arte - Mackay Hugh Baillie Scott

Passamos desta vez para o segundo autor. Baillie Scott foi um Arquiteto reconhecido no seu meio, mas também se notabilizou como Escritor, Paisagista e Designer de Interiores. Como autor de arquitetura e muito cedo na sua carreira foi influenciado pela arquitetura Neogótica e pelo movimento de Arts & Crafts, mais tarde desenvolveu um estilo único, tal como Wright, procurando uma arquitetura de formas simples, atribuindo o carácter próprio e verdadeiro dos materiais que utilizava, perfeitamente integrados na função a que se destinam e dentro de uma conceção artesanal cuidada. Além do extremo cuidado na conceção e feitura das suas obras, podem-se observar as suas próprias ideias acerca do uso dos espaços, da luz e textura em grande escala e na constância da experimentação ao longo da sua vida.

Este projeto/estudo contém já características muito aproximadas dos seus intentos finais.

A implantação da casa em termos formais, deriva de um eixo central dominante, a partir do qual surgem dois novos eixos a 45º graus, formando um V, que regulam espacialmente o restante desenvolvimento da casa.

Quanto ao desenvolvimento das áreas em termos espaciais, no eixo geratriz e a partir de um terraço exterior, que se acede do ponto de entrada transpondo alguns degraus, posiciona-se um imenso Hall de Entrada com pé-direito duplo, antecedido por uma Antecâmara que tem agregada ao seu lado direito um espaço de forma circular tipo vestíbulo e de transição espacial. Continuando no sentido do eixo principal, penetramos numa espécie de Lógia (Galeria) por baixo da qual se acede a um terraço exterior que se posiciona no tardoz da casa.

A partir do eixo inclinado que se desenvolve para o lado esquerdo surgem: W.C. das visitas, Sala de Jantar, Sala de Pequenos Almoços, Sala Privada do dono da casa, Sala dos Serviços, Cozinha, áreas complementares de Serviços, Arrumos e um pequeno W.C. de apoio.

A partir do eixo inclinado que se desenvolve para o lado direito e no mesmo tipo de sequência surgem: Sala da Música, uma espécie de Auditório e Sala de Estar, Sala Reservada à senhora da casa, Estúdio (que precede a espacialidade circular agregada à antecâmara de entrada) e por último a Escadaria Principal por onde se acede ao piso superior. Nos interstícios da sala da senhora e o estúdio, integrado no alinhamento dessa fachada, surge ainda uma espécie de pátio coberto, provavelmente com um fontanário no seu centro.

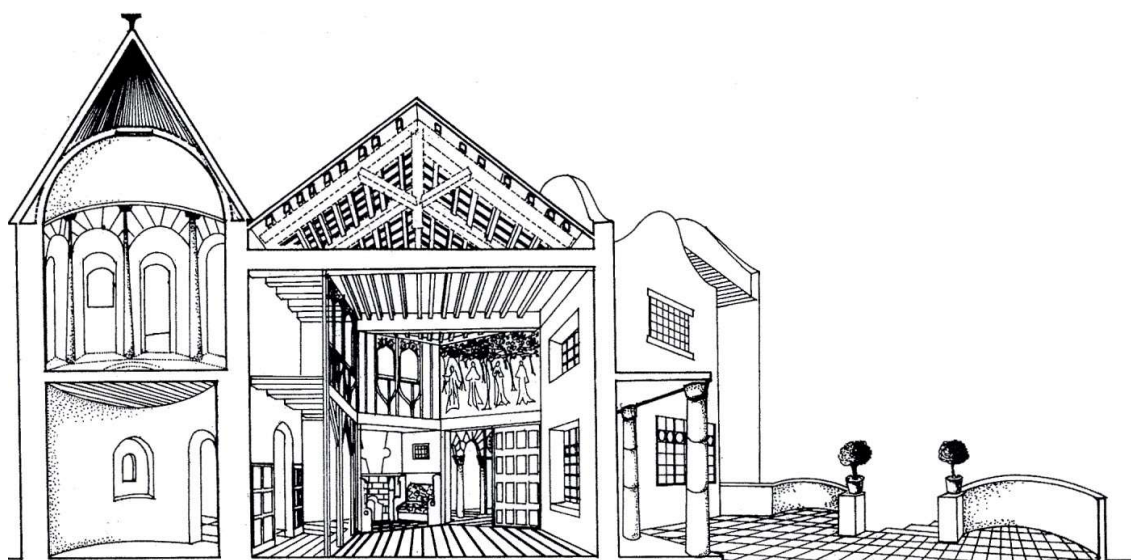
Relativamente ao piso superior (este de carácter mais íntimo e privado) e a partir da ala esquerda surgem: cinco Quartos, zona de vestir e a respetiva instalação sanitária de apoio a estes compartimentos. A partir da ala direita surgem: quatro Quartos e a instalação sanitária correspondente.

O elemento preponderante desta composição arquitetónica, parece-me ser o grande Hall de entrada, com a sua generosa dimensão e majestuosidade conferida a este por intermédio do seu pé-direito duplo, acrescendo ainda o elemento do mezanino superior e bem elaborado que permite o contacto visual com toda a entrada. É a partir deste centro espacial que tudo sucede, funcionando assim como peça geratriz e fundamental a toda a restante espacialidade da casa.

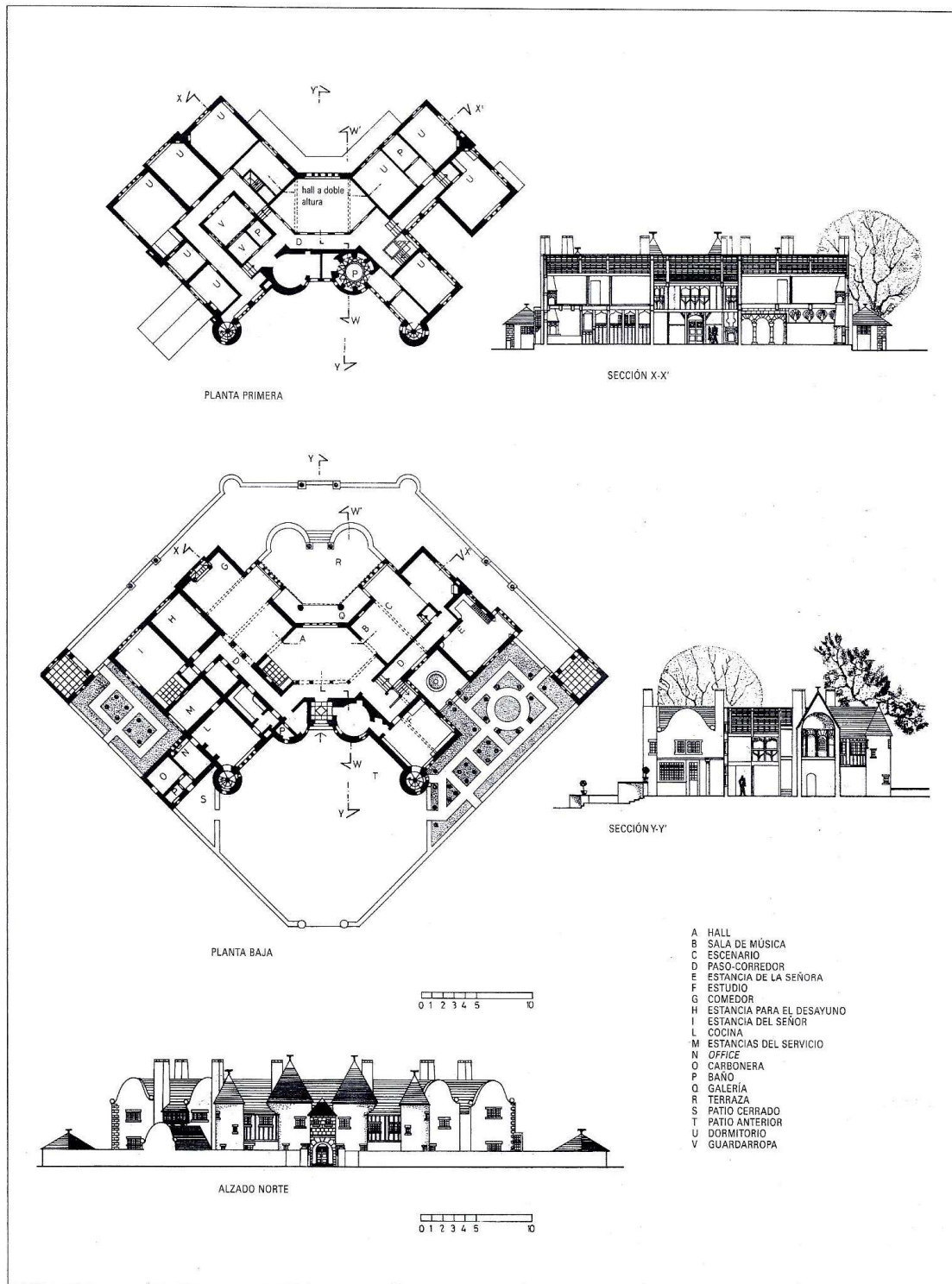
Apesar de ser admirador confesso de Wright, comparativamente a este autor e a muitos outros, por ter sido um arquiteto que me marcou imenso e exerceu uma certa influência em mim na forma da projeção ao longo desta minha caminhada académica, tenho de reconhecer que esta

obra é também ela um exemplo do convite à modernidade e à evolução da própria Arquitetura. No final desta visita e mais uma vez, porque exprime melhor do que eu próprio serei capaz, vou deixar o trecho final do autor que finaliza de forma correta e sintética acerca das sensações que esta casa nos transmite ao longo do seu percurso e que passo a citar:

Por la riqueza de las relaciones espaciales y la capacidad del autor de controlarlas, el conjunto transmite una sensación de admirable equilibrio entre orden y libertad, fantasía y claridad de invención. ³⁵



³⁵ CORNOLDI, Adriano. LA ARQUITECTURA DE LA VIVIENDA UNIFAMILIAR – Manual del espacio doméstico – pág. 144. Dissertação de Mestrado Integrado em Arquitetura. Paulo Topa, Faup 2018.



Casa do Arquiteto - Peter Behrens

Passamos desta vez para o terceiro autor, Peter Behrens que nasceu em Hamburgo a 14 de abril de 1868, e ainda bastante novo mudou-se para Munique em 1890. No início da sua carreira começou como pintor, ilustrador e encadernador. Fazendo parte de um cenário artístico elitista de Munique, deu os primeiros passos arquitetónicos dentro do estilo Art Nouveau, o estilo mais popular da sua época. A convite do Grão-duque Ernst-Ludwig de Hesse, por volta de 1899, ingressou na Colônia de Artistas de Darmstadt, onde lhe foi oferecida a oportunidade de construir sua própria casa, ou seja, a casa do presente estudo.

Apesar das influências da Art Nouveau, Behrens desenvolveu aqui um estilo um pouco mais austero e despojado de elementos como primeiro passo de afastamento aos estilos decorativos anteriores e características principais do movimento inicial de influência, introduzindo assim uma nova atitude e uma base forte de inspiração para aquilo a que chamamos hoje, o Movimento Moderno ou Modernismo. Este arquiteto alemão foi de tal forma influente que no seu atelier trabalharam jovens promessas e posteriormente figuras confirmadas do panorama arquitetónico mundial, tais como: Le Corbusier, Mies van der Rohe e Walter Gropius.

Nesta projeção da sua própria casa, apercebemo-nos do exterior e de imediato que planeou grandes janelas, supostamente para irradiarem luz abundante aos compartimentos interiores, integrou as chamadas Bow-Windows e as fachadas são despojadas de alguns dos vários elementos decorativos e compositivos do passado mais recente, mas não evita inteiramente a arquitetura tradicional, utilizando ainda frontões e paredes de canto lembrando um templo clássico abstraído.

Quando penetramos na casa propriamente dita, ao nível da entrada surge o sempre conveniente Hall de Entrada principal, mas desta vez com uma espacialidade mais contida e sem grandes ornamentações que as suas congéneres anteriores. Após a sua transposição, do lado direito surge a escada que leva aos pisos superiores e, do outro, desce-se dois ou três degraus (não consigo precisar) para a Sala de Música, na sua continuidade, voltando a subir o mesmo número de degraus, acede-se por sua vez à Sala de Jantar. A área da sala da música é quadrada e mais reservada, a sala de jantar tem uma atmosfera deliberadamente contrastante com a sala anterior, é maior, do tipo retangular, alegremente iluminada por uma arquibancada e a sua decoração é em tons claros. Desta última sala existe uma comunicação a um pequeno terraço exterior do qual, por intermédio de uma escada nos espera o jardim meticulosamente estudado por Behrens. Do lado oposto à sala de jantar existe uma pequena Saleta de Visitas, que comporta uma pia, destinada ao encontro das senhoras e ainda um pequeno W.C. de apoio. Este piso como facilmente se apercebe é caracterizado pelos compartimentos projetados para receber visitas de forma elaborada e elegante.

O primeiro andar é composto pelo Quarto principal, um pequeno Quarto que ladeia o principal, mas é comunicante com este, uma grande sala de estar de teor mais privado, secundado por uma outra sala, esta de dimensões substancialmente mais reduzidas, com assento integrado na própria bow-window e destinada provavelmente aos afazeres mais particulares da senhora da casa. O apoio sanitário deste piso, ou seja, a casa de banho encontra-se de premeio ao quarto mais pequeno e à escadaria principal.

O segundo andar ou vão de telhado, destina-se essencialmente ao estúdio e à biblioteca comunicante de Behrens, que se estende até à cumieira.

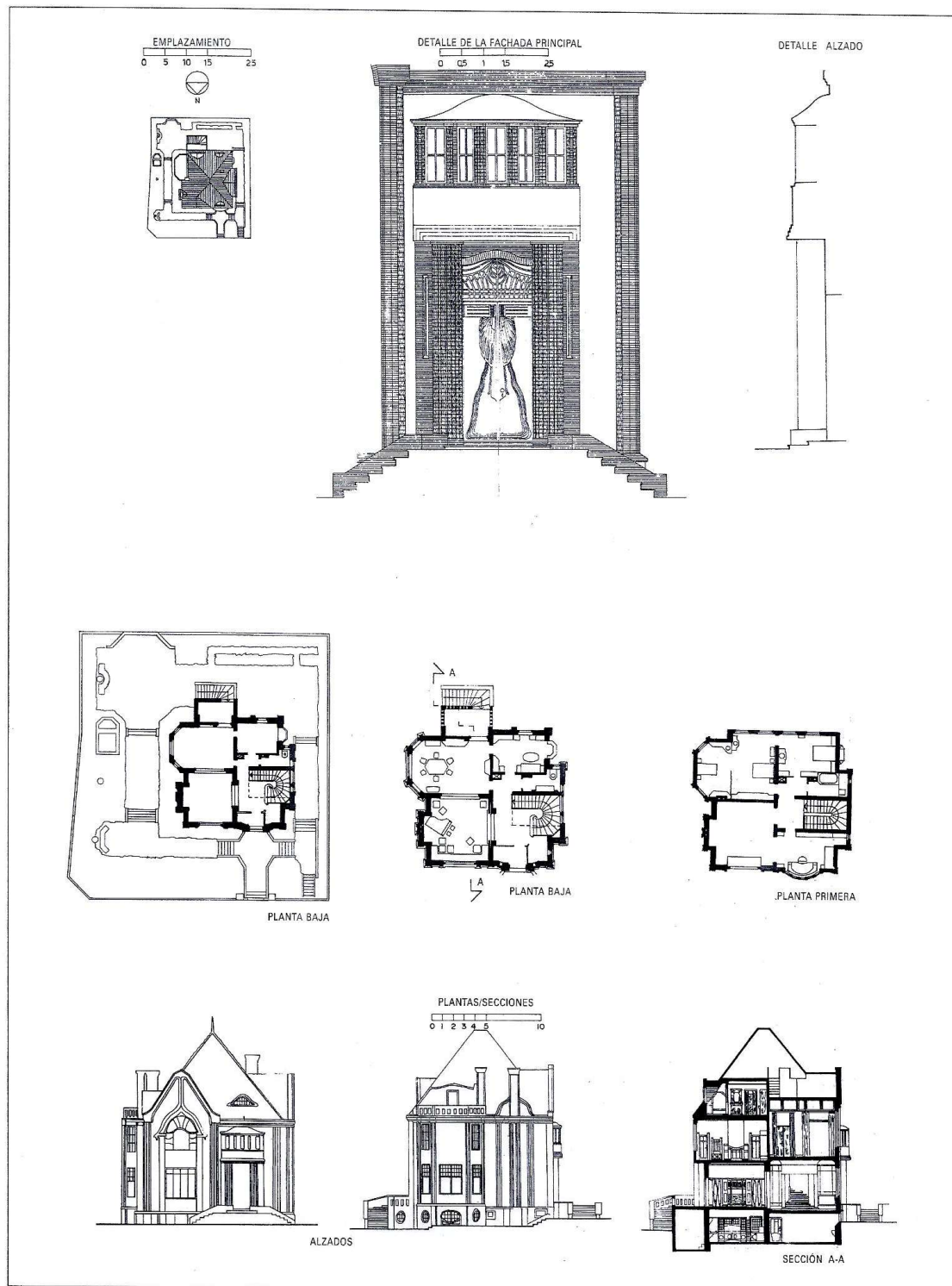
Em jeitos de apreciação geral a expressão arquitetónica interna e externa era incomum para a época, devido especialmente à original combinação das características habitáveis e do tipo de carácter funcional atribuídas por Behrens. Uma outra característica interessante e que importa também ressaltar, é o que este provoca em termos espaciais com os desníveis cuidadosamente criados nos pisos superiores, ora uns mais altos, ora outros mais baixos, promovendo o carácter diferenciado e devido aos próprios espaços, uma diversidade espacial constante e por sua vez, uma promenade composta de belas sensações.

Desenhos do livro:



37

98



... 38

... através do Tempo e do Espaço

³⁸ CORNOLDI, Adriano. LA ARQUITECTURA DE LA VIVIENDA UNIFAMILIAR – Manual del espacio doméstico – pág. 161. Dissertação de Mestrado Integrado em Arquitetura. Paulo Topa, Faup 2018.

Viagem **12**

Casa **Strasser**

Casa **Kallenbach**

Casa **Lovell**

Viagem 12, capítulo 7 Atlas .54, .62 e .65 do livro.

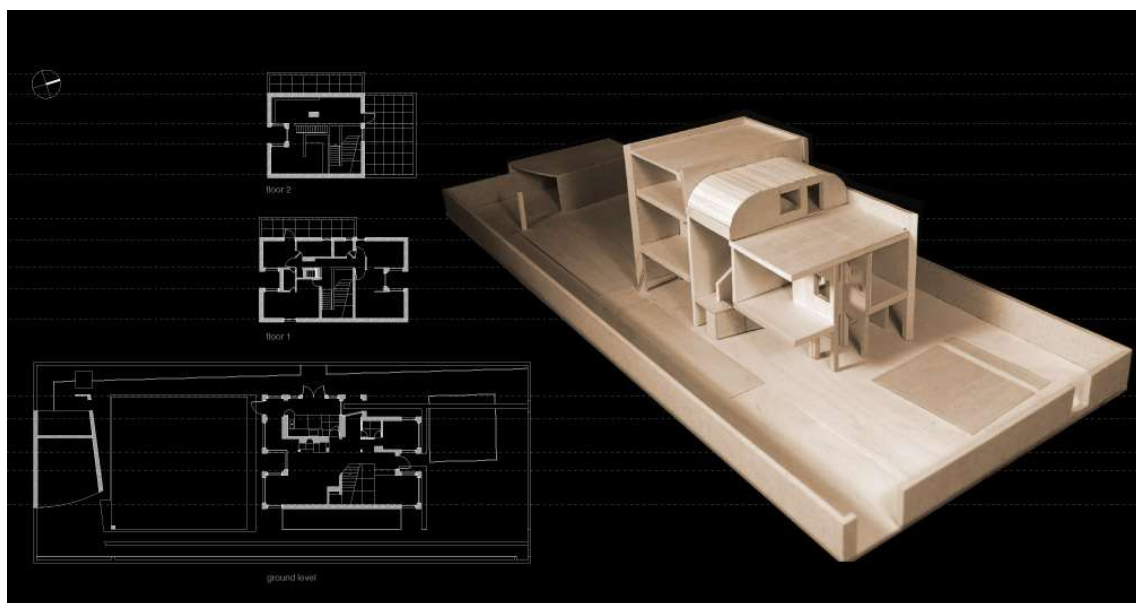
Na senda do que se passou anteriormente, esta fabulosa máquina do tempo, leva-nos a visitar mais três obras em simultâneo provocadas pelos mesmos motivos expressos anteriormente, ou seja, a sua adaptação à modernidade e à proximidade temporal dos autores. Os autores são: Adolf Loos, Walter Gropius e Rudolph M. Schindler.

Casa Strasser - Adolf Loos

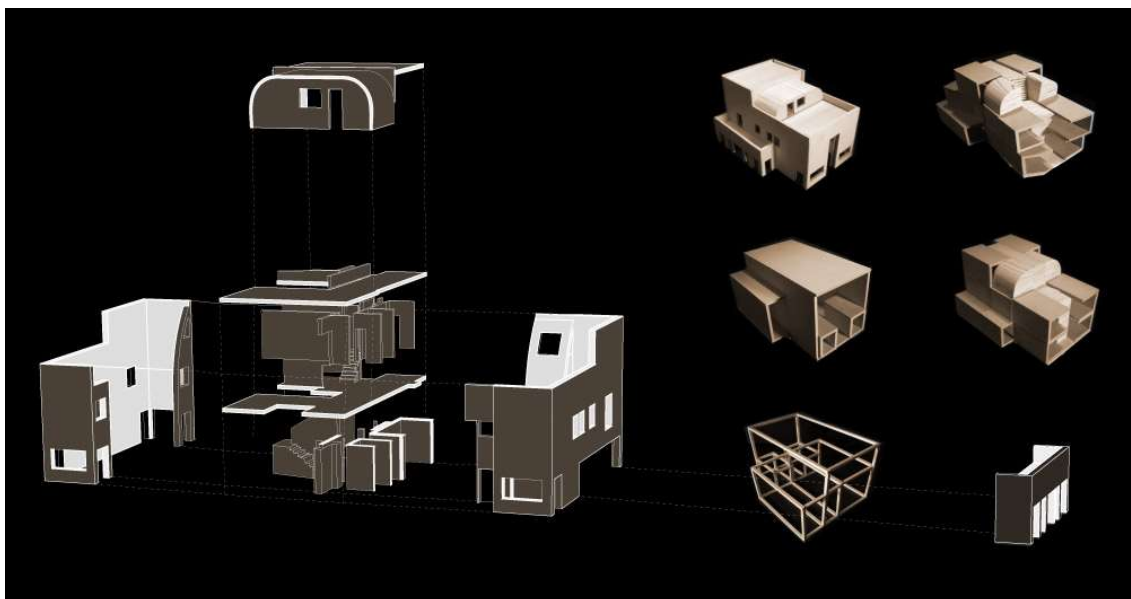
Este notável arquiteto, nasce em Brno, República Checa a 10 de dezembro de 1870, vive até 1933 e exerceu a sua profissão na Áustria durante largos e frutíferos anos.

Sendo um dos pioneiros da arquitetura moderna, Loos realiza um memorando teórico e crítico sobre o próprio Modernismo em arquitetura e design. As suas premissas relativamente ao seu desacordo com algumas das bases do Modernismo, deram origem ao seu próprio fundamento arquitetónico, criando espaços singulares e com larga expressão do imaginário. A sua projeção partia da profunda compreensão do ato de habitar e somente a partir dessa compreensão partia para a idealização do espaço arquitetónico. Esta atitude constata-se no plano que o próprio desenvolveu, chamado de "Raumplan" (plano espacial), que é nada mais nada menos, que o seu método de organização dos espaços interiores, os quais procuravam a modernidade intemporal, compostos por uma intrigante complexidade e teatralidade dos seus espaços. O nosso conceituado, galardoado e estimado Siza Vieira é inclusivamente um dos seus grandes admiradores e toma-o como referência na feitura projetual e no desenvolvimento da obra de sua autoria, a Casa Avelino Duarte, Ovar, realizada em 1980-1984.

Fotos da casa Avelino Duarte:



<http://www.forsterdavid.org/img/content/big/archST/02.jpg>



<http://www.forsterdavid.org/indexBig.php?p=archST>

Durante a prática da arquitetura, Loos explorou a ideia de que para a evolução arquitetónica prosseguir está intrínseco o progresso da própria cultura humana e para a qual a ornamentação não era parte fundamental do processo criativo e da busca do bem-estar. Está incluso ainda nesta sua fundamentação que os próprios artesãos e construtores desperdiçavam o seu tempo indevidamente, na medida em que com o passar do tempo o objeto se tornaria obsoleto. A sua arquitetura, era realmente despojada de ornamentação e segundo ele seria o caminho natural a seguir na consequente evolução arquitetónica, pese embora que o próprio Loos, não nos exteriores, mas nos interiores de alguns dos seus edifícios tenham sido finalizados com materiais ricos e onerosos, tais como pedra natural, mármore e madeiras exóticas. Como defesa à sua própria tese e atenuante desta sua atitude, ele exibia os padrões naturais dos respetivos materiais, bem como deixava bem evidentes as suas próprias texturas e estes eram tratados somente por uma classe artesanal altamente qualificada. Segundo ele, a distinção da sua atitude comparativamente com a de seus homólogos, residia não entre o complicado ou o simples, mas sim entre uma decoração "orgânica" ou supérflua.

Depois de todo este introito, passemos agora à obra de estudo e motivo da nossa visita.

Esta casa unifamiliar de Loos, compreende-se em duas vertentes, uma a pré-existência e suas condicionalidades e a outra a introdução do seu conceito arquitetónico na sua reestruturação, ou se assim lhe podemos chamar, reabilitação habitacional.

Devido à condicionante da pré-existência o seu método, RAUMPLAN, que prima pela diferença de níveis e alturas na distribuição ao longo das habitações, poupando espaço e dinheiro, um projeto mais racional e funcional e a ausência do ornamento em suas fachadas, investindo mais, isso sim, no interior com materiais nobres, tipo o mármore e madeira, poderão ser aqui algo condicionadas, ou não. Vejamos se isso se verifica e o que acontece ao longo do nosso percurso.

Ao nos acercarmos da Casa Strasser, um dos seus predicados teóricos é de facto cumprido, a falta de ornamentação é evidente, pelo menos comparativamente com as demais composições

da época. Esta nova reconfiguração arquitetónica, produzida por Loos, exigiu modificações estruturais na casa, mas o volume exterior do próprio edifício não foi significativamente alterado, se excetuarmos a abóbada de metal semicircular pré-existente, com o intuito de se criar um sótão no vão do telhado, que forneceria assim outro piso acessível. As fachadas denotam também uma comunicação contida e controlada com o exterior e meio-ambiente circundante, minimizando assim o diálogo interior / exterior, típico das características loosianas.

Quando acedemos à casa, desta vez guiados pelo autor do livro, em virtude de não encontrar outros apoios literários, quer sobre a pré-existência e a sua nova configuração espacial, quer sobre planos ou desenhos da mesma, a não ser os do livro deste estudo, que não são explícitos, incompletos e nem tão pouco identificam compartimentos. Assim sendo, esta visita será assim um pouco mais atribulada, talvez até, um pouco confusa. Bem, prosseguindo viagem...

Após passarmos a antecâmara e o Hall de Entrada principal, para seguirmos em frente temos de transpor uma escadaria, com cerca de cinco a seis degraus, através da qual acedemos a uma espécie de grande salão (praticamente fechado, excetuando a fachada principal, a qual contém uma janela de friesta longitudinal, que permitiria a ventilação do local) e que serviria, deduzo eu, de armazém e arrumos necessários à utilização e manutenção da casa. Contornando por sua vez todo o salão e o enredo complexo das escadarias, posicionava-se a cozinha e os correspondentes compartimentos de apoio, reduzidos ao mínimo.

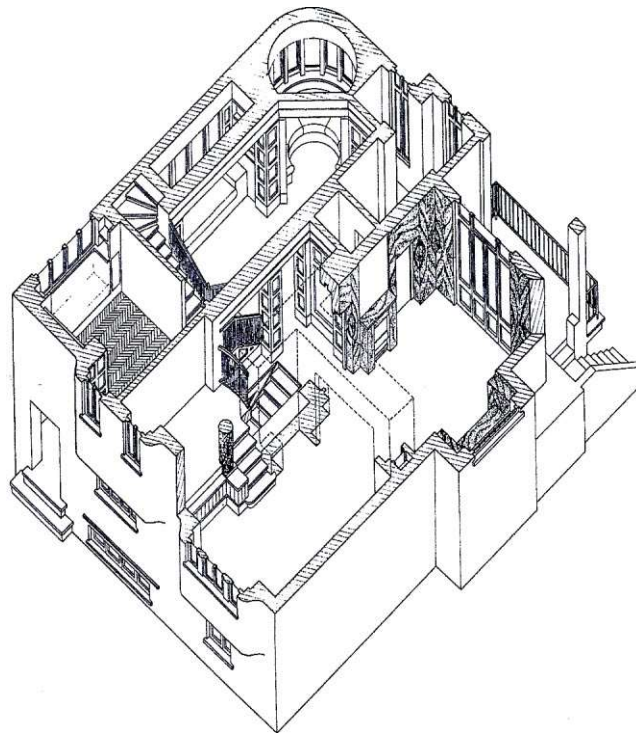
Para acedermos ao primeiro piso, regressamos de novo ao hall de entrada principal e desta vez, não se segue em frente, mas sim volta-se à direita, onde nos recebe uma espécie de Átrio, com um pequeno vestíbulo ao fundo do nosso lado esquerdo e é ao seu lado que surge a escadaria que nos eleva ao piso superior. Após a transposição da referida escadaria principal, aportamos num pequeno recetáculo espacial, tipo hall de distribuição, por trás do qual se posiciona o elevador que permite uma acessibilidade entre pisos mais célere e cómoda. Neste hall de chegada, se virarmos à esquerda acedemos a um espaço que suponho ser a Sala de Estar de carácter mais social e dedicada às visitas, a qual contém uma espécie de retiro, para o chá ou degustação, com uma forma espacial ovalizada. Esta forma aproveita a própria semi-curvatura da fachada estendendo, ou prolongando-a para o interior, atribuindo-lhe assim a sua forma ogival. No sentido oposto a esta sala, ou seja, na direção da fachada principal, novo desnível de meio piso e penetramos no que penso ser um Estúdio voltado para a frente de rua. O próprio desnível de meio piso, através do qual se acede ao estúdio, integra a escadaria que dá acesso à parte mais reservada e íntima da composição da casa.

Encontrando-nos ainda no mesmo piso referido há pouco e mais uma vez no suposto hall de chegada após a escadaria principal, voltamos à direita e aqui desenvolve-se uma grande sala, composta por três secções, a primeira espacialidade (mais uma dedução minha), era a Sala de Jantar, com carácter mais íntimo e com uma sumptuosa janela projetada para o exterior, tipo bow-window, com poltronas integradas na mesma. Na sequência desta sala e no sentido da fachada principal surgem as restantes duas espacialidades. Desta vez surge uma outra sala, esta de maiores dimensões por combinar duas espacialidades e com requintes de malvadez (no bom sentido) por parte do autor, o espaço menor dos dois encontra-se curiosamente e mais uma vez a meio-piso do anterior, funcionando este como um tipo de pequeno mezanino ou palco e dedicado muito provavelmente ao campo artístico e musical. O carácter destas duas salas, quanto a mim, são igualmente de âmbito reservado, mas potencia a socialização e o contacto visual, precisamente por terem um diálogo assumido com o próprio exterior, produzido pela generosidade do vão e por estas se contextualizarem arquitetonicamente na fachada principal, consequentemente a frente comunicante com a rua.

O piso que se posiciona acima deste, não se encontra nos desenhos, mas seguramente será à parte mais reservada e íntima da casa, ou seja, reservada a Quartos, Sanitários, quarto de vestir e outros apoios devidos. Quanto ao vão-do-telhado, a planta não tem as suas características expressas, ou seja, seria mera adivinhação atribuir-lhe carácter e função.

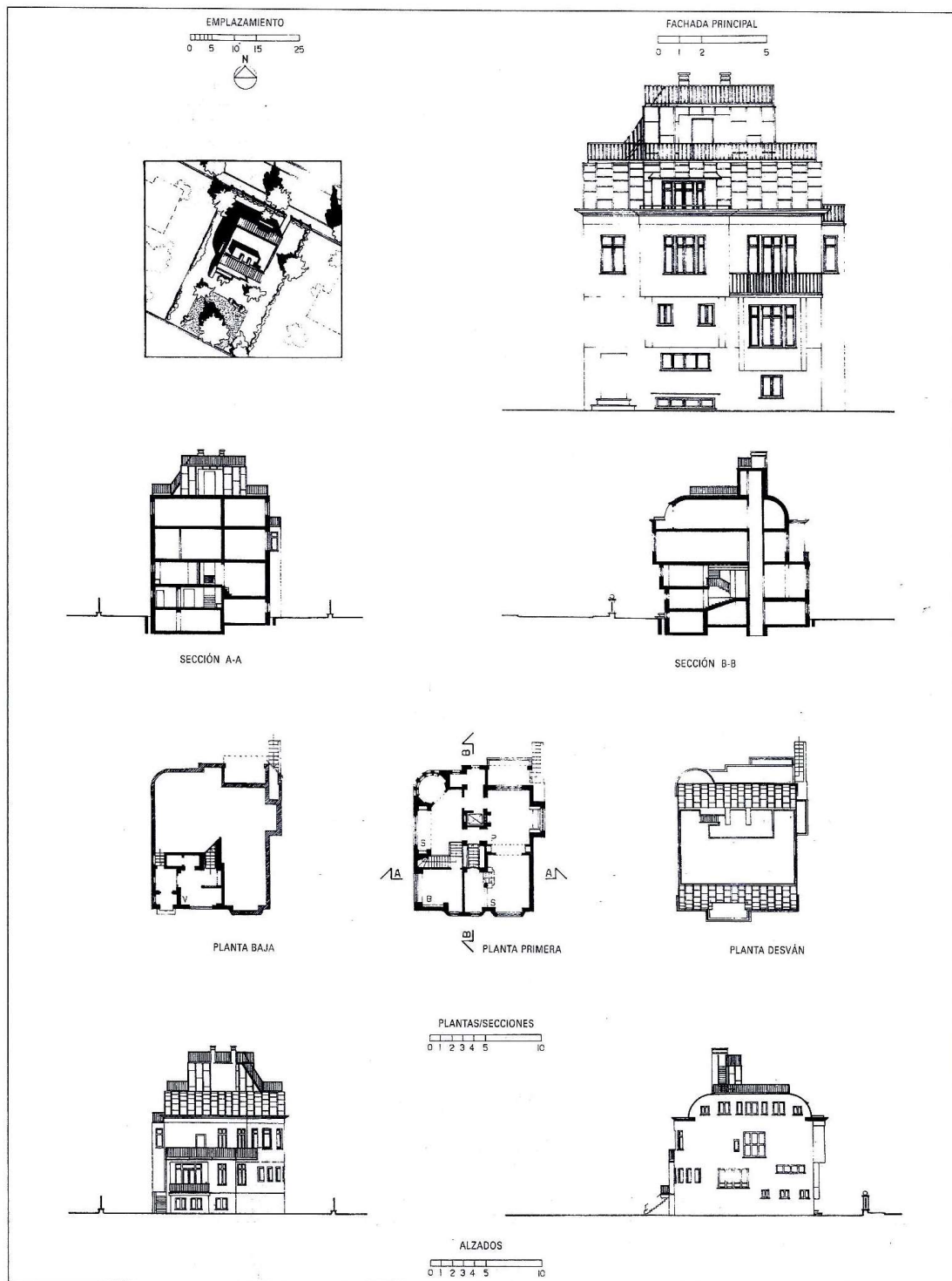
Em termos globais e um pouco à semelhança de Wright e Behrens, as espacialidades são desprovidas de portas, fluindo-se livremente entre os espaços habitáveis, característica do Modernismo, mas o método de Loos está aqui bem patente, a desornamentação, o controle de custos construtivos, o método de organização dos espaços interiores, os desnivelamentos, e todos os restantes argumentos com os quais procurava a modernidade intemporal, a composição intrigante provocada pela complexidade e teatralidade espacial que estes provocam estão aqui de facto bem expressos.

Desenhos do livro:



... 39

³⁹ CORNOLDI, Adriano. LA ARQUITECTURA DE LA VIVIENDA UNIFAMILIAR – Manual del espacio doméstico – pág. 172. Dissertação de Mestrado Integrado em Arquitetura. Paulo Topa, Faup 2018.



... 40

⁴⁰ CORNOLDI, Adriano. LA ARQUITECTURA DE LA VIVIENDA UNIFAMILIAR – Manual del espacio doméstico – pág. 173. Dissertação de Mestrado Integrado em Arquitetura. Paulo Topa, Faup 2018.

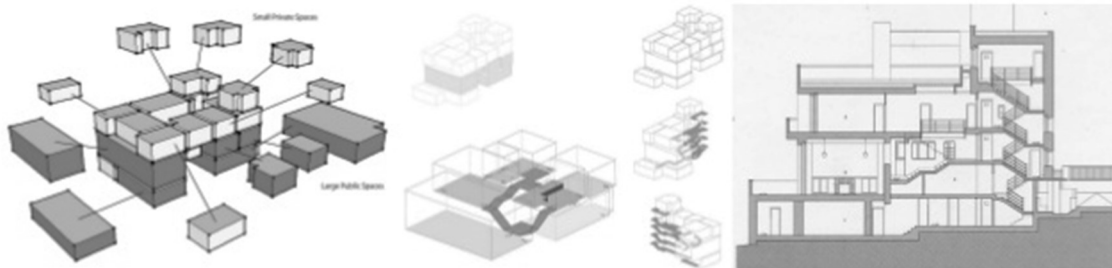
Exemplos do seu método:

RAUMPLAN

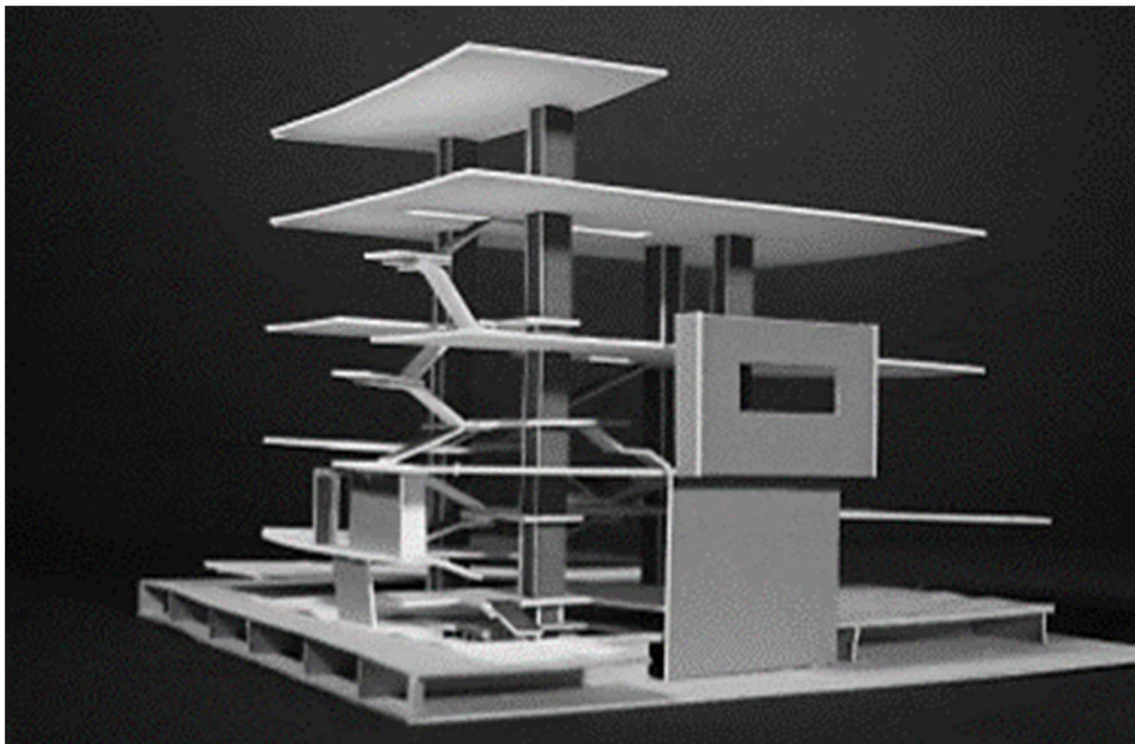
Diferença de níveis e alturas
Distribuição das habitações
Poupando assim espaço e dinheiro
Projeto mais racional e funcional
Ausência do ornamento em suas fachadas

Investia no interior

Materiais nobres, como o mármore e madeira



<https://pt.slideshare.net/RafGomes/adolf-lloos>



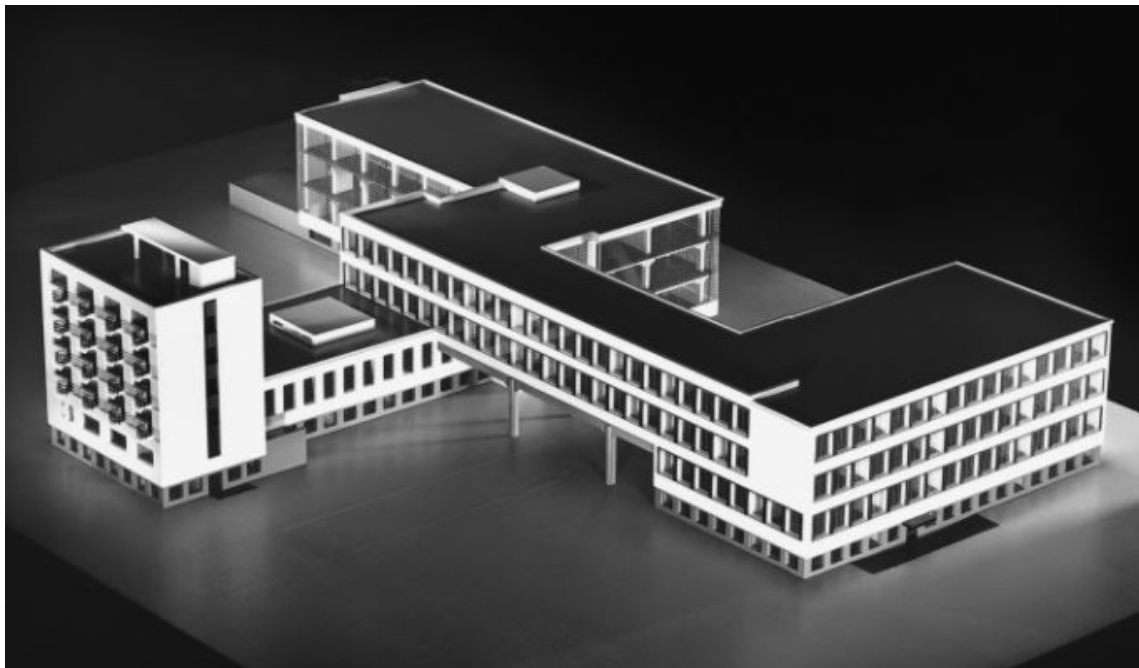
<https://pt.slideshare.net/RafGomes/adolf-lloos>

Casa Kallenbach - Walter Gropius

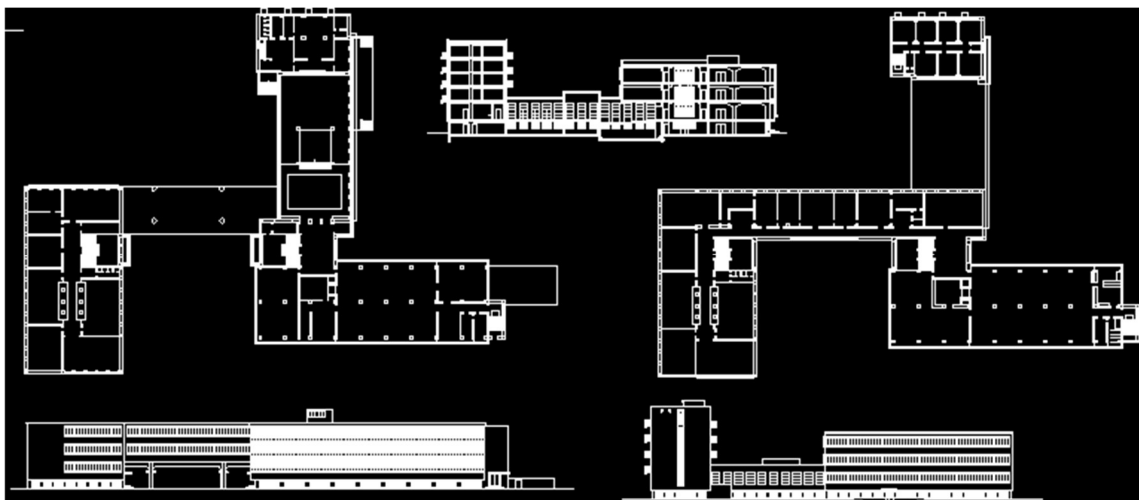
Mais um notável arquiteto e este por sua vez nasce em Berlim, Alemanha a 18 de maio de 1883 e vive até 1969. Deu início à sua carreira na própria Alemanha, mas com a ascensão do Nazismo, emigra muito cedo para os Estados Unidos e é aqui que desenvolve a maior parte de sua obra.

Nesta área artística é considerado um dos principais nomes da arquitetura do século XX, e foi o fundador da prestigiada Bauhaus.

O edifício da Bauhaus, em Dessau, projetado por Walter Gropius



<http://spring2018.thedude.oucreate.com/wp-content/uploads/2018/04/Bauhaus.jpg>



https://www.bibliocad.com/en/library/bauhaus-the-state-house-building_48286/

A par com Ludwig Mies van der Rohe, Le Corbusier e Frank Lloyd Wright, é também ele considerado um dos grandes mestres e um dos pioneiros da arquitetura modernista.

Gropius tinha como principal preocupação, quer no laborar arquitetónico, quer no seu método de ensino, prático e teórico, conceitos tais como a função, técnica, clarificação formal, linhas puras, fluidas e visualidade. Estes termos são normalmente empregados para definir e compreender tanto a prática quanto a teoria pedagógica de Gropius e os fundamentos da própria Bauhaus.

Passemos agora à visita da Casa Kallenbach e como não tenho dados suficientes e precisos sobre a casa, farei tal como o autor do livro, uma apreciação em termos da sua composição espacial.

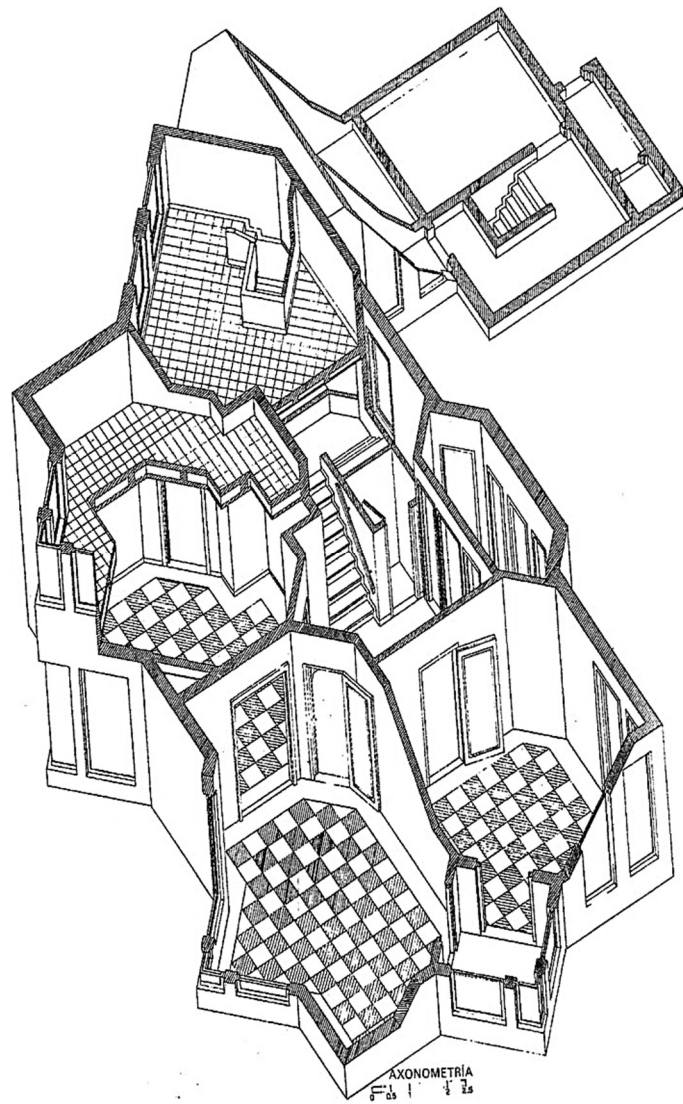
Quando se observa em termos planimétricos esta casa, parece-nos que existe uma forma mais dominante e central, do tipo retangular, mas interceptada por inúmeros polígonos que sobrepostos sobre a mancha dominante resultam nas protuberâncias para o exterior que se verifica tanto em termos planimétricos como nos altimétricos que definem as fachadas. A definição do próprio interior é inclusivamente dominada por paredes paralelas, combinadas com outras obliquadas, que lhe conferem a sua dimensão espacial e tipo de carácter. Esta composição mais central, desenvolve-se para o lado esquerdo de forma assimétrica, surgindo um braço comunicante com a restante composição, regulado ou imposto precisamente pela regra oblíqua que intercepta a grande mancha paralelepipedal inicial. A última parte da composição agregada ao braço oblíquo, transforma-se desta feita em similaridade com a mancha dominante da composição de maiores dimensões, de onde tudo parte ou surge.

Com esta atitude, Gropius muito provavelmente queria induzir à forma geral uma espécie de dinâmica entre os espaços habitáveis e maximizar a relação entre eles, na maior parte dos casos, mas também limitar ou condicionar outros. Apesar de toda esta obliquidade que surge em quase todos os elementos arquitetónicos desta composição espacial elaborada, a sua definição é extremamente clara e as formas daí resultantes permitem o total esclarecimento e identificação dos mesmos em termos do seu carácter funcional.

A casa desenvolve-se em quatro pisos na mancha planimétrica principal e em três pisos nas restantes, sendo que o braço comunicante oblíquo e que se encontra no interstício dos dois é mais baixo, diferenciando a importância de cada um deles, ou seja, divide a casa em dois sectores, sendo que a mancha mais pequena que se encontra do lado esquerdo, destina-se à cozinha, áreas de serviço e acomodações dos serviços e a mancha dominante e substancialmente maior, às áreas sociais, coletivas e privadas do dono da casa.

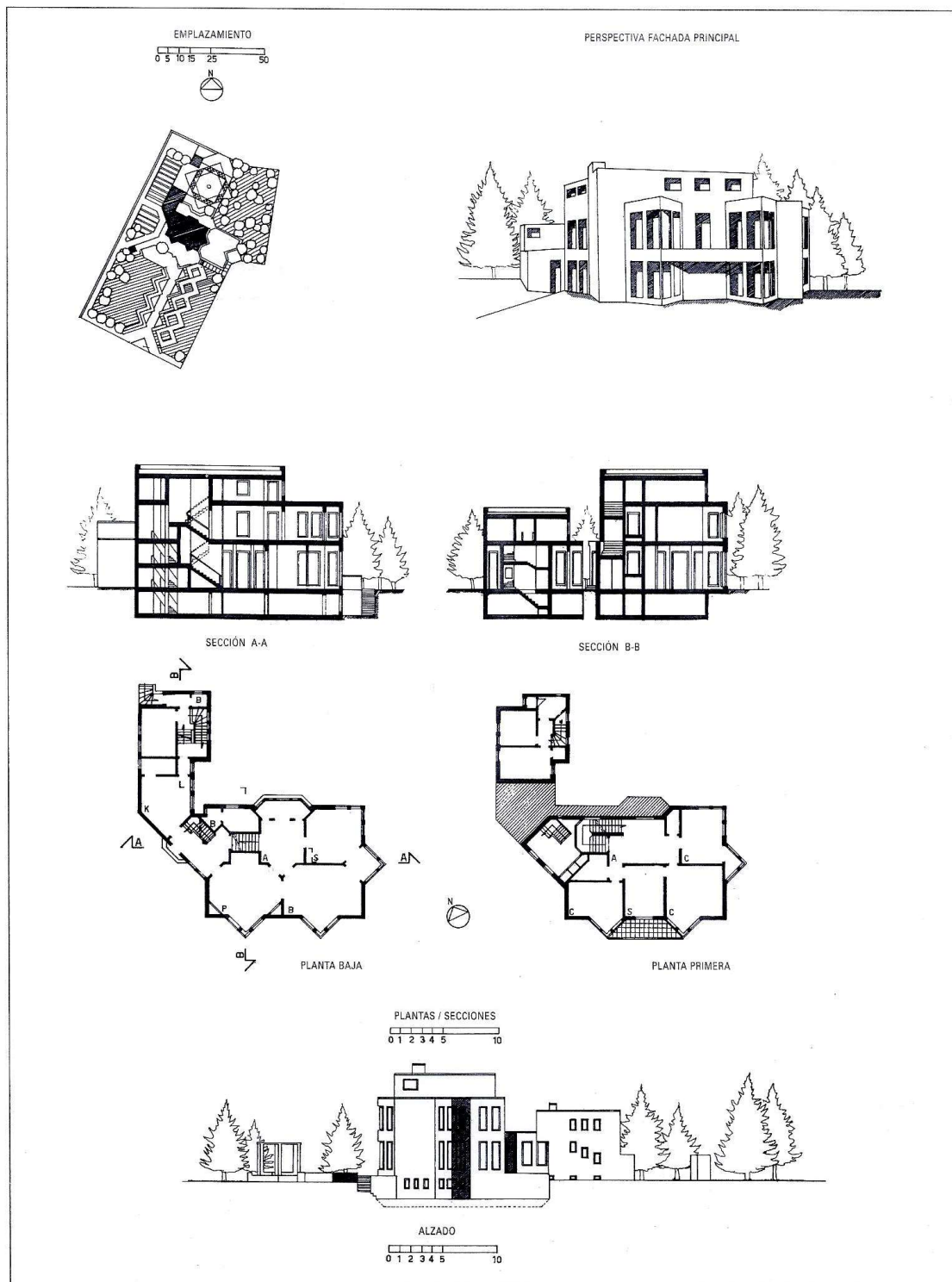
Em resumo, Gropius com toda esta encenação gráfica, para além da dinâmica espacial que imprimiu, atribuiu claramente a identidade formal de cada corpo e a sua natural condição dentro da compreensão do habitar.

Desenhos do livro:



... 41

⁴¹ CORNOLDI, Adriano. LA ARQUITECTURA DE LA VIVIENDA UNIFAMILIAR – Manual del espacio doméstico – pág. 188. Dissertação de Mestrado Integrado em Arquitetura. Paulo Topa, Faup 2018.



... 42

⁴² CORNOLDI, Adriano. LA ARQUITECTURA DE LA VIVIENDA UNIFAMILIAR – Manual del espacio doméstico – pág. 189. Dissertação de Mestrado Integrado em Arquitetura. Paulo Topa, Faup 2018.

Casa Lovell - Rudolph M. Schindler

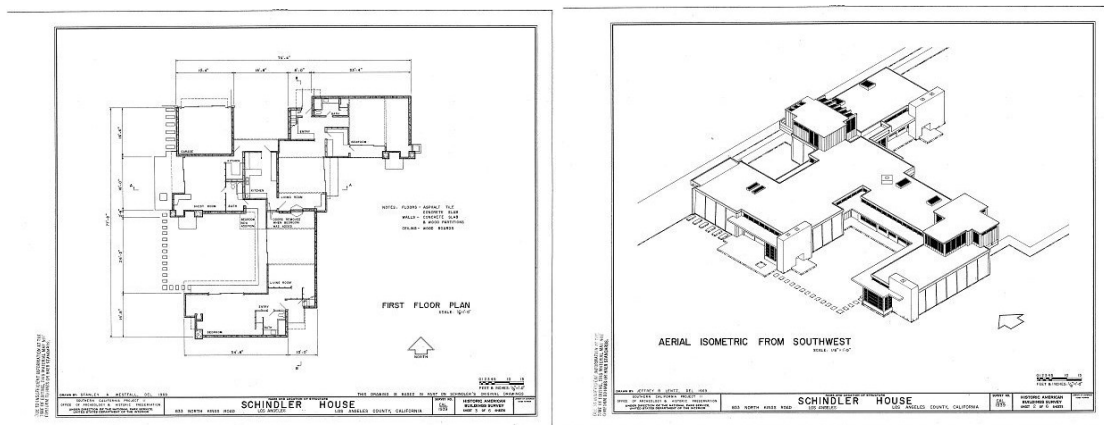
Schindler Rudolf nasceu no ano 1887 em Viena e morre em 1953 em Los Angeles, era um arquiteto americano embora tenha nascido na Austrália. Como arquiteto esteve associado ao movimento moderno, mas tal como os autores anteriores e apesar das influências de alguns conceituados mestres, tais como, Carl König, Otto Wagner e Adolf Loos enquanto estudante e como praticante influenciado por Henry Hobson Richardson, Louis Sullivan e particularmente por Frank Lloyd Wright com o qual chegou inclusivamente a colaborar no seu estúdio em Oak Park, também ele desenvolveu o seu próprio estilo. O uso inventivo das suas formas tridimensionais complexas, materiais quentes, cores marcantes e a sua capacidade de trabalhar com sucesso dentro de orçamentos apertados, colocaram-no como um dissidente da própria arquitetura no início do século XX. Sendo assim, Schindler criou um novo estilo arquitetónico e propositado para o clima californiano, pois foi aqui que este realizou a maior parte dos seus trabalhos (em Los Angeles), bem como a sua famosa casa tratada como estrutura viva que serviria de exemplo arquitetónico para muitos.

Esta casa “chamada estrutura viva” foi apelidada de Kings Road House, mas também conhecida como a casa Schindler-Chase, funcionava como um misto escritório / casa para dois casais profissionais e foi concluída por volta do final da primavera de 1922. Este seu modelo foi inclusive matéria de estudo detalhado numa das unidades curriculares desta minha caminhada académica e a mesma chamou-me a atenção devido á sua inventividade e criatividade.

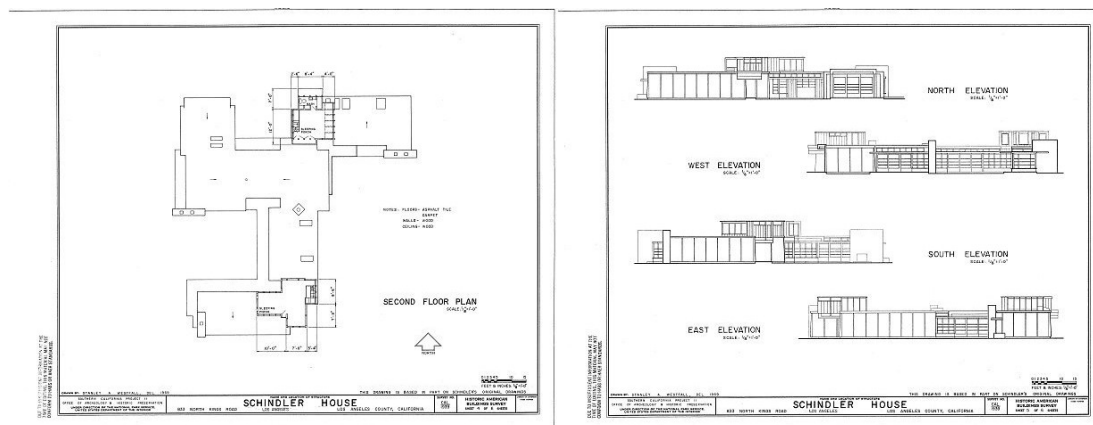
Imagens e projeto da Casa / Estúdio (exemplo arquitetónico):



<https://www.archdaily.com.br/br/tag/richard-neutra>



<https://www.archdaily.com.br/br/tag/richard-neutra>



<https://www.archdaily.com.br/br/tag/richard-neutra>

Passemos agora à nossa visita, na qual vamos visitar a casa Lowell, sito Newport Beache, criada para o prestigiado Dr. Philip Lowell como casa de praia e servindo de espaço de repouso e lazer para o casal, frente ao mar. A obra em causa teve a sua conceção e realização entre 1921 - 1926 e supõe-se ter sido a primeira residência americana, realizada com estrutura de aço e baseada na tecnologia de arranha-céus, muito em voga nesta época. A particularidade deste projeto é ser uma cooperação com o seu coabitante na famosa Kings Road House (a tal estrutura viva) e a encomenda do mesmo resulta de obras bem-sucedidas que seu amigo edificou para o próprio Lowell na cidade, mais concretamente a sua residência urbana e a prestigiada clínica e este indica Schindler ao famoso doutor como o arquiteto e parceiro ideal para realizar a feitura da sua célebre Casa da Praia. Este seu amigo, igualmente arquiteto, Richard Neutra de seu nome, era também ele uma figura conceituada na época e foi importantíssimo para o próprio Schindler, pois ele tinha aprendido e desenvolvido apaixonadamente, em Nova York e Chicago, a técnica sobre estruturas metálicas e como tal, tornou-se peça fundamental a ter relativamente às causas técnicas e construtivas da casa no que concerne ao seu vasto conhecimento no capítulo estrutural e possibilidades na sua feitura.

Schindler, por sua vez, para privilegiar as vistas sobre o mar e conferir mais privacidade à casa, desenhou o volume habitacional assente sobre um conjunto de estacas com o propósito de a destacar do próprio terreno. Isto resulta obviamente da nova técnica construtiva e suas possibilidades construtivas, à qual ele induz o ato inteligente de ao elevar a estrutura da casa, ser permissivo a que a própria natureza invadisse a habitabilidade inferior da mesma, participando assim num discurso direto na composição espacial deste piso, totalmente aberto e valorizando de uma forma criativa o acesso à praia pública.

A composição da casa é formada pelos seguintes pisos e elementos habitacionais:

Piso 0 - O que referimos precisamente há pouco, o qual comporta para além de uma grande chaminé incorporada num Espaço de Estar ao ar livre, mas coberto, a Piscina, um complexo sistema de Escadarias de Acesso aos pisos superiores, a Garagem e um pequeno compartimento de apoio que suponho serem balneários e Sanitários.

Piso 1 – Após se transpor uma larga escadaria, num corpo praticamente forrado a vidro, a este piso deparamos com uma enorme e aprazível Sala de Estar e uma Sala de Jantar de dimensões mais comedidas, ambas com pé-direito duplo. As restantes espacialidades deste piso, tais como; a Cozinha, um pequeno Quarto ou Escritório e as respetivas instalações Sanitárias surgem com um pé-direito comum.

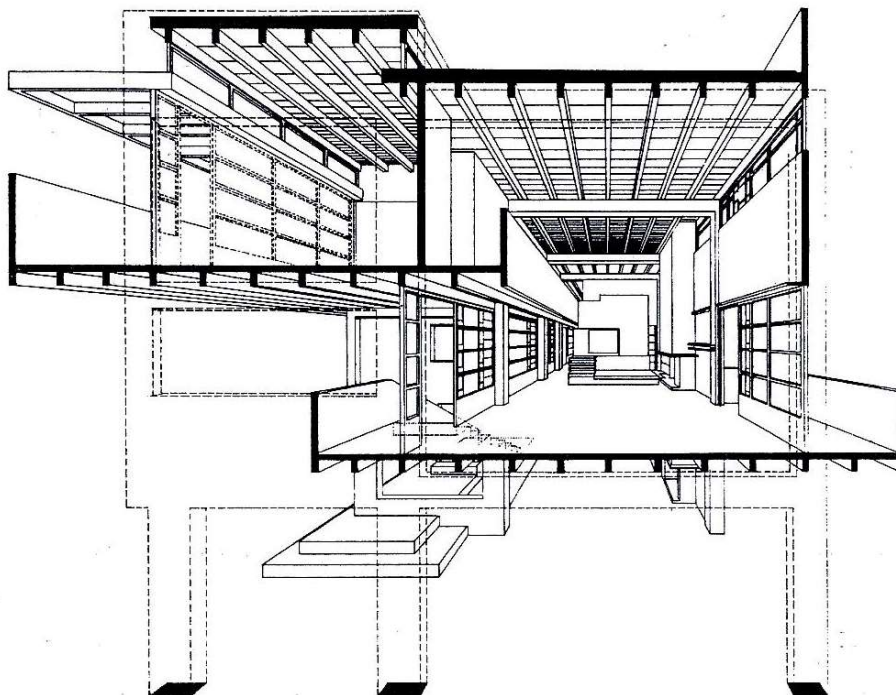
Piso 2 – Comporta quatro Quartos, uma ampla Casa de Banho e o acesso ao piso superior. Os quartos ficam virados para o exterior dum dos lados, comportando todos eles varandas corridas, e do outro ficam expostos para uma grande galeria, que funciona por sua vez, como um grande mezanino sobre as próprias salas com pé-direito duplo expresso abaixo, ou seja, viram-se ou comunicam com os elementos arquitetónicos interiores.

Piso 3 – Este piso reporta-se a um Solarium com um enorme terraço.

Em termos de forma arquitetónica exterior e devido a esta casa estar assente num longo eixo que percorre longitudinalmente a sua implantação e que regula todas as espacialidades da casa, estamos perante um domínio extenso de duas fachadas, na qual sobressaem as longas linhas estruturais e dominantes estéticas em toda a perimetria da casa, bem como a predominância e ostentação inovadora do elemento vidro em praticamente todas as fachadas, características estas, mais marcadamente pronunciadas nas salas de dupla altura.

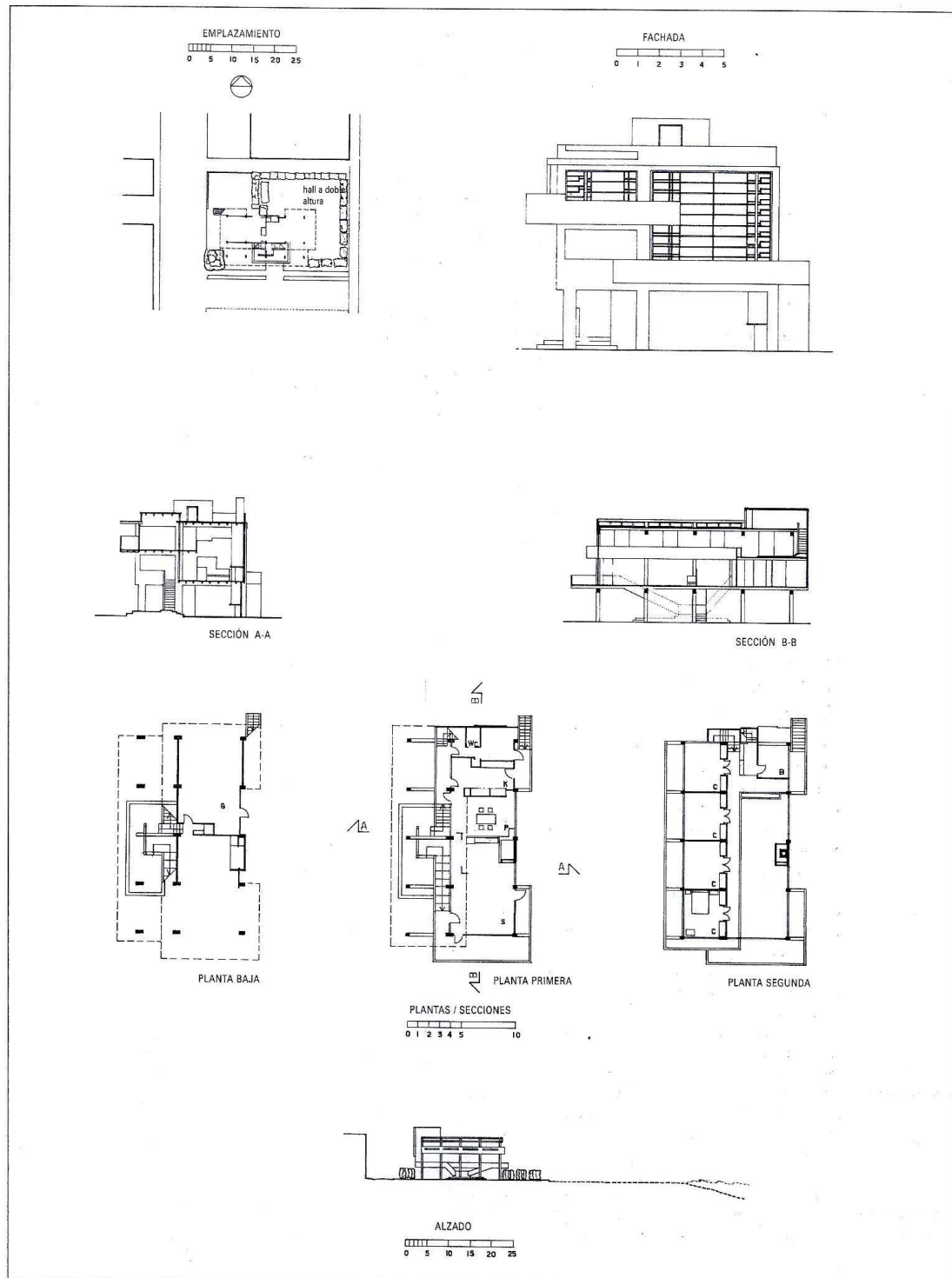
Nesta visita, parece-nos que esta composição foi regulada e feita propositadamente a pensar na evidência dos planos de piso, varandas ou acessos enquanto planos preponderantemente fechados, e tudo é resto é vidro. Ou seja, uma transparência e clareza espacial quase total e totalmente inovadora no conceito CASA UNIFAMILIAR, pelo menos nos padrões até então sugeridos e até aqui estudados.

Desenhos do livro:



... 43

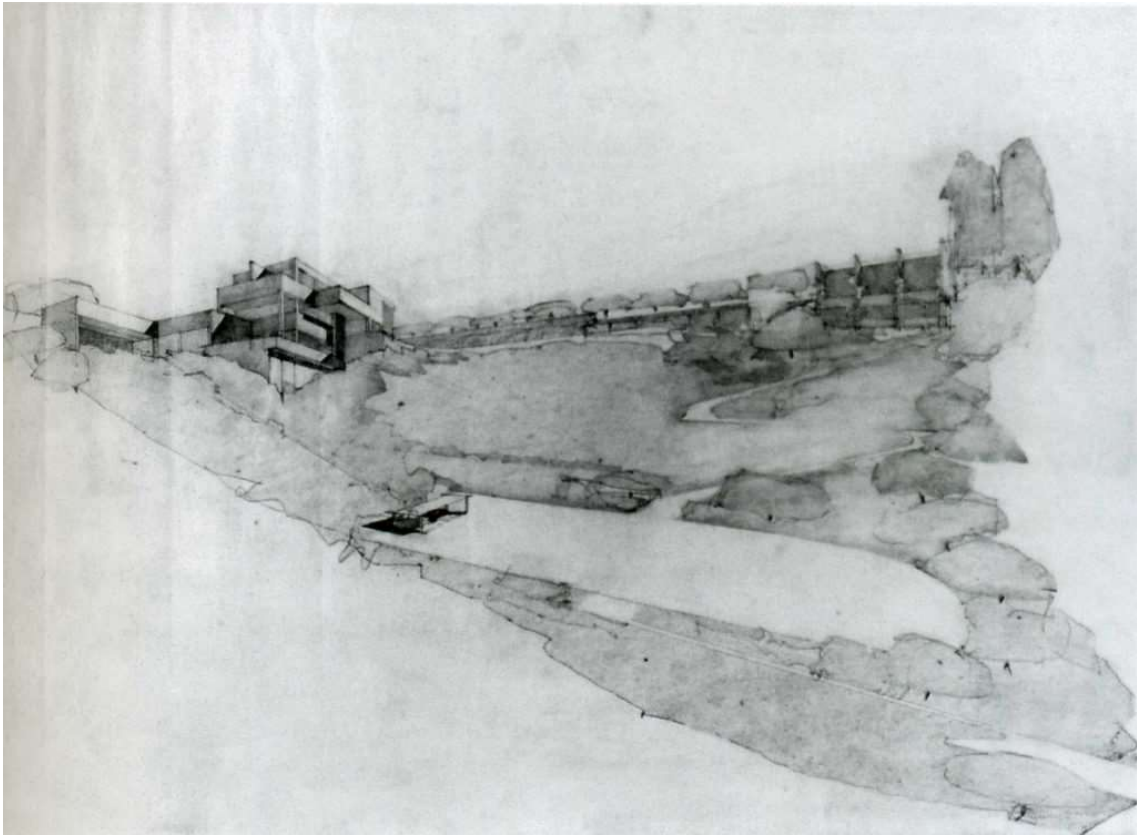
⁴³ CORNOLDI, Adriano. LA ARQUITECTURA DE LA VIVIENDA UNIFAMILIAR – Manual del espacio doméstico – pág. 194. Dissertação de Mestrado Integrado em Arquitetura. Paulo Topa, Faup 2018.



... 44

⁴⁴ CORNOLDI, Adriano. LA ARQUITECTURA DE LA VIVIENDA UNIFAMILIAR – Manual del espacio doméstico – pág. 195. Dissertação de Mestrado Integrado em Arquitetura. Paulo Topa, Faup 2018.

Desenho e foto da Casa LOWELL:



<https://es.wikiarquitectura.com/edificio/casa-de-reposo-lovell/#ig=1&slide=1>



<https://es.wikiarquitectura.com/edificio/casa-de-reposo-lovell/#ig=1&slide=2>

Viagem 13

Casa Tugendhat

Casa Carré

Casa Goldenberg

Viagem 13, capítulo 7 Atlas .68, .75 e .80 do livro.

Os autores desta visita são agora: Ludwig Mies van der Rohe, Alvar Aalto e Louis I. Kahn.

Casa Tugendhat - Ludwig Mies van der Rohe

Arquiteto Alemão, nasceu em Aachen a 27 de março de 1886 e morre a 17 de agosto de 1969 em Chicago. Apesar de ser de origem alemã, Mies van der Rohe aquando da sua ida para os Estados Unidos naturalizou-se, obtendo a cidadania americana.

A sua caminhada pela Arquitetura foi longa e influente, deu aulas na conceituada Bauhaus e foi o criador do movimento que ficou conhecido como International style. A sua postura arquitetónica prima pelo racionalismo, por uma geometria clara ao nível projetual, pela sofisticação espacial e de elementos, pelo uso de materiais modernos (como o aço industrial e o vidro para definição dos espaços interiores), e as suas obras revelam uma criatividade fora do comum relativamente à sua aparência e forma exterior. Apesar de uma das suas características ser a projeção muito rígida ele transmite mesmo assim nas suas obras concepções de extrema elegância e muito próprias dos grandes centros urbanos.

Mies van der Rohe, é considerado um dos principais nomes da arquitetura do século XX, sendo colocado em termos de prestígio arquitetónico no mesmo patamar que Le Corbusier ou Frank Lloyd Wright. Para além disso tem ainda frases de autor célebres e reconhecidas mundialmente, tais como, "LESS IS MORE" (menos é mais) e "GOD IS IN THE DETAILS" (Deus está nos detalhes).

A visita:

Como grande e influente arquiteto que foi de facto, esta casa Tugendhat, motivo desta nossa visita temporal, não poderia ser exceção quanto ao normal desempenho, brilhantismo e protagonismo do seu autor.

A casa Tugendhat foi edificada em Villa Brno, na República Checa e a sua construção é datada no ano de 1930. A casa adota um estilo Modernista e sugere o grande impacto que a leveza e transparência de sua volumetria teve na vizinhança e na própria cidade de Brno, bem como, no panorama arquitetónico mundial.

A casa vista da rua por onde entramos, apresenta uma aparência nada ostensiva, ou seja, regulada por extrema simplicidade e onde nos surge na fachada a garagem à direita e um volume habitacional à esquerda. A restante espacialidade é dominada por um grande terraço e dá-nos a sensação de que esta composição tem somente dois pisos habitáveis, o que não corresponde à verdade, pois, Mies van der Rohe, com a sua reconhecida genialidade desenvolve toda a forma compositiva e os espaços habitáveis escavando o terreno e adicionando volumes à própria casa. Outra das características que ressaltam à vista é a sua estrutura, muito típica de Mies, os famosos pilares em cruz, os quais atribuem à forma compositiva a sua esbelteza e possibilita uma liberdade programática inédita para a época.

Quando nos apercebemos da totalidade formal e espacial da casa é que nos apercebemos da sua magnificência, a maneira impressionante como a casa se desenvolve, de cima para baixo, e a predominância opaca do primeiro piso para depois revelar uma natureza e entorno, por cima de si, completamente oposta e impactante, dominada toda ela pela evidente leveza e transparência de materiais e ainda sobressair os próprios elementos espaciais que formam as fachadas e que determinam e atribuem de alguma forma o carácter da própria interioridade.

O que Mies aqui procurou, através da sua singular sensibilidade, foi enquadrar a casa com a paisagem circundante no plano externo divulgando-o internamente, criando assim uma mútua relação entre o exterior e o interior e vice-versa. Este estabelecimento de relações visuais é uma forma de aproveitar a fantástica vista do terreno acidentado onde a casa se encontra implantada com o grande jardim. Aliás, a curiosidade desta casa para além da genialidade de relações interior/exterior, é ainda mais impressionante se aliarmos ambas as perspetivas formais do frontal da casa e o volume inferior onde tudo sucede e assenta, completamente opacos e discretos, totalmente em oposição a todos os planos restantes e virados para o referido jardim, que são integralmente dominados pelo tema transparência.

Tratemos agora da composição dos pisos em termos de matéria habitável, para melhor entendimento da casa e as razões que levaram ao seu carismático interior e a uma muito própria essencialidade por parte do autor. Os pisos são os seguintes:

Piso 0 – O piso que se encontra à cota do jardim interior é composto (mera suposição minha em virtude de não existirem dados em parte alguma sobre a sua utilidade, ou devido à minha própria incapacidade de os saber encontrar), por compartimentos destinados a armazenamento de produtos essenciais e consumíveis da casa, casa das máquinas, lavandaria, entre outros. Esta atribuição de funções resulta de este elemento ser praticamente opaco, salvo pequenas e rasgadas janelas em cotas mais superiores que as normalmente utilizadas num compartimento comum e que me parecem ser apropriadas meramente à ventilação.

Piso 1 – Este piso encontra-se à cota intermédia, entre o jardim e o patamar principal de entrada à cota da rua, destinando-se às áreas sociais e de serviços.

A sua composição é formada por um grande Pórtico de Chegada, localizado transversalmente ao sentido da escadaria que nos eleva da cota do jardim e é através deste que se acede do seu lado direito, ao interior propriamente dito, começando pela Sala de Jantar caracterizada pela sua forma circular e controlada espacialmente por dois pilares que se posicionam à sua frente. Passando ao lado dos dois pilares que confinam a respetiva sala de jantar e que definem igualmente uma espécie de percurso/antecâmara, acede-se por sua vez à grande Sala de Estar, secundada ao fundo pela Sala do Piano e por um generoso Estúdio, que tem como peculiaridade ao fundo da sua continuidade um diálogo e comunicante mútuo de espacialidade com a Biblioteca. Tanto a sala de estar, como o estúdio/biblioteca, encontram-se pelo seu lado direito, ladeados por um enorme e longitudinal Conservatório/Jardim Interior, com paramentos frontais totalmente envidraçados e perfeitamente comunicante com as espacialidades que o antecede. É de vital importância referir que todos estes elementos arquitetónicos são comunicantes entre si, tendo somente como certas reservas do seu domínio espacial e tipo de função, a parede semi-curva expressiva nesta composição global por parte da definição da sala de jantar e as restantes limitam somente as vistas de alguns planos entre espaços ou então o próprio mobiliário regula e assume o papel definidor da contenção da espacialidade, mas sem qualquer tipo de portas e por onde se flui de forma livre e continua por todos eles, ou seja um grande espaço aberto com pontos de habitabilidade diferentes. Ao fundo de toda esta zona de carácter social, surge ainda uma espécie de Vestíbulo com o Wc de apoio incorporado. Do lado contrário a toda esta grande composição, mais concretamente do lado esquerdo, surgem espaços mais individualizados e desenhados de forma mais labiríntica, entre os quais, uma grande despensa com cristaleiras em vidro e onde se posiciona uma escada em caracol por onde se acede interiormente ao piso inferior, ao seu lado surge uma espaçosa cozinha com copa, a arrecadação dos produtos de manutenção e géneros alimentícios ao fundo e ao lado desta surgem ainda; um pequeno office dedicado ao foro mais técnico e práticas das lides da casa, o quarto de aposentos dos serviços

e as competentes instalações sanitárias. Resta acrescentar relativamente a este piso que a Escadaria Principal e comunicante entre os pisos principais, posiciona-se ao fundo das grandes Salas e permite o acesso tanto a estas como às zonas de serviço, a sua forma no patamar de viragem é de características arredondadas tais como as da sala de jantar.

Piso 2 – O carácter deste piso é do foro íntimo e mais reservado da casa e posiciona-se à cota da rua e do ponto principal de chegada.

A sua composição baseia-se em duas estruturas diferenciadas entre si, quer pelo tamanho, quer pelas suas funções habitáveis.

O corpo à direita incorpora a Garagem, os Aposentos do Chofer, as suas Instalações Sanitárias e uma pequena Sala tipo kitchenette para as suas necessidades diárias mais básicas.

O corpo maior e mais à esquerda comporta a parte privada servida por um grande Hall de Entrada, assumindo-se como o elemento central e distribuidor deste piso e ainda por uma pequena instalação sanitária que integra o que me parece ser um duche e de apoio às visitas. Virado para a frente urbana e de rua, posiciona-se o Quarto da Governanta ou de Hóspedes e ao seu lado, o Banho Principal destinado a si e aos quartos restantes que se encontram limítrofes ou na periferia deste. Voltados para o tardoz, ou seja, para o interior do terreno e grande jardim, e no sentido esquerda-direita, surgem o Quarto da Ama, o Quarto das Crianças e do lado oposto aparece a Suite Principal, destinada aos donos da casa e composta por um pequeno hall, dois generosos quartos com roupeiros embutidos e o banho privativo. Este piso é ainda servido por um enorme terraço, o qual na sua parte mais reservada aos olhares alheios, comporta uma agradável estrutura e mobiliário vocacionados ao estar e lazer, usufruindo-se assim, do ar livre e das maravilhosas vistas sobre o grande jardim.

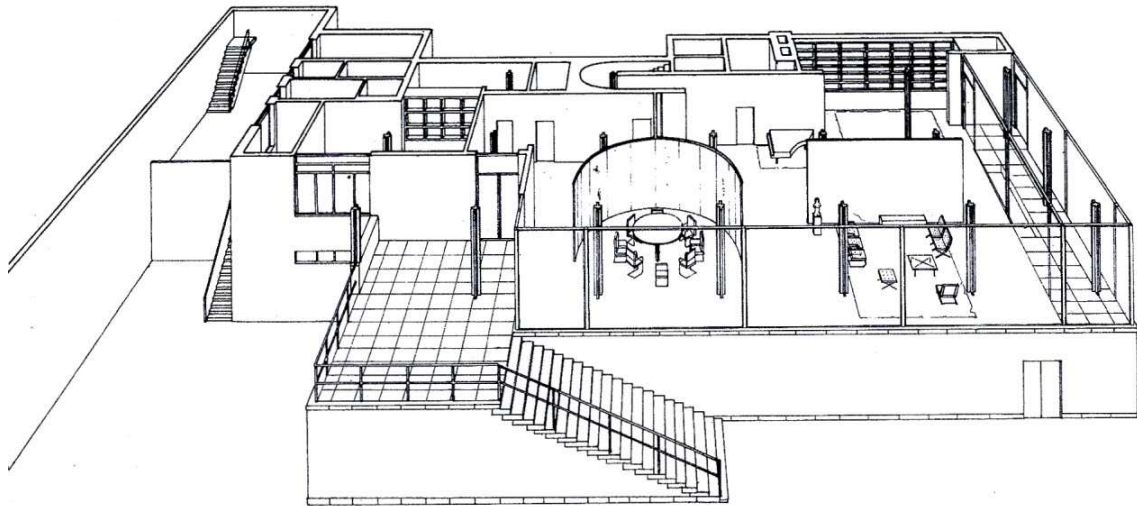
Esta forma de abordar o conceito casa é muito própria de Mies van der Rohe e distancia-se bastante da abordagem nesta arte do habitar de outros grandes arquitetos da época, tais como, Adolf Loos e Le Corbusier, tal como o próprio autor do livro refere e que passo a citar:

*Si para Loos el parámetro esencial en la concepción de una vivienda es su adhesión a una idea consolidada de domesticidad, y la respuesta a esta idea el punto de partida de Le Corbusier, Mies simplemente parece ignorarla. Esta actitud de Mies es tan frecuente que cabe preguntarse si el arquitecto alemán se plantea problemas de habitabilidad de la casa, o más bien, si proyectar una vivienda es sólo una ocasión para experimentar espacios más allá de la pura funcionalidad, al mismo nivel que lo haría ante un pabellón de exposiciones u otro edificio público. A los espacios comunes les falta el sentido del recogimiento característico de la vida privada; es típica su falta de equipamiento en función de las necesidades reales del vivir cotidiano. Estas consideraciones pueden ser válidas para las viviendas miesianas más clásicas, aquellas en las que nos encontramos frente a una espacialidad circulatoria, sin lugares de reposo o de relación, debido al empleo exclusivo de muros aislados con distintas orientaciones; sin embargo en la casa Tugendhat, en virtud de una "transgresión", limitada pero fundamental, la dinámica habitual sufre una interrupción, se polariza hacia un centro: la mampara semicircular del comedor. A és ta se contraponen dialécticamente una segunda excepción: la pared en ángulo recto de la biblioteca. De este modo se aflojan las tensiones internas, los diferentes ambientes adquieren grados diversos de interacción, determinando las condiciones para una espléndida, equilibrada, aunque extraña manera de vivir.*⁴⁵

Fim da viagem...

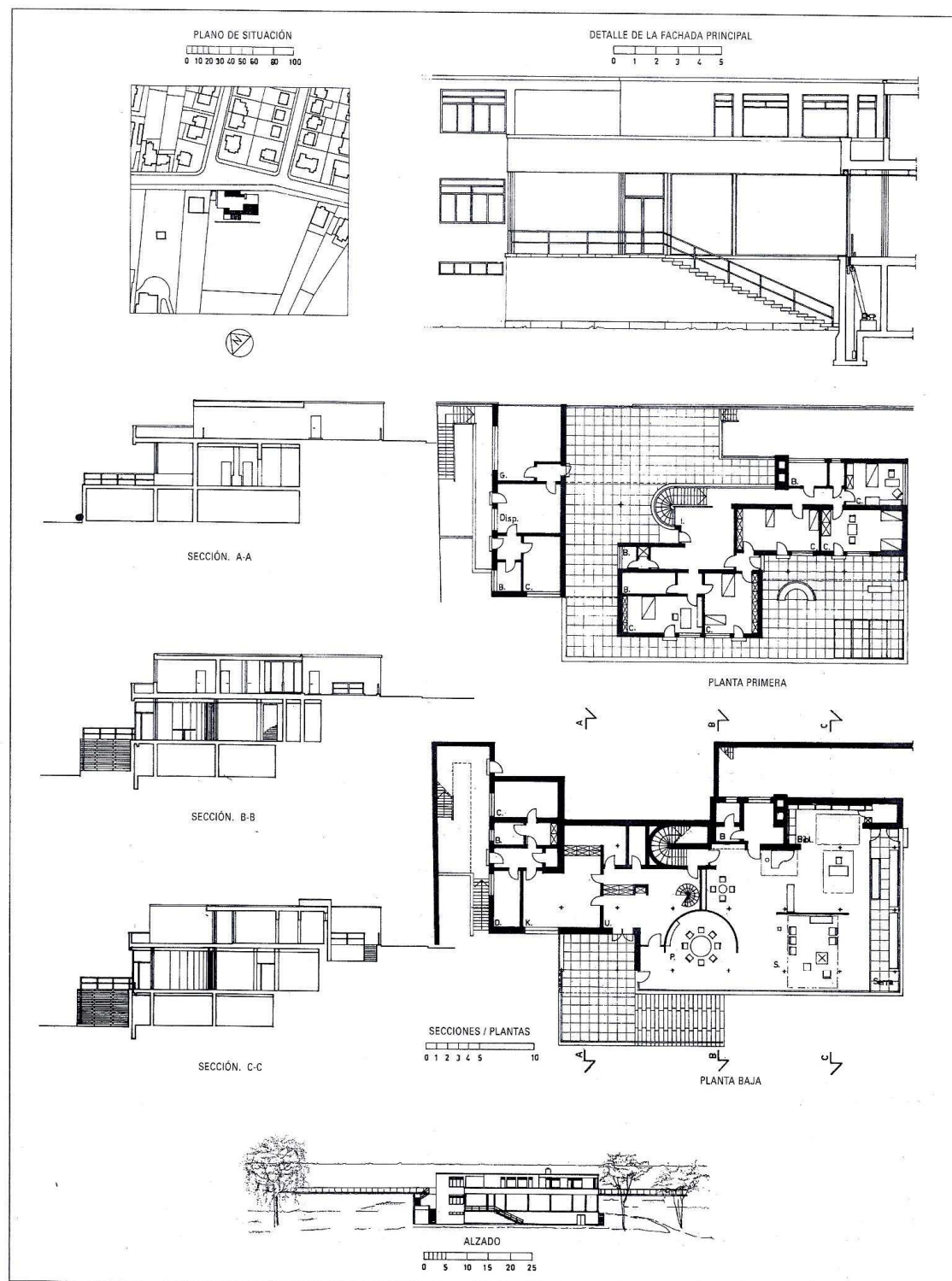
⁴⁵ CORNOLDI, Adriano. LA ARQUITECTURA DE LA VIVIENDA UNIFAMILIAR – Manual del espacio doméstico – pág. 200. Dissertação de Mestrado Integrado em Arquitetura. Paulo Topa, Faup 2018.

Desenhos do livro:



... 46

⁴⁶ CORNOLDI, Adriano. LA ARQUITECTURA DE LA VIVIENDA UNIFAMILIAR – Manual del espacio doméstico – pág. 200. Dissertação de Mestrado Integrado em Arquitetura. Paulo Topa, Faup 2018.



... 47

⁴⁷ CORNOLDI, Adriano. LA ARQUITECTURA DE LA VIVIENDA UNIFAMILIAR – Manual del espacio doméstico – pág. 201. Dissertação de Mestrado Integrado em Arquitetura. Paulo Topa, Faup 2018.

Perspetivas e fotos da casa Tugendhat:



<http://www.ramonesteve.com/en/manufacturing-the-interior/posts/mies-van-der-rohe-in-the-tugendhat-house/>



<https://divisare.com/projects/276366-ludwig-mies-van-der-rohe-libor-teply-villa-tugendhat-1930#lg=1&slide=1>



<https://divisare.com/projects/276366-ludwig-mies-van-der-rohe-libor-teply-villa-tugendhat-1930#lg=1&slide=0>

Casa Carré - Alvar Aalto

De seu nome completo, Hugo Alvar Henrik Aalto, nasce a 3 de fevereiro de 1898 em Kuortane e morre a 11 de maio de 1976 em Helsínquia.

Conhecemos agora e no decorrer desta visita, mais um notável arquiteto, este de origem Finlandesa e o qual dedicou toda a sua obra na vertente Orgânica da Arquitetura Moderna da primeira metade do século XX. As suas obras são ainda hoje consideradas como exemplos magníficos da boa prática arquitetural e deste tipo de movimento. Para além do brilhante arquiteto que foi, Aalto foi ainda um conceituado designer ao nível da conceção de mobiliário, tecidos, cristais, entre outros.

Visita à casa Carré...

Esta casa, em particular, é uma segunda visita ou revisita, como lhe quisermos chamar, em virtude de num evento organizado pela própria FAUP, “uma viagem até à Holanda” por volta do meu quarto ano, fui privilegiado como participante e esta foi uma das muitas obras obrigatórias ao longo do percurso. Escusado será dizer que fiquei fascinado com esta CASA UNIFAMILIAR. Fascinado pela sua inventividade, organização de percurso, pelo carácter das espacialidades e pelos efeitos arquitetónicos obtidos.

Percurso realizado...

Acedemos à casa vindos do exterior, através de um longo mas agradável percurso de linhas encurvadas, pavimentado numa espécie de Tout-venant aparente (composição feita por uma série de camadas de agregado britado, com diversas granulometrias e à sua camada final é lhe adicionado pó de pedra, depois de todas as camadas bem compactadas o pavimento é regado, no fim de seco, a camada superior fica bastante dura, servindo assim de rua e conferindo-lhe um aspeto artesanal e bastante tosco), ladeado pela densa e bela natureza que a rodeia e que abunda por todo o terreno onde se encontra a edificação.

Chegados à casa propriamente dita, espera-nos uma espécie de pré-átrio descoberto, devidamente pavimentado e ladeado por uma floreira do seu lado direito. Após a sua transposição acedemos ao interior da habitação, mais concretamente, a uma espécie de Átrio de Chegada. Este átrio não é propriamente de grandes dimensões, mas suficiente para um recebimento capaz e confortável. Após o modesto átrio surge então um espaçoso Hall / Galeria, com um fabuloso teto de forma concava, realizado totalmente em madeira, sugerindo uma enorme onda. A este mesmo espaço agrega-se o Vestíbulo e Wc destinado às visitas e de apoio à zona social. Este espaço tem o carácter de centralidade de toda a composição e funciona como aglutinador espacial de todos os outros que o rodeiam. Deste grande Hall / Galeria, pelo seu lado direito, acede-se à Sala de Estar, após a transposição descendente de uma larga escadaria e ao seu lado surge o Escritório / Livraria com uma espécie de mezanino superior aproveitando a diferença de cotas. Já agora, importa referir que estes últimos compartimentos, têm uma vista privilegiada sobre o terreno e do imenso vale onde este se insere.

Voltando ao hall / galeria, do seu lado esquerdo, surge a Sala de Jantar, Cozinha com duas áreas contíguas de apoio, acomodações dos Serviços da casa, a escadaria de acesso ao piso superior e um pequeno Sanitário de Apoio à zona de serviço.

De regresso ao hall / galeria e desta vez à sua frente, protegidos por um largo paramento que funciona como tapa-vistas, surgem três Quartos Suite, com Banhos incorporados. Da esquerda para a direita, posiciona-se o Quarto de Hóspedes ou destinado às Crianças, ao meio o Quarto

Principal destinado à senhora da casa, com comunicante ao último dos quartos (como regulador e complementar do central), igualmente designado por Quarto Principal, mas destinado ao homem da casa. Este último, para além de ser maior, tem acoplado ao fundo do seu banho privativo uma Sauna.

Todas as espacialidades referidas anteriormente aglutinam-se no Piso 0.

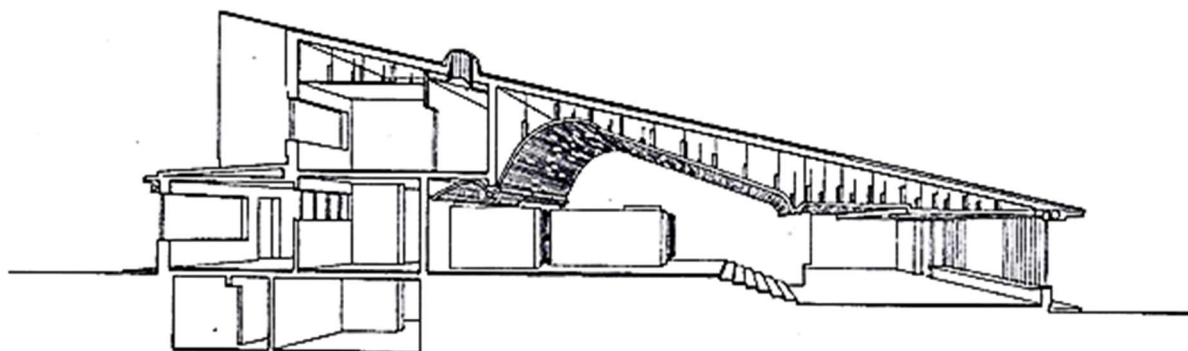
O piso superior, ou seja, o piso 1, comporta mais três quartos (estes sem banhos privativos acoplados), um Living Comum e o Banho de apoio a este piso.

A garagem encontra-se numa instalação isolada, bem afastada da casa e que se posiciona do lado esquerdo relativamente à entrada principal da casa. No tardo da casa desenvolve-se ainda uma imensa escadaria, numa espécie de socacos naturais exteriores sucessivos, visível dos quartos principais e a qual por sua vez acede ao fundo a uma piscina, que parece protegida dos elementos atmosféricos mais agrestes.

Aalto aproveitou as características do posicionamento do terreno, sobre o alto de uma extensa colina e atribui-lhe uma forma dominante que se adapta e integra magnificamente na inclinação natural do terreno, parecendo inclusive dar-lhe continuidade. Por outro lado, esta característica aliada à forma magistral como organiza e relaciona o próprio espaço habitável, permitiu igualmente que todos os compartimentos usufruam de contacto privilegiado com o exterior circundante e das fantásticas vistas que lhes auferem. Um outro elemento que considero interessantíssimo e determinante é a forma concava do grande teto interior e que parece ser o motivo primordial de toda a interioridade, nesta complexidade da composição arquitetónica. Por último, resta-me enaltecer o uso diverso de materiais construtivos e de acabamento que utiliza e a valorização destes no contexto da sua própria natureza, como aproveita as suas texturas naturais e as funde ou integra na própria construção. Refiro-me às madeiras utilizadas, à pedra calcária e à ardósia clivada com que protege a cobertura.

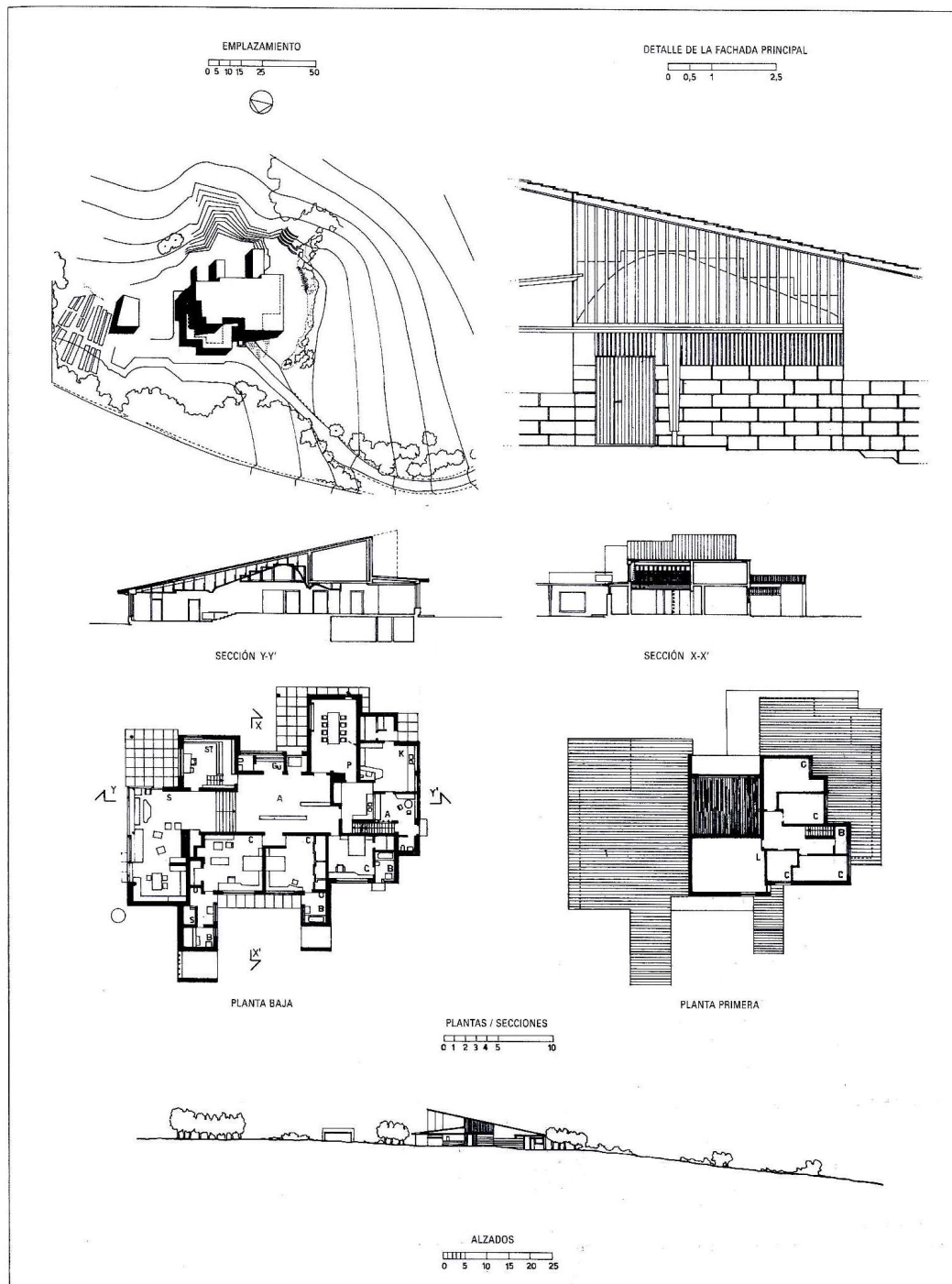
Com a constatação final da forma brilhante com que a casa se funde e tira partido do ambiente natural que a circunda, chegamos assim ao término desta viagem...

Desenhos do livro:

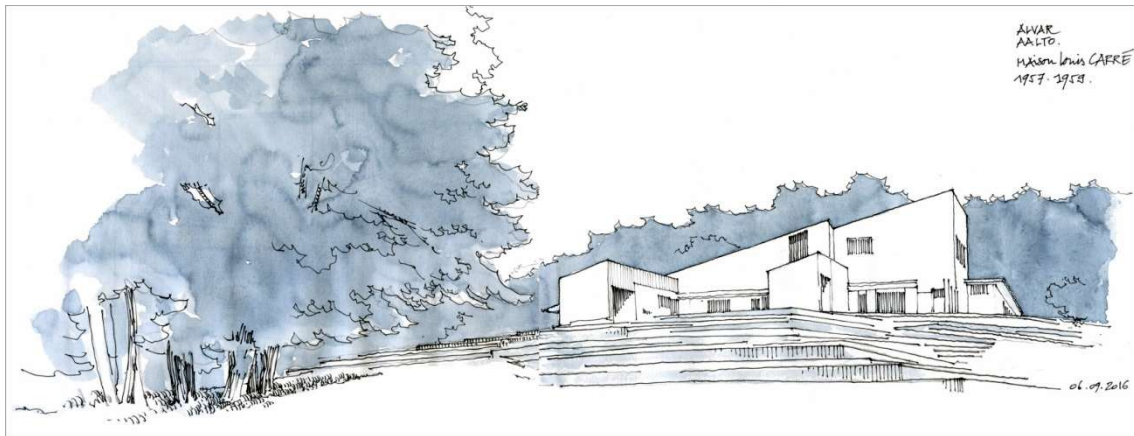


... 48

⁴⁸ CORNOLDI, Adriano. LA ARQUITECTURA DE LA VIVIENDA UNIFAMILIAR – Manual del espacio doméstico – pág. 214. Dissertação de Mestrado Integrado em Arquitetura. Paulo Topa, Faup 2018.



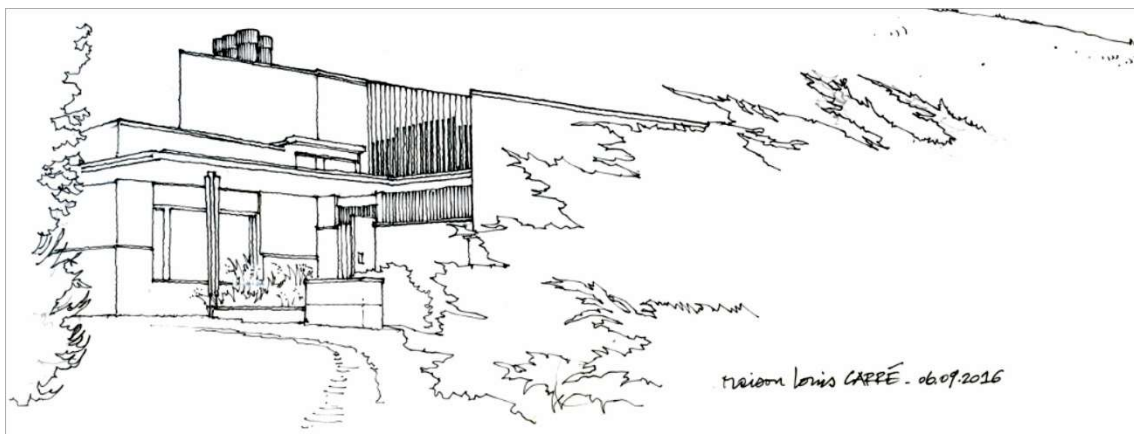
Perspetivas e fotos da casa Carré:



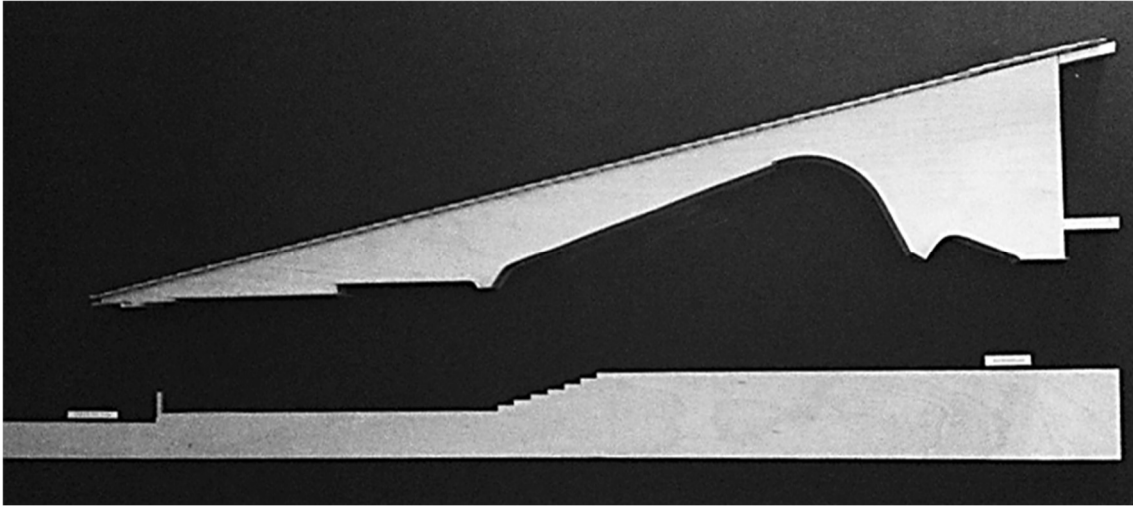
https://www.flickr.com/photos/gerard_michel/29793150996/in/photostream/



https://www.flickr.com/photos/gerard_michel/29715642892/in/photostream/



https://www.flickr.com/photos/gerard_michel/29201364934/in/photostream/



<http://www.architectyourhome.pt/architecture/uma-atmosfera-de-conjunto-casa-e-paisagem-numa-unica-concepcao-alvaar-aalto-arquitecto/>



<http://www.architectyourhome.pt/architecture/uma-atmosfera-de-conjunto-casa-e-paisagem-numa-unica-concepcao-alvaar-aalto-arquitecto/>



https://www.admagazine.fr/architecture/balade/diaporama/les-maisons-darchitectes-a-visiter/33370#les-maisons-darchitectes-a-visiter_image1

Casa Goldenberg - Louis I. Kahn

De seu nome completo, Hugo Alvar Henrik Aalto, nasce a 3 de fevereiro de 1898 em Kuortane e morre a 11 de maio de 1976 em Helsínquia.

Louis Isadore Kahn, nasce na Ilha de Saaremaa, Estónia, a 20 de fevereiro de 1901 e morre em Nova Iorque, em 1974. Este arquiteto foi também ele um dos grandes nomes da arquitetura mundial. Tal como muitos outros famosos arquitetos, também ele rumou para o estrangeiro, no seu caso, com a família e com apenas 5 anos, mudaram-se para Filadélfia, nos Estados Unidos, onde foi naturalizado em 15 de maio de 1914.

Kahn, fundou o seu próprio atelier em 1935, embora continua-se com a sua atividade como crítico de design e professor de arquitetura na Yale School of Architecture entre 1947 a 1957. A partir de 1957 foi professor de arquitetura na Escola de Design da Universidade da Pensilvânia. O seu estilo arquitetónico era o Monumental e com bases do Monolítico, daí que as suas obras fossem de carácter pesado e não escamoteava o peso específico dos próprios materiais, nem a forma mais artesanal como estes deveriam ser aplicados. Foi um dos arquitetos mais influentes do século XX e as suas obras primavam por serem meticulosamente construídas.

Visita à Casa Goldenberg...

Ao chegarmos às imediações da casa apercebemos de imediato da sua forma arquitetónica, fora do comum.

No seu eixo central, alinhado pela entrada principal, todas as formas de fachada e sem exceção comportam paredes obliquadas, somente no eixo oposto, sentido transversal, é que a fachada tem um comportamento regular, ou seja, com esquadrias 90.º. As coberturas de todo este complexo são também elas invulgaes, são inclinadas para o seu interior em todas as alçadas da casa (excetuando alguns casos e estes já muito próximos do pátio interior em que esses planos inclinados são opostos aos dominantes) e não para o exterior como é o uso ou o sistema mais convencional. Esta atitude de Kahn, relativamente à matéria da cobertura, obrigou-o no encontro dos planos inclinados entre si, a uma geometria deveras complexa e inovadora, provocadas pela expressão física das fachadas em contínuos ressaltos, bem como, nas diferentes alturas que este imprimiu ao longo das diversas espacialidades da casa e consequentemente lhes atribuiu o carácter diferenciado e específico quanto à função que desempenham no contexto habitacional.

Percurso pela casa...

Para acedermos à casa, somos impelidos para uma espécie de corredor coberto e profundo, produzido pelos dois volumes espaçados entre si, mas que sobressaem relativamente ao plano de chegada, onde se encontra o Hall de Entrada principal. Após a transposição do hall, no sentido da entrada, posiciona-se um grande pátio desprovido de cobertura, todo ele envidraçado e assumindo-se como espacialidade central, à volta do qual todos os outros surgem e fluem, fazendo-nos lembrar um pouco a orgânica da casa anterior, a Casa Carré, a partir do seu hall central, mas mais ainda com a Casa típica Grega e Romana estudadas anteriormente com os seus pátios descobertos e reguladores da restante composição espacial.

Voltando à esquerda, do hall de entrada, surge um Quarto com parede oblíqua gerada do alçado principal e que me parece ser vocacionado para os serviços da casa, devido à sua localização

espacial, com um modesto Banho acoplado e formando assim uma suite. De seguida, no sentido ascendente desta ala, surge a Copa que comporta uma escadaria por onde se acede à cave, seguida de uma espaçosa Cozinha, ladeados estes pelo interior por um WC de serviço e contíguo a este a Despensa de apoio à cozinha.

No alçado de tardoz e na sequência das espacialidades referidas há pouco, surge uma grande Sala de Estar, com sugestão trio-compartimentada onde a primeira e a terceira (do lado esquerdo e do direito, respetivamente) parecem ser mais vocacionadas ao lazer, à reunião de família, a atos de leitura e de informal confraternização familiar, a parte central é definida pela imposição de uma grande lareira que nasce ao centro do próprio paramento envidraçado do grande pátio descoberto, e que consagra ou dota esta sala ao recolhimento e maior aconchego familiar. Ao lado da terceira sala, surge ainda o Escritório que comunica e dialoga livremente com os espaços antecessores.

Na sequência do Escritório e agora na ala do lado direito, relativamente ao eixo principal, surge um quarto de vestir comunicante, que por sua vez se relaciona também com um Banho privativo. Após este, penetramos de seguida num espaçoso Hall de Distribuição da Suite, que por sua vez se relaciona diretamente com o Quarto Principal, transformando assim estas quatro espacialidades agregadas, numa agradável e espaçosa Suite. Seguidamente à suite principal e por último, surgem ainda mais um espaçoso Hall de Distribuição dos Quartos, dois Quartos e o Banho Familiar de apoio a estes.

Em termos de apreciação final e global, parece-me que toda a casa, desde a sua implantação até ao seu sistema de cobertura, é regulada por uma geometria complexa, mas apesar de tudo, com uma ótima condição de habitar, separando de forma competente as áreas de serviços da área social e por sua vez estes, separados da parte mais íntima e reservada da casa destinada aos quartos. Outro foco de atenção é a entrada de luz que a casa recebe, provocada pela cobertura inclinada para o interior, permitindo grandes planos de janelas e portas voltadas para o exterior, estabelecendo ótimas relações e diálogos com o meio-ambiente circundante. Aliás, a própria produção de luz tem contrastes genialmente conseguidos pelo autor, ou seja, dos paramentos de fachada com envidraçados predominantes, surgem outros, escamoteados e de posição contrária à empena onde se insere, ora transportando e conduzindo a Luz de incidência Direta, ora a produção de efeitos criados por oposição através da iluminação Zenital.

A espetacularidade da organização espacial da casa, ao convergir para o seu ponto central (o pátio interior), dá o poder a que seja este, apesar de descoberto a comandar toda a ação e interioridade da sua complexa composição arquitetónica.

O próprio autor do livro, sublinha algumas destas características, dando-lhes uma ênfase interessante e que passo a citar:

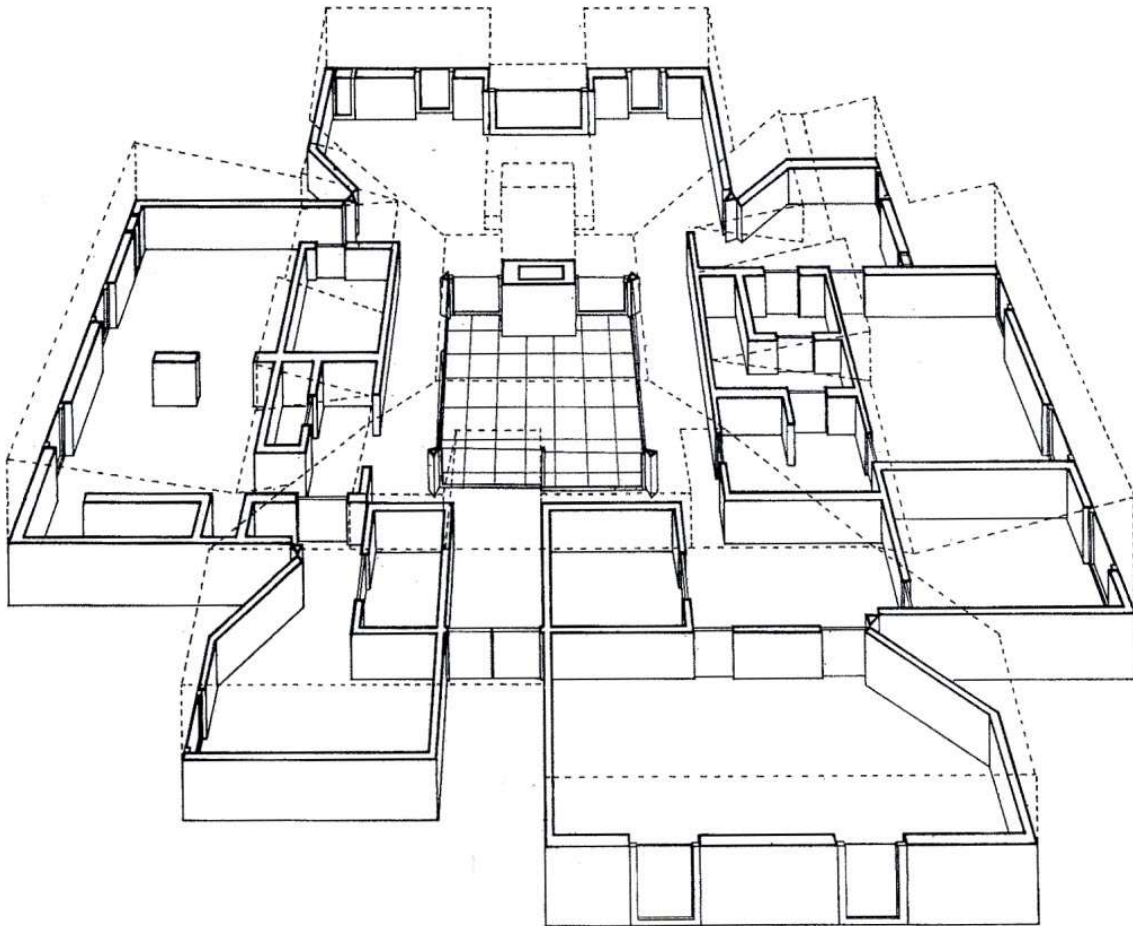
De esta manera el espacio central se convierte en el espacio de conexión de la casa y al mismo tiempo pernio de toda la implantación; descubierto y al mismo tiempo cubierto, centrípeto y centrífugo, patio y al mismo tiempo hogar.

*Estas características constituyen la peculiaridad de esta casa y, por la particular y riquísima potencialidad geométrica que expresan, son referencia de partida de muchos arquitectos contemporáneos.*⁵⁰

Com este texto final damos por término mais uma magnífica viagem...

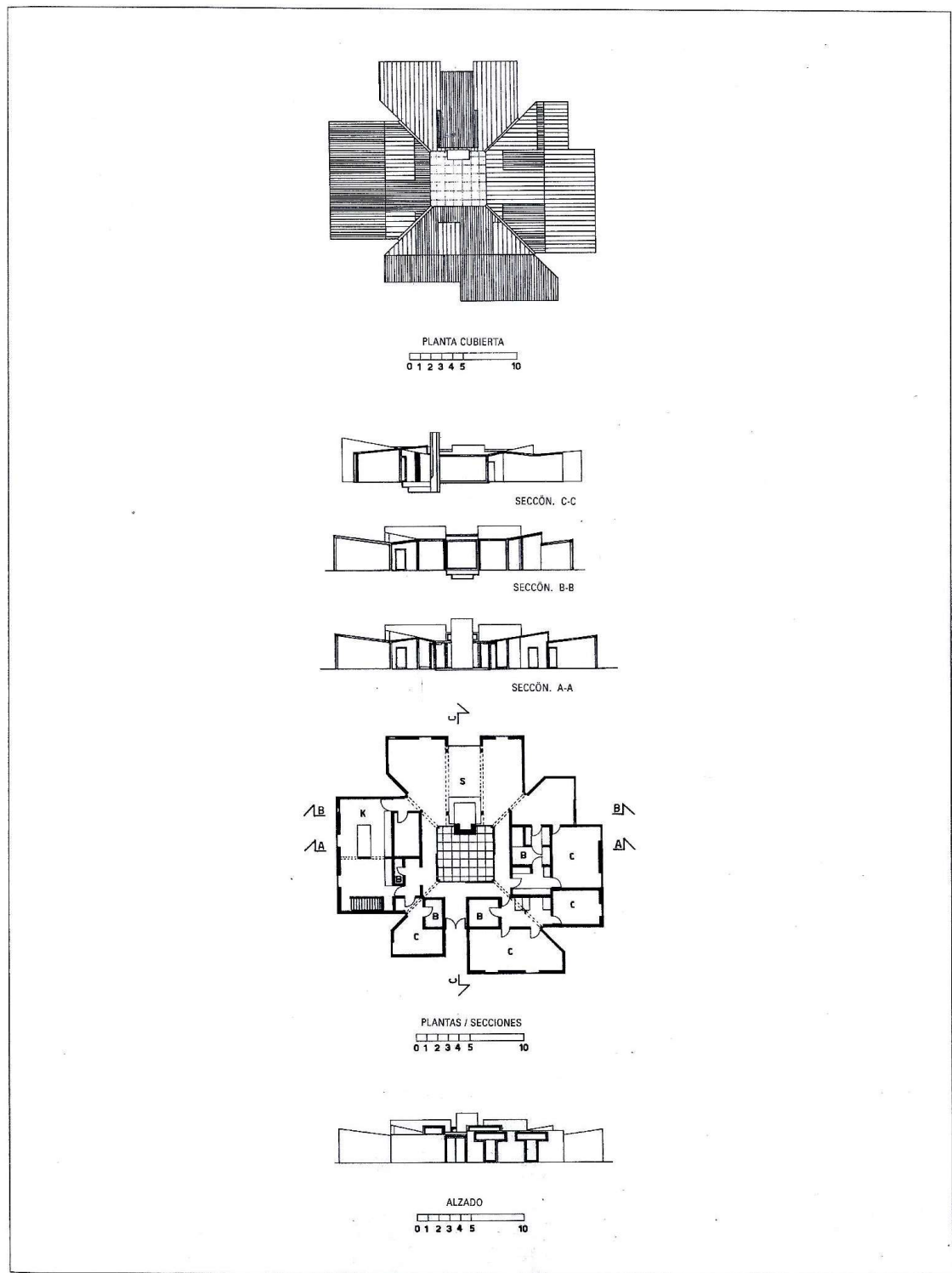
⁵⁰ CORNOLDI, Adriano. LA ARQUITECTURA DE LA VIVIENDA UNIFAMILIAR – Manual del espacio doméstico – pág. 224. Dissertação de Mestrado Integrado em Arquitetura. Paulo Topa, Faup 2018.

Desenhos do livro:



... 51

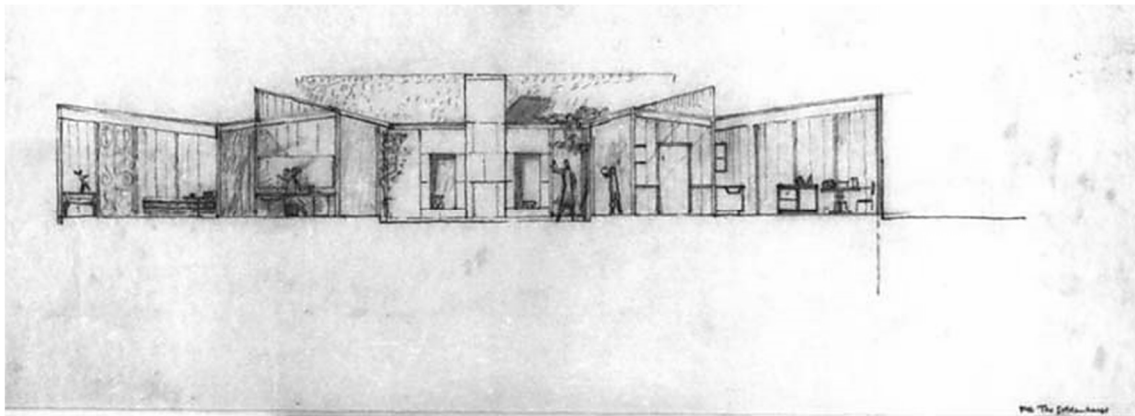
⁵¹ CORNOLDI, Adriano. LA ARQUITECTURA DE LA VIVIENDA UNIFAMILIAR – Manual del espacio doméstico – pág. 224. Dissertação de Mestrado Integrado em Arquitetura. Paulo Topa, Faup 2018.



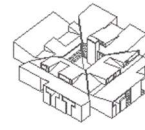
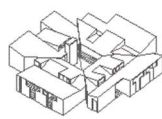
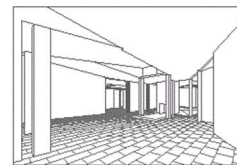
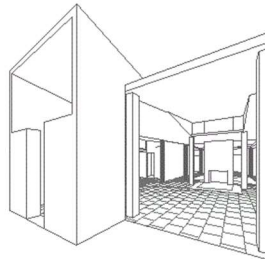
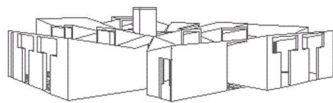
... 52

⁵² CORNOLDI, Adriano. LA ARQUITECTURA DE LA VIVIENDA UNIFAMILIAR – Manual del espacio doméstico – pág. 225. Dissertação de Mestrado Integrado em Arquitetura. Paulo Topa, Faup 2018.

Desenhos e Perspetivas da casa Carré:



<http://socks-studio.com/2014/04/08/the-plan-is-a-society-of-rooms-goldenberg-house-by-louis-kahn-1959/>



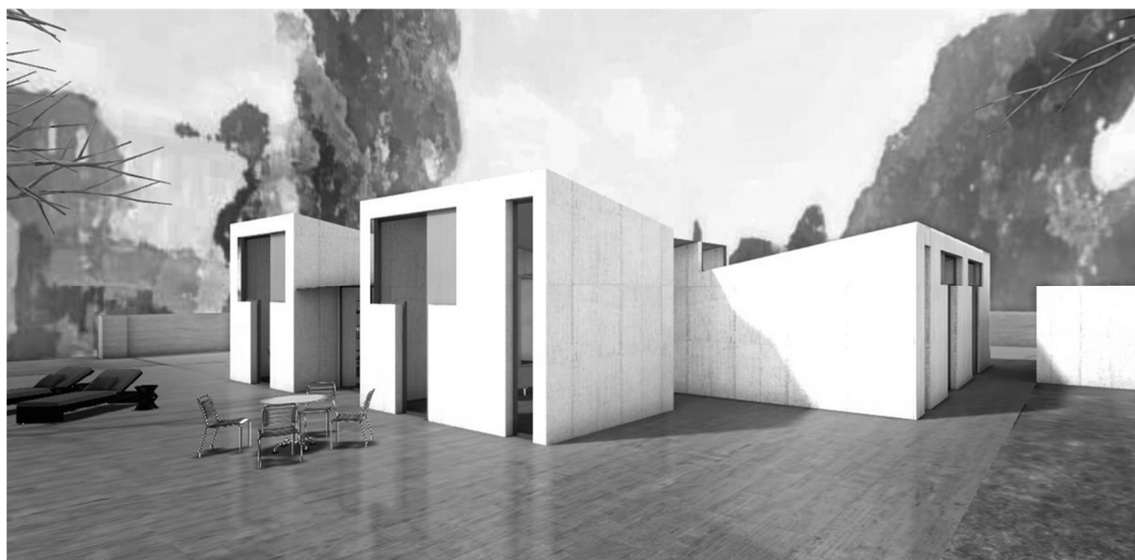
www.google.com/search?rls=com.microsoft%3Apt-PT%3A%7Breferrer%3Asource%3F%7D&rlz=1175KPT_pt-PTPT424&biw=1920&bih=981&tbn=isch&sa=1&ei=p91-W-fxG6SvGAbG356oAw&q=fotos+da+Casa+Goldenberg%2C+Kanh&oq=fotos+da+Casa+Goldenberg%2C+Kanh&gs_l=img.12...2619943.2623250.0.2626408.9.9.0.0.0.122.867.7/2.9.0...0...1c.1.64.img..1.0.0...0.Lu4FDd-jZlY#imgdli=y-PfbuFwjyB73M:&imgcc=7v36WsWJmDhIFM



<https://www.curbed.com/2016/3/23/11291976/louis-kahn-goldeberg-house-unbuilt-design-architecture>



<https://www.curbed.com/2016/3/23/11291976/louis-kahn-goldeberg-house-unbuilt-design-architecture>



<https://www.curbed.com/2016/3/23/11291976/louis-kahn-goldeberg-house-unbuilt-design-architecture>



<https://www.curbed.com/2016/3/23/11291976/louis-kahn-goldeberg-house-unbuilt-design-architecture>

Viagem **14**

Casa **Vanna Venturi**

Vivienda **VI**

Casa **Giovannitti**

Viagem 14, capítulo 7 Atlas .89, .92 e .93 do livro.

Os autores desta visita são desta vez: Robert Venturi, Peter Eisenman e Richard Meier.

Casa Vanna Venturi - Robert Venturi

Robert Charles Venturi, é um Arquiteto Americano, nasceu em Filadélfia a 25 de junho de 1925, foi vencedor do Prémio Pritzker em 1991 e é também ele, uma figura notável do século XX. Realizou várias obras, foi professor na Universidade da Pensilvânia, na Yale School of Architecture e professor visitante na Universidade de Harvard's Graduate School of Design, deixando ainda um legado escrito e teórico bastante extenso, como contributo para a interiorização, maximização e difusão do discurso arquitetónico. É igualmente conhecido por cunhar a máxima "Less is a bore", como um antídoto pós-moderno à do Mies van der Rohe "less is more".

Venturi é um pós-modernista e um dos mais influentes, senão mesmo, o mais influente teórico que se debruçou sobre a temática de como afastar a arquitetura do etos modernista que se impunha e se havia enraizado porfiadamente na época.

Visita à Casa Vanna Venturi...

Esta casa foi construída para a sua Mãe, em Chestnut Hill, Filadélfia, nos anos 1962–1964. Embora sendo um dos seus primeiros trabalhos, o seu projeto é já bastante complexo, tanto nos aspetos formais como funcionais. Ao nos acercarmos da empena principal da casa parece-nos serem formas simples e simétricas que regulam toda a casa, mas o autor introduz diversas subtilidades ao longo da composição geral, nomeadamente entre o seu centro e a composição inicialmente estabelecida, ele cria uma série de alterações geométricas e vistas inesperadas. Foi precisamente este tipo de atitude ao nível do ato projetual, que criou a plataforma a partir da qual Venturi granjeou reconhecimento internacional. Apesar da inovação que introduz nas suas obras, o autor, neste caso, parece fazer uso da citação e colagem de outros autores, tais como, a janela corrida, típica de Le Corbusier e da famosa chaminé, impositiva e proeminente de Frank Lloyd Wright. Mas apesar de utilizar algumas, dessas colagens, uma situação que nos ressalta, é que em cada detalhe, em cada ângulo de visão, existe alguma coisa de estranho, de oposto ou contraditório com as determinações da arquitetura modernista seguida por estes. As janelas, portas, empenas, frontão, verga, chaminé, cobertura, entre outros, são tratados de forma completamente diferente no seu todo, ou seja, não recorre a abstratos vãos de iluminação ou acessos, a planos de cobertura complexos, grandes espaços totalmente envidraçados e assim por diante, que são as características marcantes do Modernismo. Venturi recupera o significado vernacular desses elementos, mas coloca-os de uma forma desconcertante, através das suas dimensões e posicionamento, enfatizando a miscelânea de significados sobrepostos.

O próprio acesso da rua até à casa é por si só invulgar, o exemplo disso é que o passeio é oblíquado e não se encontra ao eixo central da própria casa, o seu desenho assenta no assimétrico do percurso (no plano planimétrico), para depois se aceder ao simétrico (no plano altimétrico). Voltando à fachada principal, este plano fornece-nos uma relação interessante de elementos que conjugados entre si, resultam num bom exercício de geometria. Na fachada sublinha-se a planura produzida pelo grande frontão de duas partes com a grande chaminé ao eixo como pano de fundo, ao centro de toda esta composição o recorte quadrado que regula a

entrada, o lintel, e finalmente, o arco em alto-relevo dominando toda a centralidade, como se fosse o elo de ligação entre eles.

Percurso pela casa...

Da forma geométrica quadrada e central da composição frontal da empena principal, desenvolve-se a acessibilidade à interioridade da casa propriamente dita.

Piso 0

O Hall de Entrada principal, surge lateralmente à nossa direita, funcionando a parede frontal do pré-átrio que a antecede como tapa-vistas e costas do ponto fulcral da casa e de toda a composição arquitetónica, a chaminé. A forma predominante do hall é semi-curva, integra um micro vestíbulo e desemboca diretamente numa primeira sala, a Sala de Jantar e esta por sua vez é ladeada pelo seu lado direito, primeiramente pela Cozinha, seguida por um Alpendre exterior contíguo. A cozinha comporta ainda uma escada semicircular de acesso à Cave. Seguindo no sentido oposto surge uma grande Sala de Estar, anexada de forma livre à anterior e na qual sobressai o semicírculo que marca a grande lareira em frente à ampla saia da chaminé, que ocupa uma parede inteira da sala de estar. Ao lado esquerdo desta última sala, surgem dois quartos, um Quarto Duplo e um Quarto Simples (solteiro / empregada) e no hall destes aparece a Casa de Banho completa. No tardo da grande chaminé da sala de estar, desenvolve-se a Escadaria Principal por onde se acede ao primeiro piso, mas esta tem uma particularidade geométrica interessante, uma das paredes de arranque é oblíqua (a que impõe o sentido da entrada) e a parede alinhada pela restante composição, regulada pela própria lareira, cria uma espécie de afunilamento, mais estreita no início e mais larga até +/- 1/3 da totalidade desta. Os restantes 2/3 da escadaria voltam a assumir uma espacialidade estreita, sensivelmente como a do ponto inicial de arranque, onde passa praticamente uma só pessoa, fazendo um ângulo de 90º e sendo paralela ou perpendicular às restantes paredes.

Cave - Por baixo da escadaria referida há pouco, junto ao hall dos quartos e sala de estar, desenvolve-se uma outra escadaria, de sentido descendente, que tal como a da cozinha, acedem ambas à cave. A composição da cave é bastante simples, existem dois compartimentos iguais e contíguos sensivelmente alinhados pelo prumo do banho superior e um substancialmente mais pequeno ao lado, todo o restante espaço é amplo e esta composição ocupa toda a zona de implantação da casa. Suponho que este espaço fosse dedicado a arrumos com um enorme salão de apoio à casa, em virtude de a enorme lareira se prolongar até este piso.

Piso 1

Este piso é acedido pela curiosa escada, referida no piso 0 e é dedicado inteiramente a um grande Quarto Suite / Estúdio, provido de um compartimento guarda-roupa / Biblioteca e o Banho correspondente, de apoio a esta instalação. Do lado oposto à escadaria principal, existe igualmente uma nova escadaria, mas desta vez para aceder a uma espécie de Terraço miradouro que se encontra acima deste piso.

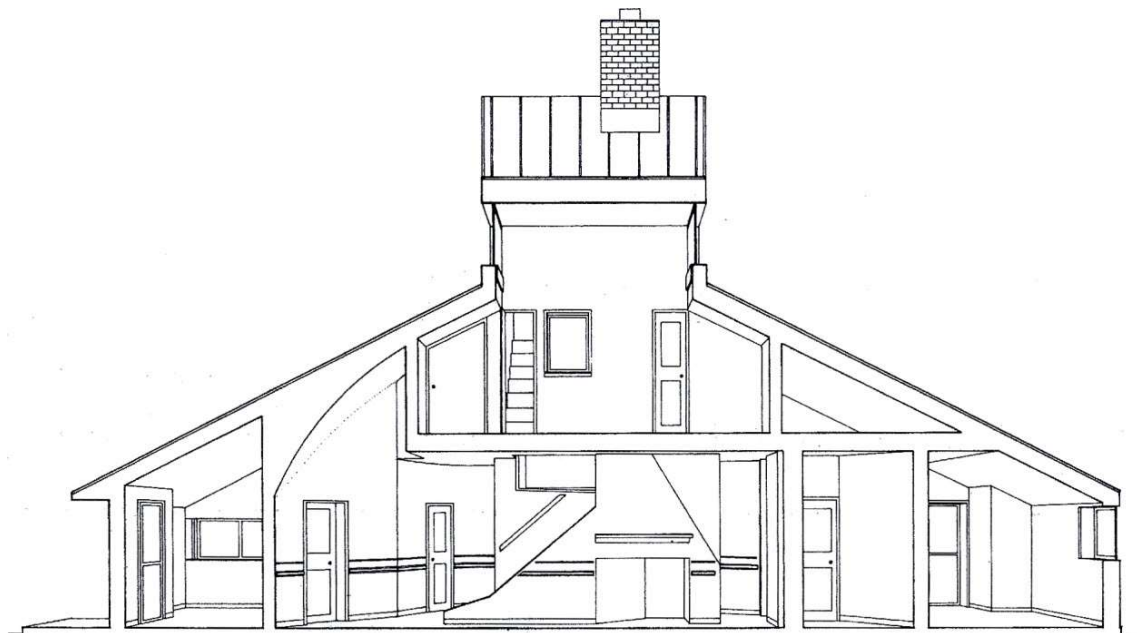
Considerações gerais:

Goste-se ou não deste tipo de casa, uma verdade é indesmentível, Venturi apela a uma complexidade e diversidade espacial, fora totalmente do comum e com as colagens e integração dos vários elementos arquitetónicos que relembram o passado e presente, criou algo realmente inovador, preparando, segundo ele, o caminho para o futuro. Como curiosidade final e de

enaltecimento à própria obra, tudo o que aqui foi expresso, foi conseguido numa pequena habitação.

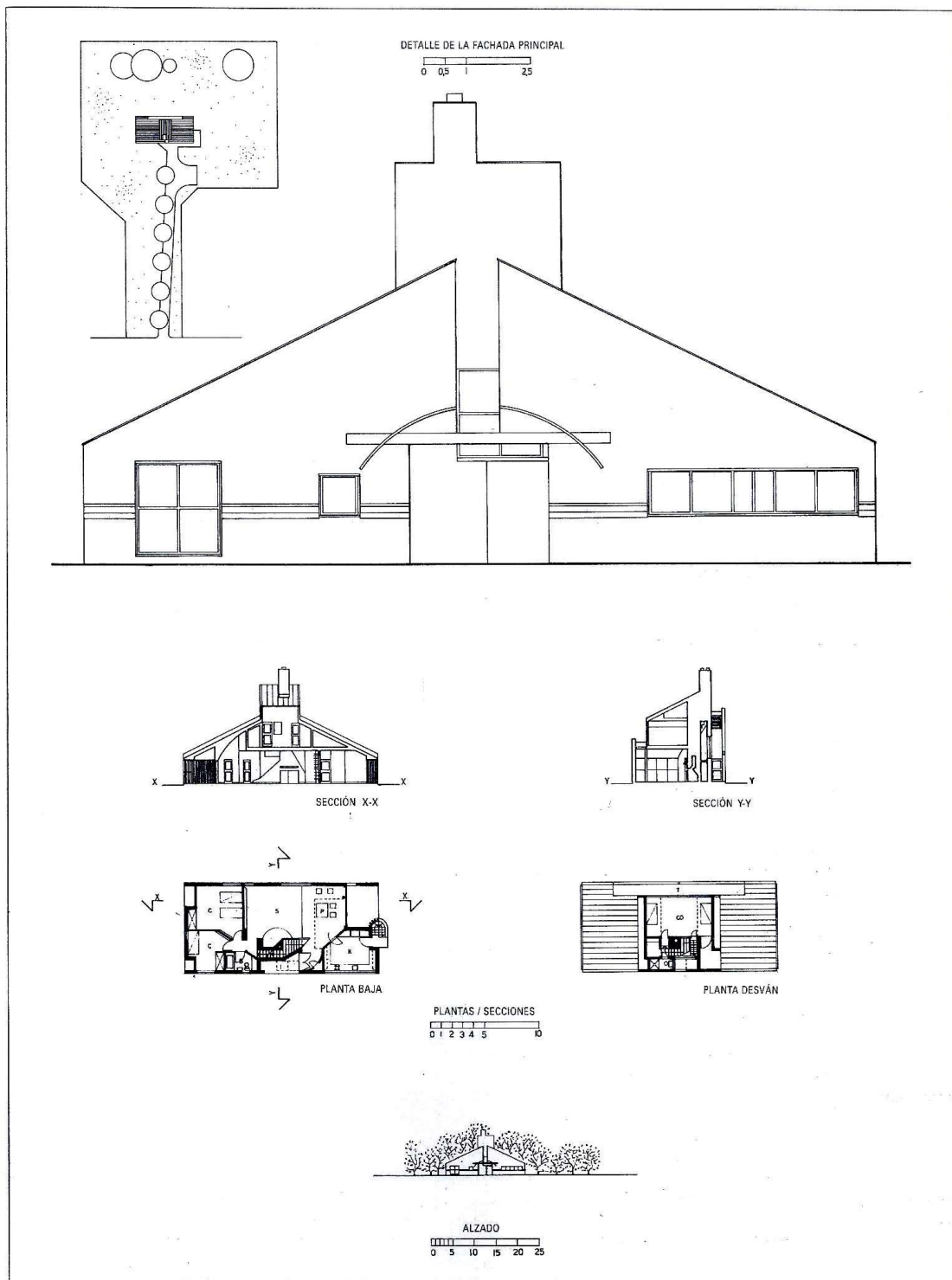
Com esta significativa obra, realizada num pacato local dos arredores de Filadélfia, Estados Unidos, Venturi alcança, não só os seus propósitos arquitetónicos, mas também uma mediática projeção por todo o mundo com o seu método, dando inclusive maior ênfase e credibilidade à sua célebre máxima "Less is a bore".

Desenhos do livro:



... 53

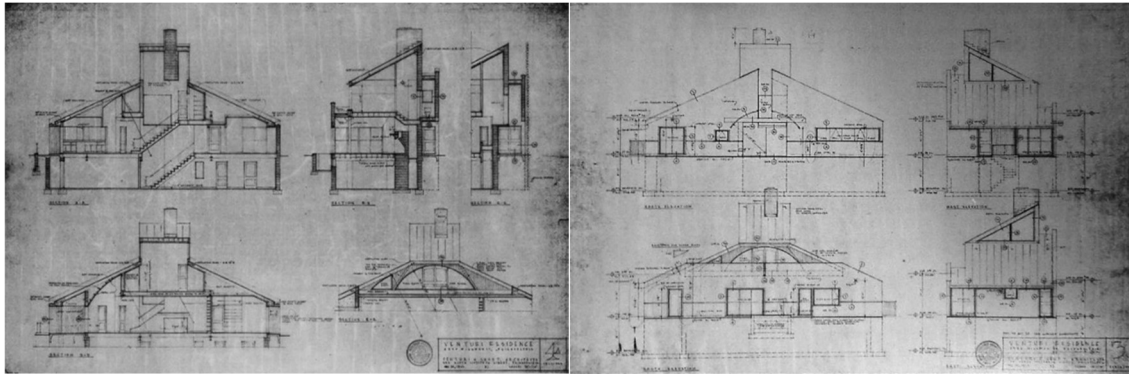
⁵³ CORNOLDI, Adriano. LA ARQUITECTURA DE LA VIVIENDA UNIFAMILIAR – Manual del espacio doméstico – pág. 242. Dissertação de Mestrado Integrado em Arquitetura. Paulo Topa, Faup 2018.



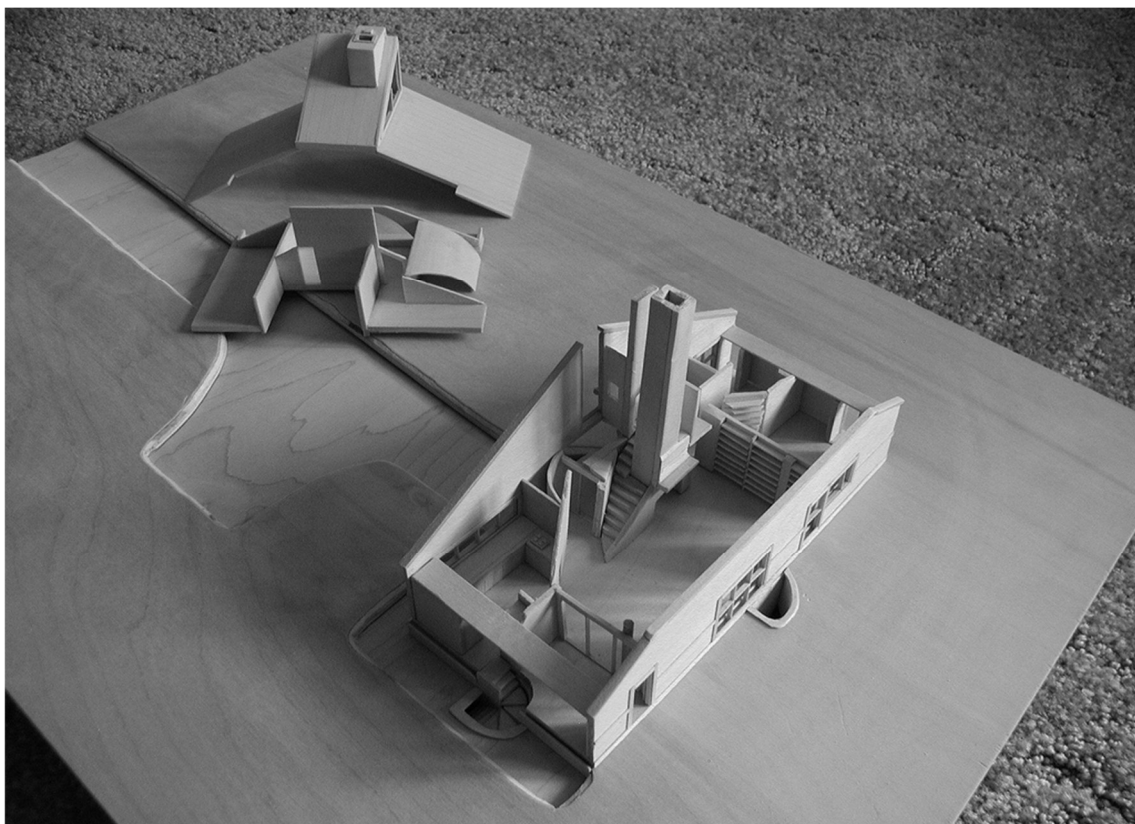
... 54

⁵⁴ CORNOLDI, Adriano. LA ARQUITECTURA DE LA VIVIENDA UNIFAMILIAR – Manual del espacio doméstico – pág. 243. Dissertação de Mestrado Integrado em Arquitetura. Paulo Topa, Faup 2018.

Desenhos, Perspetivas e fotos da casa Vanna Venturi:



<http://talleravb.blogspot.com/2012/11/robert-venturi-casa-vanna-venturi.html> <http://talleravb.blogspot.com/2012/11/robert-venturi-casa-vanna-venturi.html>



<https://www.flickr.com/photos/36338508@N00/49225217>



<https://interactive.wttw.com/tenbuildings/vanna-venturi-house>

Casa VI - Peter Eisenman

Arquiteto Norte-Americano, nasceu em Newark a 11 de agosto de 1932, e é mais um dos famosos dentro do cenário arquitetónico mundial. A arquitetura de Eisenman baseia-se no Desconstrutivismo e é conhecido mundialmente por utilizar tecnologias de última geração, representando a sua obra arquitetónica, regendo-se de um método que revelasse profundamente as formas volumétricas e espaciais, mas com subtilezas, tais como, a distorção ilusória do ponto de fuga. Sua arquitetura caracteriza-se principalmente pelo uso das diversas formas geométricas e orgânicas, que mais parecem um exercício de geometria descritiva apurado, cruzando planos e estruturas, onde pilares, vigas e superfícies são rebatidos e ou cortados, formando uma complexa composição arquitetónica. Para além das suas obras físicas, Eisenman é ainda professor, um reconhecido teórico e um participante assíduo nas conferências em prol do esclarecimento e dinâmica na prática Arquitetural.

Visita à Casa VI...

Esta casa foi construída como modelo experimental do seu inovador processo construtivo é a trama, parecida a uma espécie de grade cartesiana (tipo de sistema filosófico). Este sistema, criado por si, serve para compor a própria volumetria e dividir seus espaços. Ao contrário de Venturi, na casa Vanna que gera uma certa confusão espacial, embora dentro dos preceitos de a relacionar com a casa tradicional, esta casa de Eisenman, inclui igualmente a desorientação no trabalho, mas é tudo menos o que se consideraria uma casa convencional.

O sistema operativo da grade deu assim origem ao reconhecido modelo arquitetónico projetado em 1975 e teve resultado físico em Cornwall, no estado de Pensilvânia, Estados Unidos.

Esta casa experimental de Eisenman é também conhecida como Connecticut House VI e encontra-se edificada num terreno praticamente plano, onde se destaca prontamente das demais, pois sugere, em termos formais, uma grande escultura plantada em arredores densamente arborizados e não propriamente uma casa dentro dos padrões convencionais. A grade, neste caso concreto, foi utilizada por forma a que casa fosse dividida em quatro seções e, quando concluída, funciona-se como um "registro físico de todo o processo criativo pós projeto. Este seu sistema, em termos visuais, faz com que os elementos estruturais, sejam revelados ao longo e no final do processo construtivo de uma forma evidente e fazendo parte integrante de toda a composição arquitetónica.

Percurso pela casa...

Aproximando-nos desta famosa casa, que mais parece uma obra de arte dado o seu carácter escultórico, damos entrada por um típico e convencional Hall de Entrada principal, o qual se posiciona do lado esquerdo da empena principal e marcado por uma grande antepara lateral que se projeta para o exterior da própria fachada.

Piso 0

Depois de acedermos a este hall o percurso segue uma única direção, porque se optarmos por ir em frente, encontramos simplesmente o Vestíbulo de entrada, se optarmos por sua vez por seguir à nossa direita, damos com um pequeno átrio de distribuição que ao seu lado esquerdo comporta a Escadaria Principal, por onde se acede ao piso superior, seguindo-se em frente no átrio, desenvolve-se a Sala de Jantar, com uma configuração longitudinal profunda e com uma

largura de certa forma contida, ao seu lado direito surge a Cozinha com o mesmo tipo de características dimensionais, tipo kitchenette, não por ser pequena, mas sim por se comunicar livremente com o espaço antecessor e com uma interessante peculiaridade, o autor separa a zona de águas da zona do fogão, tipo zona de preparação e de confeção, se assim se pode dizer. Ao lado da sala de jantar, no sentido oposto à cozinha, surge uma grande Sala de Estar, com uma forma retangular com maior estabilidade e equilíbrio espacial e ao fundo desta surge por último um Estúdio, que volta às características longitudinais profundas, tais como as da sala de jantar e de forma paralela à primeira. Os interstícios da sala de estar e a escadaria principal de acesso ao piso superior, é regulado por uma espécie de corredor / biombo que permite de alguma forma a privacidade e contenção do ambiente de estar e pelo qual se acede a uma nova escadaria, rigorosamente no mesmo prumo da mencionada anteriormente, mas desta vez no sentido descendente, dando por sua vez acesso à Cave. A cave, segundo o meu entendimento, destina-se a armazém e arrumos e a sua dimensão é bastante reduzida comparativamente com os restantes pisos, ou seja, de cerca de 1/5 a 1/6 da mancha de implantação predominante.

Piso 1

Após transpormos a escadaria principal, tipo tiro, encontramos-nos no piso destinado à zona íntima e de carácter mais privado desta inovadora casa. À nossa chegada e ao estabilizarmos no patamar de repouso, deparamo-nos que a espacialidade em sequência é uma espécie de hall de receção à zona íntima, com um desenvolvimento de mezanino do seu lado direito sobre a escadaria. Frente a este estranho elemento, surge um enorme Quarto Suite, composto espacialmente pelo próprio quarto em si, como é óbvio, seguindo-se um outro pequeno hall, de acesso aos restantes compartimentos desta suite, ou seja, um Living de dimensões consideráveis e que funciona igualmente como mezanino, mas desta vez com vista para o piso inferior, maioritariamente para a sala de jantar e estar, lateralizado por sua vez por uma Closet. Frente ao living, surgem as competentes instalações sanitárias, mas aqui e mais uma vez, outra peculiaridade, o Banho tem duas secções ou antecâmara, a primeira comporta o lavatório e a segunda, retrete e banheira. Entre o quarto de vestir e o próprio living, surge ainda outra forma intrigante nesta composição, uma escada invertida, alinhada pelo mezanino e que parece aceder à cobertura, mas de facto não acede a lado algum. Esta atitude, segundo o autor, pretende tão somente marcar a centralidade da composição arquitetónica, inclusivamente extrapolada pela sua cor avermelhada, de certa forma berrante e que se destaca de tudo o resto.

Observações pós-visita:

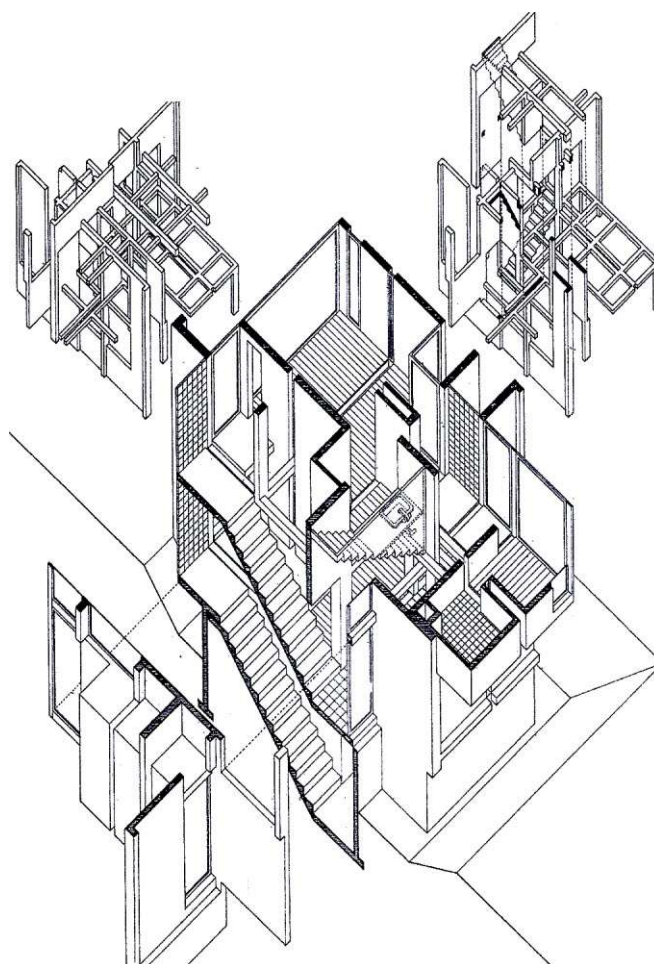
De facto, esta casa é tudo menos convencional. Foi construída de forma eficiente e usou de base uma estrutura simples, pilares e vigas, no entanto, algumas colunas ou vigas não desempenham qualquer papel ao nível estrutural, são incorporadas somente para melhorar o design conceitual. A coluna na cozinha que paira sobre a mesa da cozinha, sem sequer tocar no chão é um exemplo disso mesmo, tais como os diversos planos e fendas nas paredes e tetos, encontram-se lá, mas para marcar a geometria, o ritmo habitacional e provar o “sistema” de Eisenman. Apesar de ser interessante em termos de composição de fachadas e de propagação luminária interior, as fendas, em alguns casos são condicionadoras do tipo de uso, por exemplo, a que se posiciona no quarto, de alto a baixo, obriga por assim dizer, a que as camas tenham de ser separadas e não as vulgares de tipo casal. Outro senão que encontro nesta obra, é que para se aceder à única casa de banho da casa, tem de se subir um piso e passar por toda a zona íntima e reservada da casa, o que não será propriamente o mais adequado à vivência comum. Muito provavelmente o autor pretendeu dar mais ênfase às séries de planos que deslizam entre si, ao criar os espaços

interiores, ignorando propositalmente a ideia formal da função, contextualizada nos parâmetros habituais do formalismo tradicional.

Eisenman criou de facto espaços peculiares, bastante bem iluminados e otimamente relacionados com o maravilhoso exterior que o rodeia, mas de uma certa maneira, pouco convencionais segundo a sua função dentro dos padrões convencionais da condição do habitar. Apesar de todas as observações feitas ao longo desta nossa visita, uma coisa é certa, o autor construiu uma casa onde o homem é de certa forma forçado a viver numa obra de arte, num tipo de casulo escultural, mas será do agrado dos próprios clientes a que se destinava e sua condição maior? Sendo esta casa do tipo de uso invulgar e com o tal conceito projetual não-tradicional, segundo os próprios usuários, não era muito agradável a sensação de a habitar.

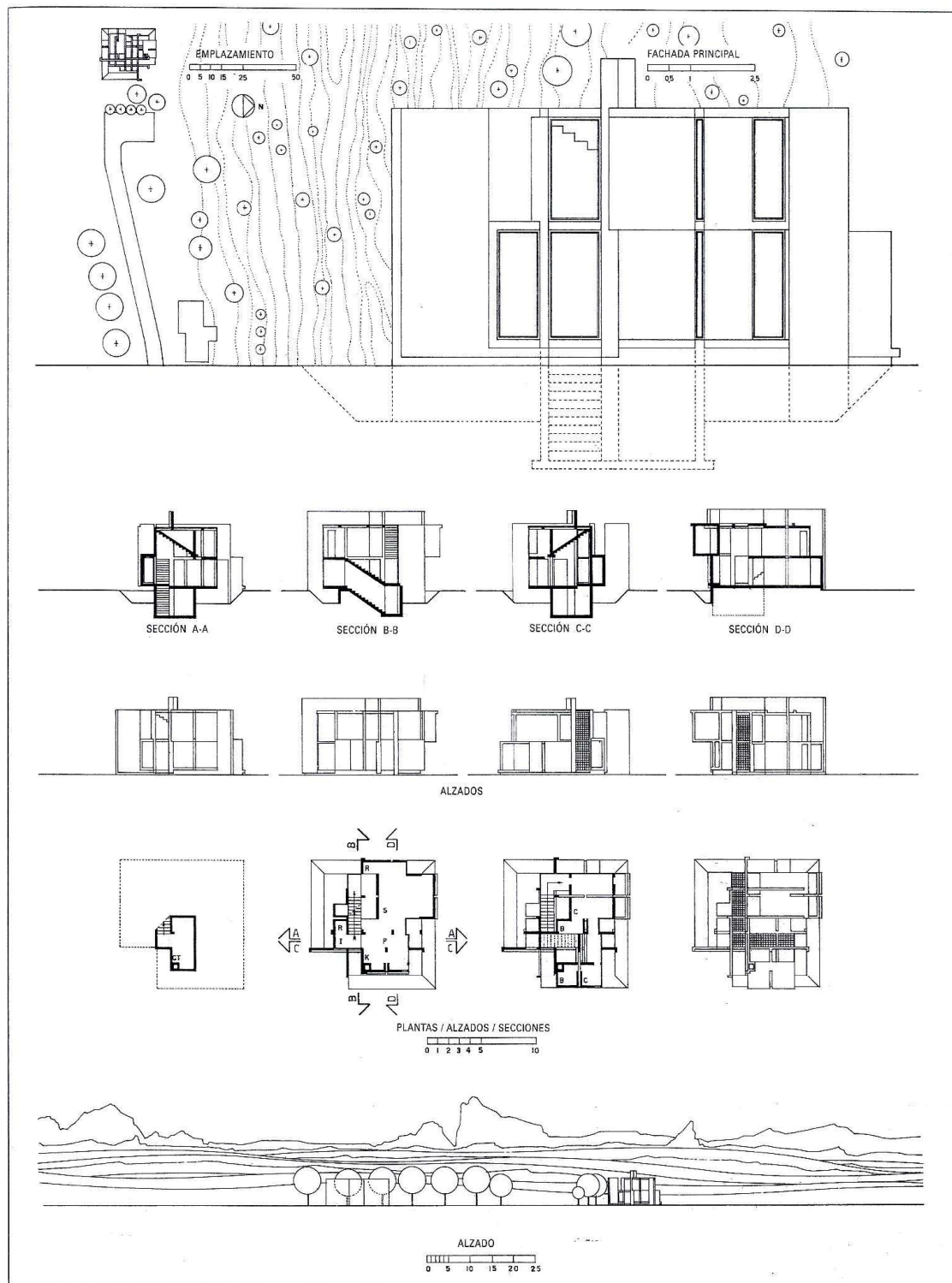
Apesar da controvérsia com os clientes e da estranha composição espacial e sistema técnico utilizado na casa, parecer, ser mais indicado a uma obra de arte e poética, esta obra foi considerada um grande êxito por especialistas da época e com enorme reconhecimento ao nível internacional.

Desenhos do livro:



... 55

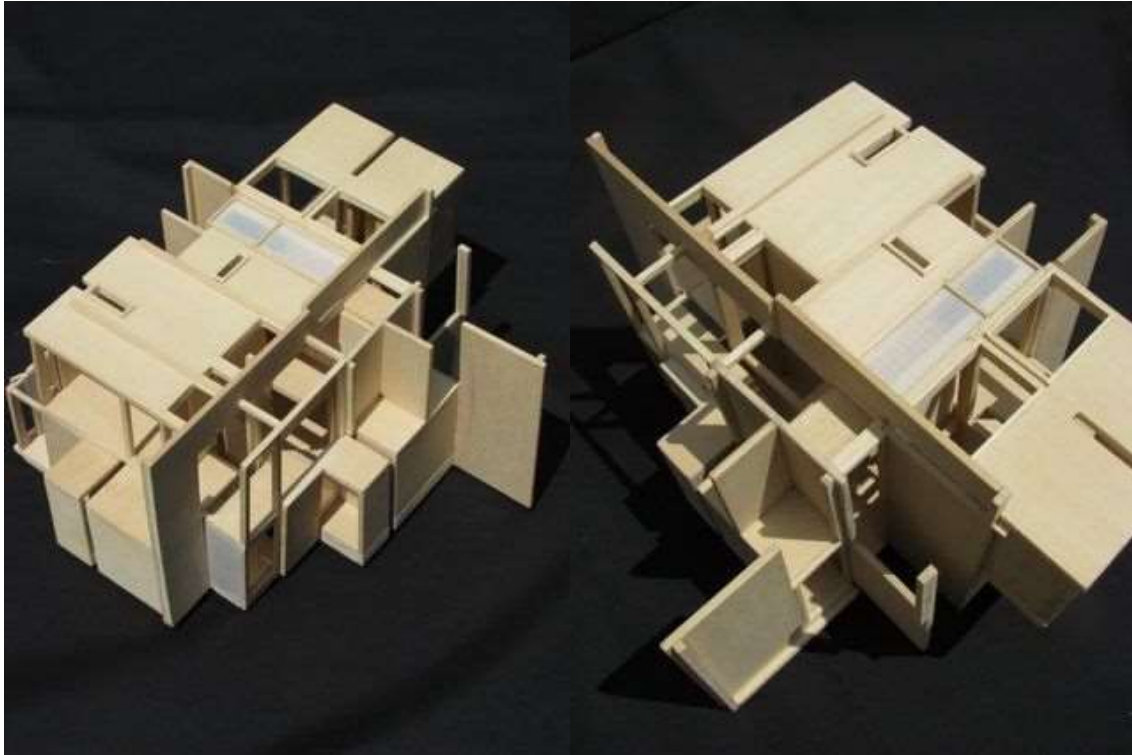
⁵⁵ CORNOLDI, Adriano. LA ARQUITECTURA DE LA VIVIENDA UNIFAMILIAR – Manual del espacio doméstico – pág. 248. Dissertação de Mestrado Integrado em Arquitetura. Paulo Topa, Faup 2018.



... 56

Perspetivas e fotos da casa VI:

⁵⁶ CORNOLDI, Adriano. LA ARQUITECTURA DE LA VIVIENDA UNIFAMILIAR – Manual del espacio doméstico – pág. 249. Dissertação de Mestrado Integrado em Arquitetura. Paulo Topa, Faup 2018.



<https://i.pinimg.com/originals/69/c3/b1/69c3b1c9b72bf53925cd0ec4673ce361.jpg> . <https://i.pinimg.com/originals/09/7c/89/097c890115a497522f93c343bfef856.jpg>



<https://my-planet.org/house-vi-in-u-s-by-peter-eisenman.html#.W4WWkuhKhHE>

Casa Giovannitti - Richard Meier

Arquiteto Norte-Americano, nasceu em Newark a 12 de outubro de 1934, e em 1984 recebeu o prémio Pritzker, sendo assim mais um dos famosos no cenário arquitetónico mundial. A arquitetura de Eisenman baseia-se no Abstrato americano e grande parte dos seus desenhos geométricos fazem uso proeminente das texturas à cor branca. Este autor realizou várias obras emblemáticas, nomeadamente, o Getty Center em Los Angeles, o Hotel Four Seasons, Flórida, High Museum of Art, em Atlanta, Câmara Municipal da Haia e o Museu de Arte Contemporânea de Barcelona.

Meier, teve como referências arquitetónicas, Mies Van der Rohe, Luis Barragán, Frank Lloyd Wright e especialmente de Le Corbusier, particularmente da fase inicial da carreira deste. O branco que foi adotado como cor predominante nas suas obras deve-se a ser um registo usado em muitos prédios arquitetónicos relevantes ao longo da história, incluindo catedrais e aldeias caiadas de branco da região do Mediterrâneo, na Espanha, no sul da Itália e na Grécia e porque nos transporta em direção à leveza e transparência. Segundo o próprio, o branco é a cor mais bela, porque se reconhece em todas as cores do arco íris.

Meier foi considerado um dos famosos The New York Five, a par com, Peter Eisenman, Michael Graves, Charles Gwathmey e John Hejduk, por volta de 1972. Como reconhecimento dos seus magníficos trabalhos e prestigiada carreira, foi distinguido com o prémio Pritzker de Arquitetura em 1984, em 2008 ganhou a medalha de ouro em arquitetura da Academia de Artes e Letras e foi premiado com a medalha de ouro AIA em 1997.

Visita à Casa Giovannitti...

O edifício dedicado a esta nossa visita situa-se no bairro de Squirrel Hill, Pittsburgh, Pensilvânia. O projeto e obra é datado de 1979 – 1983 e tem uma área de implantação com cerca de 240m². Esta é uma casa projetada para Frank Giovannitti e sua esposa, imersa numa área verde considerável, mas igualmente rodeada por algumas outras casas, onde a busca pela privacidade se tornou a principal necessidade funcional e essa privacidade deveria ser recorrente em todos os espaços preenchidos e percorridos.

Os materiais utilizados para a sua construção são basicamente: betão armado, vidro, tijolos de vidro, madeira e aço inox. Em toda a estrutura da casa predomina o betão armado, tanto nas paredes das quatro fachadas, como nas colunas, vigas, paredes e cobertura. O vidro é também ele um dos materiais mais amplamente utilizado em toda a composição espacial, mais prevalente na fachada sul. Na fachada leste e oeste, o elemento mais dominante são as paredes de betão. Os blocos de vidro, ou tijolo de vidro, como quiserem chamar, desempenham igualmente um papel importante na habitação e composição de fachadas, podendo ser observados adornando parte do telhado do primeiro andar, adjacente ao teto da garagem e parede superior esquerda da fachada sul. Quanto à madeira, a sua presença faz-se sentir, em todos os pavimentos dos pisos habitáveis, bem como na feitura dos móveis e cadeiras que equipam toda a casa.

Percurso pela casa...

A sensação ao nos acercarmos da casa em termos da sua forma espacial e direção evolutiva é que esta combina um duplo volume exterior, um substancialmente mais proeminente que o outro, complementados no interior por espaços vazios. Verifica-se também a ocorrência da tal

leveza e transparência, conforme apanágio primordial do seu autor. A entrada formal para a casa, situa-se no piso intermédio ou segundo nível, alcançada a partir do terraço sobre a garagem e o seu programa habitacional desenvolve-se na vertical...

Piso -1

O acesso automóvel e à garagem privada dá-se neste piso, no módulo menor e mais baixo, dos dois elementos que dão a forma arquitetónica à casa. Este piso comporta ainda ao lado da garagem e no sentido do módulo de maiores dimensões, um Hall de Distribuição, a Cozinha, Lavandaria, uma espaçosa Sala de Jantar com vistas para a envolvente e acessibilidade ao plano exterior, um Sanitário com duche, uma Sala de Repouso (que pode funcionar em situação de recurso como quarto de hóspedes) com forma longitudinal e no final destes, os compartimentos de arrumos. No hall mencionado inicialmente e que antecede os espaços habitáveis mencionados, surge à sua frente a Escadaria Principal, por onde se acede ao piso superior.

Piso 0

Esta casa ao desenvolver-se numa espécie de degradé, o seu acesso torna-se peculiar relativamente a casas antecessoras, a entrada considerada principal, encontra-se no piso intermédio de toda a composição.

Transpondo-se o Hall de Entrada principal, penetra-se numa imensa Sala de Estar com dupla altura, com comunicantes aos vários terraços exteriores e onde a preponderância das fachadas neste compartimento é dominada por grandes planos de vidro. Para além do vidro expresso e como se este não bastasse, existe ainda uma composição que se desenvolve no plano altimétrico numa das empenas laterais realizado por tijolo igualmente de vidro. Esta sala otimiza e privilegia a relação com o exterior e confere-lhe uma extraordinária luminosidade. Voltando ao hall principal, do lado direito e que antecede a grande sala de estar, aparece uma secção espacial (da qual não existem dados referenciais), que sugere ser uma espécie de Escritório, ou tão somente uma ampliação da sala com um elemento espacial mais reservado. Em frente do hall e tal como já sucedeu no piso inferior surge a Escadaria Principal que comunica com todos os pisos habitáveis.

Piso 1

Este piso corresponde à parte mais elevada e íntima da casa, onde se posiciona o espaçoso Quarto Suite, único da casa e que se desenvolve como um grande mezanino, aberto, sobre a grande sala de estar que se encontra no plano abaixo. Ao fundo deste e no final da escadaria de acesso surge um Living / Biblioteca e ao seu lado direito, o Quarto de Vestir, que, por sua vez, antecede o Banho Principal. Importa ainda referir que o teto sobre a escadaria é totalmente preenchido por um extenso vitral / Claraboia longitudinal, que a ilumina de forma zenital.

Observações pós-visita:

Ao se evoluir por casa observa-se que existe um diálogo subtil entre espaços abertos e fechados, entre domínios privados e públicos, com cada elemento espacial reforçado neste jogo de contrastes e transições. Outro elemento de realce é que apesar da existência de grandes superfícies de vidro, estas foram meticulosamente aplicadas somente nas áreas públicas, enquanto que a maioria das áreas privadas são protegidas por tijolos de vidro, que permitem a passagem de luz, mas impedem a visibilidade dotando-os da necessária privacidade.

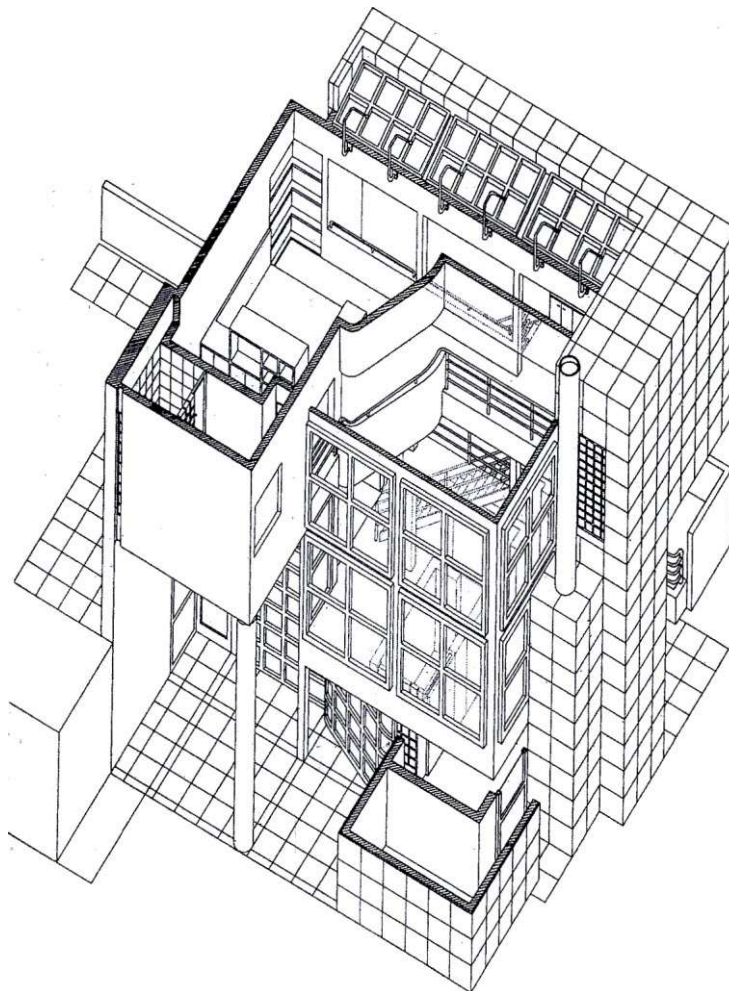
Segundo o autor do livro toda esta complexa espacialidade interior é compensada por elementos bem pensados e que passo a citar:

La espacialidad interior, si bien compleja, es al mismo tiempo medida, ordenada y variada; reprende la temática compositiva de las residencias del primer al último Le Corbusier, de la casa Citrohan a la casa Shodan.

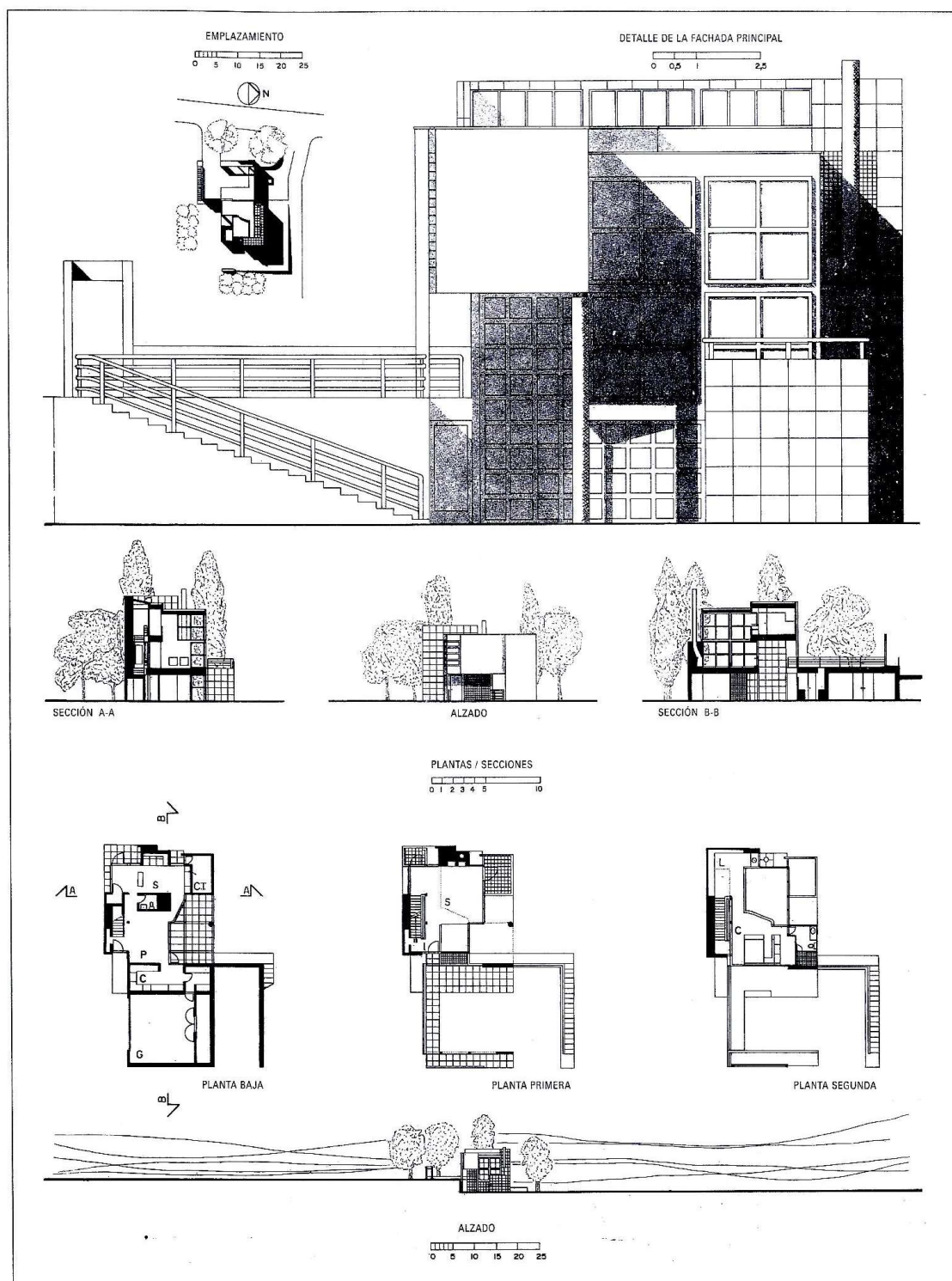
También en este proyecto se atemperan los extremos, escenográficos o circulatorios de los interiores, siempre refinados, de las primeras casas de Meier. Los diversos espacios adquieren individualidad y respiro, reuniéndose en torno al espacio hueco central, sabiamente articulado en secciones con forma de zeta; gran elemento unificador y al mismo tiempo recogido, extremadamente habitable.

Los restantes espacios de la casa están en un armonioso y riguroso equilibrio entre dos sistemas de asomarse al interior y abrirse al exterior. La escala humana del conjunto es apreciable en la misma sucesión de los niveles, estructurados con esencialidad ideal siguiendo el módulo. Entrada por la planta intermedia, espacios comunitarios abiertos al jardín en la planta inferior, habitaciones individuales en la planta superior.⁵⁷

Desenhos do livro:



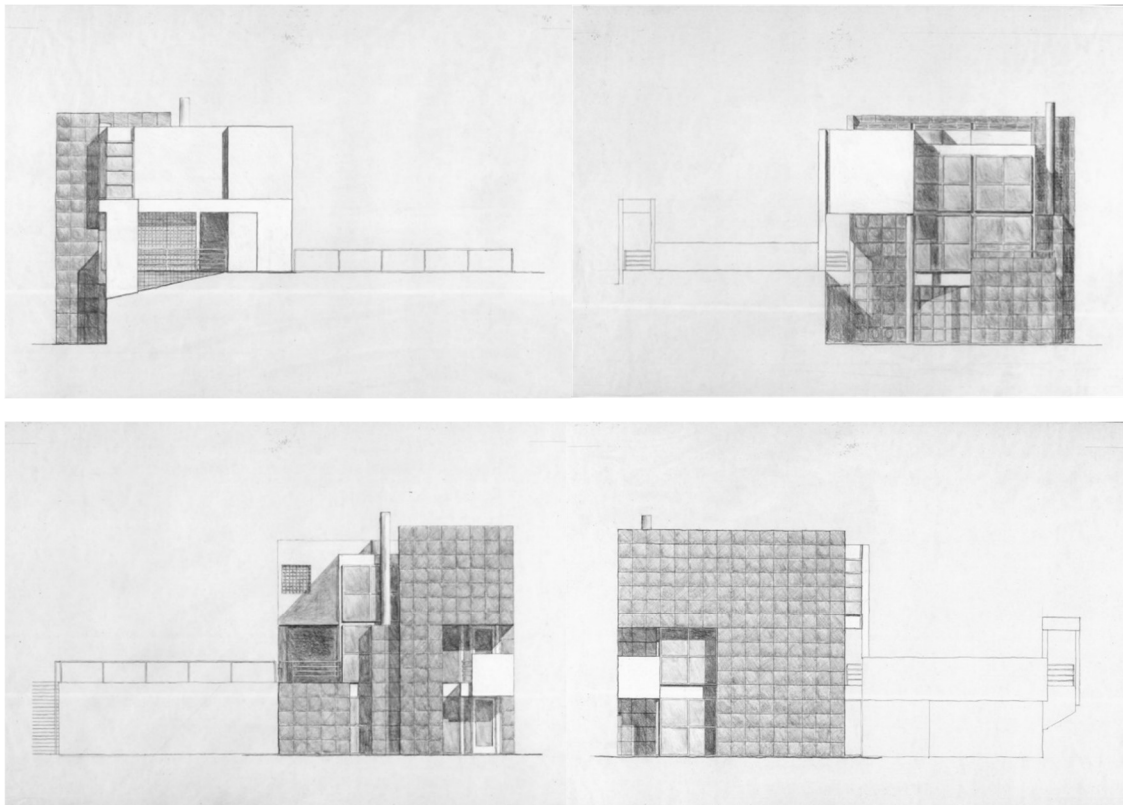
⁵⁷ CORNOLDI, Adriano. LA ARQUITECTURA DE LA VIVIENDA UNIFAMILIAR – Manual del espacio doméstico – pág. 250. Dissertação de Mestrado Integrado em Arquitetura. Paulo Topa, Faup 2018.



... 58

⁵⁸ CORNOLDI, Adriano. LA ARQUITECTURA DE LA VIVIENDA UNIFAMILIAR – Manual del espacio doméstico – pág. 251. Dissertação de Mestrado Integrado em Arquitetura. Paulo Topa, Faup 2018.

Desenhos, Perspetivas e fotos da casa Giovannitti:



<http://www.richardmeier.com/?projects=giovannitti-house-2>



<http://chavinskee.blogspot.com/2018/04/giovannitti-house-by-richard-meier.html>



<https://www.youtube.com/watch?v=9lbKg28c4Jk>

Viagem 15

Casa Kalko

Casa Duarte

Quinta da Malagueira

Viagem 15, capítulo 7 Atlas .94, .98 e .100 do livro.

Os autores desta visita são desta vez: Michael Graves e Álvaro Siza Vieira.

Casa Kalko - Michael Graves

Arquiteto Americano, nasceu em Indianápolis, Indiana a 09 de julho de 1934, morre com 80 anos em Princeton, New Jersey a 12 de março de 2015 e é, também ele, mais um dos famosos no cenário arquitetónico mundial.

Graves foi, tal como, Eisenman e Meier, um dos The New York Five, prestigiado professor de arquitetura na Universidade de Princeton e é principalmente conhecido pelos seus projetos modernos e pós-modernos de construção. Algumas das suas obras e projetos mais notáveis conhecidos, são o Portland Building, no Oregon, o Humana Building, em Kentucky, a grande expansão da Biblioteca Pública de Denver no Colorado e vários edifícios para a The Walt Disney Company. Algumas destas suas obras tornaram-se exemplos icônicos da arquitetura pós-moderna e como arquiteto era representante ainda do Novo Urbanismo e Nova Arquitetura Clássica.

Visita à casa Kalko...

Esta casa, segundo o autor do livro, foi construída para um colecionador de automóveis (provavelmente abastado devido à generosidade da sua implantação), o seu projeto é datado de 1978 e a obra física encontra-se localizada em Green Brooks, New Jersey, nos Estados Unidos.

Dos últimos cinco a seis autores anteriores, onde analisamos obras de elevado teor modernista, de maior vanguarda, com inovadoras soluções High tech e pensando que esta seria mais uma visita dentro dos parâmetros dessa continuidade, ou seja, na senda evolutiva natural da CASA, de repente surge-nos uma surpresa imprevista. Ao nos acercarmos das imediações desta casa, deparamos com um tema acentuadamente revivalista e em total contradição com os últimos exemplos estudados. Parece voltarmos a regredir no tempo histórico, quando se utilizavam as largas e altas Colunas, Arcos, Frontões, Pérgulas, Motivos Decorativos de Fachada, as típicas Grades platibanda de Ferro cruzadas em X, entre outras.

Percurso pela casa...

Em termos de enquadramento global da obra, a entrada pedonal e automóvel é delineada por dois corpos implantados com direções e dimensões opostas, que formam um grande pátio de chegada central. Estes dois corpos correspondem às Garagens, sendo que e exclusivamente por meu próprio entendimento, a do lado esquerdo, a maior, será para os motivos colecionistas e a da direita, mais pequena, para estacionar os carros de uso frequente ou do dia-a-dia. Sensivelmente ao eixo do pátio posiciona-se a Estrutura Principal da casa e a parte posterior desta, ou seja, o tardo da casa é ocupado por uma grande Piscina, colonada e encimada por pérgulas, sugerindo as antigas piscinas greco/romanas. Todos os elementos que foram referidos encontram-se desagregados da casa mãe propriamente dita e a comunicação entre si é sugerida por intermédio de passeios ornamentais exteriores. Resta salvaguardar ainda que a casa, para além das suas apreciáveis dimensões, encontra-se implantada no meio de uma vasta zona verde, num terreno escarpado e com vistas soberanas sobre Nova Iorque.

Piso 0

Após transpormos o átrio exterior de receção, que se encontra ao eixo da casa, acolhe-nos um grande Hall Principal de entrada, que funciona como o aglutinador espacial de toda a composição arquitetónica e eixo distribuidor entre os diferentes compartimentos, fazendo nos lembrar as antigas estruturas romanas, com os seus espaços centrais e comunicantes. As restantes divisões referem-se, quanto a mim e mais uma vez porque as informações contidas no livro, são escassas e por vezes pouco explícitas, a salas, cozinha, escritório, escadarias e zonas técnicas de apoio. Seguindo o eixo ortogonal principal e disciplinador de toda a estrutura habitável da casa, após o hall principal, surge um grande Salão, com Lareira central e colunado em toda a sua extensão, do lado esquerdo a este eixo central, surge uma das Escadarias de acesso ao piso superior, Cozinha e a Sala de Jantar. Do lado direito do eixo e contíguo ao grande salão, surge uma outra sala, que suponho ser uma Sala de Estar, mais recatada e comunicante com um outro espaço que a antecede, mais apropriada como Escritório, ou mesmo funcionando como extensão da própria sala de estar. Ao lado do último espaço referido, surge um pequeno WC e finalmente a outra escada de acesso ao piso superior, simétrica à sua antecessora.

Piso 1

A este piso acede-se, tanto pela escadaria que se encontra do lado direito do eixo disciplinador, como da que surge do seu lado esquerdo e ambas são abertas e com total visibilidade deste piso. Seguidamente às escadas entramos numa espécie de corredor simétrico, que comunica com um grande Quarto Suite central e colunado, ladeado por um terraço exterior com pérgulas do seu lado direito e no lado oposto a este surge o Banho Privativo completo e de apreciáveis dimensões. Na sequência do banho, surge aquilo que penso ser um Living íntimo (ou em último recurso um grande quarto de apoio), comunicante igualmente com o referido banho. No alinhamento dos corredores que ladeiam a composição colunada do quarto central e após a secção do quarto desenvolvem-se duas Galeria, tipo mezanino, apoiado sobre as colunas do grande salão com dupla altura e com total visibilidade sobre toda a sua superfície. A fechar este magnífico e sumptuoso espaço, encontra-se a tal abóboda abatida, referida inicialmente, que se configura num patamar ainda mais elevado, atribuindo assim a sensação de mais meio piso de pé-direito a toda esta enorme composição espacial.

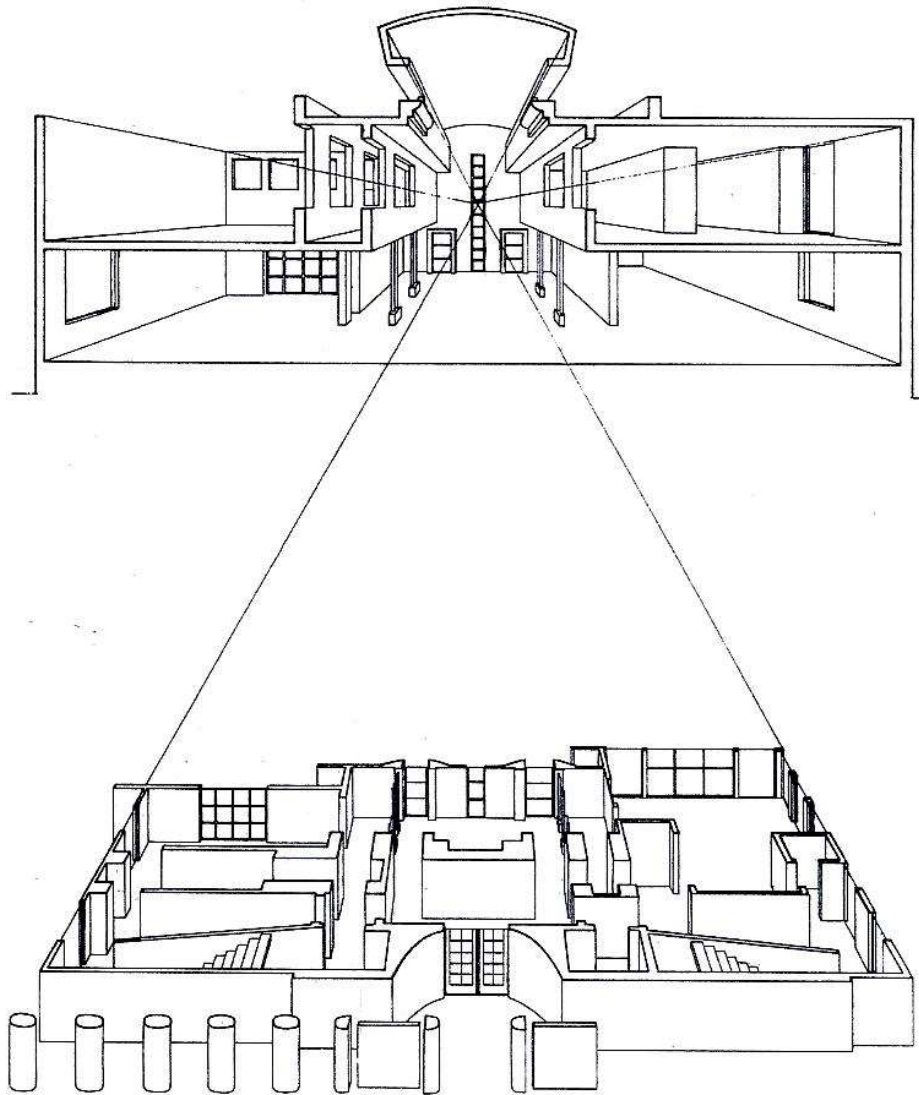
Observações pós-visita:

Nesta inesperada visita à casa Kalko, podemos concluir que apesar de haver um regresso às origens do passado, incluiu-se o suprir de necessidades domésticas mais contemporâneas. Esta fusão de elementos arquitetónico, espaciais e essencialidades é o que a torna interessante e díspar das dos seus homólogos da época. Ao se evoluir por esta casa revive-se o passado arquitetónico, mas a permeabilidade e necessidade vivencial dentro dos parâmetros atuais encontra-se igualmente lá. Um diálogo subtil entre elementos e entidades temporais diferentes, mas que suponho ter sido bem conseguido por parte de Graves e que agradou igualmente ao autor do próprio livro, que segundo ele:

*Los ambientes, en la composición jerárquica de los ejes y en la reinterpretación tipológica, se definen formalmente según esquemas tradicionales, y salvaguardan a la vez la variedad y la libertad de formas, a pesar de ser redundante y en orden estático.*⁵⁹

⁵⁹ CORNOLDI, Adriano. LA ARQUITECTURA DE LA VIVIENDA UNIFAMILIAR – Manual del espacio doméstico – pág. 252. Dissertação de Mestrado Integrado em Arquitetura. Paulo Topa, Faup 2018.

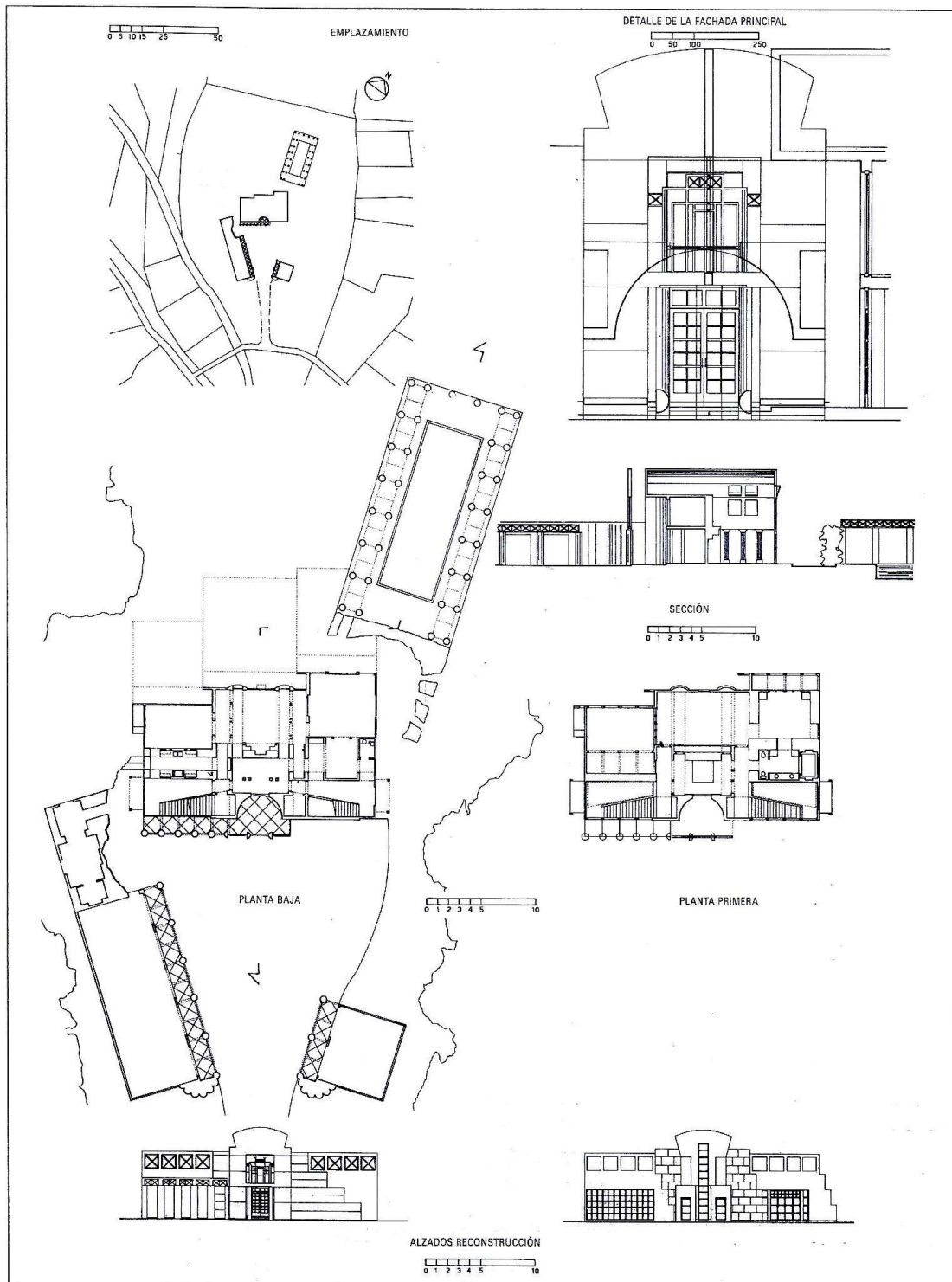
Desenhos do livro:



SECCIONES EN PERSPECTIVA

... 60

⁶⁰ CORNOLDI, Adriano. LA ARQUITECTURA DE LA VIVIENDA UNIFAMILIAR – Manual del espacio doméstico – pág. 252. Dissertação de Mestrado Integrado em Arquitetura. Paulo Topa, Faup 2018.



... 61

⁶¹ CORNOLDI, Adriano. LA ARQUITECTURA DE LA VIVIENDA UNIFAMILIAR – Manual del espacio doméstico – pág. 253. Dissertação de Mestrado Integrado em Arquitetura. Paulo Topa, Faup 2018.

Álvaro Siza Vieira

Arquiteto Português, nasceu em Matosinhos, 255 de junho de 1933, atualmente com 85 anos de idade, criou e continua a criar, verdadeiros marcos na história da arquitetura portuguesa e internacional, influenciando várias gerações de arquitetos

Matosinhos, esta bela localidade costeira do Norte de Portugal, na qual eu próprio habito há cerca de 20 anos, viu nascer o maior Arquiteto Português de sempre e um dos maiores membros do panorama arquitetónico mundial. É uma figura ímpar por aquilo que tem dado em prol da BOA ARQUITETURA ao longo da sua extensa carreira. Deixa-nos legados físicos maravilhosos, tais como, a Casa de Chá da Boa Nova e as Piscinas das Marés, em Leça da Palmeira, o Museu de Arte Contemporânea de Serralves, a igreja de Marco de Canaveses, o edifício Bonjour Tristesse, em Berlim, o museu para a Fundação Iberê Camargo, em Porto Alegre, no Brasil, foi autor do plano de reconstrução da zona do Chiado, em Lisboa, o Centro Meteorológico da Villa Olímpica em Barcelona, o Centro Galego de Arte Contemporânea, a Faculdade de Ciências da Informação, em Santiago de Compostela, o pavilhão polidesportivo na Ilha de Arousa na Galiza, o Café Moderno em Pontevedra, a reitoria da Universidade de Alicante, o Edifício Zaida em Granada, o Complexo Desportivo Ribero Serrallo, em Cornellà de Llobregat, o Museu Nadir Afonso em Chaves, entre outros tantos magníficos projetos realizados por quase todo o globo terrestre.

Não me canso de enaltecer o homem que admiro e o arquiteto que me fascina. Curiosamente quando ingressei nesta faculdade, este não era uma daquelas personagens que mais me impressionasse, mas com um conhecimento mais apurado das suas obras, a percepção da sua maneira de projetar, da forma como joga com todos os elementos e formas arquitetónicas de maneira simples e disciplinada, as relações que estabelece e ou produz com o meio onde se implantam as suas obras, o dentro e o fora, o cheio e o vazio, as sobriedade das cores que utiliza, os materiais que utiliza e a forma como os gere, bem... era impossível não idolatrar um arquiteto como Álvaro Siza.

No início da sua carreira foi fortemente marcado pelas obras de outros importantes arquitetos, tais como, Le Corbusier, Adolf Loos, Frank Lloyd Wright e Alvar Aalto, mas cedo conseguiu desenvolver a sua própria linguagem arquitetónica. Nessa sua nova atitude foi influenciado por Fernando Távora, não só pelas suas referências modernistas internacionais, mas também pela sua forte componente sobre a tradição construtiva portuguesa, ajudando-o a desenvolver obras de grande requinte e detalhe no modernismo português. Siza como aluno atento e perspicaz procurou manter um relacionamento muito estreito com Fernando Távora. Primeiro, porque reconhecia e admirava Távora como talentoso professor, que de facto era, mais tarde, no final do seu curso e tendo este, como importante referência, tornou-se seu colaborador entre os anos de 1955 a 1958. Posteriormente, quando decide desenvolver a sua atividade de forma mais autónoma, onde expressa-se maior exclusividade e por sua total conta e risco, manteve sempre uma forte amizade e cumplicidade criativa, a qual perdurou inclusivamente até ao fim dos dias do seu estimado professor e mentor.

Em termos sintéticos, Álvaro Siza mostra em suas obras a herança tradicional da modernidade, uma vez que elas representam uma síntese arquitetónica. Baseado neste tipo de conceito, ele aceita o valor de seus princípios, métodos e a ideologia como um dos caminhos a seguir no progresso significativo da arquitetura. Os elementos típicos da arquitetura portuguesa, muito provavelmente incutidos por Távora, como a luz, terra, pedras e árvores, estão constantemente presentes nas suas obras e considerados com conta peso e medida no ato projetual.

Visita à Casa Duarte...

Planeada e construída entre 1981–1985, num lote de terreno com forma retangular, plano e de extensas dimensões, sito, em Ovar, no Distrito de Aveiro, Portugal. Esta casa compõe-se ao longo de três andares e denotam-se aqui as fortes referências das linhas arquitetónicas de Adolf Loos. A referência a Loos, nesta obra, deve-se a este ser desde muito cedo uma referência para Siza e aqui, nesta casa, ele utilizou de forma aparente as características marcantes do primeiro através de simetrias afirmadas, para, de seguida, negá-las de uma só vez. Outro sinal dessa influência, pode ser observado na relativa simplicidade do exterior, em contraste com a riqueza dos materiais nobres usados para revestir e decorar o interior. Por último, a característica que penso ser a mais relevante da construção, refere-se a uma espécie de “escavação”, que resulta na fachada principal e na Fachada de Tardoz, motivo este que se estabeleceu como um dos temas de composição arquitetónica mais apreciados ao longo da sua carreira.

Aquando desta nossa visita, uma das situações que ressaltaram de imediato à vista ao nos acercarmos das imediações da casa, foi a sua natural predisposição à privacidade. A fachada principal, voltada para a rua, contém generosas aberturas no primeiro plano altimétrico (correspondente ao primeiro piso), mas estas são ocultadas pela distância que têm para o muro principal, bem como pela significativa altura deste. Os restantes planos, mais elevados, não comportam aberturas frontais para a rua, excetuando-se a janela inclinada do plano escavado, mas a qual não interfere com a intimidade da própria casa. As restantes janelas dos módulos espaciais que se compreendem na empena frontal, têm as aberturas posicionadas nas laterais da própria escavação, impedindo assim os olhares mais indiscretos.

Percurso pela casa...

A entrada para a casa é realizada ao eixo da Fachada Principal, onde se posiciona o hall principal de distribuição. Esta casa, em particular, é regulada por dois eixos, o longitudinal norte-sul, e o transversal nascente-poente e são precisamente estes dois segmentos que realizam as diferenças espaciais das zonas habitáveis e que lhes atribui o seu carácter, bem como os níveis altimétricos do próprio edifício.

Piso 0

Este piso caracteriza-se fundamentalmente pelo seu carácter social e pela zona de serviços. Após a transposição do grande Hall de Entrada, torna-se claro que todo o projeto interior é concebido a partir da essencialidade presencial e do carácter altamente relevante da Escadaria Principal, que pretende comandar toda a composição arquitetónica e que se encontra alinhada pelo eixo norte-sul, do qual resulta uma separação mais lógica e equilibrada, tanto neste piso, como no piso superior. O eixo longitudinal, nascente-poente, divide neste piso o vocacionado ou destinado à zona comum do que é destinado a zona de serviços, englobando neste caso e em particular, uma secção de carácter mais recatado. Portanto, do lado esquerdo, deste último eixo, desenvolve-se uma extensão do Hall de Entrada, seguido pela Escadaria Principal e ao fundo desta a Sala Comum. Do lado direito e na sequência da sala em direção ao hall, surge a Lavandaria, Cozinha, um pequeno Banho e por fim o que se pode considerar como Quarto de Hóspedes ou de Serventia, segundo alguns, quanto a mim, mais destinado a Escritório, por este se encontrar precisamente na zona do hall de entrada e do átrio de distribuição, tornando-se assim consequente a falta de privacidade. O pequeno banho, referido há pouco, tem uma pequena particularidade, serve concomitantemente as visitas, serviços e ainda como de apoio privativo ao quarto/escritório.

Piso 1

O piso 1, destina-se claramente à parte íntima e mais privada da casa, o qual comporta quatro Quartos e dois Banhos completos de apoio. Ao eixo norte-sul, preponderante neste piso, posiciona-se a Escada Principal e os dois banhos e dois quartos em cada extrema, sendo que os dois, a sul, são comunicantes entre si, podendo funcionar como um grande quarto com apoio living e um espaçoso compartimento de vestir incorporado nos interstícios destes.

No eixo, nascente-poente e alinhado pelo corredor dos quartos, nasce a escadaria de acesso ao vão-do-telhado.

Piso 2

O último piso desta composição espacial, refere-se à mansarda que incorpora uma magnífica cobertura, curva em ambos os lados e alinhados pelo eixo norte-sul. Este piso comporta por sua vez, a Biblioteca, um grande Estúdio e ainda um generoso terraço, com vistas para o jardim de tardoz e ocupando 1/3 da totalidade da implantação. A escadaria principal, com a cobertura arredondada do último piso, posiciona-se numa espacialidade com impressionantes 3 alturas.

Observações pós-visita:

Nesta complexa e interessante visita à casa Duarte, observam-se as tendências ou características pertencentes ao movimento moderno, podendo-se ainda, observar com rigor, algumas das influências exercidas por Loos ao longo da feitura projetual e perfeitamente assumidas pelo seu autor. A pureza induzida aos volumes exteriores, perfeitamente definidos pela característica da sua horizontalidade e ou verticalidade, a subtração de massas realizadas e bem denunciadas nas duas fachadas mais importantes, a cobertura arredondada em ambas as extremidades ao eixo transversal da casa na cobertura, bem como, o tom branco, puro e predominante em toda a obra, são disso prova e de forma inequívoca, expressa através da postura ante e pós projeto.

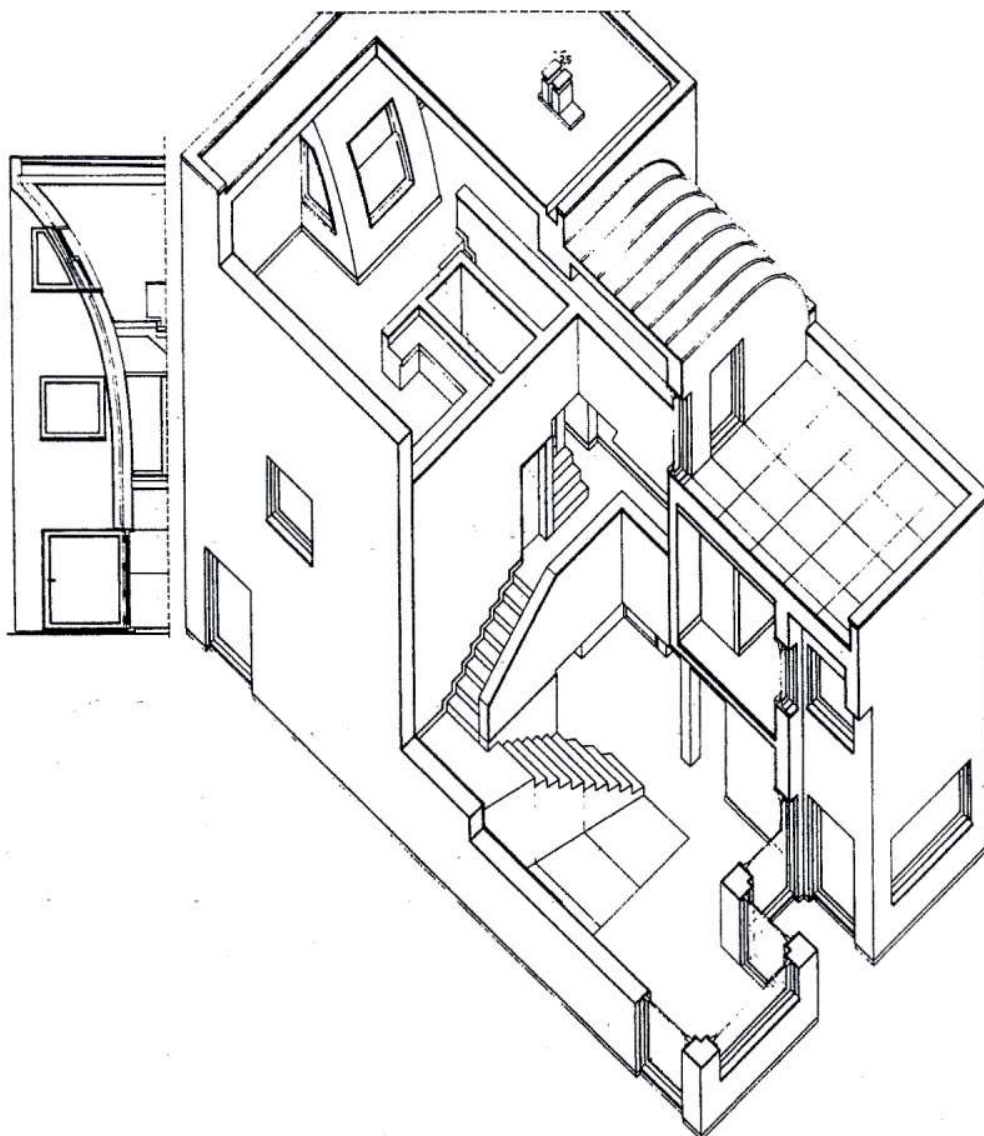
Esta obra, implantada na Av. da Régua em Ovar, destaca-se facilmente de toda a malha urbana ao seu redor, devido à presença forte da sua aparência exterior, não por intermédio de ostentação, mas sim, pela sua austeridade devidamente pensada e pelo seu espírito purista, que contrasta substancialmente com todas as outras enquadradas na mesma zona de implantação, com um carácter mais tradicionalista e não tão acuidades em termos formais. A casa resume-se a um volume ortogonal proeminente, que se destaca pelas excepcionais quebras nas elevações altimétricas ao longo da sua forma volumétrica e que marcam assumidamente a entrada, mais alta, na superfície frontal profundamente escavada e o jardim ao ar livre no seu tardoz, realçado pelo declive do grande terraço. A massa volumétrica é por sua vez predominante sobre as aberturas da casa e as assimetrias são produzidas pelo número e posição de colocação ao longo das paredes.

O design de Álvaro Siza nesta casa, ganha gradualmente vida, a partir de um Volume Simples que se transforma numa configuração singular e composta, arquiteturalmente falando.

Apesar destas importantes influências, Siza desenvolveu muito cedo o seu próprio estilo, é de facto um brilhante arquiteto, de origem Portuguesa, mas com um enorme reconhecimento mundial. Ele consegue como ninguém, com a alternância das suas formas compositivas, dos materiais, construtivos, revestimento e de decor que utiliza, e ainda do próprio design de mobiliário que concebe, criar através de um jogo meticuloso e preciso na conjugação de todos estes elementos, resultantes verdadeiramente sublimes e em prol da evolução da Arquitetura a todos os níveis.

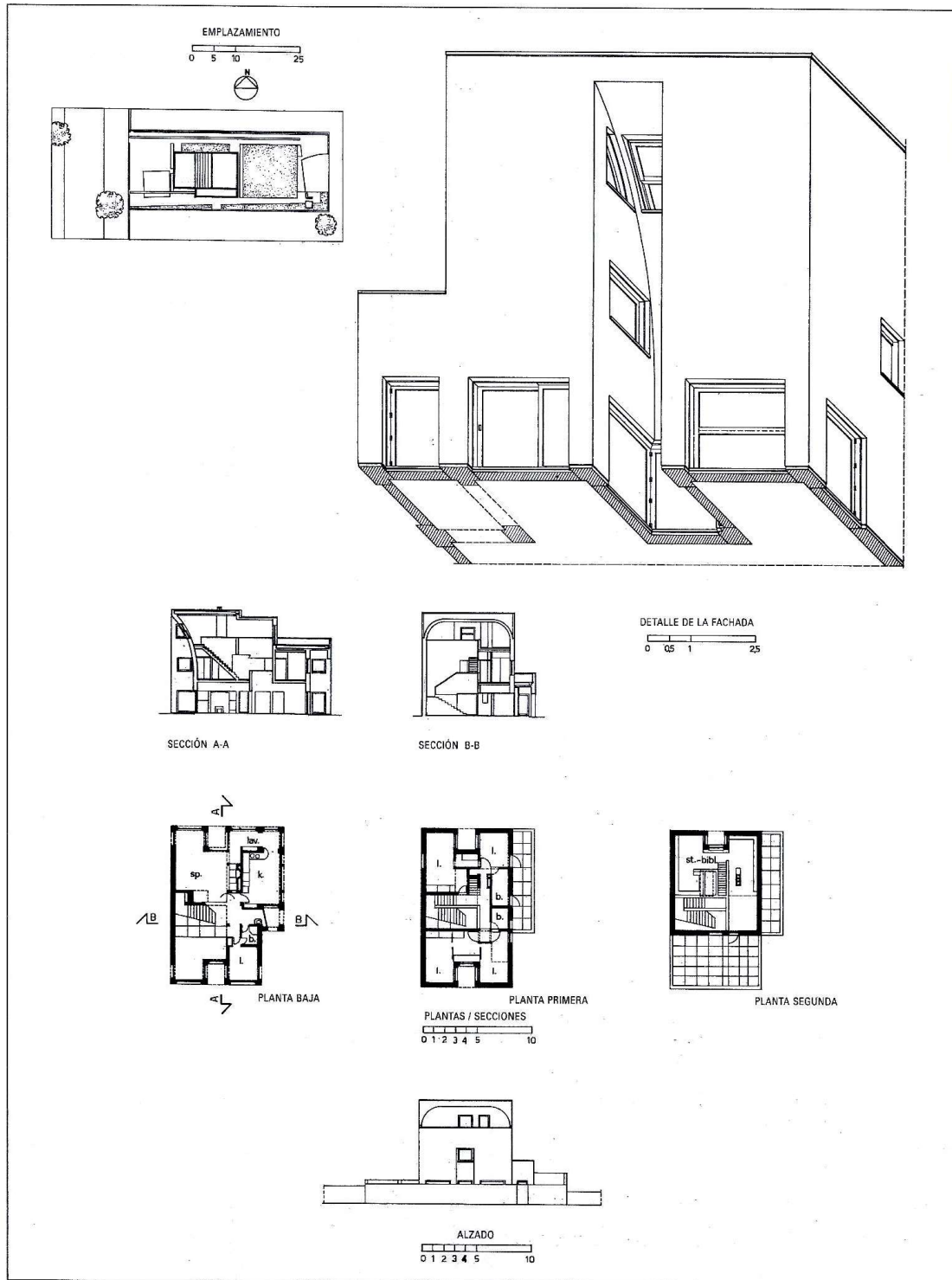
Fim desta viagem...

Desenhos do livro:



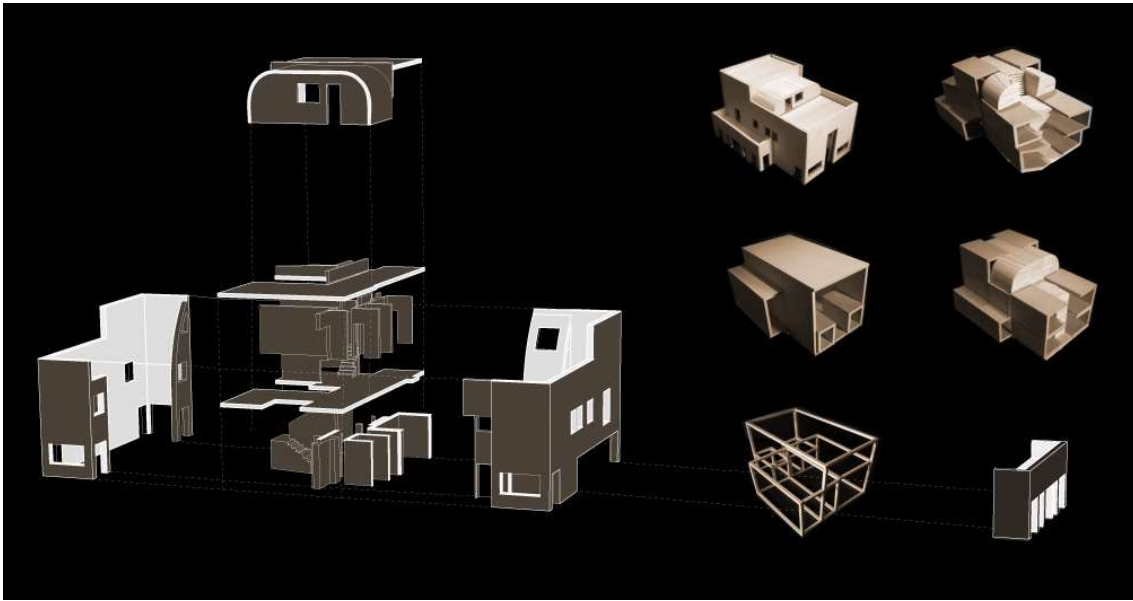
... 62

⁶² CORNOLDI, Adriano. LA ARQUITECTURA DE LA VIVIENDA UNIFAMILIAR – Manual del espacio doméstico – pág. 260. Dissertação de Mestrado Integrado em Arquitetura. Paulo Topa, Faup 2018.

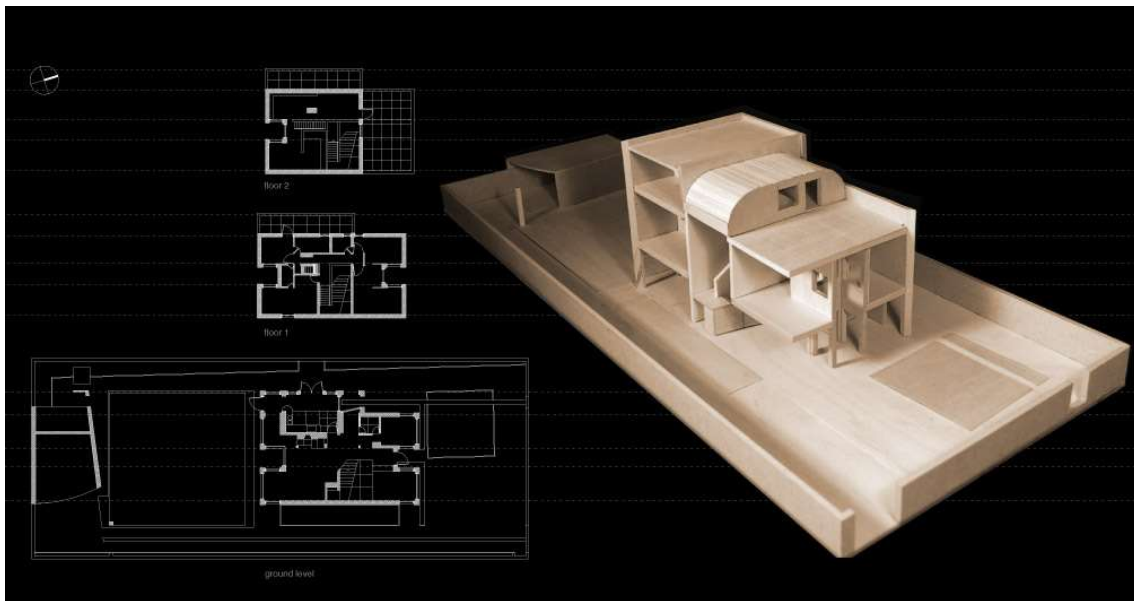


... 63

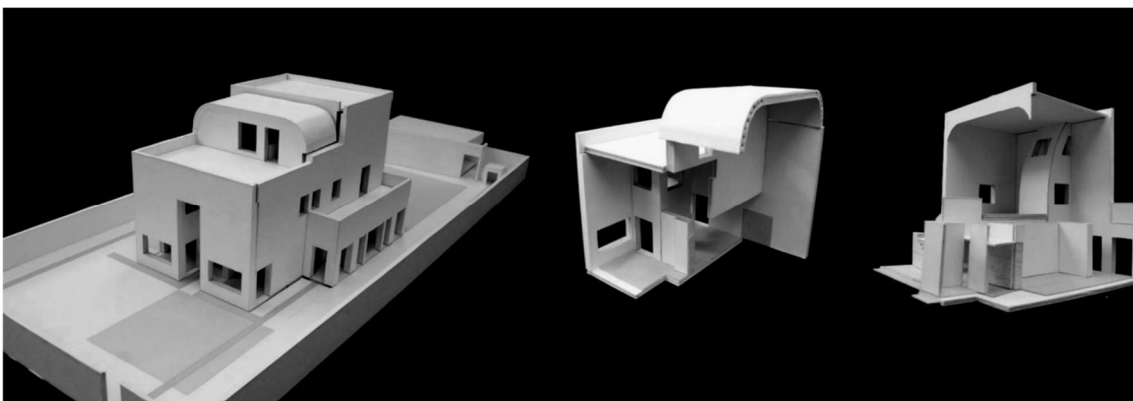
Perspetivas, maquetas e fotos da casa Duarte:



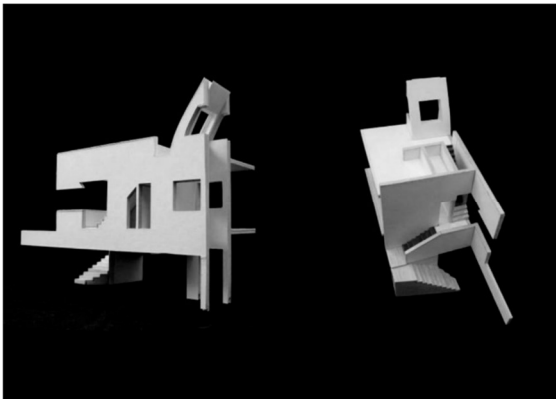
<http://www.forsterdavid.org/indexBig.php?p=archST>



<http://www.forsterdavid.org/indexBig.php?p=archST>



<https://issuu.com/tallerintegral/docs/introduccionobras>



casa Avelino Duarte

Álvaro Siza Vieira

<https://issuu.com/tallerintegral/docs/introduccionobras>



<https://divisare.com/projects/96487-alvaro-siza-vieira-fernando-guerra-fg-sg-casa-avelino-duarte#lg=1&slide=0>



<https://divisare.com/projects/96487-alvaro-siza-vieira-fernando-guerra-fg-sg-casa-avelino-duarte#lg=1&slide=10>
<https://divisare.com/projects/96487-alvaro-siza-vieira-fernando-guerra-fg-sg-casa-avelino-duarte#lg=1&slide=12>

<https://divisare.com/projects/96487-alvaro-siza-vieira-fernando-guerra-fg-sg-casa-avelino-duarte#lg=1&slide=12>



<http://www.emecubica.net/?p=753>

<https://i.pinimg.com/originals/c2/78/b8/c278b8d04c22556c40a21d672f5b5dae.jpg>

Visita à **Quinta da Malagueira**...

A Malagueira, é um projeto bastante extenso e complexo, que se situa nos arredores de Évora, antiga cidade romana, localizada a cerca de 160 km a leste de Lisboa. Esta urbanização de enorme envergadura, é uma espécie de mini-cidade, compreendida em 27 hectares de terreno, com prédios contíguos, de baixa cêrcea, máximo de 2 andares e em banda. Esta implantação de alta densidade, comporta 1200 casas, construídas ao longo de um período de cerca de 20 anos.

A encomenda feita a Álvaro Siza, para esta enormíssima parcela de terreno, consistia na elaboração de todo o projeto arquitetónico/urbanístico, na gestão de custos financeiros e construtivos de forma contida e devidamente acautelada na sua fase projetual e na direção técnica desta grande empreitada em matéria de massa a edificar. O propósito da feitura desta obra considerável, seria o de suprir as necessidades habitacionais de uma grande comunidade suburbana local, daí que, as casas tivessem de ser construídas sem grandes aparatos e com custos extremamente controlados.

Toda a massiva edificação desenvolve-se ao longo de uma das estradas radiais que parte da cidade de Évora, criando um eixo este-oeste e que marca expressivamente todo este assentamento. Nos limites dos bairros implantados, existe um grande riacho, que combinado com o eixo referido, confinam os limites de toda esta aparatosa construção.

A obra...

A proposta é organizada pelos novos arruamentos de pequenos fragmentos e toda a edificação assenta numa espécie de grade paralela. Um dos grupos habitacionais encontra-se no extremo norte da quinta, onde se forma uma longa e estreita área, com o propósito de abrir espaços públicos ao longo da faixa do rio. Os outros grupos habitacionais encontram-se implantados com diferentes ângulos, formando composições separadas e que respondem aos alinhamentos propostos pela própria paisagem, os espaços que resultam entre os próprios agrupamentos habitacionais fazem parte integrante de espaços públicos abertos e destinam-se aos usos e práticas sociais da comunidade, lojas, estacionamento, recreação e circulações pedestres.

Siza com todo o seu conhecimento histórico e a sua mestria nas lides da arquitetura, engendra um sistema de aqueduto em betão armado que conecta os grupos residenciais que se encontram separados entre si, funcionando como elemento arquitetónico marcante de toda a composição arquitetónica e como infraestrutura em sistema de rede continua para o abastecimento de água e eletricidade, garantindo assim, os serviços fundamentais do habitar em qualquer uma destas casas. Esta fonte de inspiração, não surge por acaso, os aquedutos foram uma característica de extrema importância na época romana e os vestígios destes ainda se encontram visíveis em Évora, daí ter sido para o autor da obra, de vital importância, durante a estratégia projetual, optar por esse revivalismo histórico, dotando o próprio tema como dominante espacial e bem presente ao longo de toda a obra.

O aqueduto, para além do garante da vivência e salubridade de cada casa, foi igualmente justificado pelo seu baixo custo construtivo, bem como, da rápida e económica manutenção. Simultaneamente, funciona como elemento gerador ao planeamento em grande escala que liga, bairros, define áreas públicas, organiza arruamentos e entradas para os grupos de lojas, entre outras instalações de carácter público / privado. Uma das principais características que resultam no plano estético e visual do seu tipo de construção, em altura, a partir do segundo nível e por toda composição, Álvaro Siza optou por deixar o betão à vista, conferindo-lhe um relevo visual e contrastante com as paredes brancas, cor repetitiva e contínua em todas as casas. O branco,

aqui utilizado, como cor dominante, também não é novo, nem para Álvaro Siza, porque a utiliza na maior parte das vezes nas suas obras, nem para esta zona limítrofe de Évora, devido a esta ser cor padrão de quase toda a arquitetura local.

O módulo da casa...

As casas modulares concebidas por Álvaro Siza, para a Malagueira, são do tipo Pátio ou Átrio, com um plano genérico baseado na forma de um "L" e possibilitam dois tipos semelhantes de casas, ambas as soluções se encontram implantadas em terrenos com a mesma secção, 8 × 11 metros, mas divergentes num detalhe importantíssimo, uma delas comporta o pátio na sua frente e a outra o pátio no seu tardoz. Ao nível das potencialidades habitacionais, estas são equiparadas, ambas comportam, Sala Comum, Cozinha, Quarto, Banho completo e uma escada interna que acede ao piso superior. O primeiro nível de cada solução modular, repete-se, praticamente inalterável, em todas as combinações tipológicas. O segundo nível, reservada exclusivamente à zona íntima da habitação, onde se posicionam os restantes Quartos e instalações Sanitárias e é precisamente este piso que comporta as alterações significativas, pois cada um destes dois módulos, dá origem a quatro tipos de tipologia diferenciada, que vão do T2 ao T5. Tanto na solução base, com o terraço na frente, como na do terraço atrás, a evolução das tipologias é igualmente similar, embora surjam, como é óbvio, espacialidades combinadas com outras disposições, donde resultam, de forma natural, diferentes cheios e vazios entre elas. As morfologias dos T2, T3, T4 e T5, diferenciam-se ao nível planimétrico na resultante de maior ou menor área na dimensão dos seus terraços, ao nível altimétrico, verificam-se mais cheios ou vazios consoante a tipologia de cada uma, ou seja, a menor, menos cheios e mais vazios, a maior, precisamente o oposto, mais cheios e menos vazios.

É precisamente a manipulação cuidadosa das combinações de pares, a chave mestra de Siza, para alcançar um ritmo agradável à vista por todo o aglomerado habitacional, realçando-se, que toda esta complexidade resulta de apenas dois tipos de módulos basilares de habitação.

Observações pós-visita:

Esta tal como algumas outras referidas no passado, é uma revisita ao local, devido a que foi motivo de estudo e análise in loco, numa visita de estudo promovida pela FAUP, no meu primeiro ano de curso. Escusado será dizer que mesmo sendo uma segunda passagem, nunca deixamos de ficar maravilhados, não só com a extensão e complexidade do projeto, mas principalmente por nos apercebermos, com maior acuidade, da grande valia do seu autor na prática da Arquitetura. Volto a referir, Álvaro Siza, é um exemplo sem paralelo neste fenómeno da evolução da Arquitetura Portuguesa e continua, apesar da sua idade avançada, a nos deixar um legado do qual todos temos bastante orgulho, seja o mais especializado nestas matérias académicas, seja o mais comum dos humanos do território português e não só, que não o reconheça e prestigie.

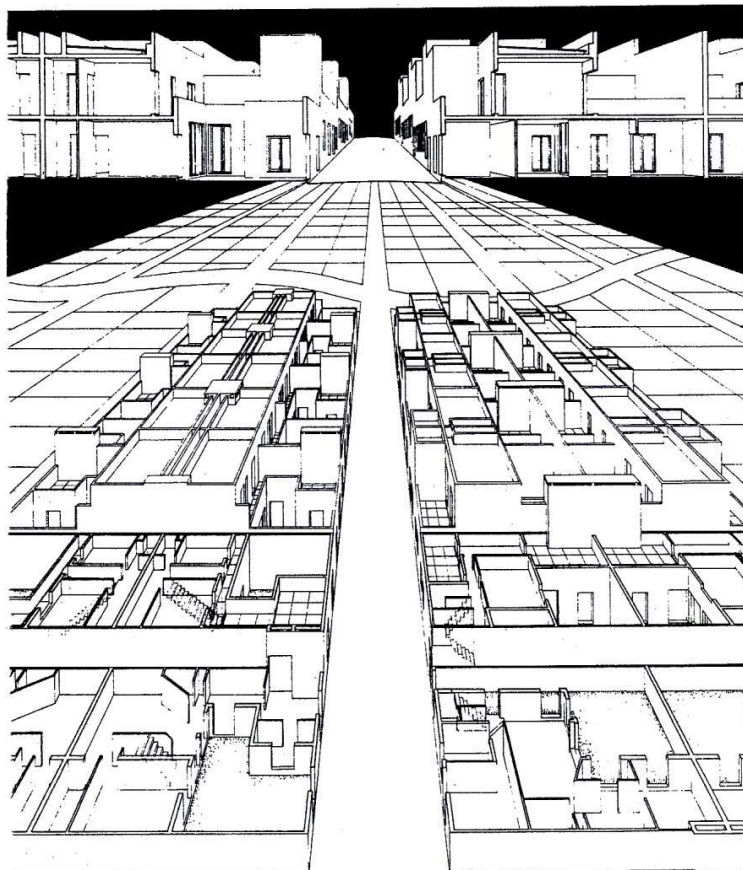
A Quinta da Malagueira, é mais um exemplo das suas brilhantes capacidades, tanto ao nível de um conhecimento histórico profundo, como na forma como interpreta e concebe os seus projetos na prática arquitetural. Esta é mais uma obra que vale pelo seu conjunto, pelo seu todo, e não somente por uma das partes ou conjugação de algumas de forma isolada.

É um complexo habitacional de grande implantação e complexidade, que se enquadra perfeitamente na cultura local, desenvolvendo-se livremente numa espécie de degradé formal, condicionada pelas características e morfologias do terreno onde cada composição se posiciona e onde as casas parecem ser mais altas do que realmente são, intensificadas pelos contornos

dados na impressão de uma organização mais densa, com maiores e menores vazios a cada passo, gerando diversidade espacial contínua e produzindo terraços com as mais variadas dimensões ao longo de todo o percurso urbanístico. O conjunto formal de portas e janelas, apesar de restrito, também contribui para este cenário arquitetónico diversificado, pois variam nos diversos paramentos em altura e nas cores das molduras, ou na própria ausência desta, a fim de organizar, harmonizar e estabelecer relações entre as diferentes combinações de paredes ao longo da respetiva composição. Por último a versatilidade das casas, é a cereja no topo do bolo, mais uma das qualidades magistrais que Álvaro Siza introduz nestas habitações, a capacidade mutável, ou seja, que se podem moldar e adaptar ao longo do tempo, pois, foram projetadas como se fosse matéria viva, admitindo invariavelmente a adição de quartos, banhos e terraços, mediante as necessidades de cada família condicionada pela composição do seu agregado familiar, ora maior, ora menor. Se esta se instalou numa casa com dois quartos, pode de forma relativamente simples transformá-la numa casa substancialmente maior e vice-versa.

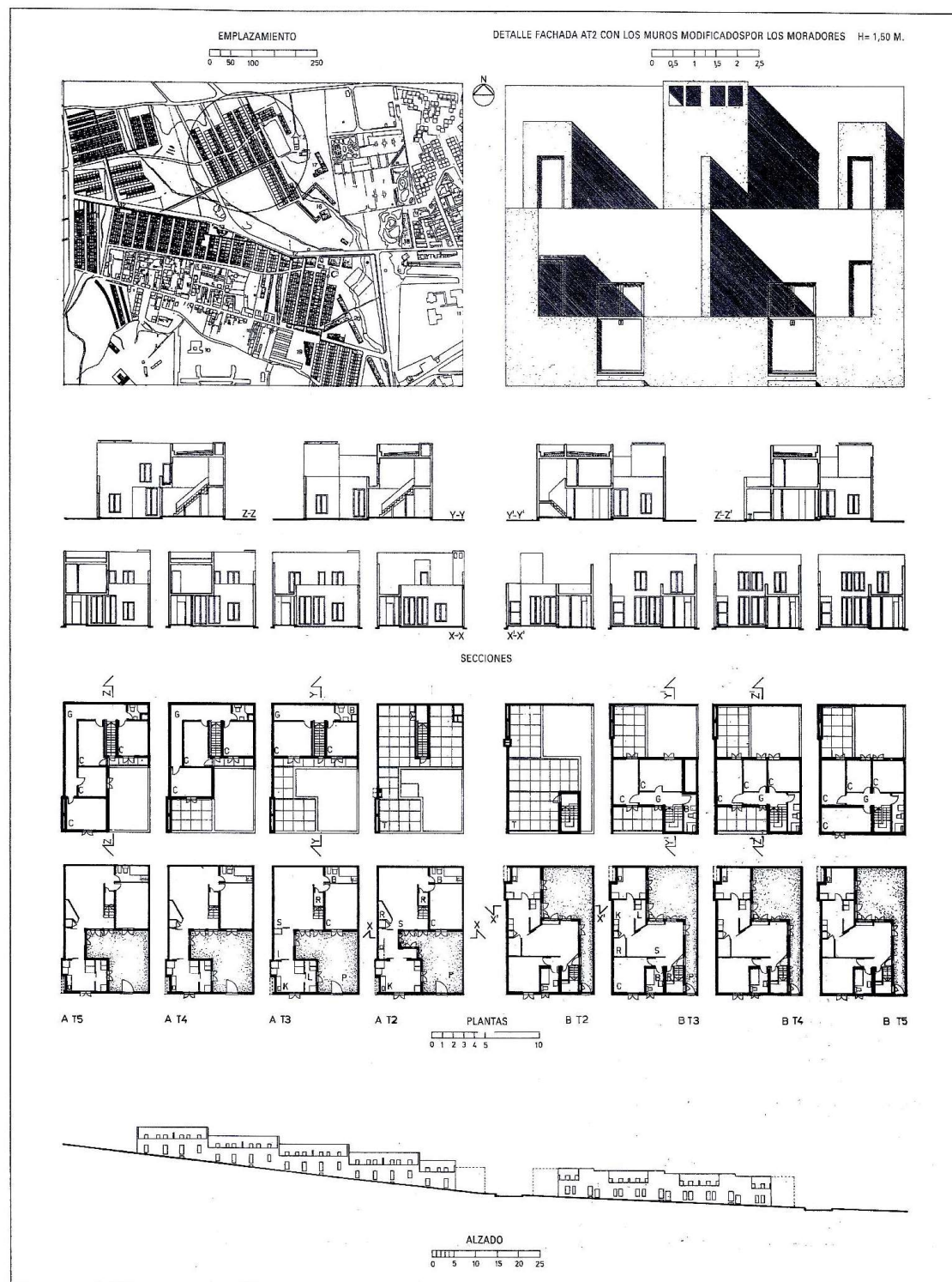
Fim da visita e fim do estudo dos autores, por mim selecionados e que se encontravam presentes, num rol vasto de muitos outros autores presentes neste precioso livro. Penso que me serviu enquanto matéria de estudo, como instrumento válido, almejando ter conseguido o meu propósito, de forma, pelo menos razoável, na compreensão do processo evolutivo da Arquitetura, desde os primórdios, até aos dias de hoje...

Desenhos do livro:



... 64

⁶⁴ CORNOLDI, Adriano. LA ARQUITECTURA DE LA VIVIENDA UNIFAMILIAR – Manual del espacio doméstico – pág. 264. Dissertação de Mestrado Integrado em Arquitetura. Paulo Topa, Faup 2018.



... 65

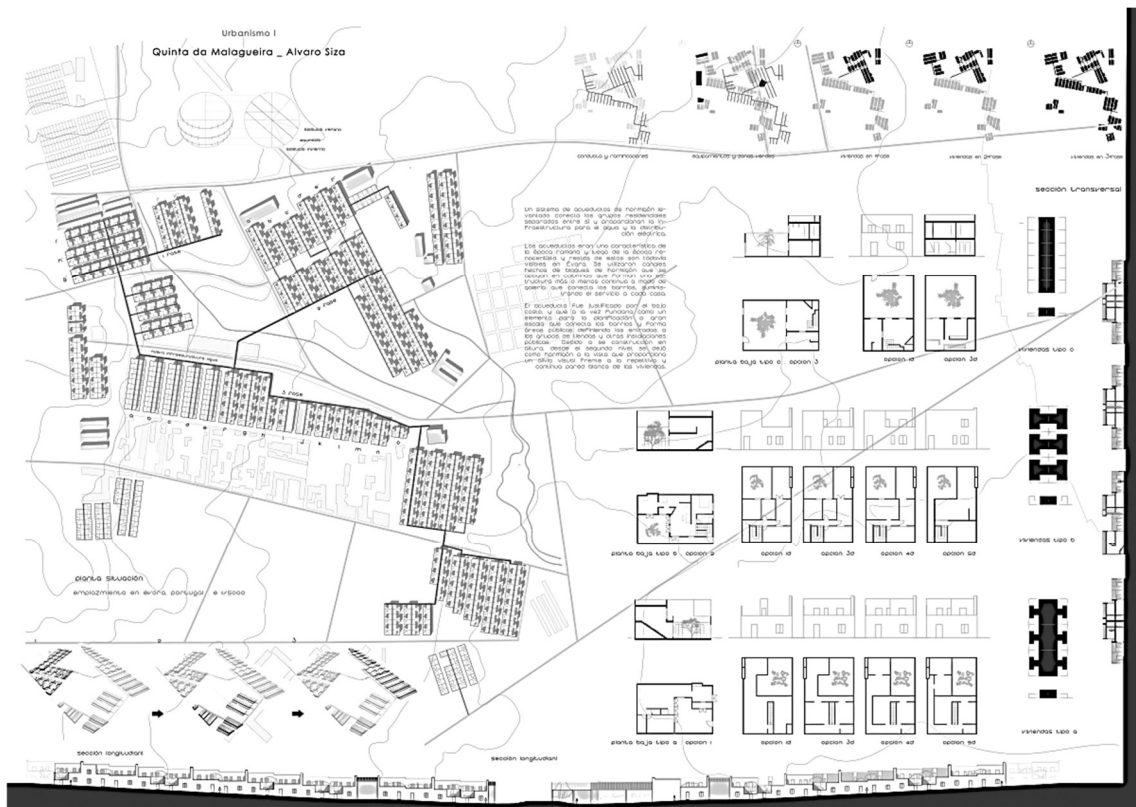
⁶⁵ CORNOLDI, Adriano. LA ARQUITECTURA DE LA VIVIENDA UNIFAMILIAR – Manual del espacio doméstico – pág. 265. Dissertação de Mestrado Integrado em Arquitetura. Paulo Topa, Faup 2018.

Esquços, perspectivas, maquetas e fotos da quinta da Malagueira:

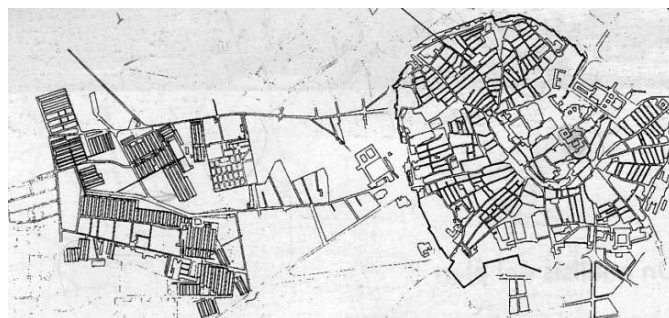


<http://www.laciudadviva.org/blogs/wp-content/uploads/2014/09/%C3%81LVARO-SIZA--BAIRRO-DA-MALAGUEIRA--1977-imagen-aa.jpg>

<https://portugueseearchitectures.wordpress.com/2014/07/06/1977habitacao-social-quinta-da-malagueirasiza-vieira/#jp-carousel-1844>



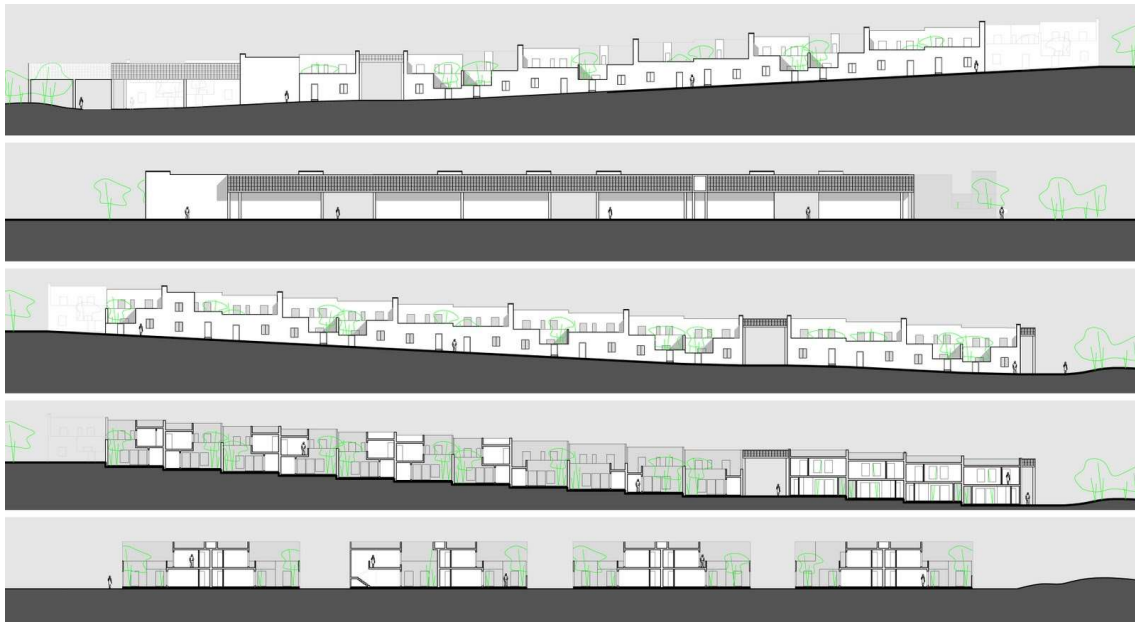
<https://portugueseearchitectures.wordpress.com/2014/07/06/1977habitacao-social-quinta-da-malagueirasiza-vieira/#jp-carousel-1838>



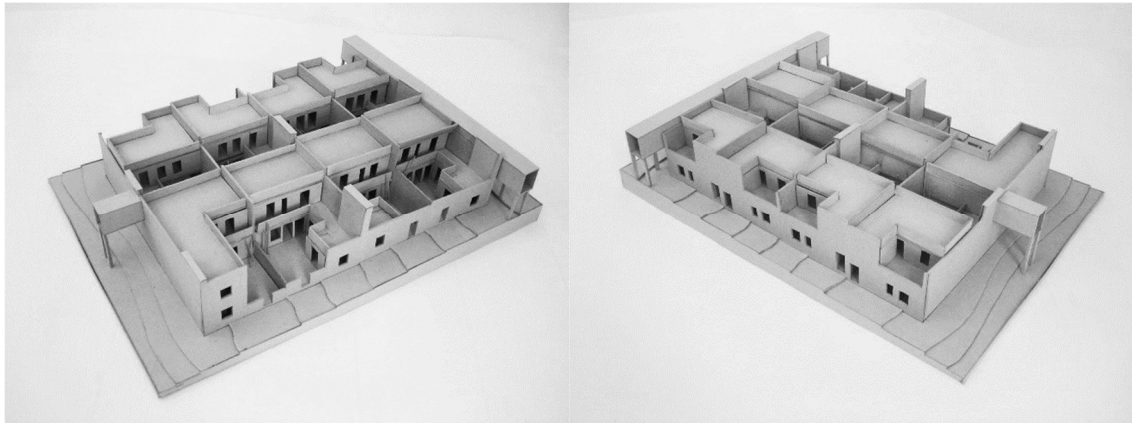
<https://portugueseearchitectures.wordpress.com/2014/07/06/1977habitacao-social-quinta-da-malagueirasiza-vieira/#jp-carousel-1842>



<https://portugueseearchitectures.wordpress.com/2014/07/06/1977habitacao-social-quinta-da-malagueirasiza-vieira/#jp-carousel-1854>



<http://uptaller3.blogspot.com/2011/05/quinta-da-malagueira.html>



<http://uptaller3.blogspot.com/2011/05/quinta-da-malagueira.html>

<http://uptaller3.blogspot.com/2011/05/quinta-da-malagueira.html>



<http://doyoucity.com/proyectos/entrada/5106>



http://4.bp.blogspot.com/-dqSNk-xA0d0/VmCCC3rf5EI/AAAAAAAAAFwg/KW1rRA9UpW0/s1600/IMG_5723.JPG



http://3.bp.blogspot.com/-AH04MS3p3oA/VmCCR_tNtUI/AAAAAAAAAFxE/O6O9plaA0hU/s1600/IMG_5734.JPG



http://4.bp.blogspot.com/-mAHdgo4t-s4/VmCCvF8cEvI/AAAAAAAAAFyM/TL-bym0PH30/s1600/IMG_5750.JPG



http://1.bp.blogspot.com/-M5csB50wGsE/VmCCanzZP0I/AAAAAAAAFXU/RQusvfBFaGA/s1600/IMG_5738.JPG



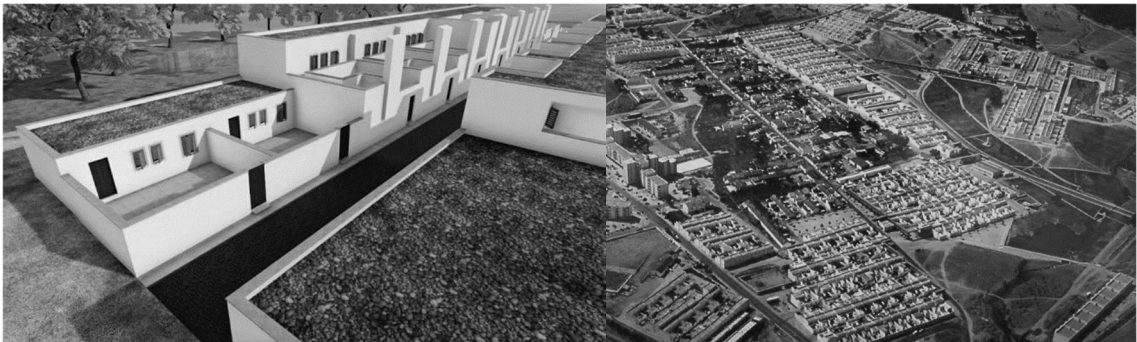
http://3.bp.blogspot.com/-006hirCxX0s/VmCCAIUZRci/AAAAAAAAFwc/syigyFby_0o/s1600/IMG_5725.JPG



http://3.bp.blogspot.com/-5lh5PTxK7js/VmCCfg3suyI/AAAAAAAAFzk/HzptarkoTpg/s1600/IMG_5741.JPG

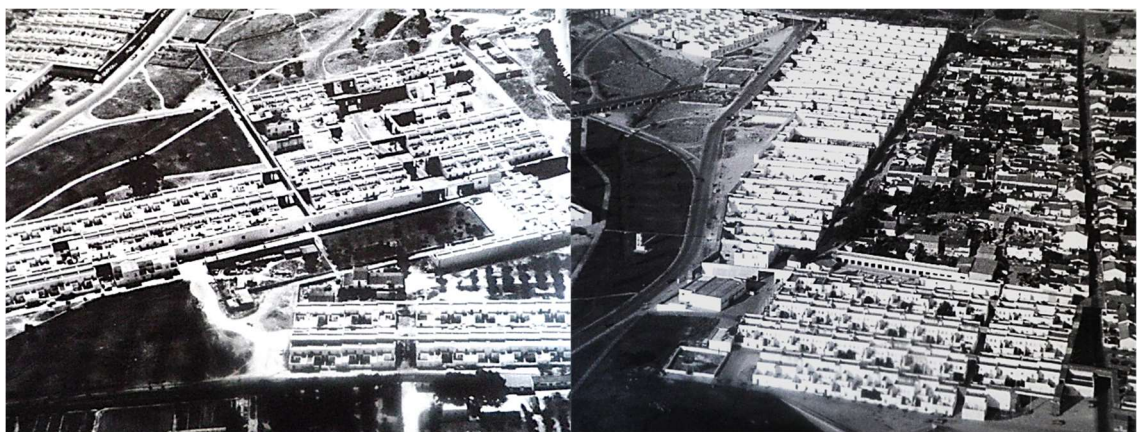


http://4.bp.blogspot.com/-gT3amgrrNWQ/VmCCFlykNCI/AAAAAAAAFws/BIA_E2wi03M/s1600/IMG_5722.JPG



https://www.google.com/search?q=fotos+a%C3%A9reas+da+quinta+da+malagueira,+%C3%A9vora,+projetada+por+siza+vieira&rls=com.microsoft:pt-PT:%7Breferrer:source?%7D&rlz=1175KPT_pt-PTPT424&tbm=isch&tbo=u&source=univ&sa=X&ved=2ahUKewjyitaU9KTdAhUkJsAKHR97Cy8QsAR6BAgAEAE&biw=1920&bih=981#imgrc=WqRgwB532br8qM:

<https://i.pinimg.com/originals/7c/5c/94/7c5c941e9cc96f1e6cf2398f9f34d19f.jpg>



<http://arquitectures234.blogspot.com/2011/03/alvaro-siza-quinta-malagueira.html>

Esta reflexão é imperada pela necessidade de processamento mental da vasta matéria estudada, com propósitos de retirar a matéria mais relevante, assimilar com a devida consistência e assim poder produzir as minhas próprias considerações e citações finais.

Depois de analisadas todas as obras seleccionadas, com o fundamento da compreensão da evolução da CASA UNIFAMILIAR até aos dias de hoje e os propósitos fundamentais que levaram a tal, tenho de concluir, que esta nobre arte, está em constante mutação e em aceso debate. Seja no plano teórico, ou no plano prático, os elementos arquitetónicos, são basicamente os mesmos ao longo de todos os tempos, embora, uns sejam de maior ou menor amplitude, com mais ou menos detalhe na sua elaboração espacial, ou com mais ou menos relações estabelecidas entre si.

Os elementos arquitetónicos que fazem parte integrante da composição espacial no seu todo, onde estes adquirem o seu carácter e o seu grau de essencialidade, na arte do habitar relativamente à casa unifamiliar, o autor do livro finaliza precisamente o seu livro com esse mesmo tema, OS ELEMENTOS ARQUITETÓNICOS essenciais e pela sua suposta ordem sequencial.

Os elementos referidos são os seguintes:

1 Pórtico – Átrio

Em primeiro lugar, porque é este espaço que abre portas à composição. Para além disso, este importante elemento é o que confere na maior parte das vezes, senão mesmo sempre, o tipo de carácter da própria CASA e tido como o espaço primordial da representação arquitetónica, no manifesto e antecipação do seu grau de hospitalidade. O pórtico é um elemento que normalmente se apresenta de forma aberta, ou seja, comunicando livremente com o exterior.

2 Átrio - Estúdio

Este é um espaço que em Portugal se designa de forma mais correta, como Hall de Entrada principal. É um elemento dedicado exclusivamente à receção e funciona como aglutinador dos restantes espaços arquitetónicos. Sendo uma espacialidade aberta, é a partir deste hall que se regula a distribuição para os compartimentos que o sucedem. e do qual se destacam três tipos de habitabilidade usuais, os espaços coletivos, os individuais e os de serviço. Neste caso em concreto, seguindo o alinhamento do autor do livro, este hall, pode e deve ser também, o elemento natural que faz a transição a outros elementos arquitetónicos mais dedicados a locais de trabalho, ou sejam, o estúdio (como sugere o próprio nome), escritório, biblioteca, entre outros.

3 Átrio – Sala de Estar - Escada

A partir do elemento, hall de entrada, pode surgir também a sala de estar, com o seu típico carácter coletivo e dedicado ao cómodo recolhimento social. Este último elemento, pode ou não, comportar uma escada. A escada surge neste livro de autor, em virtude de este referenciar os elementos arquitetónicos, com exemplos fotográficos de casas conceituadas e esta figura configura-se precisamente nesse contexto, sendo certo que, maioritariamente este elemento quando é necessário, perfila-se neste compartimento, com formas muitas das vezes altamente criativas e excecionais, algumas até com pronunciados valores escultóricos na composição espacial da própria sala de estar.

4 Átrio – Escada – Sala de Estar - Terraço

Estes elementos são em tudo similares à anterior explicação, excetuando-se a nova figura do terraço e todos eles precedem o hall de entrada. Os restantes espaços, podem de facto ser combinados entre si, e tomarem a preponderância que se achar devida na composição geral do

elemento principal, que neste caso, será a sala de estar, pois este será o espaço que aglutina ou integra os restantes.

5 Sala de Estar com dupla altura

O exemplo que o autor apresenta é bastante sugestivo, pois refere-se à sala da casa do Arq. Robert Mallet-Stevens, que para além da sua dupla altura, apresenta uma elegante escadaria inclusa numa das extremas da sua espacialidade. Estas salas com dupla altura, não são casos totalmente vulgares, devido principalmente aos custos económicos envolvidos na sua feitura, mas quando possível, resultam normalmente em grandes e belas expressões arquitetónicas, não só com belíssimas escadas incorporadas neste espaço, mas também fabulosos mezaninos suspensos, extensas galerias, entre outros.

6 Sala de Estar na própria Sala de Estar

Sendo a sala de estar a espacialidade, normalmente maior, de toda a composição arquitetónica da casa, permite pelas suas próprias características, a adição e compreensão de variados ambientes dentro de si. Estamos de facto num só compartimento, na sala de estar, mas dentro desta existem zonas específicas e destinadas a vários tipos de uso. Por exemplo, a zona normalmente mais dedicada ao conforto da lareira, sendo usual como o elemento arquitetónico mais impositivo e condicionador na regulação de toda sala, uma zona mais dedicada ao convívio e visualização TV, embora, na grande maioria das vezes, estes dois ambientes se fundam num tipo único de uso e estão sempre presentes em qualquer sala de estar. Para além destes ambientes carismáticos, existem ainda muitos mais que podem ser aditados na sala, tais como, local destinado para uma mesa recreativa de jogo ou um belo piano, criação de pequeno office dedicado às atividades laborais menos exigentes em termos espaciais, ambiente dedicado a relax, leitura ou tão somente de plena contemplação da envolvência e tirar o devido partido da relação estabelecida com o exterior, entre outras tantas potencialidades que poderiam ser compreendidas no mesmo espaço e sem que estes lhe alterem minimamente o seu próprio carácter. Poderão ser, isso sim, mais ou menos ricas em matéria de componentes, de área ou de riqueza, mas em nada estes valores adulteram o seu papel funcional, em termos compositivos e como matéria elementar à própria casa.

7 Lareira

Elemento, tal como referido há pouco, condicionador natural de toda a composição e poética espacial, associado, quase sempre, como o local destinado a zona de repouso e de maior aconchego, comparativamente às outras ambiências restantes e possíveis na sala propriamente dita. Importa referir ainda, que a lareira é normalmente o elemento da sala, onde mais se investe em termos de criatividade arquitetónica e em matéria de gastos económicos, nomeadamente no que concerne ao seu revestimento e na complexidade da sua elaboração técnica, com mais ou menos equipamentos de apoio e de integração.

8 Sala de Estar - Estúdio

O estúdio, é um elemento que pode ser de facto acedido através da sala de estar, como nos casos mais célebres e usuais, ou mesmo, ser inclusa como uma das ambiências da sala de estar. Um facto que importa realçar, isto não é regra sem um senão, pois em alguns casos, este elemento arquitetónico, tem uma acessibilidade diferente, podendo a mesma, ser posicionada num outro nível e até ocupar um piso completo, com apoio de biblioteca, entre outros que se acharem convenientes e por demais evidentes à boa causa arquitetónica ou por demanda das próprias exigências da encomenda. Existem inclusivamente ao longo deste livro, vários exemplos que corroboram a teoria, de que este compartimento ocupa outros pisos, meios pisos e em particular, o último dos pisos e a totalidade deste é expressiva na Casa Duarte, de Álvaro Siza Vieira. A Casa Giovannitti, de Richard Meier ou mesmo a Casa Strasser, de Adolf Loos comportam igualmente o Estúdio em níveis diferentes e em oposição ao estabelecido neste exemplo, apresentado por parte do autor.

9 Estúdio

Elemento arquitetónico que se destina, às práticas laborais da casa e em muitos dos casos associado a uma biblioteca. É um espaço de recolhimento, normalmente com um formato decorativo bastante prático e com essencialidades / especificidades muito próprias.

10 Espaço Central

Normalmente um elemento arquitetónico elaborado, com lanternim ou claraboia associada. Estes espaços normalmente sucedem o hall de entrada, funcionando como uma espécie de prolongamento deste e servem como figura iluminista da própria casa, marcando a sua

centralidade espacial. Por vezes pode também ser encontrado noutros formatos e enquadramentos, dependendo das composições espaciais, mas sempre com o seu carácter central assumido, ou muito perto disso.

11 Cozinha

Elemento fundamental em qualquer composição da casa e por norma pode ser encontrado junto à zona social e muito próximo do respetivo hall de entrada. A sua espacialidade, destina-se à preparação e confeção dos produtos alimentares essenciais à existência humana, é composta pelos mais variados equipamentos domésticos destinados à sua precisa função e os quais são do conhecimento do mais comum dos terrestres. A cozinha é igualmente um espaço que pode ser modelado mediante as necessidades e essencialidades de cada um dos usuários e pode, tal como a sala de estar, acoplar vários tipos de ambiências, tais como, zona de preparação, zona de confeção, zona de refeições rápidas, armários despenseiros, entre outros. Este espaço pode igualmente ser rico em matéria de soluções arquitetónicas e ter acoplado também em si, lareira ou fornos com grande expressão artística.

12 Sala de Pequenos Almoços

Este é um dos elementos que podem fazer parte integrante da cozinha, tal como o referido à pouco e em substituição da zona de refeições rápidas ou constituir-se de forma completamente individual e autónoma. Apesar desse carácter individualista, o qual lhe confere um recolhimento maior, este elemento encontra-se normalmente na continuidade da própria cozinha ou cerca desta, salvo casos excecionais e por mim não verificados. De qualquer das formas, sendo esta uma figura arquitetónica que existe, a mesma não é muito usual como parte isolada na composição arquitetónica contemporânea, devido na maior parte dos casos, à racionalização cada vez mais evidente dos espaços habitáveis e custos envolvidos.

13 Sala de Jantar

Outro dos elementos arquitetónicos essenciais no formato da casa unifamiliar. Este elemento pode, também ele, ser associado à própria sala de estar, ou desenvolver-se como espacialidade autónoma e com carácter forçosamente vincado. Mais uma vez, imperam nas soluções arquitetónicas a produzir, os critérios da encomenda e das necessidades básicas de cada caso familiar no uso da habitação. Na forma associada, registam-se muitas das vezes, desníveis entre si, para ajudar a estabelecer o carácter diferenciado das áreas habitáveis para além do próprio mobiliário em si. Na forma individual, este elemento encontra-se quase sempre junto, ou próximo da sala de estar, bem como da cozinha, e é imediatamente identificada pelo tipo de decor que ostenta dentro da sua espacialidade.

14 Escadaria

Elemento fundamental na acessibilidade entre pisos e que na maior parte das vezes funciona, tal como o pronunciado anteriormente, como elemento escultórico, se assim podemos dizer. É um dos elementos realizados no mais variado tipo de soluções arquitetónicas e de matérias construtivas. Como elemento essencial que é, compreende-se no mais diverso dos espaços habitáveis, mas sempre cumprindo a sua particular função, que é, o de permitir o acesso entre elementos que se encontram em níveis compositivos diferentes, sejam estes de piso completo, meios-pisos ou outros quaisquer tipos de desnivelamentos entre os espaços habitáveis e não só.

15 Sala de Estar Superior

A sala de estar superior pode ser suprida igualmente de lareira, tal como a sala de estar mais convencional, mas a sua função, quanto a mim, é mais destinada como uma segunda sala ou sala privada, de maior recolhimento e que se posiciona normalmente na zona íntima destinada aos quartos, permitindo assim, um trato vivencial mais exclusivo aos utentes da própria casa. No meu ponto de vista, não é um dos elementos arquitetónicos essenciais no formato da casa unifamiliar, mas é também ele um espaço que deve figurar no exercício projetual e ser introduzido quando se achar necessário ou requerido na própria encomenda.

16 Quarto - Estúdio

Este é um elemento complexo, por combinar duas especificidades habitacionais. Será seguramente um quarto que ocupa uma área considerável, para possibilitar a acoplagem do estúdio, estúdio este que por norma se destina a fins laborais, mais reservados, e inclusa na área total do próprio quarto. A configuração espacial da conjugação, quarto versus estúdio, pode ser estabelecida de forma livre e considerada como uma extensão do próprio quarto, ou os dois elementos serem dotados de um carácter mais reservista, criando paramentos entre si que dificultem a sua visualização e comunicação imediata.

17 Cama

Objeto fundamental na composição espacial do quarto e é na maior parte das vezes, concebida pelo próprio autor do projeto. O design de mobiliário, associado à feitura do projeto arquitetónico, é, na sua grande maioria, o garante da qualidade e excelência do habitar. Esta associação não é feita por acaso, quase todas as espacialidades são idealizadas a partir, ou com sugestão, do seu próprio conteúdo funcional e decorativo, sem esses elementos em perfeita coesão é completamente imprevisível um resultado apreciável e digno da chamada “boa arquitetura”.

18 Casa de Banho

Uma vez mais, um elemento essencial à qualidade de vida na composição espacial da própria casa e sem a qual, a mesma não faria qualquer sentido no formulário contemporâneo do habitar. A casa de banho pode ser encontrada na forma singular ou composta, singular afirmando-se como compartimento individual e de apoio às zonas de serviço, social e dos quartos, composta, na forma habitual de suite, ou seja, conjugando o quarto com a casa de banho, e assim sendo, funciona como banho privativo e exclusivo do quarto ao qual se acoplou.

Importa ressaltar que, nos casos das casas de banho dos apoios às zonas de serviço, ou nas de carácter social, de apoio às visitas, as dimensões desses banhos, são, nos casos mais normais, substancialmente mais diminutas e apelidam-se banhos de apoio, ou Wc de serviços.

19 Sótão ou Vão do Telhado

É o elemento que resulta na sucessão das restantes espacialidades e da própria evolução da figura construtiva no seu término. Apesar de ser este nome, menos sugestivo, quanto à sua forma fonética e até a uma boa associação física em termos mentais, convém referir, que muitos destes espaços são verdadeiras obras primas em matéria de riqueza espacial. O sótão não serve somente para armazenar a tralha que não precisamos no dia-a-dia, conforme se diz vulgarmente, pelo contrário, muitos destes espaços são transformados em quartos, e até, suites devidamente equilibradas, belíssimas saletas de estudo, estúdios bem idealizados, bibliotecas otimamente bem estruturadas, entre outros elementos, igualmente importantes e com reconhecido valor arquitetónico dentro deste tema complexo, que é, o habitar uma CASA UNIFAMILIAR e que podem surgir nesta resultante espacial.

20 Lógia

É um elemento arquitetónico aberto inteiramente, ou em pelo menos, num dos seus lados e é morfologicamente uma espécie de galeria ou pórtico, coberto e, normalmente, sustentado por colunas e arcos, utilizado frequentemente nas estações de verão, como zona de estar, socializar, comer, entre outras, de uma forma mais livre e inteiramente comunicante com o exterior que circunda a composição arquitetónica. É um dos vários elementos da dita composição, utilizados como o estabelecimento de relações, interior/exterior e vice-versa.

21 Pórtico

O pórtico faz igualmente parte da composição arquitetónica e pode ser encontrado na composição de fachadas, nomeadamente nas principais, ou nas zonas relevantes de carácter coletivo exterior. A sua utilização no tratamento de interior não é caso muito usual, mas pode surgir. Este elemento mune-se de uma utilização bastante cuidada, normalmente com formas elaboradas e como motivo inventivo marcante da expressão estilística do autor do projeto.

Esta figura compreende-se mais na lógica da arquitetura clássica, devido à sua própria morfologia, mas existem casos contemporâneos que sugerem este mesmo elemento nas suas composições, mas estes com formas bastante mais singulares, menos pronunciadas e com motivos decorativos praticamente inexistentes ou substancialmente menos expressivos.

22 Pátio

Pode ser apreciado em dois tipos posicionais, ou definido a partir da própria interioridade da casa, ou na sequência exterior dos espaços habitáveis e destina-se fundamentalmente ao lazer, recreio, comer, ou seja, atividades que se possam desfrutar ao ar livre, mas com alguma reserva de intimidade. Este elemento arquitetónico é totalmente descoberto, tipicamente, ou parcialmente coberto e com maior ou menor grau de expressividade, mais dentro ou mais fora da composição espacial, mas com a sua cota parte de importância no somatório das partes integrantes que compõem a espacialidade formal da própria a casa.

23 Jardim

Por último, mas não menos importante que os anteriores elementos, surge o jardim. Esta preciosa peça, tal como o pátio, o elemento referenciado anteriormente, pode também ele ser definido a partir da própria interioridade espacial ou a partir da sua envolvente. Como se diz na gíria, uma

casa sem jardim... “é como um jardim sem flores”. Quanto a mim, o verde, o puro, o natural, é fundamental a qualquer boa composição arquitetônica. Nos dias que correm para além do jardim ao ar livre, existe quem recorra no seu método de conceção projetual, aos chamados jardins de inverno, ou jardins interiores cobertos, na tentativa de fazer perdurar esse verde precioso, de forma mais sustentável e cuidada, durante todas as estações do ano para a própria interioridade da casa.

Para finalizar, o jardim é seguramente um dos elementos mais consagrados ao longo de todas as épocas, movimentos e tendências arquitetónicas e aquele que possibilita dar maiores largas à imaginação, no sentido artístico da palavra. Este elemento foi, e ainda é por vezes, a condicionante máxima de toda a composição espacial e a geradora das expressões e combinações da própria forma arquitetónica.

Tudo isto, para se concluir, que é necessária a compreensão de toda esta basta matéria e atribuir o devido grau de importância a cada um destes preciosos elementos, para se alcançar um desempenho positivo ao longo do nosso futuro laborum, que é, o de produzir Arquitetura, arte esta, que merece toda a dignidade possível, se feita de forma bem estruturada, conveniente à boa prática laboral e com o intento de suprir de forma séria as necessidades do próprio homem.

Não se produz boa arquitetura de forma gratuita, pois esta, exige que as formas arquitetônicas sejam as mais adequadas, os compartimentos habitáveis sejam os necessários, a organização e fluência de percursos que se devem induzir sejam os mais corretos, as relações espaciais que devem ser estabelecidas sejam devidamente pensadas, bem como, os materiais que se devem sugerir para que a sua edificação seja possível, sejam convenientemente estudados.

Para além disto, uma casa não é tratada como um caso isolado, deve ser idealizada num todo e devidamente enquadrada na respetiva envolvente onde esta se posiciona, deve-se observar o tipo arquitetónico dominante da zona, seus recursos naturais e realizar uma verificação atenta de regulamentos e condicionantes autárquicos, ao nível do seu planeamento territorial. As regras do próprio habitar, são assim, como se podem observar, muito particulares, a encomenda da casa unifamiliar, é de facto feita na pessoa singular, mas a obra pode afetar toda uma comunidade, tanto ao nível da malha e frente urbana que esta gera na sua inclusão, como no enquadramento adequado, dentro dos planos territoriais planeados e suas condicionantes.

Tal como é sabido por todos, ou pelos menos, por aqueles que aqui andam de forma séria, nestas lides da arquitetura, os preceitos do habitar, são mutáveis e divergentes ao longo da história e suas conseqüentes épocas, seja pela cultura e demografia de cada civilização, seja pelas condicionantes climáticas onde se pretende inserir a matéria urbana, ou mesmo, pelas áreas, mais ou menos abrangentes, onde se podem circunscrever as respetivas implantações. Mas, uma coisa é certa, a casa unifamiliar é precisamente tudo isto, uma grande complexidade projetual, com uma forma processual, teórica e escrita, bastante extensa; onde se deve tratar a encomenda de forma responsável, projetar com maestria, maturar o próprio pensamento arquitetónico, dar o devido tempo ao projeto, e finalmente, fazer incluso tudo o que foi anteriormente referido, em matéria do particular para o todo, e do todo para o particular, pois é esta simbiose e perfeita conformidade com a observância das vigentes normas técnicas, condicionantes e especificidades de cada localidade que resultam num bom projeto.

Em boa verdade, e um pouco pelo que já referi, aquando do introito deste tema, a Arquitetura é mais desenhada, que falada, uma boa obra fala por si própria. A verbalização obviamente que ajuda no esclarecimento desta, mas não é regra, sine qua non, para ser devidamente interpretada e vivida. A CASA UNIFAMILIAR é, ou deveria ser, exclusivamente projetada para o HOMEM, feita para as suas próprias dimensões físicas, pensada para suprir as suas necessidades e especificidades habitacionais. Somente se realizando, uma equilibrada adição dos ingredientes arquitetónicos apreendidos, com conta, peso e medida, é que se pode almejar que a casa de nossa própria autoria, tenha alguma DIGNIDADE VIVENCIAL, e só depois, cumpridos todos esses propósitos, esta será, ou não, UMA OBRA DE ARTE e um EXEMPLO ARQUITETÓNICO considerado por todos.

O estudo aqui apresentado, foi uma tentativa de percorrer os mesmos autores, visitar as mesmas obras, mas fundamentalmente, ver com um OLHAR DIFERENTE, dos do autor do livro, aquilo que para mim era mais relevante para o meu tema e na busca incessante de compreender de forma mais cuidada, mais precisa e com maior substrato, esse extenso e complexo conceito, que é, como projetar uma Casa unifamiliar.

Procurei em boa verdade, muitas das vezes, outras fontes informativas, outras referências e mesmo mais elementos que me facultassem mais facilmente essa mesma aprendizagem e da melhor maneira possível, até porque o que se encontrava no livro, por vezes era escasso e outras das vezes, menos preciso. Mas no seu todo foi um estudo importantíssimo, para o desenvolvimento da minha tese e da minha própria pessoa, quer enquanto simples indivíduo, quer como possível futuro arquiteto.

Muito provavelmente, o meu conhecimento acerca da evolução da arquitetura teria muitas mais lacunas e seria substancialmente menos sustentado sem o contributo inestimável deste livro, que me despertou para o devido conhecimento, somente possível porque me dediquei a lê-lo de forma séria e atenta.

Considerações técnicas - “CAIXILHO”

Este estudo, é baseado nos diferentes tipos de caixilhos, presentes no mercado, nomeadamente o caixilho em madeira, aço, aço inox e alumínio. O tema mais significativo e de maior desenvolvimento, refere-se ao ALUMÍNIO, porque atualmente os caixilhos realizados neste material encontram-se implantados no mercado da construção civil, cujo setor tem vindo a apresentar soluções inovadoras sobretudo no campo da prevenção térmica e acústica, melhorando significativamente a qualidade do habitar. O caixilho, não é simplesmente a estrutura que suporta o vidro ou outros materiais que permitem luz de forma muito variada no interior do espaço. O caixilho VÃO, é na sua essência, algo que define o interior e o exterior e que estabelece a comunicação entre ambos. O presente estudo pretende dar a conhecer a importância deste componente, na composição do espaço e na forma do objeto arquitetónico, mas também como o elemento que confere carácter à fachada do edifício, bem como, mostrar a importância vital deste ao longo dos tempos, para compreendermos a história e a própria evolução da ARQUITETURA.

O caixilho para além da sua preponderância como elemento estético, na composição dos vãos que se configuram na massa arquitetónica, é fundamental à própria qualidade de vida que se pretende introduzir no conceito casa, em matéria da dignidade do habitar. Este importante elemento arquitetónico, é o que confere a estanquidade e segurança necessária aos espaços habitáveis, mas simultaneamente permite a necessária e competente ventilação destes. A sua importância é essencial, para o bom desempenho de todo o conjunto arquitetural, ao nível da insonorização acústica e prevenção térmica.

Ao longo da minha experiência enquanto diretor técnico, cerca de trinta e cinco anos, sempre dei especial atenção a este elemento e o considereei como um dos mais preponderantes da composição arquitetónica, não só pelo seu desempenho em obra e significância da uma boa feitura construtiva, mas inclusivamente pelo ótimo e poderosíssimo argumento de vendas, digo isto, com conhecimento de causa, porque fui concomitantemente diretor comercial, nos últimos vinte e cinco anos e na mesma entidade laboral, acumulei mais estas importantes experiências ao meu curriculum profissional.

Obviamente que não será somente o caixilho que importa, nesta composição global, pois existem elementos associados ou agregados e igualmente fundamentais para o bom desempenho do mesmo, nomeadamente, o tipo de estore e seus mecanismos, a qualidade dos produtos de selagem na sua fixação e o próprio vidro.

Como garante de uma prestação eficaz de qualquer caixilho, na composição dos vãos, deverão ser equacionadas, pelo menos, a qualidade dos padrões mínimos previstos para a qualidade habitacional presente, ou seja, aplicar um caixilho com alguma consistência e durabilidade, não necessariamente um que tenha rutura térmica, ou mesmo a utilização de caixilharia dupla, mas pelo menos a utilização de uma série de 6cm, seria no mínimo recomendável. O vidro a utilizar, nunca menos que duplo e o interior no mínimo laminado como salvaguarda e segurança dos utentes, e, também aqui, não é forçoso que seja semi-emissivo, controle solar ou combinações isolantes com gases nobres, tipo argón ou kriptón, na câmara de vácuo que se encontra entre os vidros. Com todos os elementos referidos, isso seria o ótimo, inclusive o gás nas câmaras de vidro, mas compreende-se muito naturalmente, que, neste caso, seria necessário a inclusão de domótica para o seu bom desempenho, o que na maioria dos casos seria impensável em matéria de custos orçamentais. Tal como referi, as condicionantes mínimas são seguramente

recomendáveis e para isso é igualmente importante a utilização de uma outra estrutura, conhecida como caixa de estore, que deverá ser estanque, com bons índices de isolamento térmico e de qualidade reconhecida no mercado, em virtude de que seria contraproducente, para o dito bom desempenho global, um contacto indevido com o exterior ou um posicionamento menos adequado na sintonia com os restantes elementos que compõem o respetivo caixilho.

Quanto aos estores, existem vários tipos, desde os mais decorativos aos estores de segurança, podendo inclusive serem aplicados no interior ou exterior, dependendo das suas características. Os tipos mais conhecidos são o estore de Pvc, adequados para exterior e interior, estores Brisa, mais adequados para o exterior, estores de Segurança em Alumínio, mais adequados para exterior, mas igualmente utilizáveis no interior, estores Térmicos em alumínio, com características similares à anterior e por fim, estores Compactos, que vêm já com a própria caixa térmica e podem ser adaptados a qualquer vão, tanto exterior como interior. Os mais comuns e mais utilizados em matéria de vãos nas casas unifamiliares, são os de Pvc, mas estes devem ter uma densidade alveolar consistente e que confira a respetiva durabilidade e facilidade de manutenção. Também aqui, o ideal seria o estore térmico de alumínio, que assegura uma otimização térmica e acústica bastante superior, mas sendo obrigatório um de uso mais económico, os de pvc, sendo de reconhecida qualidade, cumprem o seu papel.

Os mecanismos de acionamento destes estores existem em formato manual ou mecânico automatizado. O recomendado seria o automatizado, pelas suas vantagens múltiplas de funcionamento e comodidade, ou o manual de pendural exterior em aço, pela sua consistência e rigidez funcional, os restantes, de manivela exterior com extensível embebido na própria parede, ou o tradicional de fita, ponho sérias reservas, devido a más experiências obtidas no passado, onde o de fita tinha um fim prematuro de uso e o de mecanismo embebido com manivela exterior, apesar de esteticamente ser mais apelativo que o de pendural, tem imensas complicações funcionais e certas avarias são mesmo extremamente onerosas devido às suas características integradas.

Por último, falta referir os acessórios, peças essenciais em qualquer dos funcionamentos de toda esta panóplia compositiva do caixilho. Os recomendados seriam os de aço inoxidável, mais robustos e resistentes à fadiga, mas, mais uma vez, os de alumínio, sendo de marca e certificação reconhecida no mercado, são condição suficiente para um bom desempenho mecânico e estrutural.

Tipos de “CAIXILHO”

No Porto, os caixilhos de **MADEIRA**, das construções do século XIX e inícios do séc. XX, os vãos funcionavam como uma extensão da própria fachada tradicionalmente altas e estreitas, fundamentalmente no centro urbano, não só compreendidas dentro muralha fernandina, mas além dessa própria fronteira, ao longo das antigas estradas regionais de ligação aos povoados vizinhos e das vias estruturantes projetadas pelos Almadas e da própria malha que produzia a articulação entre si. Esta era uma época onde se construía segundo modelos tradicionais e normalizados e segundo as velhas heranças embebidas de uma cultura obstinada em manter e repetir.

Os vãos estreitos são uma característica cuja dimensão fica limitada pela dimensão possível do granito utilizado, condicionada às suas possibilidades produtivas mais económicas, tanto em matéria de extração como no posterior tratamento e preparação para obra. Obviamente, esta forma de atuar deu origem a uma standardização e sistematização, permitindo uma melhorada perícia em termos de execução e aprimoramento técnico.

As janelas determinantes desta época consistiam nos processos de abertura em GUILHOTINA, de origem inglesa, influente pela presença destes no nosso território. A JANELA ENVIDRAÇADA DE BATENTE, com duas folhas, bandeira e abertura para o interior, mais tardiamente. As portas e janelas assentavam em VERGAS e CONTRAVERGAS de granito, material utilizado em abundância devido a ser um dos recursos naturais mais abundantes e característicos desta zona de edificação e existiam sempre em duplicado, ora uma no interior, ora outra no exterior, de forma a produzir o efeito de batente, importantíssimo em termos de efeitos e garantias da necessária vedação entre elementos.

As ombreiras destas eram igualmente realizadas em granito, em forma de LANCIS e com o mesmo tipo de procedimentos técnicos, conformando o aro de gola. Os parapeitos e as padieiras utilizados nesta época eram do mesmo tipo, mas formados por um único lancil.

Este sistema de caixilharia era sempre utilizado na parte exterior do plano de fachada, ou ligeiramente recuadas para efeitos de colocação de guarda em ferro, este apoiado sobre o lancil de peitoril, para efeitos de proteção e segurança da dita casa.

Este sistema de caixilho era normalmente ocultado na sua parte interior devido à reentrância existente na pedra que conforma as ombreiras, bem como as próprias portadas, permitindo uma amplitude maior do próprio vão.

Estas últimas caixilharias podem também ser apelidadas de janelas de peito, de batente ou janelas de sacada de batente. Os caixilhos de abrir deste tipo de janela e nos pisos mais altos, eram normalmente encimados por uma bandeira formada, por caixilho fixo.

A sua constituição é realizada, por intermédio de uma esquadria de couceiras e travessas divididas por pinázios e travessas intermédias preenchidas com vidro, ou almofadas em madeira, ou então uma combinação estética e funcional das duas.

As travessas inferiores comportam pingadeiras ou perfis de borracha embutidos, colocados estrategicamente, por forma a impedir a entrada das águas pluviais ou das águas utilizadas na respetiva limpeza e manutenção. Numa das couceiras laterais é adicionado um perfil, normalmente colado e pregado, funcionando como mata-juntas. Os caixilhos fixos utilizados nas bandeiras, são constituídos igualmente por uma esquadria de couceiras e travessas, dividida pelo número de pinázios, que se pretenda e consoante a composição geral de conjunto a nível formal e estético, ora num estilo mais tradicional e típico, consoante os utilizados em maior número na própria envolvente, ou mais diversificados e ousados em termos formais, preocupando-se exclusivamente em conferir um estilo mais pessoalizado, ou de carácter mais individualista, imposto pelo cunho do próprio autor e pelas respetivas circunstâncias e determinações de um enquadramento e composição espacial mais ousado e inovador.

Os embutimentos, entalhes, pinázios e outras peças necessária à boa execução do caixilho, em matéria de fixação, empregues nas janelas, é em tudo similar nas respetivas portas. Os aros dos caixilhos eram formados pelos próprios lancis das ombreiras, padieiras e peitoris, nas janelas e por ombreiras e padieiras nas portas, sendo estes cravados aos respetivos vãos por intermédio dos conhecidos chumbadouros. Os caixilhos que sustentavam os vidros, eram fixos pelo exterior do aro de gola da cantaria, antecidos pela existência de um novo aro, neste caso de batente e em madeira, com adição de respetivo mata-juntas, igualmente em madeira, pelo lado exterior da restante esquadria, fixos lateralmente por pequenos chapuzes (pequenos tacos de madeira) embutidos na própria cantaria das portas ou janelas. A criar a divisão entre o caixilho de batente e a bandeira, é utilizado a chamada, travessa de bandeira, quer nas janelas, quer nas portas. Os parapeitos dos vãos das janelas são revestidos por uma soleira no seu exterior e pela chamada tábua de peito, daí peitoril, presente no interior da habitação e vulgarmente executados em duas peças, mas podendo mesmo ser executadas numa só, conforme se pode verificar em alguns dos casos. Os vidros utilizados nos caixilhos envidraçados, eram fixos, primariamente por pequenas tachas (pequenos pregos), e finalizados com vedação em betume de vidraceiro.

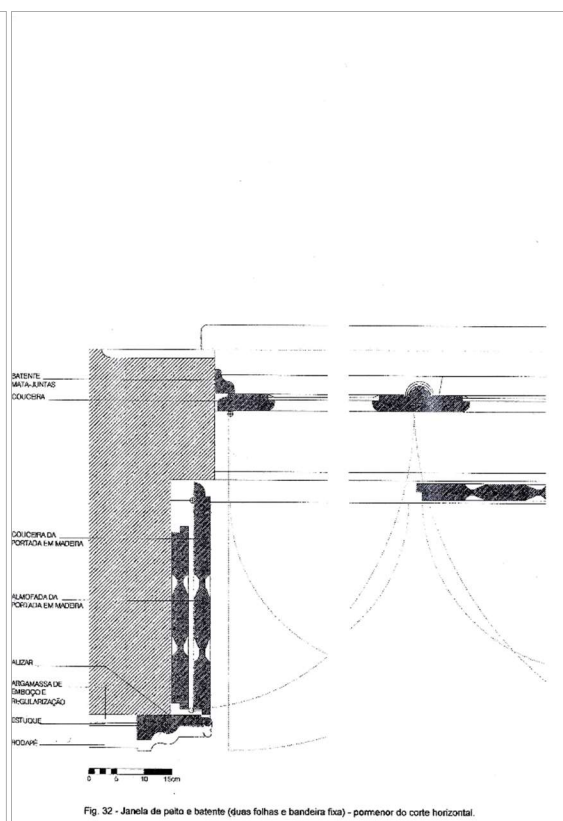
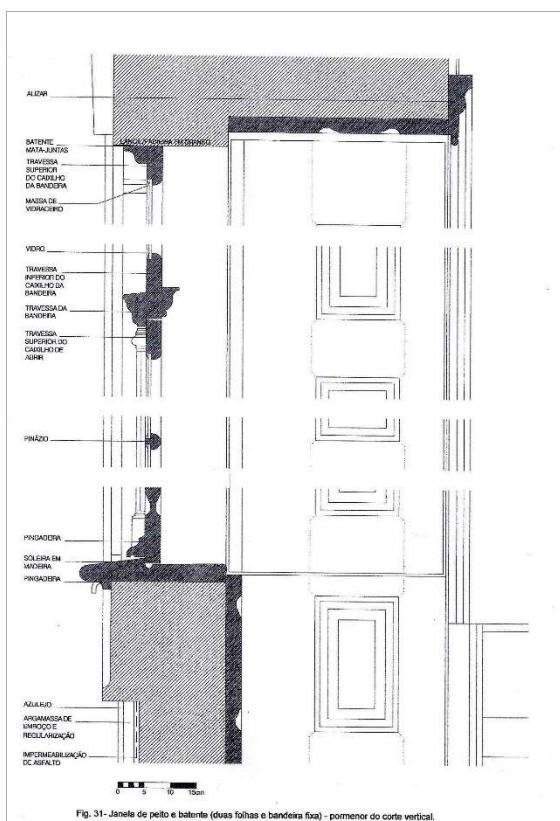
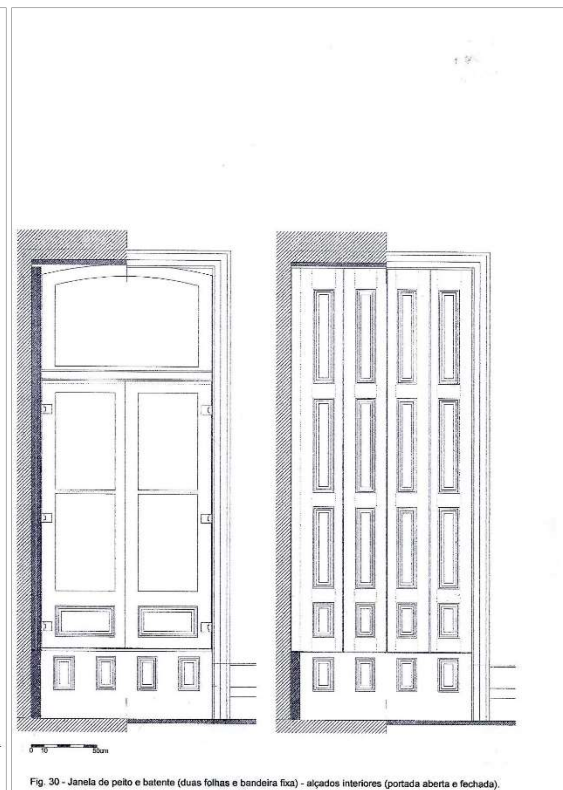
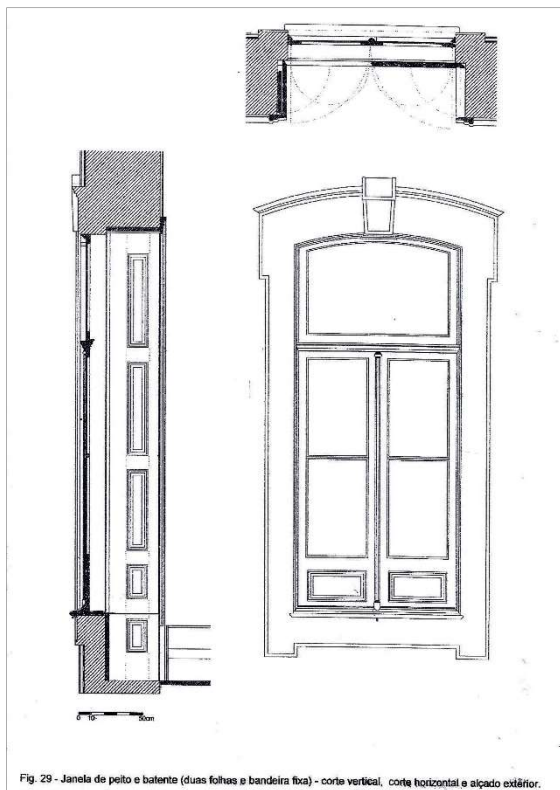
As madeiras mais utilizadas na construção destes caixilhos, eram o pinho e a casquinha, de forma mais vulgar, sendo que, nos casos dos mais avantajados economicamente, estes recorram à madeira de castanho, como matéria mais nobre. Estas caixilharias podiam-se apresentar à cor natural, ou na maior parte dos casos pintadas em tons de branco, a mais predominante na época, excetuando-se os aros de cercadura, os mata-juntas e por vezes até as próprias travessas das bandeiras, que normalmente se apresentavam nas mesmas cores das portas de entrada, produzindo uma espécie de moldura que realçava o formato e elegância do conjunto de caixilho.

Toda esta composição formal e estilística, utilizada na época, deriva da natureza estreita e alta do próprio vão sendo esta a característica dominante da composição formal de todas, ou quase todas as fachadas produzidas no séc. XIX. Devido a este formato peculiar, ou em consequência desta morfologia muito própria, surgiam naturalmente, altos e verticalizados perfis de batente, encimados por bandeiras de características mais horizontalizadas. Estas técnicas construtivas e tipos de caixilhos, de então, foram preservadas até aos dias de hoje e ainda utilizadas em matéria de recuperação ou reabilitação de edifícios antigos, ou mesmo presentes em novas composições arquitetónicas que pretendam reavivar simbolicamente a arquitetura do passado.

Desenhos do tipo de caixilho em madeira e morfologia de fachadas do séc. XIX, inícios do séc. XX...

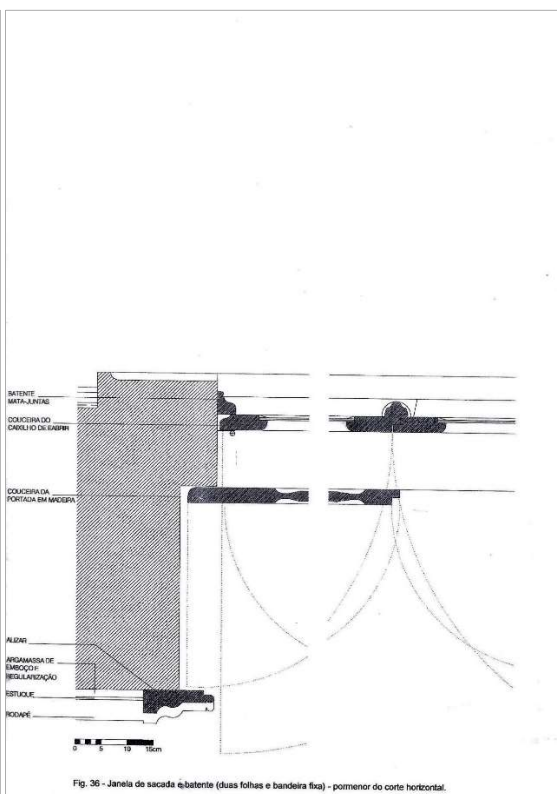
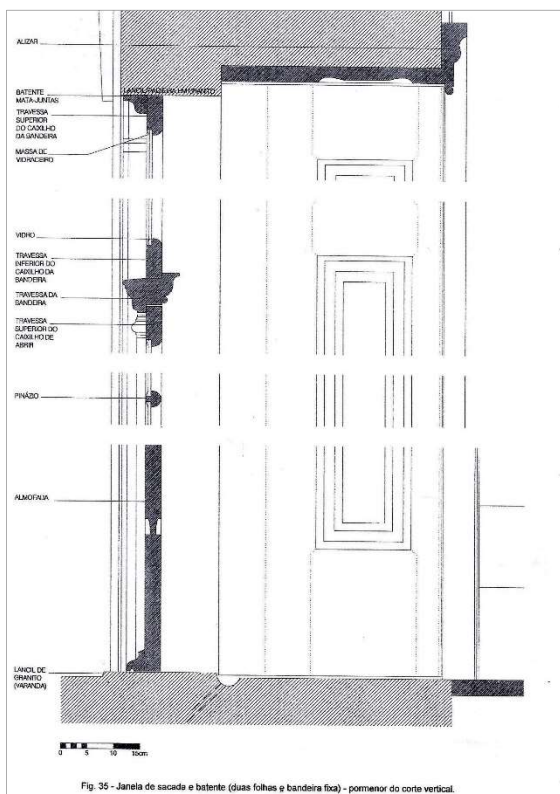
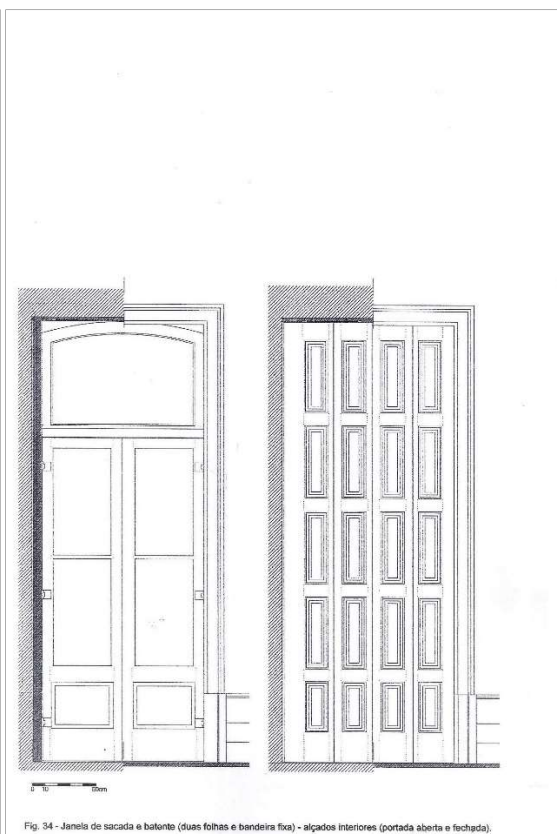
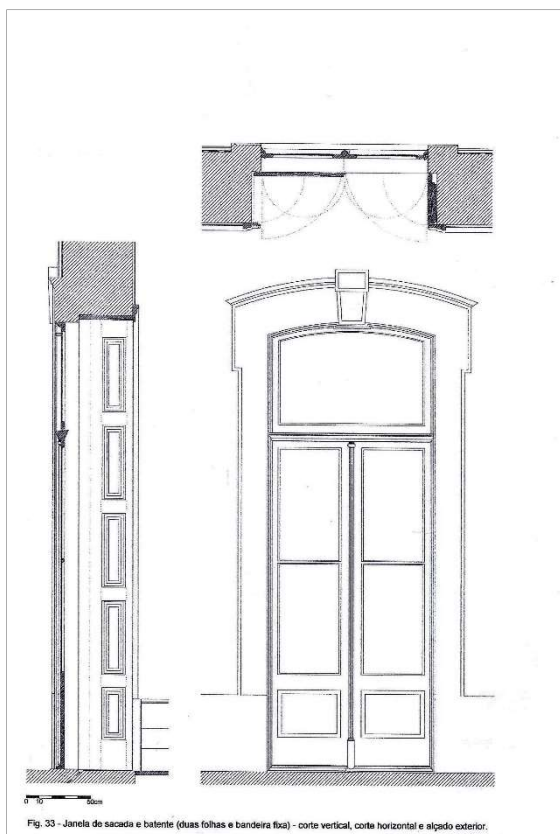
(desenhos apresentados pelo autor do livro consultado para este estudo) ⁶⁶

⁶⁶ VALENTIM, Nuno – REABILITAÇÃO DE CAIXILHARIAS DE MADEIRA EM EDIFÍCIOS DO SÉCULO XIX E INÍCIO DO SÉCULO XX – Do restauro à selecção exigencial de uma nona caixilharia: o estudo do caso da habitação corrente portuguesa – pág. 29,30,31 e 32. Dissertação de Mestrado Integrado em Arquitetura. Paulo Topa, Faup 2018.



(desenhos...) ⁶⁷

⁶⁷ VALENTIM, Nuno – REABILITAÇÃO DE CAIXILHARIAS DE MADEIRA EM EDIFÍCIOS DO SÉCULO XIX E INÍCIO DO SÉCULO XX – Do restauro à selecção exigencial de uma nona caixilharia: o estudo do caso da habitação corrente portuguesa – pág. 33,34,35 e 36. Dissertação de Mestrado Integrado em Arquitetura. Paulo Topa, Faup 2018.



(desenhos...) ⁶⁸

⁶⁸ VALENTIM, Nuno – REABILITAÇÃO DE CAIXILHARIAS DE MADEIRA EM EDIFÍCIOS DO SÉCULO XIX E INÍCIO DO SÉCULO XX – Do restauro à selecção exigencial de uma nona caixilharia: o estudo do caso da habitação corrente portuense – pág. 38 e 39. Dissertação de Mestrado Integrado em Arquitetura. Paulo Topa, Faup 2018.

2.3.3 Permanência da caixilharia de madeira na cidade

No decorrer da investigação levada a cabo para a presente dissertação e mais concretamente na consulta ao IPAP (Inventário do Património Arquitectónico do Porto) foram disponibilizados importantes documentos que vieram confirmar algumas hipóteses lançadas nas considerações iniciais do trabalho. O levantamento de alguns arruamentos da cidade realizado pelo IPAP com o registo do estado de conservação dos materiais de fachada do edifício corrente (revestimentos cerâmicos, caixilhões de madeira e gradeamentos em ferro forjado) são documentos de inegável interesse, seja na caracterização construtiva do conjunto, seja na definição da estratégia a adoptar.

Os desenhos que reproduzimos cedidos gentilmente pelo IPAP demonstram muito claramente que de forma generalizada os arruamentos abertos no séc. XIX ou de forte construção neste período conservam ainda hoje uma expressiva percentagem de caixilharia de madeira e em muitos casos a caixilharia original (Fig. 38 e Fig. 39).

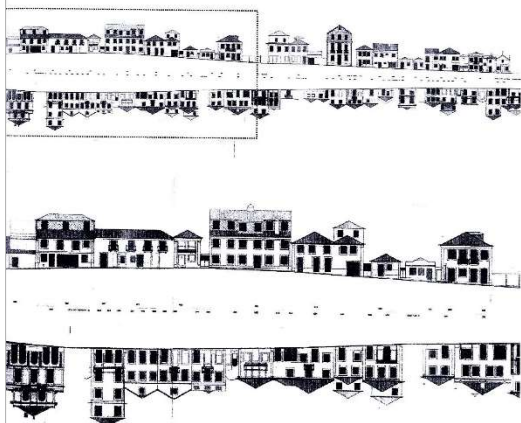


Fig. 38 - Rua Padre Luis Cabral - Registro com cor das caixilhões de madeira existentes [Fonte: IPAP].

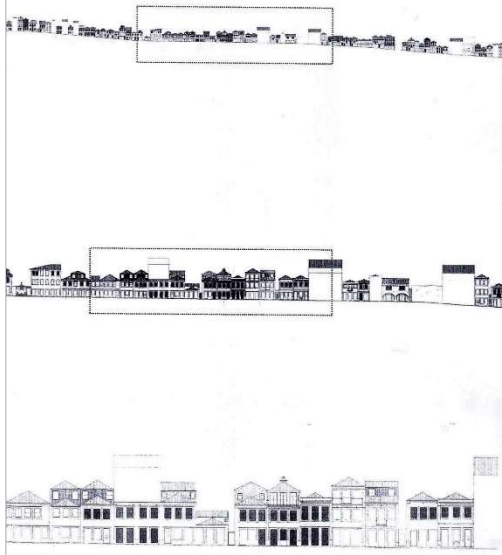
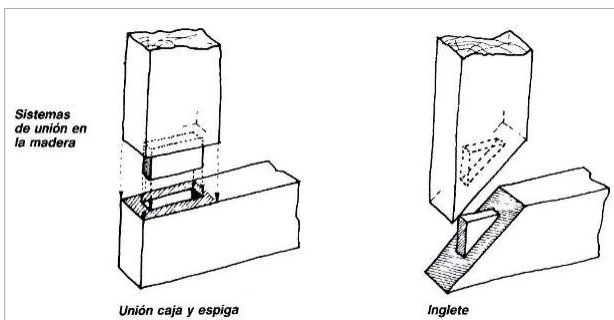
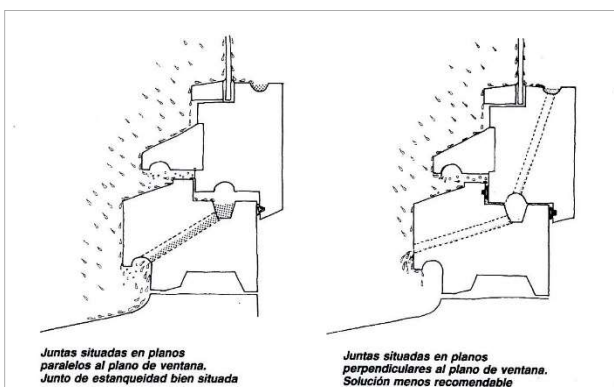


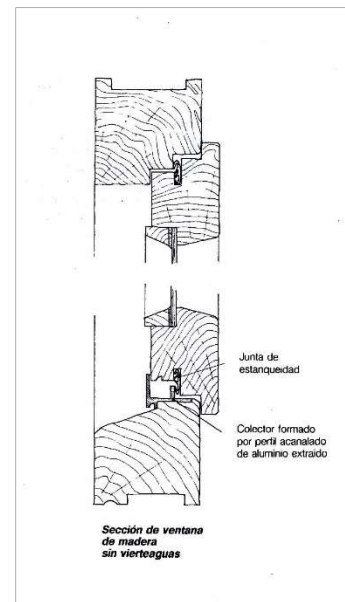
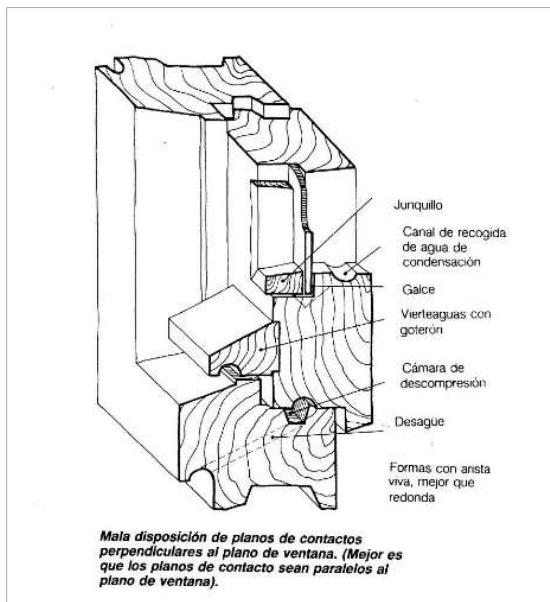
Fig. 39 - Rua do Bonjardim - Registro com cor das caixilhões de madeira existentes [Fonte: IPAP].

Após esta breve exposição do caixilho em madeira, baseada no século XIX e inícios do século XX, pretende-se agora apresentar alguns pormenores de caixilhos, igualmente realizados em madeira, mas numa fase mais tardia, ou seja, correspondente a uma era mais contemporânea, mas, onde se observam evidências na similaridade da sua construção e montagem em termos genéricos, apesar de as novas técnicas e meios de industrialização serem substancialmente mais evoluídos no presente:



O exemplo que aqui se apresenta, demonstra como eram efetuados os processos de evacuação das infiltrações provenientes da pluviosidade, ou das próprias lavagens de manutenção. No desenho do lado esquerdo, a fase mais inicial, só existente esta evacuação no aro perimétrico e na zona inferior, no lado direito, a fase mais tardia e a preocupação com os condensados interiores, realizados no próprio caixilho.

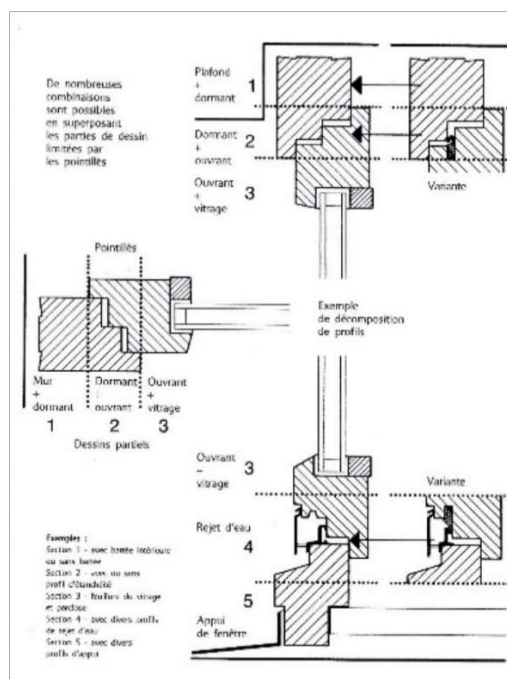
Tipos de encaixes presentes nos caixilhos concretizados em madeira. O primeiro desenho corresponde à “espiga ou fura cega”, o segundo, parece ser conhecido por espiga a 45º das extremas. O termo inglete, que se apresente no exemplo, desconhece-se e nem se encontram as correspondências em português.



... 69

Estes últimos desenhos referem-se ao seguinte, na imagem anterior esquerda demonstra-se como não se devem executar as planos de encontro na câmara de descompressão, entre a aro perimetral fixo e o aro móvel do próprio caixilho. A imagem da direita diz respeito à inserção de um perfil metálico, neste caso em alumínio, que funciona como colector em sintonia com a junta de estanqueidade.

A imagem abaixo, apresenta as combinações possíveis para se introduzir elementos adicionais, que suprimam as possíveis infiltrações através dos caixilhos.



... 70

⁶⁹ MENDIZÁVAL, Margarita. MANUAL DE LA VENTANA, cota C.52.1, da biblioteca da FAUP – pág. 56, 68, 70 e 71. Dissertação de Mestrado Integrado em Arquitetura. Paulo Topa, Faup 2018.

⁷⁰ PRACHT, K. FENETRES, cota C.52.1, da biblioteca da FAUP – pág. 128. Dissertação de Mestrado Integrado em Arquitetura. Paulo Topa, Faup 2018.

Os caixilhos produzidos em madeira, são ainda hoje matéria presente nas construções atuais, tanto novas, como nos processos de conservação e reabilitação de edifícios que se fazem um pouco por toda a parte, seja em Portugal, ou no estrangeiro, e têm como referência um passado repleto de boas influências. O grande problema reside nas exigências cada vez maiores quanto a níveis de conforto uma vez que este facto tem preponderância sobre espessuras das peças de madeira.

Os caixilhos de **AÇO MACIO** (ferro comum / ferro forjado) e **AÇO INOX** foram introduzidos no sistema de caixilharias, à posteriori relativamente às soluções pré-existent em madeira. A sua fabricação deve-se aos rápidos avanços na industrialização do ferro, causada pela Revolução Industrial, que surge, em Portugal, por volta da metade do século XIX, deu origem à chamada Arquitetura do Ferro. Inicialmente, este precioso metal, quando surge, foi rentabilizado para feitos notáveis de Engenharia, tais como fabricação de máquinas e ferramentas, construção de pontes, mas rapidamente se alargou a sua utilização como elemento arquitetónico fundamental para a evolução da arquitetura. A utilização do ferro permitiu possibilidades construtivas e adaptabilidades formais completamente novas e nunca antes alcançadas, na história da arquitetura. Arquitetura esta, que precisamente nesta época, vivia de forma muito substancial de historicismos práticos/académicos e métodos construtivos essencialmente tradicionais, por falta naturalmente, de novas soluções técnicas. A introdução deste novo elemento, como matéria arquitetónica, abre um precedente totalmente novo, passou-se a partir de então, a desenvolver e construir edifícios de maior envergadura e com bastante mais altura, obrigando assim, a novas práticas projetuais, processos arquitetónicos /construtivos mais inovadores e uma produção em significativa escala. Este é, de facto, um marco extraordinário para o próprio homem e essencial na história da arquitetura.

Exemplos de pormenores deste tipo de caixilharia:

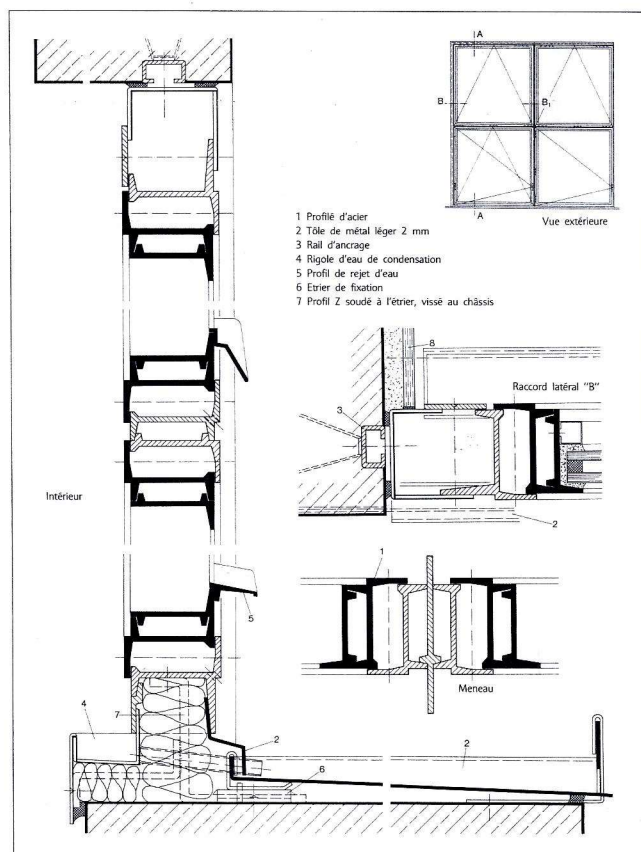


Figura 1

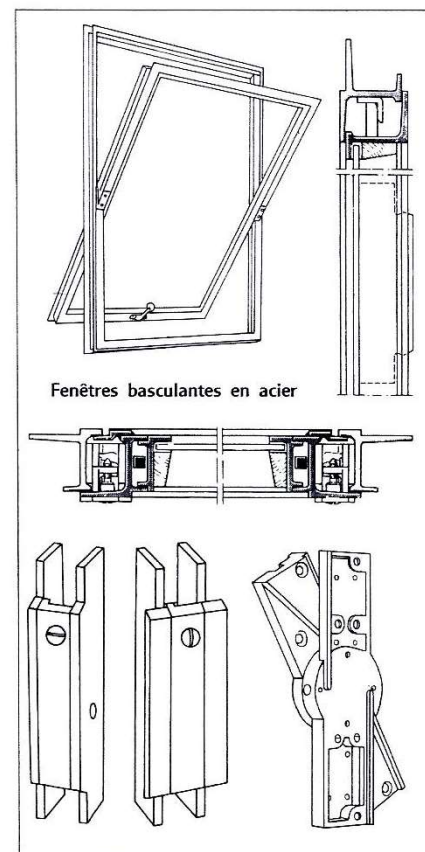


Figura 2

... 71

⁷¹ PRACHT, K. FENETRES, cota C.52.1, da biblioteca da FAUP – pág. 132 e 133. Dissertação de Mestrado Integrado em Arquitetura. Paulo Topa, Faup 2018.

Os exemplos deste tipo de caixilhos, foram extraídos dos seguintes livros de consulta: Manual de la Ventana, de Margarita Mendizábal, e Fenêtres, de K. Pracht, ambos da biblioteca da FAUP. Os livros referidos, foram selecionados, pela capacidade que têm no seu conteúdo genérico, tanto no desenvolvimento textual, como nos seus detalhes de pormenor, aqui presentes, exemplos significativos sobre o tema que aqui se pretende abordar, ou seja, os caixilhos metálicos em aço macio (ferro), aço corten e aço inoxidável.

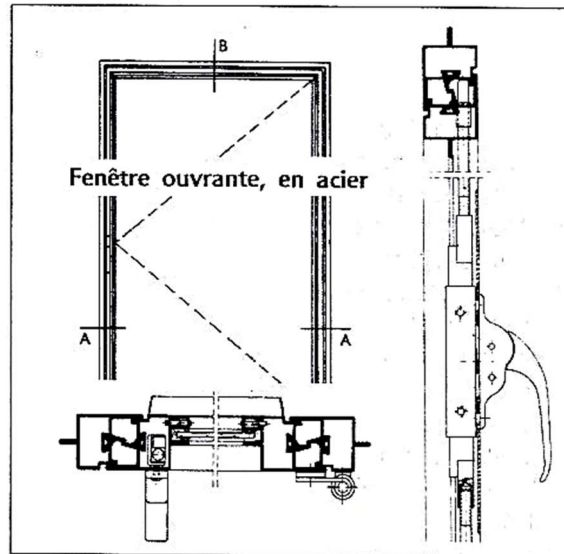


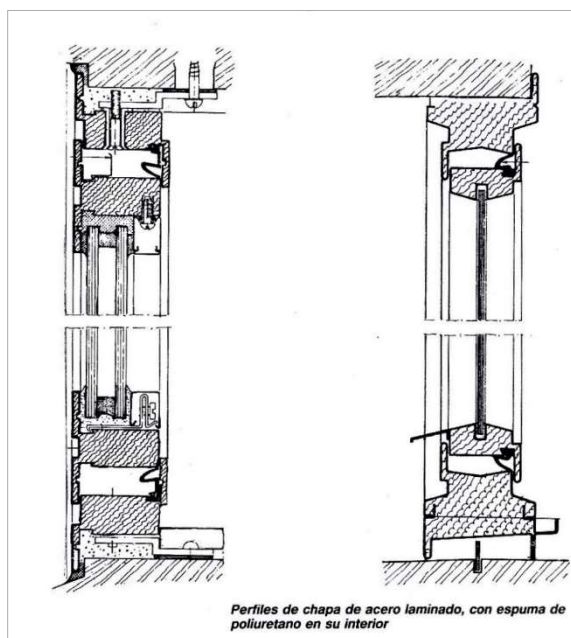
Figura 3

Figura 1 - exemplo de um vitral fixo

Figura 2 - exemplo de um caixilho basculante

Figura 3 - exemplo de um caixilho de abertura convencional (direita/esquerda)

... 72

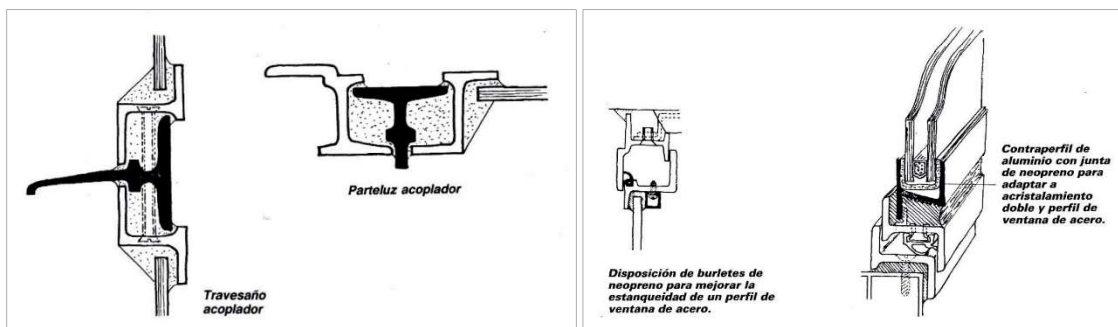


... 73

Estes exemplos, demonstram como proceder à inserção de matérias isolantes nos próprios perfis, no fito de melhorar o comportamento térmico e acústico destes. Esta acção é necessária em qualquer tipo de caixilho, seja no material que seja. Este tipo de prevenção é o que determina o desempenho em obra, e lhe confere o tipo de qualidade e patamar no preçario. Quanto mais isolante e mais complexo, maior o seu preço, quanto mais singular e menos robusto, menor será consequentemente o seu preço. Este tipo de produtos, promovem-se usualmente em ateliers de arquitetura, para que estes possam proceder, de forma competente e ajuizada a selecção mais adequada ao projeto e posterior aplicação em obra.

⁷² PRACHT, K. FENETRES, cota C.52.1, da biblioteca da FAUP – pág. 132 e 133. Dissertação de Mestrado Integrado em Arquitetura. Paulo Topa, Faup 2018.

⁷³ MENDIZÁBAL, Margarita. MANUAL DE LA VENTANA, cota C.52.1, da biblioteca da FAUP – pág. 76 e 78. Dissertação de Mestrado Integrado em Arquitetura. Paulo Topa, Faup 2018.



... 74

Todos os exemplos aqui apresentados são realizados com perfilados metálicos de aço macio, ou aço inox.

Como se pode observar, nos exemplos apresentados, a inércia térmica e acústica, apesar dos contributos da espuma de poliuretano, é evidente, e perde sempre um pouco de eficácia, comparativamente às técnicas que se utilizam nos perfilados de alumínio, onde todas as junções são contínuas e nas que se juntam, são protegidas por inúmeros bites com neoprene e plissados nos seus interstícios e deslizamentos.

Importa referir ainda, que nos casos do aço macio (ferro comum), a sua forma aparente pode ser expressa com diferentes acabamentos, ou seja:

Pintado - O ferro, pode, e deve ser pintado, para se precaver contra o enferrujamento dos seus componentes e finalizado nas cores disponíveis no mercado, apesar, de muitas das vezes, e devido às características de cada tinta, tenha como referência, uma paleta de cores muito específica de cada tipo de fabricante. Quanto à sua preparação, primeiramente, protege-se a sua superfície com um líquido neutralizador de ferrugem e após a devida secagem, é finalizada com tintas adequadas, à base de esmalte, estanho, zinco ou cromo. Um dos acabamentos mais em voga nos dias de hoje, é o Esmalte Forja, devido a ser uma tinta com acabamento metálico, tendo como base resinas sintéticas modificadas, que, associadas a pigmentos de Óxido de Ferro Micáceo e Alumínio, garantem uma excelente proteção anticorrosiva.

Aparente - Correntemente designado por aço Corten, devido a este ser um aço que tem como principal característica, a criação de uma película de óxido de cor avermelhada aderente e protetora, chamada de patine, que, assim que esta é formada, aquando da sua exposição aos elementos corrosivos, atua como um inversor dos agentes corrosivos presentes no meio ambiente. De qualquer das maneiras, por ser este um material vivo, como precaução, deve-se utilizar um acelerador específico com ph controlado, para lhe conferir a necessária hidratação e assim se evitar os escorrimentos da camada de óxido e melhor de forma substancial a sua durabilidade. Com este tipo de tratamento, permitisse que o material respire, mas salvasse o contacto com o próprio produto, sem nos mancharmos, ou que este crie escorrimentos indesejáveis nas fachadas ou noutros locais onde se encontre presente.

⁷⁴ MENDIZÁVAL, Margarita. MANUAL DE LA VENTANA, cota C.52.1, da biblioteca da FAUP – pág. 76 e 78. Dissertação de Mestrado Integrado em Arquitetura. Paulo Topa, Faup 2018.

Nos casos do aço inox, as formas aparentes podem surgir com os seguintes acabamentos:

- Pintado - Igualmente pintado, tal como o ferro, mas devido à sua superfície, mais lisa e escorregadia que a do aço comum, deve ser tratada de forma substancialmente diferente, ou seja, deve-se em primeiro lugar, lixar o material em bruto e aplicar-se um desgordurante próprio para metais, de seguida utiliza-se um primário que tenha na sua composição um agente aglutinante que promova a adesão do substrato metálico ao acabamento final, que, nos casos mais comuns, é a tinta de esmalte.
- Aparente - Neste formato, conhecem-se também diferenciados acabamentos. O primeiro e mais comum, o aço inox escovado ou satinado, onde as peças surgem com uma textura final do tipo arranhado, com baixa densidade, de forma ordenada e continua, e sem brilho. Os outros acabamentos possíveis, são o aço polido/brilho, o aço inox com acabamento industrial raw e por último o aço inox acabamento jet. O aço polido/brilho resulta do polimento do aço até à obtenção de superfícies completamente lisas e brilhantes, conferindo um aspeto semelhante ao cromado brilhante. O aço inox com acabamento industrial raw, apresenta-se absolutamente sem brilho, com uma textura sugestível ao próprio tato e visualmente obtêm uma coloração cinza, similar à do betão e uma imagem de carácter muito industrial. Finalmente, o aço inox com acabamento jet, resulta de um processo que é elaborado na fase final do processo de polimento, onde as peças são submetidas a um tratamento de projeção de partículas de vidro, e como resultante final, obtêm-se peças de cor cinza mate uniformes.

Os caixilhos de **ALUMÍNIO**, foram introduzidos no sistema de caixilharias, numa fase ainda mais tardia, comparativamente aos seus antecessores, e surgem por volta dos anos 50. É por esta altura que se começa a utilizar o alumínio, em virtude, de este, manifestar um comportamento mecânico estável e permitir ir-se ainda mais longe, em matéria de definição de vãos e da sua própria grandeza em termos dimensionais, tanto no sentido longitudinal, como altimétrico, pois, apesar da sua consistência e resistência estrutural, é ainda, significativamente mais leve que os restantes e permite um manuseamento e aplicação substancialmente mais célere. Esta nova prática e feitura arquitetural, influenciada pela introdução do alumínio, reflete-se tanto em novas obras, como, na própria reabilitação e renovação de edifícios históricos, sendo tido como o elemento mais determinante presentemente e usado em grande escala. Esta utilização de forma tão massiva no mercado, não é vista com bons olhos, principalmente, pelos arquitetos da vanguarda, pois, segundo eles, não é um material tão nobre quanto a madeira ou o próprio ferro/aço. A verdade, é que, para além das razões arquitetónicas e construtivas presentes, existe ainda, um fator determinante para a sua maioritária aplicação, o fator custo, que é seguramente um dos elementos que mais participa na equação presente da feitura arquitetónica.

O pensamento aqui expresso, é igualmente compartilhado pela autora de um dos livros de consulta, usados para o desenvolvimento do presente tema de estudo. O livro em referência, é o Manual de la Ventana, de Margarita Mendizábal, onde, logo no início, a autora refere o seguinte:

2.1 Aspectos generales

La ventana es uno de los elementos que contribuyen con mayor rotundidad a la formalización de la arquitectura, configurando el carácter dei edificio y expresando de forma clara o velada su organización interior.

La ventana es, en cierto modo, la expresión dei edificio. Marca la secuencia, la pausa o el ritmo del lenguaje arquitectónico, Puede entenderse como negación ai muro, o como un acto voluntario de definición dei hueco en sentido positivo, pudiendo llegar a tener en determinados planteamientos un carácter simbólico.

La ventana puede asumir un papel de protagonismo en el edificio, expresando con personalidad propia la circunstancia a la que responde, o por el contrario pasar desapercibida, como elemento de un conjunto en la fachada, o aceptando la disciplina derivada dei carácter unitario de un conjunto urbano.

El tratamiento de la ventana se ha mostrado en todo momento sensible a la influencia de los movimientos culturales, adaptándose a las corrientes dominantes de cada momento.

Con relación ai proceso constructivo, la ventana puede enfocarse bajo dos aspectos: a la manera clásica, como agujero hecho en el muro, como abertura de una forma determinada y dei tamaño preciso para permitir las vistas así como el paso de la luz y del aire; o también como un elemento limitado y definido por el sistema estructural propio de cada arquitectura, llegando en ocasiones a liberarse de dicho sistema, independiente de toda traba estructural. Este es el caso de los modernos edificios con «muro-cortina», en los que la superficie envolvente se independiza a veces de la estructura dei edificio. O también, en escala menor, es el caso de los tradicionales miradores, en los cuales la caja de cristal trasciende hacia afuera del plano de fachada, separándose dei hueco.⁷⁵

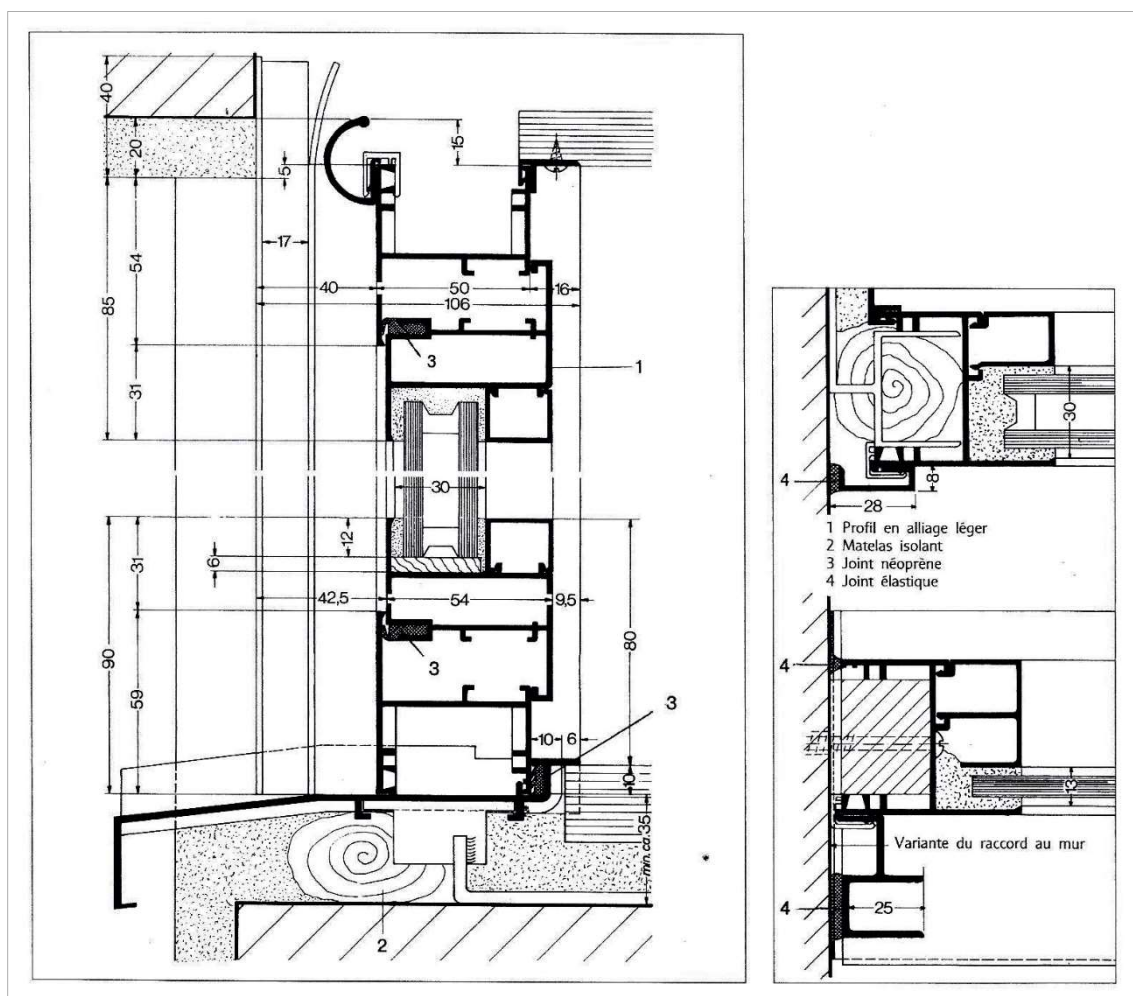
O caixilho de alumínio, tal como, qualquer um dos outros, abordados neste estudo, não é por sua vez um elemento que funcione de forma isolada, pode de facto o ser, mas normalmente é composto por vários elementos e surge com os mais variados formatos e sistemas de abertura. O estore, telas blackout ou de sombreamento, ferragens, guias ou suportes de acoplagem, portadas exteriores ou interiores, são elementos normalmente associados ao próprio caixilho, dependendo das necessidades e características do próprio vão. Obviamente que, estando estes

⁷⁵ MENDIZÁBAL, Margarita. MANUAL DE LA VENTANA, cota C.52.1, da biblioteca da FAUP – pág. 132 e 133. Dissertação de Mestrado Integrado em Arquitetura. Paulo Topa, Faup 2018.

elementos associados, deve-se obter um equilíbrio de conjunto e todos os seus componentes devem estar qualitativamente em consonância, tanto no sentido estético e formal, quer no sistema construtivo adotado, em benefício do próprio caixilho, que é o elemento principal de toda esta composição.

Outra importante reflexão, é a posição relativa do caixilho e o que estes sistemas permitem criar em termos de definição espacial do próprio vão. Estes podem ser aplicados, à face exterior, a meio das espessuras do vão, ou à face interior, em termos normalizados de aplicação, mas, contudo, existem certos caixilhos, que são colocados no próprio exterior deste, quando o autor do projeto, pretende que seja este a assumir o protagonismo nas empenas. A própria disciplina de fachadas é uma resultante desta aplicação, umas com mais rigor, outras de forma mais aleatória, mas sempre, sendo estes, os elementos que comandam a composição formal de qualquer fachada.

Alguns exemplos de sistemas de caixilho e de vãos:

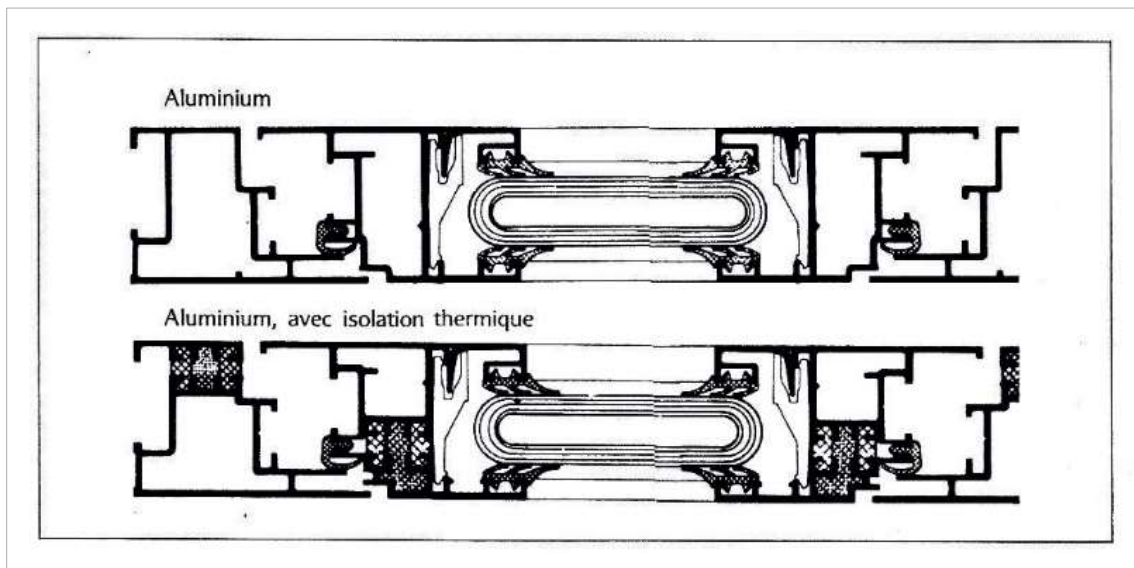


Um caixilho fixo realizado em alumínio com inserção de vidro duplo e os elementos que proporcionam a devida estanquidade construtiva.

... 76

⁷⁶ PRACHT, K. FENETRES, cota C.52.1, da biblioteca da FAUP – pág. 130. Dissertação de Mestrado Integrado em Arquitetura. Paulo Topa, Faup 2018.

A soleira, pingadeira, telas isolantes, bites de neoprene (borracha) e as juntas elásticas, que podendo ser noutros materiais, o mais utilizado é o silicone, fazem parte de todo este processo de aplicação em obra.



... 77

Esta imagem mostra a introdução do elemento que realiza o isolamento térmico no interior do próprio perfilado de alumínio. O material normalmente utilizado e mais apropriado para este efeito é a espuma de poliuretano, mas podem surgir outros materiais, tais como, nos caixilhos com rutura térmica, que para além da espuma, é usado peças em neoprene para separar os perfilados metálicos.



... 78

O rigor da disciplina na evolução dos Caixilhos

O caixilho que assume a dominância na fachada

⁷⁷ PRACT, K. FENETRES, cota C.52.1, da biblioteca da FAUP – pág. 131. Dissertação de Mestrado Integrado em Arquitetura. Paulo Topa, Faup 2018.

⁷⁸ MENDIZÁVAL, Margarita. MANUAL DE LA VENTANA, cota C.52.1, da biblioteca da FAUP – pág. 12 e 16. Dissertação de Mestrado Integrado em Arquitetura. Paulo Topa, Faup 2018.

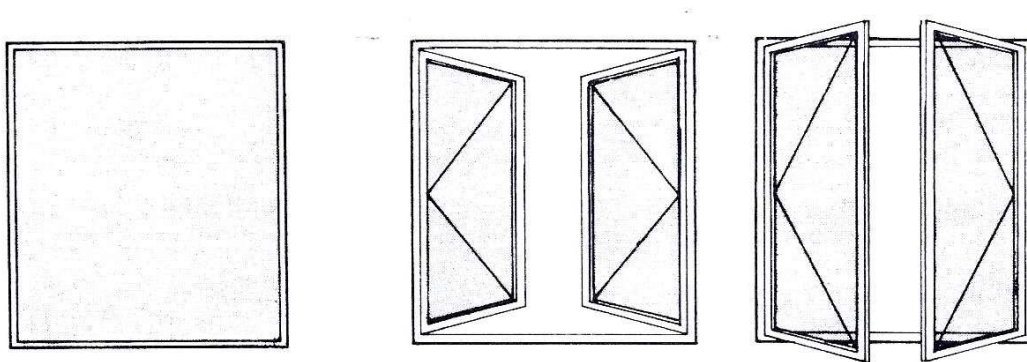


... 79

Profundidade e protuberância imposta pelos Caixilhos O caixilho que se destaca da própria empena

Entre muitas opções.

Por último a apresentação dos vários tipos de abertura nos caixilhos de alumínio disponíveis no presente mercado:

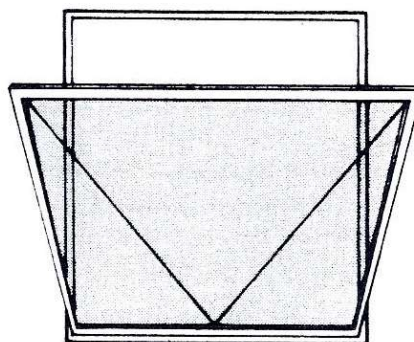
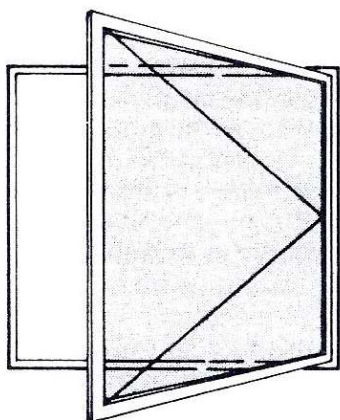


... 80

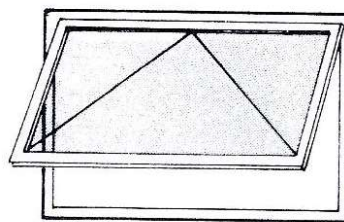
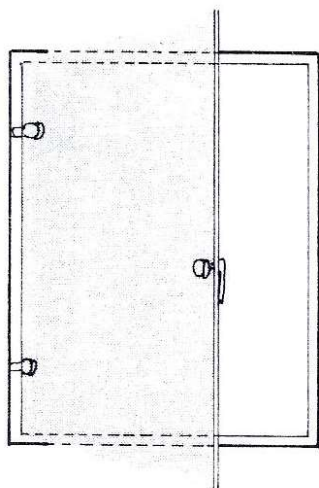
Da esquerda p/ direita - Caixilho fixo - Caixilho de abrir duas folhas, exterior – Caixilho de abrir duas folhas, interior

⁷⁹ MENDIZÁVAL, Margarita. MANUAL DE LA VENTANA, cota C.52.1, da biblioteca da FAUP – pág. 43 e 93. Dissertação de Mestrado Integrado em Arquitetura. Paulo Topa, Faup 2018.

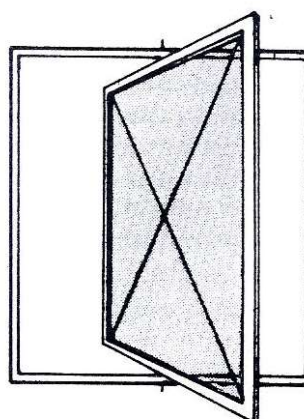
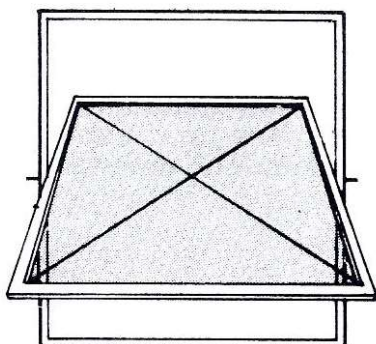
⁸⁰ MENDIZÁVAL, Margarita. MANUAL DE LA VENTANA, cota C.52.1, da biblioteca da FAUP – pág. 21 e 93. Dissertação de Mestrado Integrado em Arquitetura. Paulo Topa, Faup 2018.



Da esquerda p/ direita - Caixilho de abertura vertical 1 folha – Caixilho basculante de abertura horizontal inferior



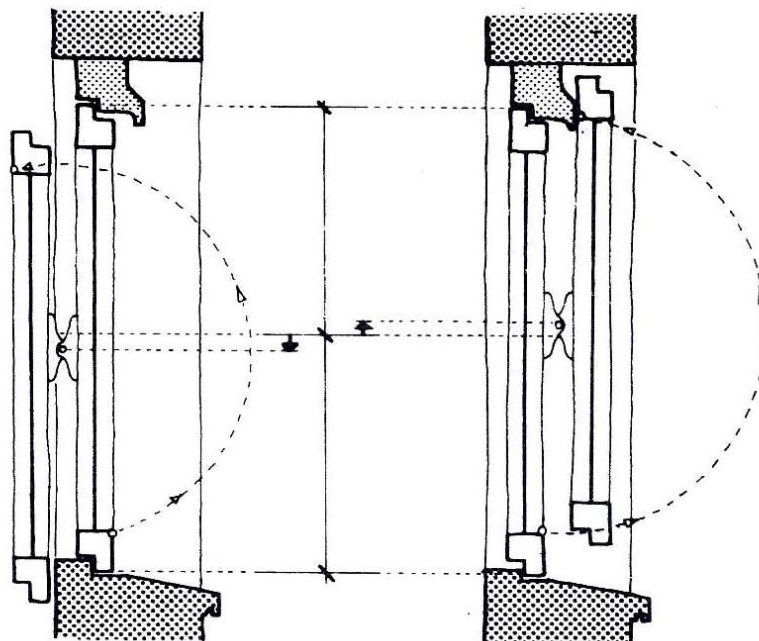
Da esquerda / direita - Caixilho de abrir vertical sem bastidor – Caixilho basculante de abertura horizontal superior



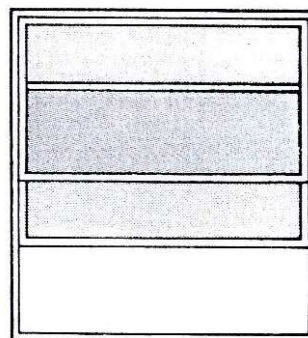
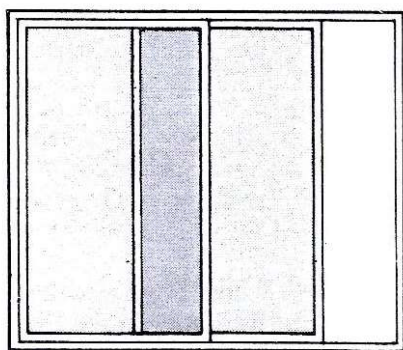
Da esquerda / direita - Caixilho pivotante, rotação horizontal – Caixilho pivotante, rotação vertical

... 81

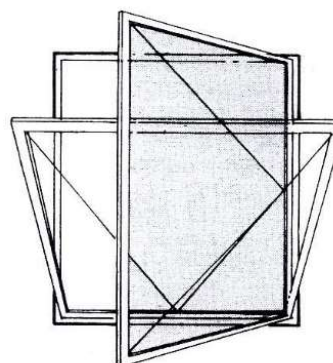
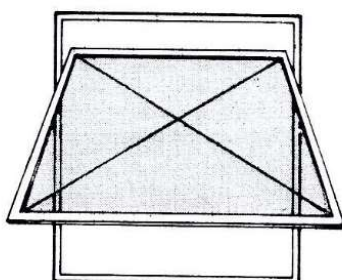
⁸¹ MENDIZÁVAL, Margarita. MANUAL DE LA VENTANA, cota C.52.1, da biblioteca da FAUP – pág. 21, 22 e 23. Dissertação de Mestrado Integrado em Arquitetura. Paulo Topa, Faup 2018.



- Pivô interior, eixo descentrado abaixo da metade da altura do vão - Pivô exterior, acima da metade da altura



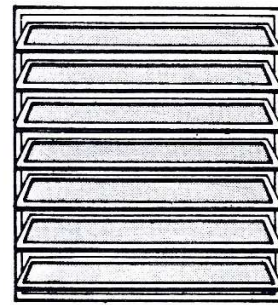
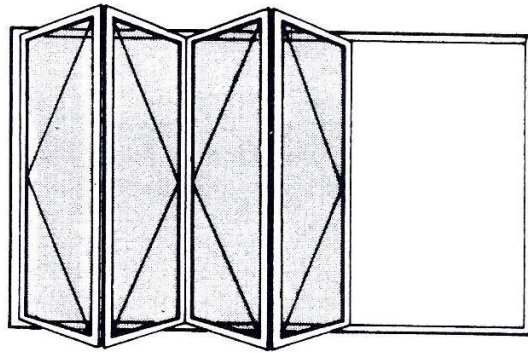
- Caixilho deslizante, correr horizontal – Caixilho deslizante, correr vertical



- Caixilho pivotante com pivô deslizante – Caixilho oscilo batente, vertical/horizontal inferior

... 82

⁸² MENDIZÁVAL, Margarita. MANUAL DE LA VENTANA, cota C.52.1, da biblioteca da FAUP – pág. 21, 22 e 23. Dissertação de Mestrado Integrado em Arquitetura. Paulo Topa, Faup 2018.

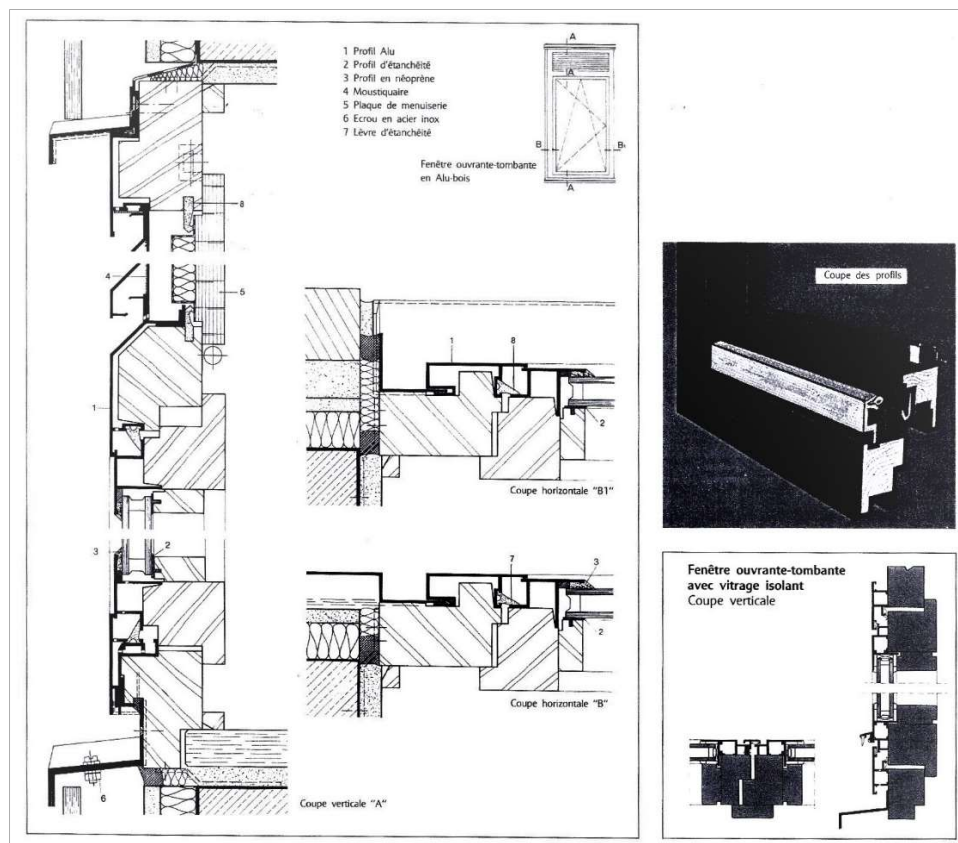


- Caixilho deslizante horizontal, multi-folhas – Caixilho beta, ou de lamelas oscilantes, na horizontal

... 83

Incluso ainda, na gama dos caixilhos de alumínio, encontra-se o caixilho misto, perpetrado por **ALUMÍNIO/MADEIRA**. Este é um sistema comum no nosso mercado, onde o alumínio se encontra à face exterior e a madeira na face interior. A aplicação da parte exterior por parte do elemento metálico, deve-se a que a sua resistência e durabilidade é bastante superior à da madeira, bem como, a sua manutenção, não carece de tantos cuidados e os custos envolvidos no seu tratamento são diminutos.

Apresentação de caixilhos realizados neste tipo de composição:

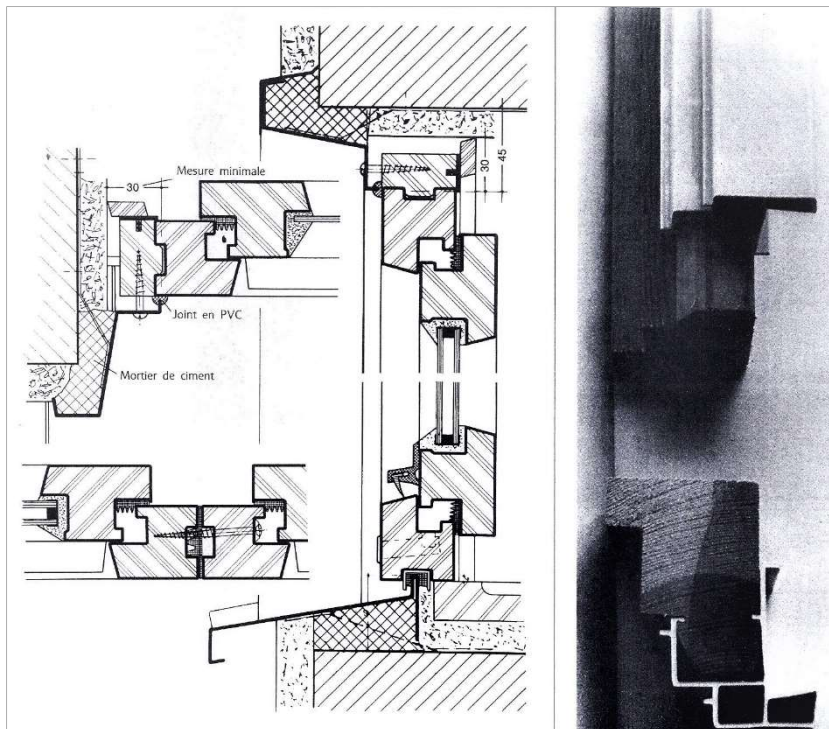
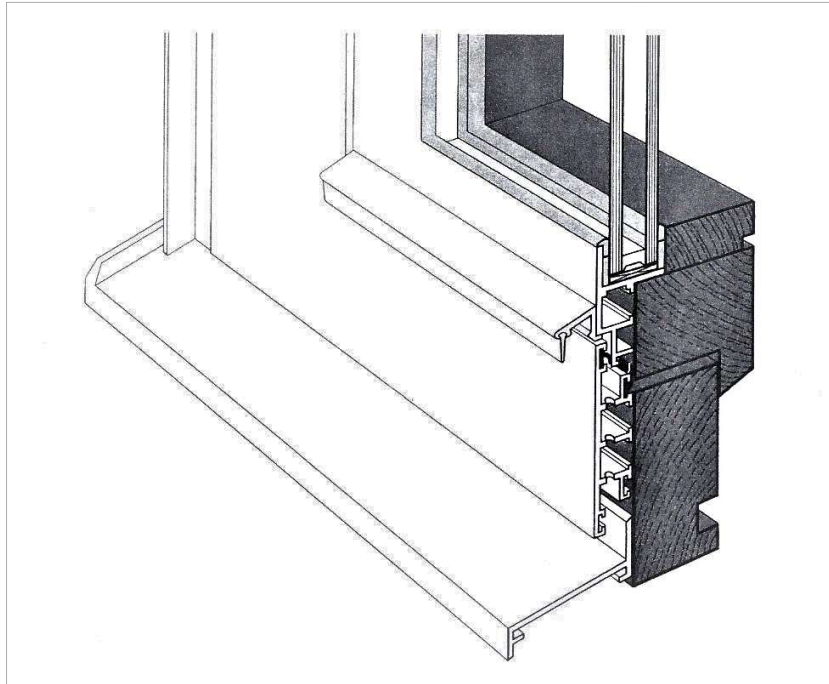


... 84

⁸³ MENDIZÁVAL, Margarita. MANUAL DE LA VENTANA, cota C.52.1, da biblioteca da FAUP – pág. 24. Dissertação de Mestrado Integrado em Arquitetura. Paulo Topa, Faup 2018.

⁸⁴ PRACHT, K. FENETRES, cota C.52.1, da biblioteca da FAUP – pág. 136. Dissertação de Mestrado Integrado em Arquitetura. Paulo Topa, Faup 2018.

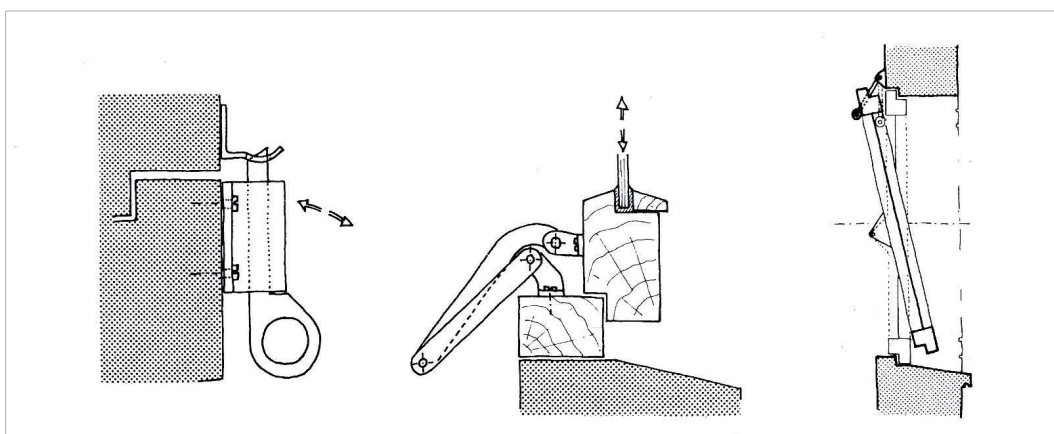
O caixilho de Alumínio/Madeira utiliza-se com frequência, devido à particularidade deste, ou seja, dotar do aspeto metálico o exterior, nos planos de fachada, característico em quase todas as edificações, mas alternado com a vista de madeira pelo interior do próprio caixilho, permitindo dar continuidade aos elementos arquitetónicos, igualmente concebidos em madeira, que se encontram dentro da própria espacialidade, tornando-se assim, um facto adquirido a uniformidade do conjunto.



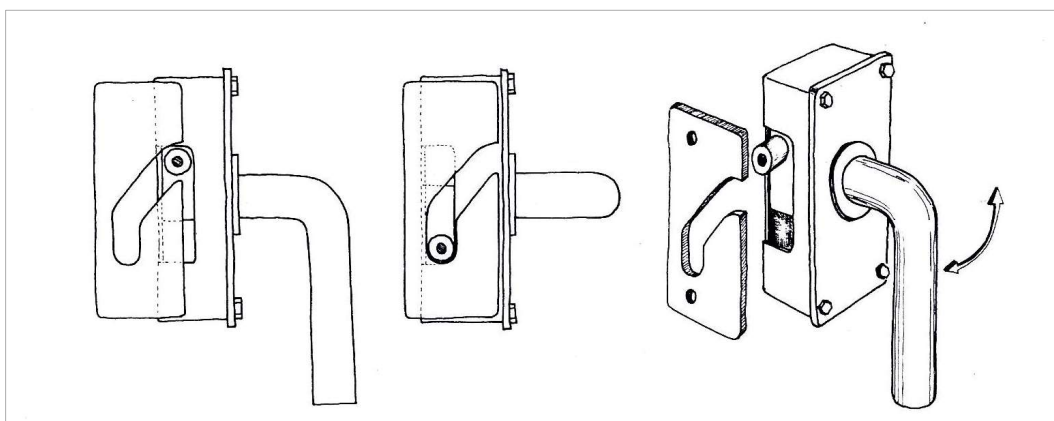
Um outro assunto que importa abordar, para além do tipo de caixilhos, soluções de abertura, entre outros, falta a referência das FERRAGENS, PUXADORES e ACESSÓRIOS, que sem elas, nada nesta composição do caixilho funcionaria. As ferragens para os diversos tipos de caixilhos, podem ser produzidos em matéria plástica de alta densidade, pintadas ou revestidas a abs, em ferro, à cor natural ou pintado, em latão, cromado, polido ou lacado, em alumínio, anodizado ou termolacado, ou então, em aço inoxidável, o melhor, mas também o mais caro de todos eles, que podem se apresentar com os cinco tipos de acabamentos referidos anteriormente, ou seja, pintado ou na sua forma aparente, escovado, polido, industrial raw e por último com acabamento jet.

Apesar das ferragens, puxadores e acessórios, em aço inox, serem as de custo mais elevado, importa referir, que, são as mais resistentes, as que melhor deslizam entre si, as que mais garantem o bom funcionamento, as que têm menores custos de manutenção, as mais duráveis, e quanto a mim, as que possuem os melhores designs do mercado.

Alguns dos exemplos deste tipo de peças:



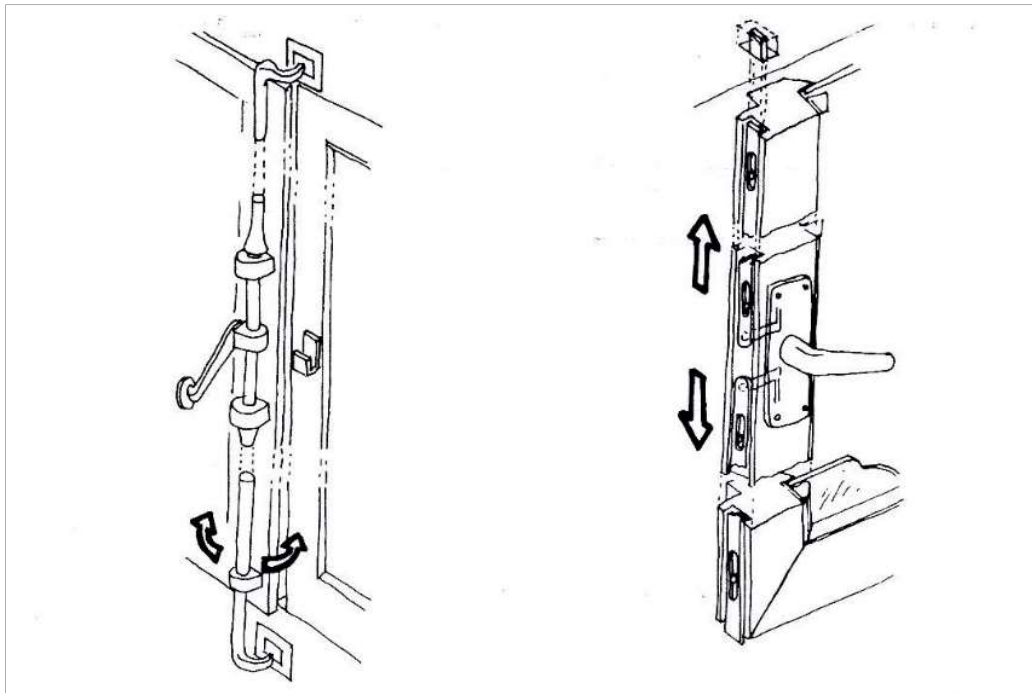
- Ferrolho ou Trinco - Balanço de braço duplo para janela basculante - Batente destacável para caixilho pivotante



Fechadura com trinco cilíndrico correção de embutir, conectado a puxador de muleta.

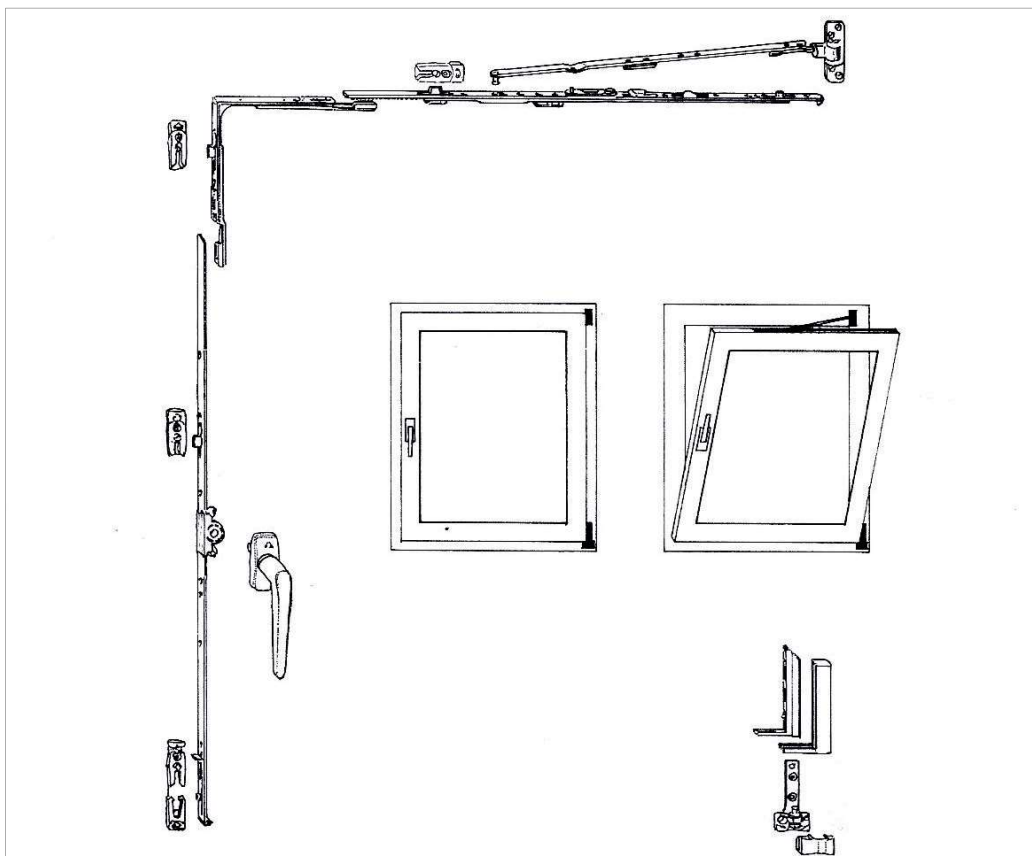
... 86

⁸⁶ MENDIZÁVAL, Margarita. MANUAL DE LA VENTANA, cota C.52.1, da biblioteca da FAUP – pág. 105. Dissertação de Mestrado Integrado em Arquitetura. Paulo Topa, Faup 2018.



Fecho Espanholeta

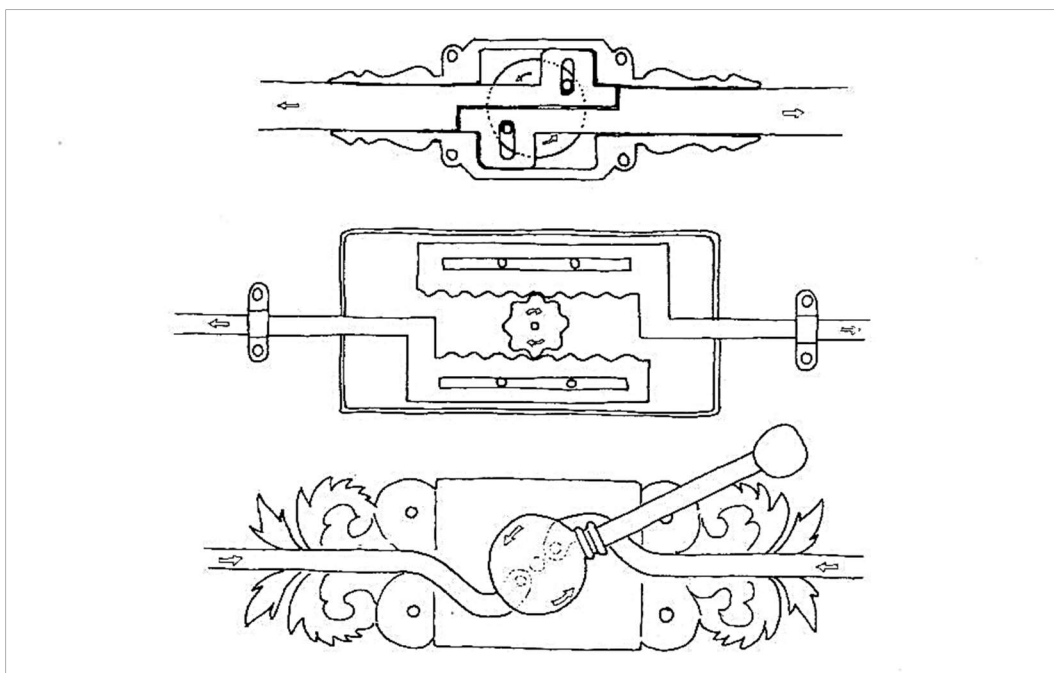
Cremona



Ferragem para caixilho basculante giratório

... 87

⁸⁷ MENDIZÁVAL, Margarita. MANUAL DE LA VENTANA, cota C.52.1, da biblioteca da FAUP – pág. 106. Dissertação de Mestrado Integrado em Arquitetura. Paulo Topa, Faup 2018.



Cremona do séc. XIX – Espanholeta de Pinhão, séc. XVIII – Cremona desenhada por Eugène Viollet-le-Duc

... 88

Se dermos a devida atenção aos exemplos de algumas das ferragens, acima ilustrados, pode se observar, que têm muita similaridade com os utilizados em alguns dos caixilhos da própria FAUP, da autoria de Álvaro Siza.

Algumas destas peças são inclusivamente desenhadas por ilustres arquitetos da nossa contemporaneidade, nomeadamente Souto de Moura, Adalberto Dias e o próprio Álvaro Siza referido à pouco, entre muitos outros, e, para verem alguns destes exemplos, basta que se desloquem, por exemplo, ao showroom do Carvalho & Batista, na Rua do Almada, Porto.

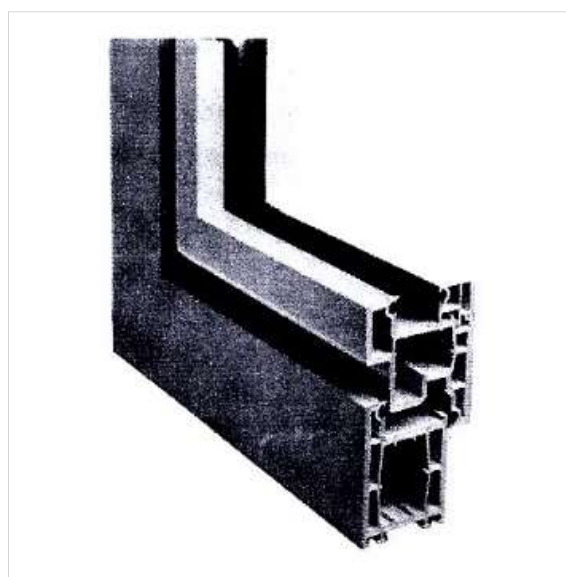
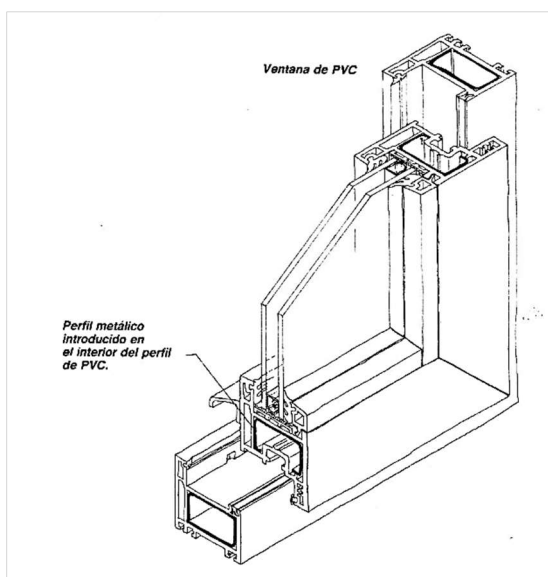
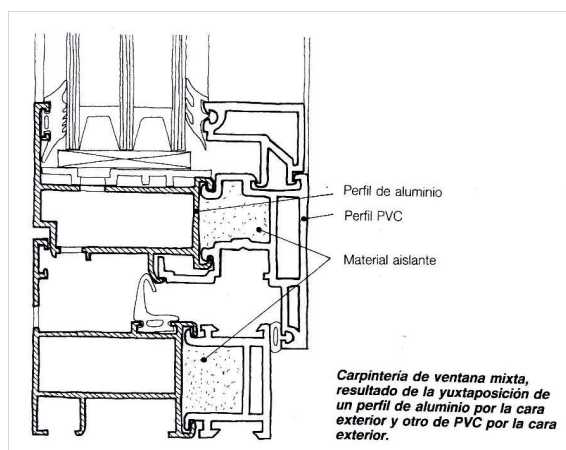
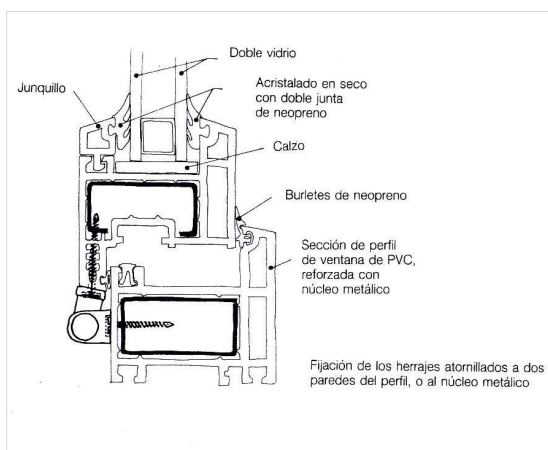
De todos os caixilhos aqui referidos, é evidente que falta um, o caixilho em PVC. Este último elemento, somente não é focado e desenvolvido como tema por não se achar que este seja tão determinante para o estudo em causa, porque, não é um dos elementos de mercado preferenciais por parte da grande maioria dos arquitetos. Estas afirmações aqui proferidas, não vêm mencionadas em nenhum texto específico, nem, tão pouco, seria muito conveniente, ou apropriado, que assim fosse, nomeadamente pelo respeito das leis de mercado e livre concorrência de produtos equivalentes. Estas constatações devem-se de discursos diretos entre arquitetos e os próprios técnicos de construção, na presença de comportamentos menos sustentáveis deste tipo de material. A minha própria experiência, enquanto diretor técnico, verifiquei, após uma pequena experiência em obra, os factos concretos que corroboram o que anteriormente foi referido acerca da utilização deste tipo de caixilho.

⁸⁸ MENDIZÁVAL, Margarita. MANUAL DE LA VENTANA, cota C.52.1, da biblioteca da FAUP – pág. 107. Dissertação de Mestrado Integrado em Arquitetura. Paulo Topa, Faup 2018.

Em termos de produção, tipo de perfilados e sistemas de vedação, é em tudo muito similar aos processos de fabrico do próprio alumínio, somente que aqui, o material é um compósito, ou seja, o pvc (policloreto de vinilo).

A principal diferença para o alumínio, em termos aparentes, é mais evidente nos elementos de encaixe, ou de ligação entre os próprios constituintes, no alumínio ligam-se diretamente, no pvc é adicionado um clip, ou perfil de borracha, para provocar a adição de outra qualquer peça. Este processo de fixação, é seguramente um handicap significativo deste produto e o ral de cores, apesar de extenso, tal como no alumínio, não é tão fiável, pois as cores deste produto tendem a perder características muito rapidamente, o que torna, maioritariamente, pernicioso a sua aplicação em obra. Em termos estruturais os perfilados são frágeis e não cumprem a sua função.

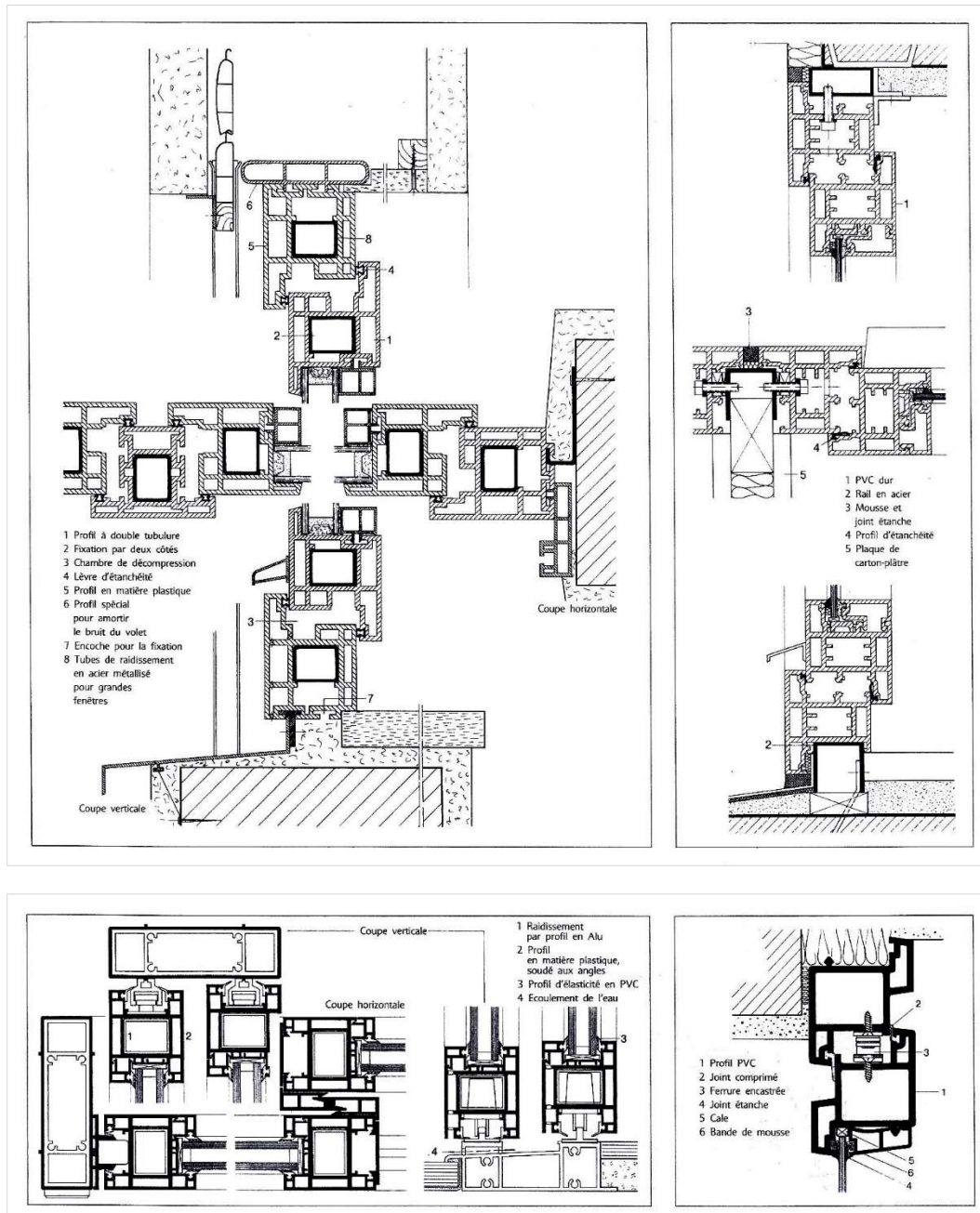
De qualquer das formas, e apesar de não se proceder a um desenvolvimento mais exaustivo, tal como nos anteriores tipos de caixilhos, apresentam-se aqui alguns exemplos dos mesmos, tanto na sua versão isolada, como na versão composta, ou seja, alumínio/pvc.



... 89

⁸⁹ MENDIZÁVAL, Margarita. MANUAL DE LA VENTANA, cota C.52.1, da biblioteca da FAUP – pág. 107. Dissertação de Mestrado Integrado em Arquitetura. Paulo Topa, Faup 2018.

Os dois perfis apresentados nas imagens superiores da sequência de quatro, referem-se à forma composta Pvc/Alumínio, sendo que, os perfilados em alumínio, são colocados pelo exterior e os de Pvc, pelo interior. As duas imagens abaixo destas, correspondem ao tipo de caixilho em Pvc, de forma isolada e tal como se apresenta no mercado.



... 90

Estes pormenores, são um pouco mais completos que os usados na página anterior e explicam a evolução de um caixilho, desde a soleira até à padieira (corte vertical), bem como, de ombral a ombral (corte planimétrico), e ainda vários cortes transversais das peças que compõem um caixilho em Pvc.

⁹⁰ PRACT, K. FENETRES, cota C.52.1, da biblioteca da FAUP – pág. 134. Dissertação de Mestrado Integrado em Arquitetura. Paulo Topa, Faup 2018.

“CAIXILHO” eleição da Contemporaneidade

Os caixilhos de alumínio, devido às suas características e aos preços relativamente contidos que apresenta, face a outros tipos de caixilhos existentes no mercado, tornaram-se a opção mais óbvia e popular dos dias de hoje.

Alguns bons motivos para escolher este tipo de material:

Baixo peso, consolidação de vãos de grandes dimensões, solidez estrutural, resistência a agentes químicos, eficiência energética, perfis normais e slim potencializando máxima área de vidro, sem problemas de higienização, facilidade de processamento, suavização no transporte, rápida instalação, anodização competente e termolacados de grande longevidade na manutenção das cores originais, são o predado essencial desta matéria.

Descrição dos processos utilizados que lhe confere as suas excepcionais características:

O tratamento da sua superfície é feito por intermédio de oxidação anódica. Este processo eletroquímico dá ao metal uma cor que varia do natural ao preto e a camada de anodização é dura, resistente à abrasão, à luz, ao clima e à corrosão. A anodização da cor é realizada por tratamentos sucessivos: imersão, eletrólise em duas etapas e anodização, dotando assim, os perfilados, de uma ótima fiabilidade e diversidade de opções em termos cromáticos. Quanto à lacagem, é um processo baseado em pintura termoendurecível que consiste em revestir o alumínio de uma camada de tinta em pó de poliéster por processo electroestático e posterior polimerização. Este tipo de processo de lacagem, oferece uma grande resistência e longevidade no seu uso e comporta uma extensa paleta de cores, em função da própria tinta em pó utilizada, as quais podem ser brilhantes, mates, acetinadas ou texturadas.

Alguns exemplos desta versatilidade ao nível de padrões de cor, uma, de entre muitas características, que contribuíram para a sua eleição:



Por todas as características enunciadas, acrescidas de uma tabela de preços altamente competitiva, são a razão, pela qual, é o material preferencial, na construção de caixilhos da atualidade.

Os caixilhos de alumínio, apesar desta eleição, tiveram de percorrer um longo e árduo caminho, desde os estilos mais antigos, que remontam aos anos 70 e 80, até aos dias de hoje, para alcançar esta excelência de produto. Não sendo esta uma tarefa imediata, teve um longo curso de desenvolvimento e somente com as mais recentes tecnologias é que se proporcionaram os bons resultados e efeitos alcançados. A construção de caixilhos, com esquadrias mais leves, mais fortes, duráveis e fáceis de manter, oferecendo uma estética elegante e uma paleta de cores a condizer é que os tornou a utilização ideal, dentro do contexto e design arquitetónico.

A parte estética, obviamente que conta e tem a sua cota parte nesta eleição, mas penso que é a consistência e resistência da própria matéria que mais ressalta e importa em toda esta apreciação. A feitura cuidada da própria matéria, a resistência das suas colorações e acabamentos, acrescidas da mais-valia, quanto ao seu desempenho em termos térmicos e acústicos da equação arquitetónica geral e na forma e propósitos habitacionais finais para a qual que se destina, é que determina a sua magnitude enquanto matéria recomendável e utilizável.

Quem não gostaria de ter os caixilhos realizados em madeira maciça ou aço inoxidável, penso que ninguém, mas atendendo aos elevados valores solicitados, mesmo para uma produção em massa significativa, aliada a uma inércia térmica e acústica deficiente, contribuem para que o caixilho de alumínio seja de facto a matéria eleita em detrimento das anteriores, consideradas mais nobres e referenciais, apesar de mais antigas.

Em conclusão, o caixilho de alumínio, é sem qualquer tipo de dúvidas, preferencial no mercado arquitetónico/construtivo, devido à sua enorme versatilidade e competência no desempenho das suas funções, tendo ainda, como importantes aliados, o componente económico equilibrado, facilidade de conceção, leveza de manuseamento e timings de celeridade de aplicação apreciáveis.

Opções de “CAIXILHO” em Alumínio, presentes neste período contemporâneo

Opções de CAIXILHO

Este estudo, pretende apresentar alguns dos tipos de caixilhos, mais importantes e emergentes em matéria arquitetónica como definição e acabamento do VÃO DA CASA UNIFAMILIAR. Entre outras opções os elementos que mais se destacam são os que se encontram a bold e que se referem de seguida:

Caixilhos de batente

Caixilhos de Correr

Fachadas

Painel Compósito

Proteção Solar

Guardas

Acessórios

Acabamentos

Todos os elementos referenciados têm designações e condicionantes diferenciadas. Os caixilhos que os compõem dividem-se genericamente em dois grupos, de batente, ou de correr, e estes dois grupos, por sua vez, comportam ambos duas séries cada, a chamada série fria, onde os caixilhos são executados de forma tradicional e realizados por perfis justapostos entre si, a série quente, refere-se aos caixilhos que comportam entre si uma poliamida (uma espécie de plástico rígido), que lhe atribui as características de rutura térmica, evitando com esta interposição, o contacto do perfil exterior com o interior e assim impedir a transmissão de temperaturas entre o espaço habitável interior, com o exterior que a rodeia. Obviamente que o que terá o melhor desempenho em matéria térmica e acústica, será consequentemente o que contém a Poliamida, designado comercialmente por caixilho com rutura térmica.

Para além de todas as características já enunciadas, existe ainda uma particularidade substancialmente interessante acerca destes caixilhos, podem ser séries normais, minimalistas ou ocultas, quanto menos expressão de alumínio, maior superfície envidraçada, portanto, mais transparência, maior campo visual e menor expressão aluminica na definição e caracterização dos vãos.

As séries de **batente** podem conter as seguintes opções:

Caixilhos simples

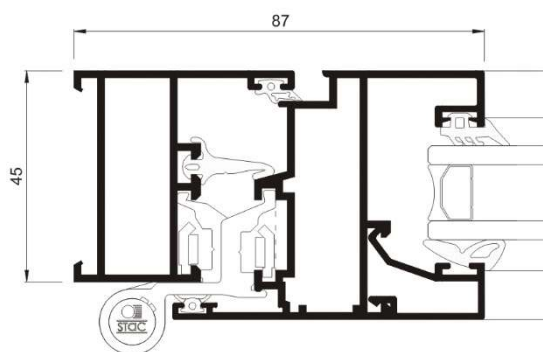
- Com uma secção de aro na ordem dos 40 – 60mm
- Máximo envidraçamento 30 mm
- Possibilidades de Abertura

Interior:

Batente, oscilo-batente, harmónio, oscilo-paralela e basculante

Exterior:

Batente, projetante-deslizante e pivô do eixo horizontal e vertical



Caixilhos com rutura térmica

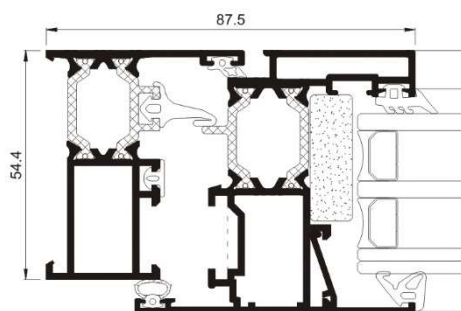
- Com uma secção de aro na ordem dos 45 – 70mm
- Máximo envidraçamento: 31 - 58 mm
- Possibilidades de Abertura

Interior:

Batente, oscilo-batente, harmónio, oscilo-paralela e basculante

Exterior:

Batente, projetante-deslizante



Caixilhos ocultos com rutura térmica

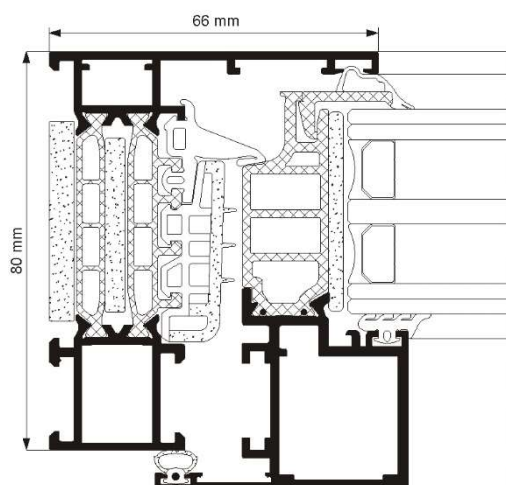
- Com uma secção de aro na ordem dos 45 – 80mm
- Máximo envidraçamento: 31 - 50 mm
- Possibilidades de Abertura

Interior:

Batente de 1 e 2 folhas

Oscilo-batente de 1 e 2 folhas

Basculante – Oscilo paralela



Caixilhos duplos ocultos com rutura térmica

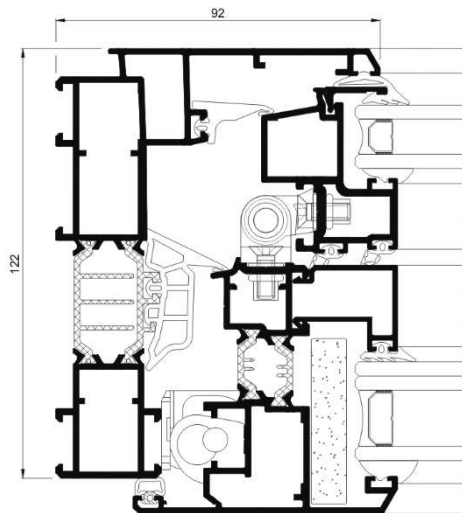
- Com uma secção de aro na ordem dos 122mm
- Máximo envidraçamento - Folha exterior 22 mm / Folha interior 30 mm
- Possibilidades de Abertura

Interior:

Abertura interior

Batente

Oscilo-batente de 1 e 2 folhas



Caixilhos alumínio/madeira com rutura térmica

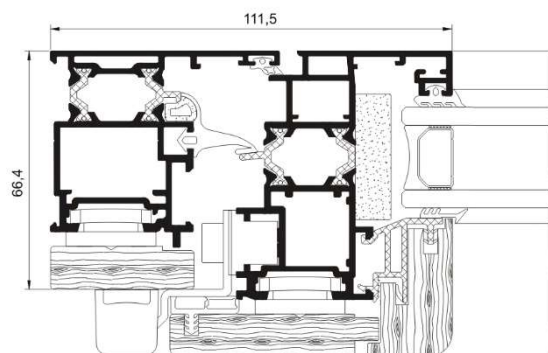
- Com uma secção de aro na ordem dos 122mm
- Máximo envidraçamento: 66,4 mm
- Possibilidades de Abertura

Interior:

Abertura interior

Batente

Oscilo-batente de 1 e 2 folhas



As séries de **correr** podem conter as seguintes opções:

Caixilhos simples - perimetral

- Com uma secção de aro:

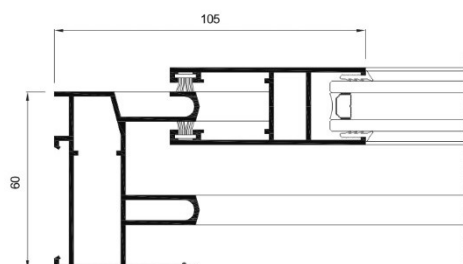
Marco Monocarril 40 mm / Bi-carril 40, 45, 60 e 70 mm / Tri-carril 80 mm

Folha reta 26 mm / Folha chanfrada 26 mm / Folha curva 27,5 mm

- Máximo envidraçamento: 17 mm

- Possibilidades de Abertura

Correr de 2, 3, 4, e 6 folhas - Possibilidade de 3 carris - Possibilidade de 1 carril



Caixilhos simples

- Com uma secção de aro:

Standard 83 mm 6500 Plus 104 mm - Folha: Standard 32 mm 6500 - Plus 41,6 mm

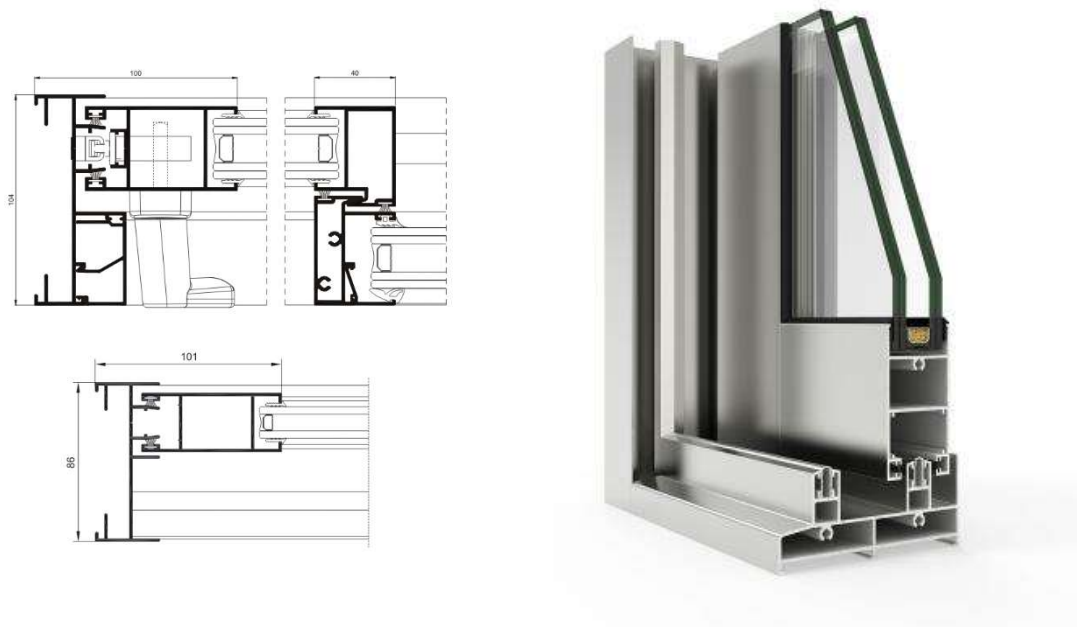
- Máximo envidraçamento: 15 - 17 mm

- Possibilidades de Abertura

Standard:

Correr 2, 3 e 4 Folhas. 1 Folha + 1 fixo

Correr de 2, 3, 4 e 6 Folhas. Possibilidade tri-carril. Possibilidade monocarril galandage



Caixilhos com rutura térmica

- Com uma secção de aro:

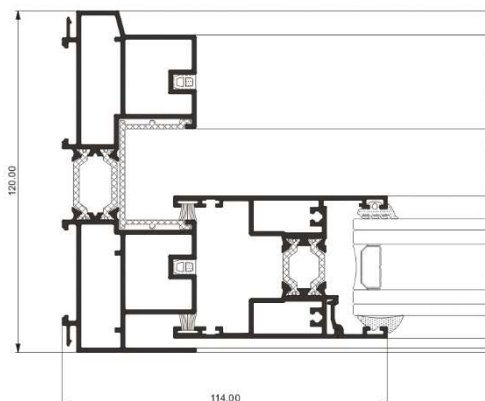
Standard 83 mm, Plus 104 mm - Folha: Standard 32 mm, Plus 41,6 mm

- Máximo envidraçamento: 34 mm

- Possibilidades de Abertura

Correr 2, 3, 4 e 6 Folhas

Possibilidade mono-carril (1 Folha + 1 fixo) - Possibilidade tri-carril



Caixilhos eleváveis com rutura térmica

- Com uma secção de aro:

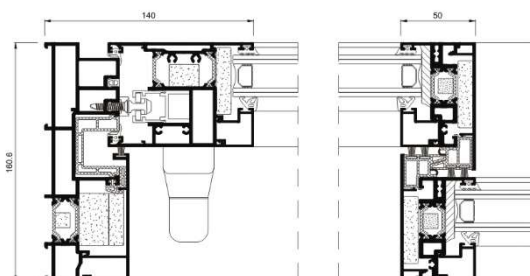
Aro 160.6 mm – Tri-carril 251 mm - Folha 70 mm

- Máximo envidraçamento: 38 - 55 mm

- Possibilidades de Abertura

Correr 2, 3, 4 e 6 Folhas

Possibilidade mono-carril (1 Folha + 1 fixo) - Possibilidade tri-carril



Caixilhos minimalistas (tipo oculto) com rutura térmica

- Com uma secção de aro:

Aro 160.6 mm – Tri-carril 251 mm - Folha 70 mm

- Máximo envidraçamento: 30 - 54 mm

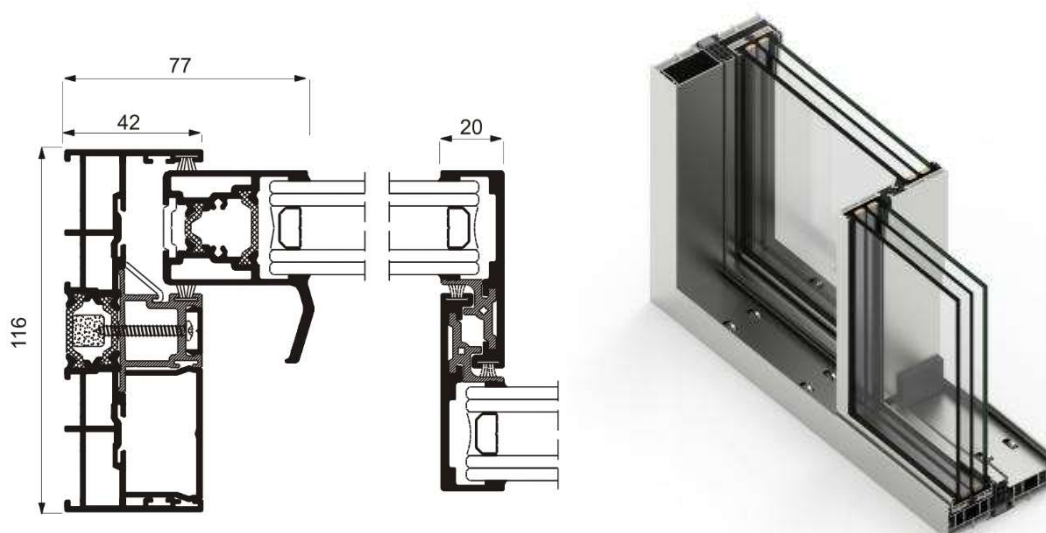
- Possibilidades de Abertura

Correr 2, 3, e 4 Folhas

Possibilidade mono-carril e tri-carril (1 Folha + 1 fixo/ 2 folhas + 1 fixo)

Possibilidade de encontros o 90º sem meneus

Possibilidade de galandage de 1, 2, 3 e 4 folhas



As séries de **fachada** podem conter as seguintes opções:

Caixilhos de teto móvel

- Com uma secção de aro:

Aro fixo 133 mm / Folha 28 mm

- Máximo envidraçamento: 24 mm

- Possibilidades de Abertura

Correr: módulo de 2 folhas e 1 fixo e múltiplas inclinações

Pendente: Perfilaria disposta para pendente de 8,5º (15%)

Máxima inclinação - 4.800 mm

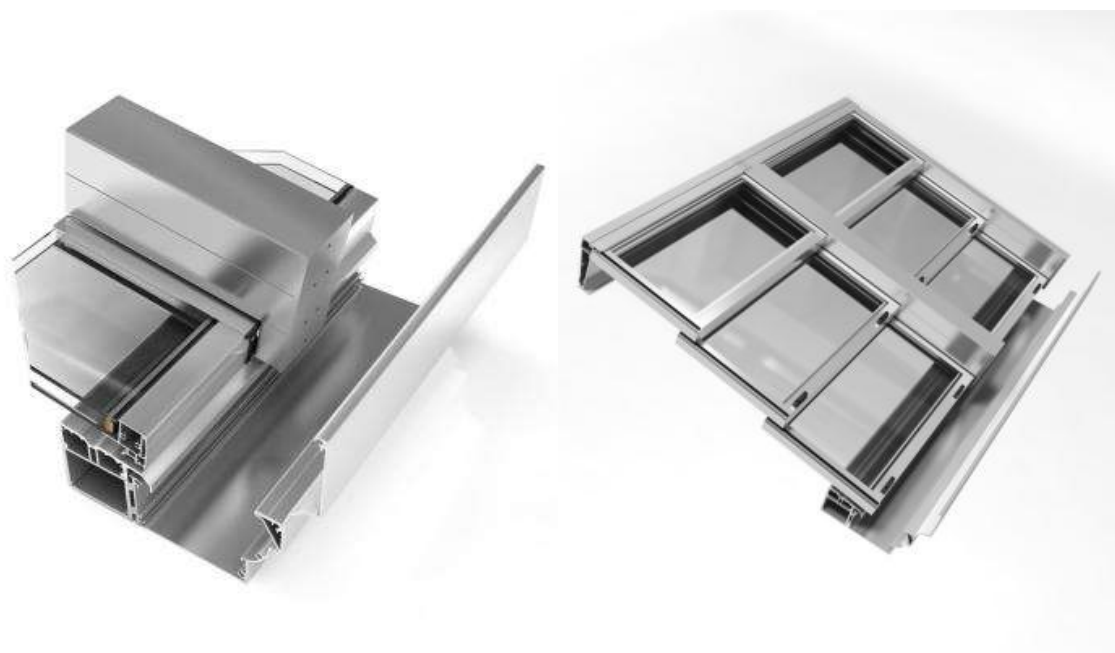
Mínima inclinação - 3.100 mm

- Largura ilimitada unindo módulos

- Possibilidades enchimento

Policarbonato celular 25 mm Paineis sanduíche 24 mm

Vidro 24 mm. (4 temperado / 12 /4+4)



Claraboia de varanda

- Envidraçamento Fixos

Máximo 50 mm / Mínimo 24 mm

- Janela telhado

Máximo 38 mm / Mínimo 24 mm

- Possibilidades de abertura

Abertura exterior: projetante motorizada no telhado

- Secções vista interior: Montante 52 mm / Travessa 52 mm

- Pendente Mínima: Pt= 12% (7º) / Máxima Pt= 85% (40º)



Sistemas de fachada

Devido a existirem diversas soluções optou-se aqui por se apresentar as características da solução intermédia

- Envidraçamento
 - Máximo envidraçamento: 44 mm*
 - Mínimo envidraçamento: 6 mm
- Possibilidades de abertura
 - Projetante horizontal oculta
 - Projetante paralela oculta
- Secções vista interior
 - Montante 52 mm / Travessa 52 mm
- Espessura perfilaria
 - Montante 2,1 e 3,0 mm / Travessa 2,1 mm
- Perfis de RPT
 - 12-66 mm / Perfis de RPT de 6, 12 e 30 mm empilháveis
- Dimensões máximas/mínimas
 - Abertura projetante
 - Largura máx. (L) = 2.500 mm - Altura máx. (H) = 2.500 mm
 - Largura mín. (L) = 500 mm - Altura mín. (H) = 650 mm
- Peso máximo
 - Abertura projetante horizontal 180 Kg
 - Abertura projetante paralela 200 Kg

Imagens de algumas das soluções:





Os vários tipos de soluções de caixilho em alumínio aqui apresentados, são seguramente um leque consistente dos vários tipos que existem presentemente no mercado, mas escusado será dizer, que existem muitas mais formas e resoluções para a sua realização. O que importa é ter-se uma noção, pelo menos básica, do que se deve conhecer e assim, permitir-nos ajuizar de uma forma mais competente e adequada as soluções a preconizar para cada tipo de espacialidade arquitetónica. Estes elementos, serão aquilo a que se pode chamar, de matéria base, para o total conhecimento, vai depender muito do pelouro da investigação de cada um e da riqueza da sua experiência profissional. Quantos mais projetos e orientações técnicas, maior o conhecimento, com a postura contrária, menor consequentemente o conhecimento, ou então, dedicar-se de forma exclusiva ao estudo desta matéria, o que penso ser contraproducente em termos de tempo gasto, pois a matéria arquitetural é vasta e é necessário conceder tempo valioso para os restantes domínios. Será substancialmente mais prático, comungar os conhecimentos do próprio arquiteto, com os dos credenciados técnicos das empresas que divulgam os seus produtos e têm um conhecimento consolidado sobre a sua matéria vendável, bem como, com o corpo técnico que dará corpo à própria obra e experimentados nas consequências de uma má seleção de produto.

Considerações finais

Ao “CAIXILHO”

Os caixilhos são o Interlocutor privilegiado entre o interior e o exterior, são os elementos que preservam, ou permitem o estabelecimento de relações entre os dois ambientes, ou seja, a casa e o meio que a envolve. O caixilho, se for preenchido com matéria opaca, preserva a intimidade na íntegra, com matéria translúcida, pressupõe-se o adivinhar do que nos precede e com matéria incolor, comunica livremente com o exterior de forma clara, permitindo uma visibilidade abrangente para o mundo que o cerca. É por intermédio do caixilho e a sua matéria de preenchimento, que se estabelece a sensação de segurança na casa, que a dota de maior ou menor intimidade e consequentemente a protege dos meios e elementos mais agressores que possam provir do exterior. Estes elementos, podem ser idealizados das mais diversas maneiras e realizados, hoje em dia, com as mais variadas matérias construtivas, dependendo, tão-somente, da criatividade do seu autor e dos meios técnicos/económicos postos à sua disposição. Obviamente que a este importante e significativo elemento, em matéria estilística de toda a composição arquitetónica, está aliada, concomitantemente, o garante da sua predominância funcional, que é, cumprir tecnicamente todos os requisitos exigidos à sua própria colocação, sejam esses realizados em madeira, ferro, aço ou alumínio.

Presentemente existem normas técnicas e especificidades objetivas para regular e controlar a qualidade necessária, cada vez, mais exigente ao longo dos tempos, quanto ao desempenho destes, nas suas próprias funções. Os fatores das artes projetuais da arquitetura, devem recolher a necessária leitura e ter um conhecimento, preciso e conciso, sobre o melhor e mais adequado caixilho a utilizar em termos de desempenho e que em simultâneo se identifique da forma mais conveniente com a estrutura e massa formal de toda a composição espacial.

Apesar da importância de certificação, felizmente cada vez mais utilizada, como garante de qualidade, o fator manuseamento, preparação e aplicação da própria matéria construtiva tem consequências intermutáveis, até à aplicação final, e estes jamais podem ser descurados. O objetivo maior, passa pela conjugação competente de todas as fases e elementos utilizados no seu fabrico, como condição imprescindível na satisfação e cumprimento geral, dos requisitos exigenciais solicitados e expectáveis.

A importância da janela e consequentemente o seu caixilho, é um tema de estudo ao longo dos vários séculos. Um escrito que se revelou interessante acerca deste próprio tema e da sua extrema relevância e essencialidade na feitura arquitetónica, encontra-se num dos livros de estudo, mais concretamente, na dissertação “Le Corbusier e a Janela”, de autoria de Luísa Pinto.

Segundo Le Corbusier, no capítulo 2.2| PEQUENA HISTÓRIA DA JANELA, CONSTRUÍDA POR LE CORBUSIER:

“(…) O antropocentrismo é, a bem dizer, a retoma do contacto com a escala humana e é grosso modo, estudar portas e estudar janelas; a casa é uma caixa na qual são abertas portas e janelas; Portas e janelas são os elementos da arquitetura; Não podemos construir edifícios com portas de 12 metros de altura ou mesmo de três metros; ambas são completamente inapropriadas”⁹¹

Ou:

⁹¹ PINTO, Luísa. LE CORBUSIER E A JANELA – Do Vão Tradicional ao Brise-Soleil – pág. 37. Dissertação de Mestrado Integrado em Arquitetura. Paulo Topa, Faup 2018. Do LIVRO – Le Corbusier, Pierre Jeanneret (Vol.1) Oeuvre Complète 1910-1929, publicado por W. Boesiger – pág. 29. Dissertação de Mestrado Integrado em Arquitetura. Paulo Topa, Faup 2018.

*“Que bom é, preencher esse espaço que me é dado vazio. Para que serve uma janela senão para iluminar as paredes? Isto não é nenhuma banalidade, é a mais profunda realidade arquitectónica. Se uma janela corrente ilumina a parede em frente vai necessariamente iluminar menos as paredes laterais e mesmo aquela onde existe a abertura, o que resulta em duas zonas de sombra a escurecer o quarto. Pelo contrário, se eu mantiver o vazio inicial, todo o espaço disponível obterá a sensação primordial, fisiológica e capital da arquitetura, a luz: nós sentimo-nos bem com a presença da luz. É assim que cheguei à conclusão que uma janela com comprimento igual em superfície a uma grande janela em altura, é melhor do que a segunda porque permite a iluminação das paredes laterais”*⁹²

*“(…) Posso retirar desta janela uma data de consequências, mas a que mais importa salientar é a força do fenómeno antropomórfico que comporta (...) Acredito que esta janela tem uma grande vantagem a nível fisiológico. Acredito que me encontro na presença de um quadro arquitectónico completamente novo”*⁹³

Todas estas afirmações ou pensamentos corroboram um pouco as ideias basilares onde assenta o presente estudo e expressas em termos gerais ao longo deste, em forma teórica. Estas importantes atitudes refletem-se também, ou tentam, pelo menos, na parte projetual que se insere e faz parte deste documento, no seu primeiro e último capítulo, enquanto postura prática. Se não se der à interiorização de conhecimentos e devida reflexão sobre as matérias importantes como suporte base para o desempenho das nossas funções diárias, enquanto arquitetos, jamais compreenderemos a razão de existirem certos elementos arquitetónicos e qual a sua importância e determinações no próprio contexto arquitetónico. Para alicerçar o aqui dito, mais uma vez, e porque não, Le Corbusier:

*“Falar-vos-ei sobre selar hermeticamente todas as janelas”*⁹⁴

*“Uma casa com pisos iluminados. Porque é feita? Para viver. Qual é o fundamento da vida? Respirar. Respirar como? Quente, frio, seco ou húmido? Respirar um ar puro com uma temperatura e humidade regulares”*⁹⁵

*“A sala abre-se para o sol, espaço, paisagem, através de uma loggia que é na realidade um pórtico do brise-soleil que Sócrates já reclamava (...) Esse pórtico, essa loggia, esse brise-soleil, associam a arquitetura mais moderna às mais antigas tradições. Desenhados segundo a ditadura do sol, eles ajudam a instaurar a regra na arquitetura”*⁹⁶

⁹² PINTO, Luísa. LE CORBUSIER E A JANELA – Do Vão Tradicional ao Brise-Soleil – pág. 39/40. Dissertação de Mestrado Integrado em Arquitetura. Paulo Topa, Faup 2018. Do LIVRO – Le Corbusier, Almanach d’architecture modern – pág. 31. Dissertação de Mestrado Integrado em Arquitetura. Paulo Topa, Faup 2018.

⁹³ PINTO, Luísa. LE CORBUSIER E A JANELA – Do Vão Tradicional ao Brise-Soleil – pág. 40. Dissertação de Mestrado Integrado em Arquitetura. Paulo Topa, Faup 2018. Do LIVRO – Le Corbusier, Pierre Jeanneret (Vol.1) Oeuvre Complète 1910-1929, publicado por W. Boesiger – pág. 128. Dissertação de Mestrado Integrado em Arquitetura. Paulo Topa, Faup 2018.

⁹⁴ PINTO, Luísa. LE CORBUSIER E A JANELA – Do Vão Tradicional ao Brise-Soleil – pág. 63. Dissertação de Mestrado Integrado em Arquitetura. Paulo Topa, Faup 2018. Do LIVRO – Le Corbusier, Précisions: sur un état présente de l’architecture et de l’urbanism – pág. 62. Dissertação de Mestrado Integrado em Arquitetura. Paulo Topa, Faup 2018.

⁹⁵ PINTO, Luísa. LE CORBUSIER E A JANELA – Do Vão Tradicional ao Brise-Soleil – pág. 63. Dissertação de Mestrado Integrado em Arquitetura. Paulo Topa, Faup 2018. Do LIVRO – Le Corbusier, Précisions: sur un état présente de l’architecture et de l’urbanism – pág. 64. Dissertação de Mestrado Integrado em Arquitetura. Paulo Topa, Faup 2018.

⁹⁶ PINTO, Luísa. LE CORBUSIER E A JANELA – Do Vão Tradicional ao Brise-Soleil – pág. 109. Dissertação de Mestrado Integrado em Arquitetura. Paulo Topa, Faup 2018. Do LIVRO – Le Corbusier, (Vol.5) Oeuvre Complète 1946-1952, publicado por W. Boesiger – pág. 90. Dissertação de Mestrado Integrado em Arquitetura. Paulo Topa, Faup 2018.

E da própria autora da dissertação, ressalto uma das suas últimas apreciações, feita precisamente nas considerações finais:

*“(...) Dentro dessas “ordenações infinitas” a janela é para Le Corbusier um elemento fundamental e definidor da arquitetura, sendo que, a meu ver, define igualmente a sua própria obra arquitetónica”*⁹⁷

Seja do vão, da janela, ou do próprio CAIXILHO, que faz parte integrante na sua essencialidade espacial, pois, é precisamente com a conjugação das três peças, que se transformam num só elemento arquitetural, e este, imprescindível a qualquer feito arquitetónico. Esta é a principal razão, devido a esta significativa importância, pela qual foi selecionado como matéria de estudo a apresentar.

Bem, seja ao alto, seja ao baixo, de maiores ou de menores dimensões, a verdade é que a arquitetura não seria possível sem a sua presença. É certamente a sua evidência que atribui o carácter e o estilo arquitetónico, que se pretende induzir/impôr em cada obra, daí que, tenhamos de contar sempre com o seu contributo, como primordial, em qualquer ato projetual.

⁹⁷ PINTO, Luísa. LE CORBUSIER E A JANELA – Do Vão Tradicional ao Brise-Soleil – pág. 125. Dissertação de Mestrado Integrado em Arquitetura. Paulo Topa, Faup 2018.

Projeto executado antes da minha formação académica – **“A VER O MAR”** - em A Ver-o-Mar

O projeto inicial para esta casa unifamiliar, destinava-se a ser edificada na zona piscatória da praia de A Ver-o-Mar, concelho da Póvoa de Varzim, distrito do Porto, Portugal, e a encomenda tinha como ponto de partida o seguinte:

Desenvolver um projeto para uma casa com 3 quartos +1, em que este último, fosse do tipo multifuncional, permitindo funcionar como um bom estúdio / biblioteca, ou como um quarto suite adicional.

A casa em termos da sua composição geral, teria de comportar no seu piso superior, uma suite, dois quartos e um banho completo de apoio (o que na realidade apresentei foram mais dois quartos suite, igualmente com banho privativo, mas substancialmente mais pequenos que a suite principal), no seu topo, para não colidir com a secção dos quartos, seria colocado o estúdio/biblioteca e toda esta área seria a parte mais dedicada à intimidade. No piso inferior, a composição arquitetónica albergaria, hall de entrada, sala de estar, sala de jantar e banho de serviço, na considerada zona coletiva, e por último, a área destinada aos serviços, seria composta de cozinha e despenseiro. Em anexo à composição geral da casa deveria ser contemplada uma garagem para estacionamento de dois carros e lavandaria.

As áreas pretendidas para cada compartimento, deveriam ser generosas, o tipo de solução construtiva moderna e robusta, bem como, a estética formal e espacial da casa deveria ter alguma presença no panorama arquitetónico local. Os custos para a feitura da casa basear-se-iam nos moldes médios/altos.

O ponto de partida, uma casa frente ao mar, era de facto a premissa mais importante para mim neste caso em concreto. De imediato atribui-lhe até um título próprio, Casa “A Ver o Mar”, por acaso coincidente com o nome da própria localidade, A Ver-o-Mar, que se encontra nos limites a norte da Póvoa de Varzim. Mas, mesmo que este não fosse o nome da própria localidade da implantação da casa, seria assim chamada, pelas características exclusivas do próprio terreno na sua relação com o mar infinito, que se apresentava no seu horizonte. Com esta presença forte e extasiante do mar, a postura restante centrava-se em fazer cumprir a encomenda solicitada da forma mais competente, mediante os modestos e rudimentares conhecimentos de altura e que abaixo se apresenta.

Sendo este um projeto com razoáveis recursos económicos, em virtude de os próprios clientes terem posses e disponibilidades apreciáveis nesse sentido, procurei dar o meu melhor neste projeto, de forma a satisfazer as necessidades habitáveis exigidas e corresponder às expectativas que foram amavelmente depositadas em mim. Este cliente quando me abordou para a feitura do projeto, foi impulsionado pela visita a uma obra, da qual fui o autor do projeto e responsável pela sua orientação técnica e ficou deveras bastante agradado, solicitando de imediato o contacto ao proprietário desta.

Uma das particularidades interessantes e que me deixou até um pouco perplexo, é que o pai precisamente de um dos membros do casal, era arquiteto, bem como alguns de seus familiares e fiquei orgulhoso, não o sendo, arquiteto, terem depositado toda a confiança em mim para realização de tal feitura.

Após esta breve apresentação do tipo de clientes que tinha pela frente, passei de imediato à dita execução do projeto, mas nunca, sem antes realizar uma alongada reunião, para discutir as necessidades e pretensões destes em matérias habitacionais, do tipo de preferências arquitetónicas que idealizavam, a composição do agregado familiar na época e supostas extensões do mesmo, entre outros assuntos de vital importância para mim. Esta atitude deve-se por sempre me ter recusado determinantemente, a fazer fosse o que fosse, sem ser conhecedor desta matéria. Para mim, esta é a base fundamental para a elaboração de qualquer programa habitacional, seja aqui, ou noutra parte qualquer do mundo.

O segundo passo, passou pela visita ao local da futura implantação, como percepção “in loco” das suas potencialidades construtivas, características geográficas, tipo de aglomerado e frente urbana onde se encontra inserido, e conhecer um pouco do próprio enquadramento histórico do lugar. No imediato, sabia que o terreno ficava frente ao mar, mas era importante que o mesmo se revelasse aos meus próprios olhos.

Até aqui, tudo muito bem e parece-me ser a forma mais correta de se abordar qualquer tipo de projeto, a grande diferença para a atualidade, reside precisamente nos conhecimentos adequados à boa elaboração arquitetónica. Nunca pensei nos cheios e vazios, no dentro e o fora, no estabelecimento de relações formais entre o interior/exterior e vice-versa, com a acuidade e presença que faço hoje. Apesar de todas estas condicionantes do método e desconhecimentos projetuais, o projeto foi mesmo assim, bastante apreciado e elogiado, inclusivamente pelo próprio pai, arquiteto, e alguns de seus outros familiares formados e versados nesta mesma disciplina. Fiquei com o devido orgulho, o que é mais do que óbvio, mas reconheço que com os conhecimentos que adquiri, ao longo destes últimos e preciosos anos, a resultante seria muito significativamente diferente.

O projeto seria provavelmente muito diferente, porque a atitude projetual que tenho hoje não é, na maior parte da sua postura, a mesma, as bases do ato de projetar agora, são substancialmente mais fortes, mais pragmáticas, mais abrangentes e culturalmente muito mais ricas. Quando refiro isto, não é para parecer bonito, ou ficar bem na fotografia, não! É por ser a pura e dura, realidade de todos aqueles que passam por uma experiência académica como esta, donde se sai exponencialmente mais rico e melhor profissional para o desempenho das suas futuras tarefas.

Importa referir somente e para finalizar, que relativamente à amplitude de dossiers, referentes à matéria de elaboração de esquiços, a minha atitude não mudou tanto assim. Sou um tipo de pessoa que constrói muito mentalmente, penso ter uma rápida percepção da espacialidade e facilidade de execução na transposição para o plano desenhado final mais célere. Por vezes, desculpando a minha falta de modéstia, os professores alteravam-me tudo o que se encontrava produzido até então e não percebiam como é que no outro dia, pela manhãzinha, já tinha todo o plano construído mentalmente, um pouco como alguns professores da cadeira de desenho, que me diziam muitas vezes *“como é que consegue fazer as perspetivas, sem praticamente utilizar linhas auxiliares e mesmo assim alcançar o rigor que alcança”*, ao qual prontamente respondia, pelos menos à maior parte deles; executados aqui, à sua frente e precisamente à pouco, o próprio professor, fez algumas referências sobre o que eu observava, para fins de representação artística melhora em matéria do desenhado. Um deles retorquiu até, o que achei natural piada, *“se eu próprio não visse, punha sérias dúvidas que esse desenho fosse legítimo, não só pelas linhas auxiliares, como pelas linhas tão direitas e precisas, que parecem feitas à régua”*, em abono da verdade, fazia até um frio de rachar, precisamente nessa altura e tinha os dedos praticamente congelados.

A prova inequívoca do que referi, é tudo aquilo que na FAUP, produzi na tentativa de alcançar o curso almejado. Aliás, posso garantir, que realizo mais desenhos nos paramentos verticais das paredes, sejam elas interiores, ou exteriores, do que propriamente em papel de esquiço. Ao se produzir toneladas de esquiços nas obras, não só, se cria um entendimento projetual em contacto direto com os elementos, como esclareço os tipos de regras e planos de execução, que pretendo serem realizadas em obra, em termos imediatos e na presença dos próprios executantes intervenientes.

Alguns exemplos do meu “modus operandi”, com esta minha particular peculiaridade:





Apresentação do projeto primitivo para uma casa unifamiliar - "A-Ver-o-Mar"...



11 _ FAUP _
PROJECT - A-Ver-o-M



11 _ FAUP _
PROJECT - A-Ver-o-l



11 _ FAUP _
PROJECT - A-Ver-o-l



11 _ FAUP _
PROJECT - A-Ver-o-l



12_ FAUP_
PROJECT - A-Ver-o-l



12_ FAUP_
PROJECT - A-Ver-o-l



12_ FAUP_
PROJECT - A-Ver-o-l



12_ FAUP_
PROJECT - A-Ver-o-n

Projeto executado pós- formação académica – “A VER O MAR” – em A Ver-o-Mar

No momento de quase finalizar este meu percurso académico, a cliente do projeto inicial surge com a proposta de revisão do mesmo, atendendo às significativas mudanças que se operaram na sua vida.

Este segundo projeto, ou aditamento, é requerido precisamente numa altura ideal, ou seja, quando pretendo realizar esta dissertação e este seria um exercício interessante para fazer parte da mesma. A encomenda compreende agora uma área substancialmente menor que a da implantação inicial, portanto, não restaria outra solução, que não, a de se realizar um projeto totalmente novo. Esta alteração deve-se à separação do casal e o próprio agregado familiar, que se perspectivava ser de maior número, não foi adulterado desde então. O local para a sua edificação, continuava a ser o mesmo, ou seja, na zona piscatória da praia de A Ver-o-Mar, Póvoa de Varzim, mas a encomenda passou a ter exigências completamente diferentes, ou seja:

Desenvolver um projeto com dois quartos, em que um dos quartos, fosse do tipo suite com banho privativo.

A casa em termos da sua composição geral, deverá agora comportar um só piso, composto pelos seguintes elementos; uma suite master, um quarto duplo e um banho completo de apoio, tipo multifuncional, possibilitando também, apoio à zona coletiva, estes elementos serão acondicionados na zona destinada à parte íntima e mais reservada da casa. Na zona coletiva, compreender-se-ão, o hall de entrada principal, vestíbulo, sala de estar e sala de jantar. Por último, e na zona destinada aos serviços; cozinha e lavandaria/despenseiro. Em forma de anexo à composição geral da casa, deveria ser encontrado um espaço destinado ao estacionamento de pelo menos um carro, não necessariamente do tipo garagem, mas um espaço preferencialmente coberto.

As áreas agora pretendidas para cada compartimento, deveriam ser mais contidas, e consequentemente, o tipo de construção, seria agora de custos controlados, baseando-se em moldes médios/baixos.

O ponto de partida, para esta nova etapa de uma casa frente ao mar, era consideravelmente diferente e substancialmente mais restritivo em termos de implantação planimétrica, devido aos custos envolvidos e ao novo contexto familiar. A premissa, de qualquer das maneiras, continuava a ser a mesma, realizar um projeto habitacional tendo o mar como pano de fundo, e com uma qualidade ainda apreciável em matéria programática e projetual, embora, as novas condicionantes sejam exponencialmente mais reduzidas em termos espaciais. O importante para mim, continuava a ser, o de manter o espírito inicial e honrar o nome que lhe foi atribuído, Casa “A Ver O Mar”, para tal, selecionei a parte do terreno que considero a mais adequada, ao meu primeiro pensamento em matéria arquitetónica. Este primeiro pensamento, residia em basear a casa em termos formais numa espécie de binóculos que perscrutam constantemente o infinito, as longas e belas linhas do mar que se encontravam à minha frente, numa tentativa de ir buscar a essência histórica do lugar e o tipo construtivo mais simplificado e menos ostensivo que o do projeto inicial. Não só por moldes a corresponder ao reduzido orçamento, mas, acima de tudo, manter a exclusividade das características construtivas da urbanidade que a rodeia. Foi com esta nova postura, em termos de conduta projetual, e o firme intento, de fazer mais e melhor, que tentei realizar a nova encomenda, de uma forma mais competente, e onde empreendi todos os meus esforços e novos conhecimentos na feitura deste novo projeto.

A apresentação aqui, do meu novo sistema laboral, será breve, por todas essas novas referências e circunstâncias terem sido anteriormente referidas, de forma bastante expressiva e se calhar até cansativa, ao longo deste presente estudo e pela qual peço desde já as devidas desculpas.

Este meu novo sistema assenta hoje sobre um conhecimento maior da arquitetura em termos históricos e sua evolução, saber como procurar válidas referências que possam ajudar no meu desenvolvimento enquanto arquiteto e em novas posturas projetuais, aquelas tais já muito referidas ao longo deste estudo, ou seja, como criar as formas mais adequadas dentro do contexto elegível à boa prática arquitetónica, integrar os contextos locais e históricos na base projetual, saber compreender e interpretar os alinhamentos e espacialidades que possam gerar ou condicionar o próprio projeto, como promover os diálogos espaciais entre interior e exterior, como inserir/interagir a própria obra com o terreno onde a instalação se vai compreender e analisar de forma ponderada a relação urbanística que esta estabelece, ou não, com a própria envolvente. Todos estes novos métodos e posturas no estar arquitetónico, são hoje matéria presente na minha prática laboral e completamente divergente à postura que tinha no passado.

Apresentação do projeto final para a nova casa unifamiliar - “A-Ver-o-Mar”

Esta apresentação baseia-se em três fases, a primeira na forma como me posicionei com este novo olhar, quanto à forma que deveria introduzir na nova forma arquitetónica e os motivos que a podiam gerar e condicionar. A segunda na explicação detalhada de cada uma das intenções e por fim, a terceira, a apresentação física do próprio projeto e as perspetivas finais em 3D para correta interpretação do mesmo.

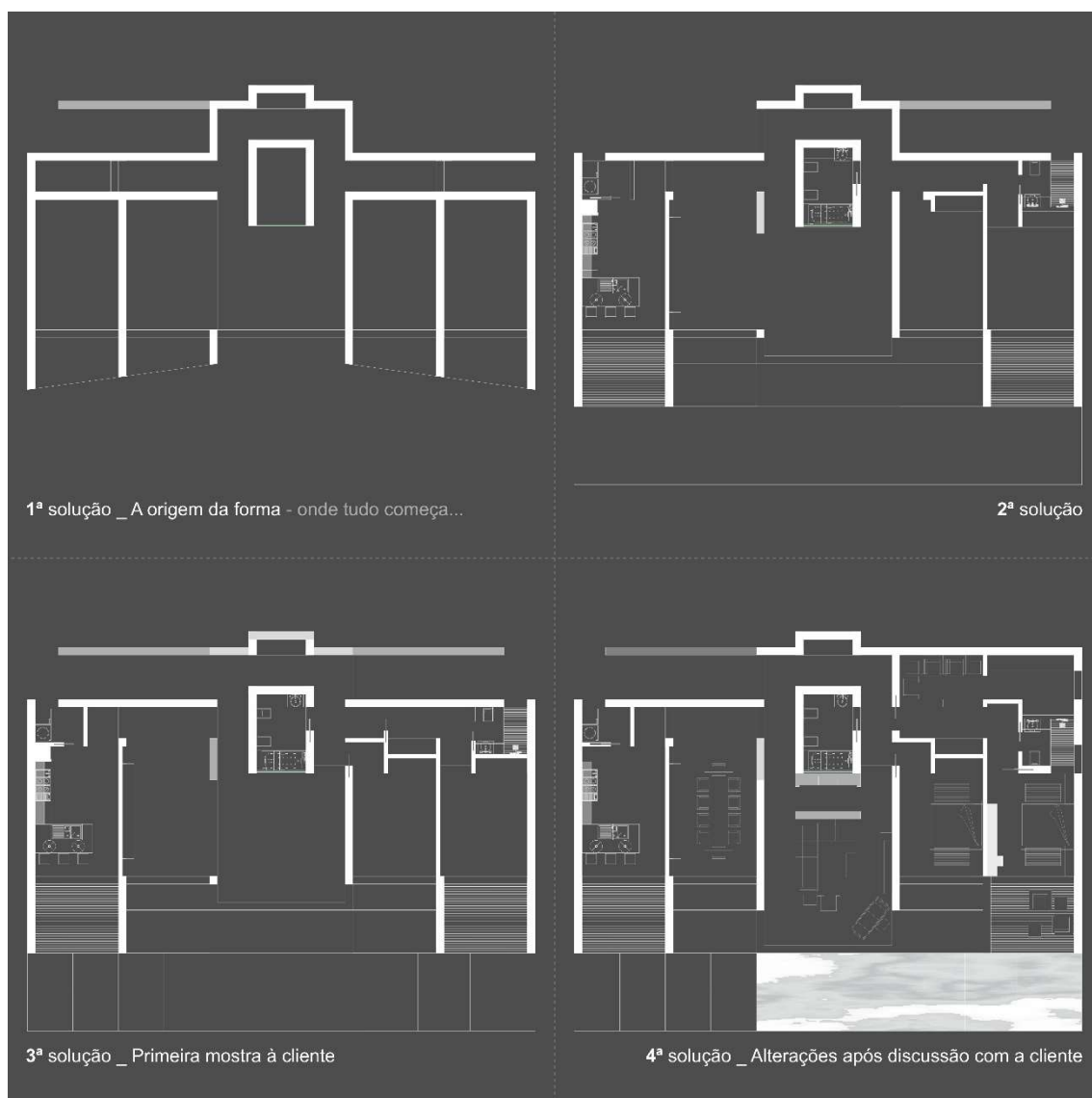
Fase 1



Os pressupostos acima enunciados foram os elementos e premissas consideradas como ponto basilar e motivador para a feitura deste no projeto, com um programa habitacional absolutamente díspar do inicial anteriormente apresentado.

As formas iniciais surgiram muito naturalmente e não foi propriamente esta a tarefa mais difícil, até porque, pretendia basear a mesma na forma de uns binóculos com câmara central integrada, tipo o da foto que se apresenta no topo do presente enunciado. A mais difícil foi seguramente a introdução do programa adequado na massa arquitetónica idealizada e enquadrar todo o conjunto arquitetónico no contexto histórico e urbanístico do próprio local, que a condicionava.

Das formas iniciais até à forma e contexto final...

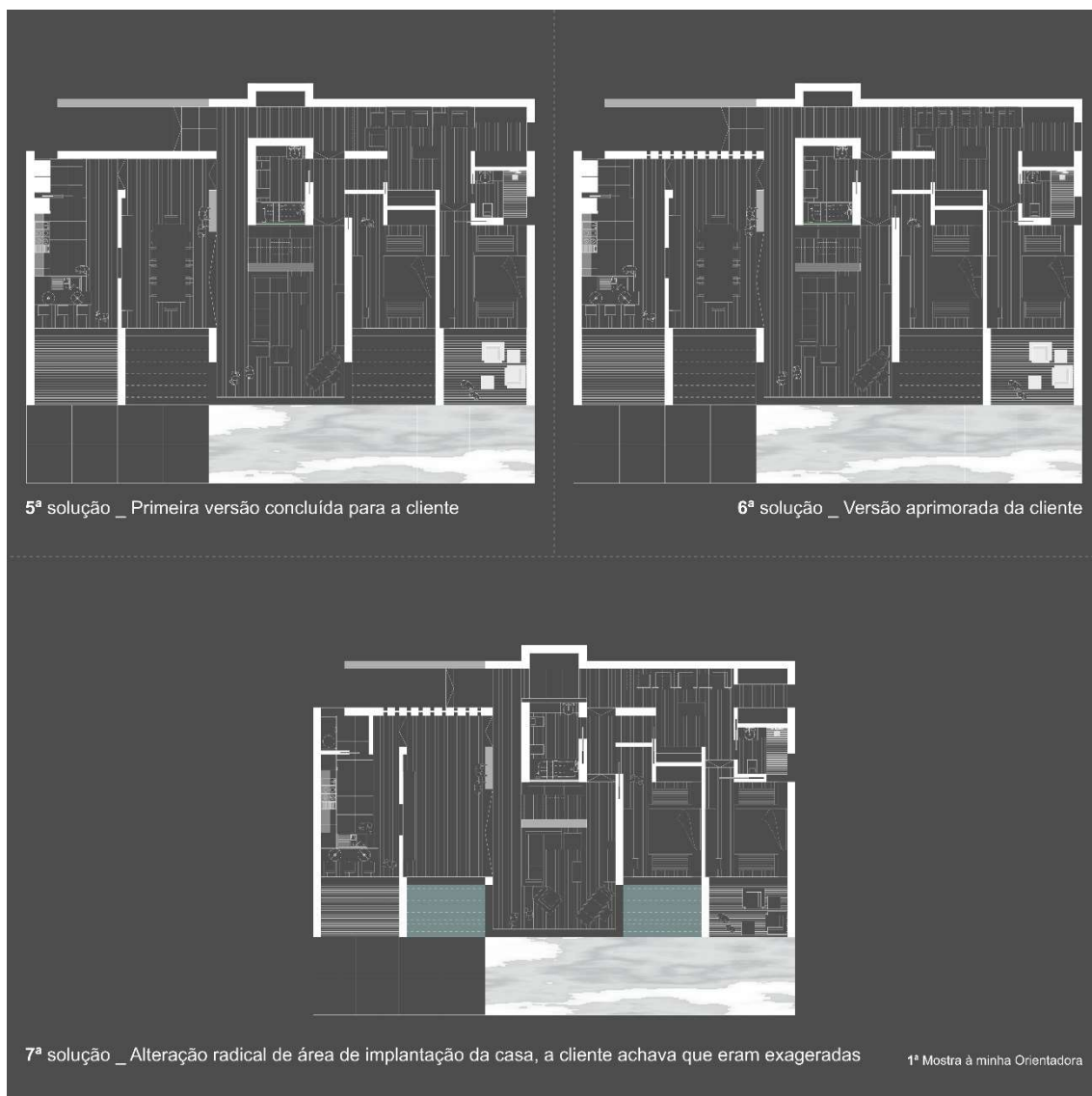


A primeira solução surge na tentativa de estabelecer uma coerência projetual dentro dos parâmetros arquiteturais com a do objeto gerador, os binóculos.

A segunda solução é uma introdução ainda bastante primitiva do programa solicitado pela requerente e segundo as suas necessidades em termos do habitar.

A terceira solução é um acerto dessas necessidades habitacionais com um pensamento mais maturado em matéria espacial. É precisamente nesta fase que se apresenta esta solução como primeira proposta, a qual consiste em centralizar a zona coletiva/social e esta ser o elemento de transição e de separação para os restantes espaços habitáveis, onde à sua esquerda se posiciona a zona de serviços e à esquerda e a zona íntima à direita,

A quarta solução, é, por sua vez, uma evolução da anterior que manifesta as alterações introduzidas a nível espacial, após a reunião efetuada com a requerente. Era necessário criar um pequeno living/sala tv, mais reservado integrado na sua suite e desenhar uma espécie de micro escritório, tipo open space, o qual poderia se fundir na espacialidade da própria sala de estar. As restantes espacialidades mantiveram-se inalteradas relativamente à sua posição inicial, devido a estas não interferirem nesta nova pretensão compositiva.



A quinta solução é a apresentação final das espacialidades obtidas após as duas reuniões tidas com a requerente.

A sexta solução é a finalização em matéria de ocupação de mobiliário e possibilidades de mobilidade dentro das próprias espacialidades, com o intuito de melhor esclarecimento projetual e o devido entendimento por parte da cliente em termos da matéria final produzida.

A sétima solução é mais uma viragem radical do projeto, não na sua morfologia e tipo de distribuição espacial, mas na área de implantação da própria casa. A cliente queria precisamente a mesma solução habitacional, mas desta vez áreas ainda mais contidas. Segundo ela as áreas ainda eram de dimensões consideráveis e poderiam provocar custos não suportáveis.

É por esta altura que dou a conhecer verdadeiramente o projeto à minha orientadora, Profª Dra. Ana Silva, pois até aqui, tínhamos centrado as nossas atenções sobre a parte de desenvolvimento teórico da dissertação. Em abono da verdade, já tínhamos abordado algumas evoluções projetuais, mas nada de muito específico ou de concreto.

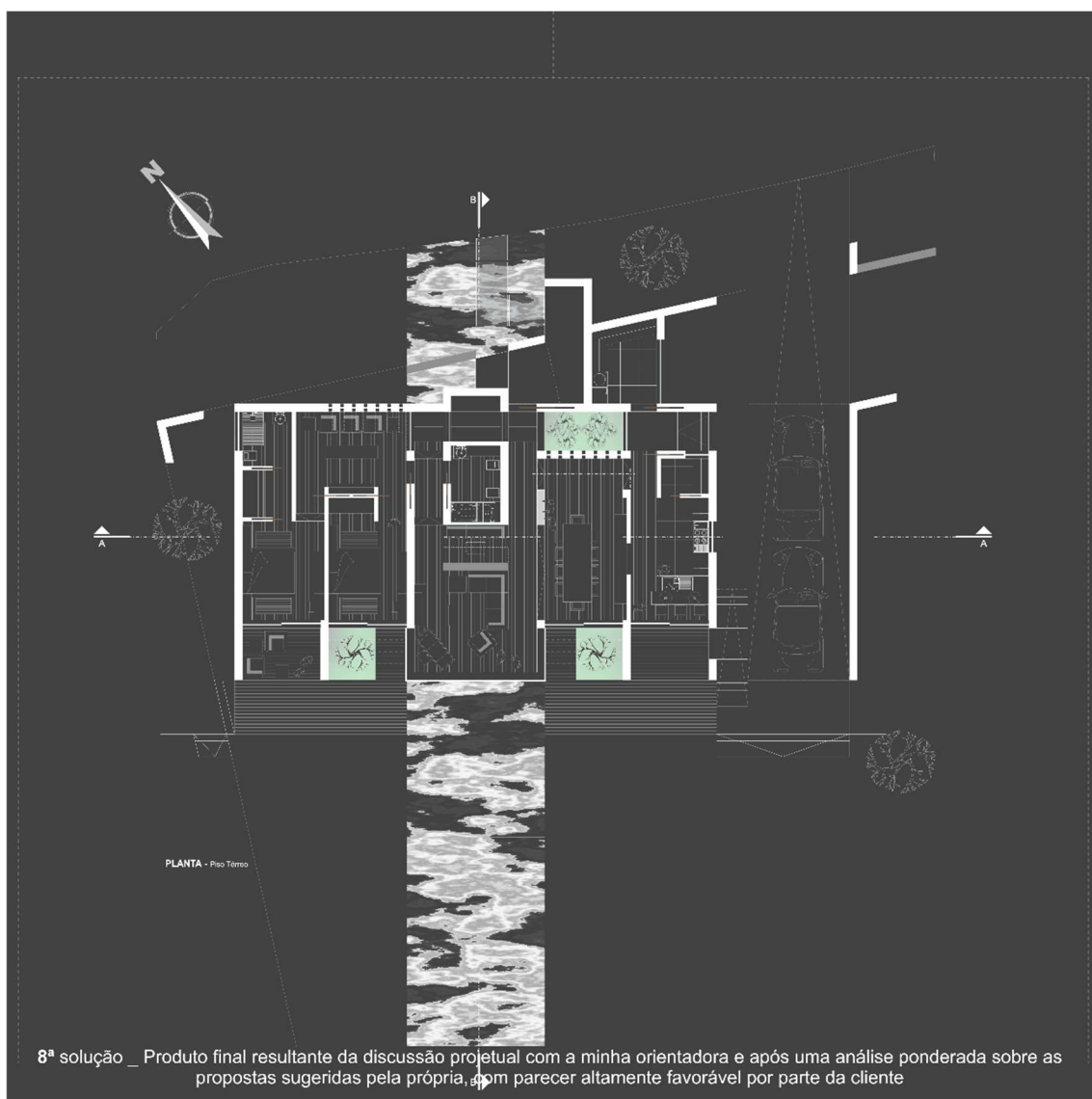
Quando nos debruçamos sobre este com um olhar bem mais cuidado, surge uma importante afirmação por parte da minha respeitável orientadora, *“eu acho que és capaz de fazer melhor*

do que isto, até porque esta é uma das partes mais significativas da tua dissertação e tu te propuseste a realizar algo de substancialmente interessante”.

De facto, esse era o meu propósito, e através de dicas e opiniões sabiamente expressas pela própria, decidi-me a reformular uma vez mais todo o processo arquitetónico. Embora as áreas sejam uma vez mais restringidas, ainda havia algo de produtivo e significativo a fazer para dignificar a matéria projetual realizada até então.

Apesar da rigorosa e precisa crítica, apanágio da minha respeitada orientadora, mas sentindo que esta foi feita de forma construtiva e com contornos de forte incentivo, mais uma vez me prontifiquei a alterar todo o projeto.

O que a seguir se apresenta, é o resultado de todo um longo processo, trabalho complexo, mas necessário à boa feitura da matéria projetual e de me fazer sentir orgulhoso por a apresentar nesta dissertação.



Fase 2

As explicações sobre a temática e atitudes projetuais...

LOCALIZAÇÃO:

Fotos aéreas



LOCALIZAÇÃO:

Fotos aéreas e frente de mar



LOCALIZAÇÃO:

Fotos do terreno



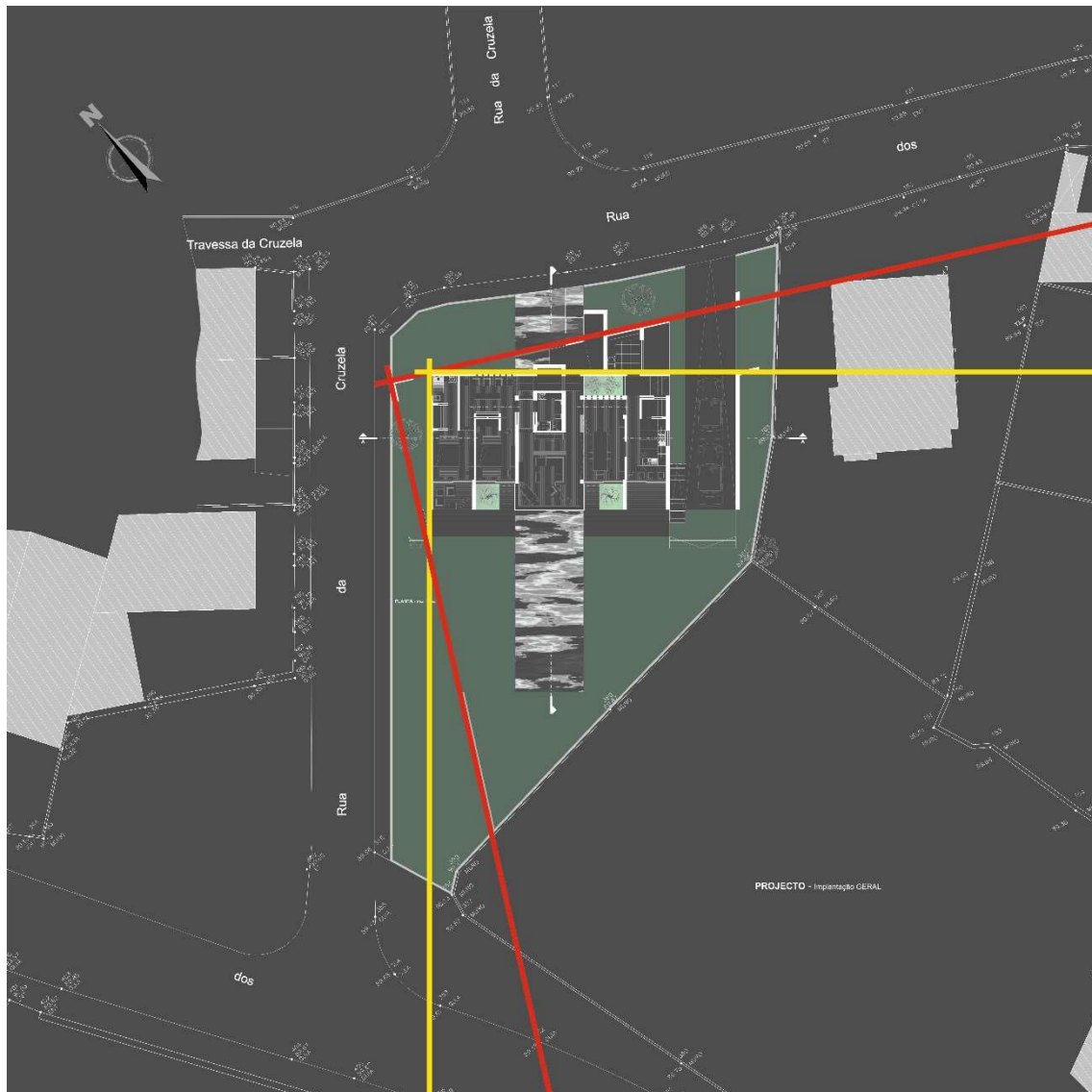
LOCALIZAÇÃO:

Fotos do terreno



As fotos acima apresentadas pretendem dar a conhecer o posicionamento geográfico do terreno, a tipologia urbanística onde se insere e as características físicas e topográficas do próprio.

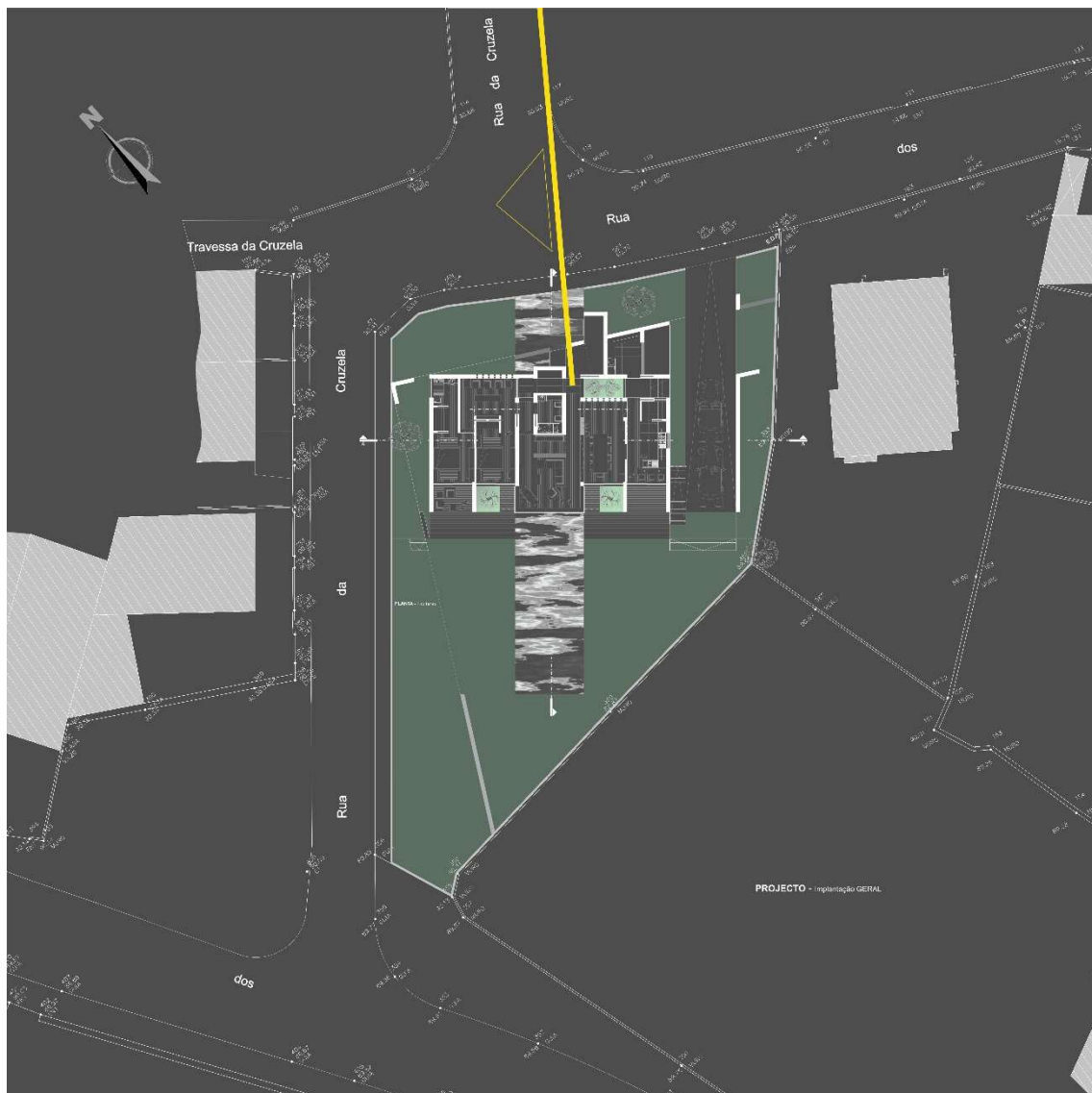
Após a análise atenta das características próprias do local da futura instalação arquitetónica, para a realização projetual final, passei pelos seguintes passos:



O que iria gerar as minhas linhas de alçado que eram comunicantes com as duas frentes de rua, ou seja, a Rua da Cruzela e a Rua dos Limbados. A linha amarela foi a primordial e que gerou desde o seu início todas as propostas feitas até então, aquela que eu pretendia que regulasse a composição mais importante de toda a forma arquitetónica e aquela que privilegiava a vista máxima de mar. Para tal seleccionei a parte mais estável do terreno e aquela que permitia um desenvolvimento espacial mais racional relativamente à posição solar. Em forma de L, não era viável por toda a composição somente se poder desenvolver praticamente para os vizinhos e desprestigiar a vistas marítimas. No sentido ascendente, ou seja, frente somente à Rua da Cruzela, as características perniciosas eram as mesmas que as anteriores, agravadas ainda pela circunstância de que a obra não teria significância e relação alguma quanto à importância dos

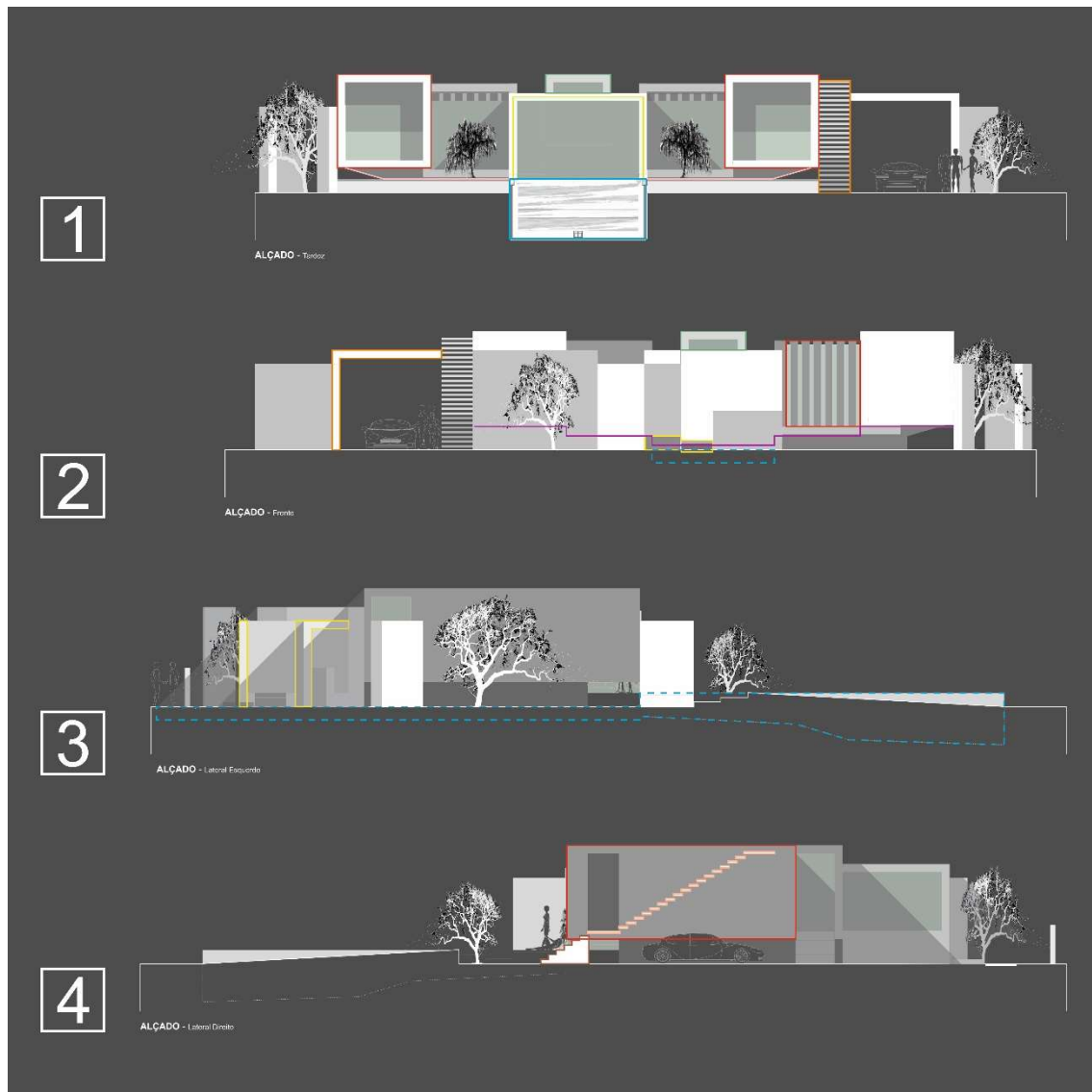
pontos cardeais e não estabelecia a ligação devida com a envolvente ou frentes das respetivas ruas. Portanto, a única que para mim, faria sentido era precisamente a zona superior do terreno pela tal estabilidade e posição relativa quanto às vistas de mar.

A linha amarela, coordena a forma arquitetónica principal da casa, estabelecendo o paralelismo com as moradias vizinhas dos pescadores e privilegia as vistas de mar, transmitindo a forma retangular dominante. A linha vermelha é aquela que gera e condiciona o acesso principal à habitação unifamiliar, regula o desenvolvimento espacial da lavandaria e acondiciona a entrada para o espaço de estacionamento automóvel, simplesmente coberto. A perpendicular que surge desta, regula as paredes de contenção de vistas e privacidade da própria casa, bem como, as paredes de proteção às intempéries climáticas na zona envolvente da piscina.



Nesta imagem o que se pretende demonstrar é a evidência da preocupação tida com a rua a noroeste, na continuidade ascendente da Rua da Cruzela e tentar com que esta tivesse alguma importância no desenvolvimento projetual da própria casa. A linha amarela representa o enquadramento da rua principal na relação com a entrada principal e a zona de maior visibilidade, maior impacto formal e que considero mais relevante em termos arquitetónicos,

não porque as restantes áreas não façam sentido, até porque é o todo que confere a devida importância à composição geral de um bom contexto arquitetural. O que tão-somente se pretende é que seja a parte mais nobre da habitação unifamiliar a tomar a maior predominância no estabelecimento de relações com o exterior e com as próprias vias terrestres.



Esta imagem concerne as restantes explicações acerca do mencionado no texto inicial quanto à postura e linguagem arquitetónica que se pretendeu introduzir na expressão da massa formal da casa.

Item 1

O contorno a vermelho refere-se às volumetrias que correspondem às pretensas objetivas que perscrutam o mar, a linha amarela que comporta o grande envidraçado, refere-se à câmara que regista as visualizações do horizonte. A azul, o registo do plano de água que pretende dar continuidade ao mar até à casa e a laranja, a escadaria monolítica assente no ancoradouro e os degraus em suspensão a escadaria de acesso às amuradas da embarcação. O contorno rosa representando a proa em quilha inclinada de um navio e responsável pela sustentação de toda a instalação em flutuação.

Item 2

Neste caso, o contorno a laranja, o abrigo da doca antes de se amurar ao navio, a lilás a ondulação marítima, a vermelho o espírito do mar personificado pelas frestas em contornos de vermelho, fazendo nos lembrar as guelras branquiais dos seres marítimos, a amarelo os paralelepípedos incolores, transmitindo-nos a sensação de caminharmos sobre a própria água e quando iluminados simbolizar o caminho seguro até bom porto, e finalmente a azul, o plano de água onde tudo parece assentar.

Item 3

Neste item o contorno amarelo, representa os abrigos e proteções ao longo dos passadiços da marina até à segurança da doca. A azul, a extensa linha de água onde toda a composição arquitetónica assenta, dando a sensação de que esta se encontra a flutuar, como se de uma embarcação de pesca estivéssemos a falar.

Item 4

O contorno a vermelho corresponde ao corpo lateral mais escuro das objetivas, personificando o desgaste do uso binocular ao longo do tempo. O corpo a castanho escuro, os degraus monolíticos assentes na doca e o contorno bege a escadaria de acesso ao convés da embarcação.

As explicações aqui manifestadas foram as motivações que geraram o projeto final que a seguir se apresenta:



21 _ FAUP _
PROJECT - A-Ver-o-l



21 _ FAUP _
PROJECT - A-Ver-o-l



21 _ FAUP _
PROJECT - A-Ver-o-l



21 _ FAUP _
PROJECT - A-Ver-o-l



21 _ FAUP _
PROJECT - A-Ver-o-l



21 _ FAUP _
PROJECT - A-Ver-o-n



21 _ FAUP _
PROJECT - A-Ver-o-l



21 _ FAUP _
PROJECT - A-Ver-o-l



21 _ FAUP _
PROJECT - A-Ver-o-l



22_ FAUP_
PROJECT - A-Ver-o-l



22_ FAUP_
PROJECT - A-Ver-o-l



22_ FAUP_
PROJECT - A-Ver-o-n



22_ FAUP_
PROJECT - A-Ver-o-l



22_ FAUP_
PROJECT - A-Ver-o-l



22_ FAUP_
PROJECT - A-Ver-o-n



23 _ FAUP _
PROJECT - A-Ver-o-n



23 _ FAUP _
PROJECT - A-Ver-o-l



23 _ FAUP _
PROJECT - A-Ver-o-l



23 _ FAUP _
PROJECT - A-Ver-o-l



23 _ FAUP _
PROJECT - A-Ver-o-l



23 _ FAUP _
PROJECT - A-Ver-o-l



24 _ FAUP _
PROJECT - A-Ver-o-l



24 _ FAUP _
PROJECT - A-Ver-o-l



24 _ FAUP _
PROJECT - A-Ver-o-n



24 _ FAUP _
PROJECT - A-Ver-o-l



24 _ FAUP _
PROJECT - A-Ver-o-l



24 _ FAUP _
PROJECT - A-Ver-o-l



24 _ FAUP _
PROJECT - A-Ver-o-l



24 _ FAUP _
PROJECT - A-Ver-o-l



24 _ FAUP _
PROJECT - A-Ver-o-l



24 _ FAUP _
PROJECT - A-Ver-o-n



24 _ FAUP _
PROJECT - A-Ver-o-l



24 _ FAUP _
PROJECT - A-Ver-o-l



25 _ FAUP _
PROJECT - A-Ver-o-n



25 _ FAUP _
PROJECT - A-Ver-o-n



25 _ FAUP _
PROJECT - A-Ver-o-n



25 _ FAUP _
PROJECT - A-Ver-o-l

As principais mudanças, que noto em mim, neste final de ciclo acadêmico, concernem-se aos novos âmbitos de conhecimento, tanto no campo prático, como no teórico, em termos de feitura e conceção projetual, bem como, numa amplitude deveras significativa em matéria histórica da própria arquitetura e conhecimento de referências, que, até então, nada significavam ou representavam para mim, por matéria exclusiva do meu desconhecimento e base incipiente de formação, quanto à importância destes, na minha natural evolução e ascensão enquanto arquiteto. Foi precisamente na busca desse superior conhecimento, que realizei todo este percurso acadêmico, desde o primeiro momento em que decidi entrar numa faculdade prestigiada, supostamente a melhor do país, dar-me à humildade necessária enquanto aluno, libertar-me de vícios condicionantes à minha própria evolução e dedicar-me de corpo e alma, aquele meritório sonho que tenho desde menino, SER ARQUITETO.

... FIM

Bibliografia

Livros consultados para fins de estudo

TÁVORA, Fernando. DA ORGANIZAÇÃO DO ESPAÇO

SIZA, Álvaro. UMA QUESTÃO DE MEDIDA - Entrevistas com Dominique Machabert e Laurent Beaudouin

SIZA, Álvaro. TEXTOS 01 – Capítulo – Oito pontos

VALENTIM, Nuno. REABILITAÇÃO DE CAIXILHARIAS DE MADEIRA EM EDIFÍCIOS DO SÉC. XIX E INÍCIO DO SÉC. XX – Do restauro à seleção exigencial de uma nova caixilharia: o estudo do caso da habitação corrente portuguesa – Dissertação

PINTO, Luísa. LE CORBUSIER E A JANELA – Do Vão Tradicional ao Brise-Soleil

MONEO, Rafael. APUNTES SOBRE 21 OBRAS

CORNOLDI, Adriano. LA ARQUITECTURA DE LA VIVIENDA UNIFAMILIAR – Manual del espacio doméstico

DRILLER, Joachim. BREUER HOUSES – 1st ed. London: Phaidon, 2000. ISBN 0-7148-3893.4

RYBCZYNSKI, Witold. LA CASA: História de uma ideia. Madrid: Nerea (D.L. 1989)

Sites visitados para recolha de matéria

<https://www.culturagenial.com/frase-so-sei-que-nada-sei>

<http://jmeijide.tumblr.com/image/50997969884>

https://io9.gizmodo.com/how-farming-almost-destroyed-human-civilization-1659734601?utm_campaign=socialflow_io9_facebook&utm_source=io9_facebook&utm_medium=socialflow

<https://vici.org/vici/42603/>

<https://www.pinterest.pt/pin/564005553306470788/?lp=true>

http://www.pinsdaddy.com/catal-huyuk-ma_8bBTgG6m7kf4ACkD81NxxWBN3*PP7wc9BjMhOSkrFFM/

<http://users.stlcc.edu/mfuller/catalhuyuk.html>

http://realhistoryww.com/world_history/ancient/Anatolia_Turkey.htm

<http://users.stlcc.edu/mfuller/catalhuyuk.html>

https://en.wikipedia.org/wiki/Parson_Capen_House

<https://www.flickr.com/photos/ethomsen/2661831521>

<http://ofhouses.tumblr.com/post/162384843014/444-andrea-palladio-villa-foscari-la>

<https://www.japlu.com/news/villa-foscari-la-malcontenta>

<https://liincantohotel.weebly.com/cose-da-vedere.html>

<https://divisare.com/projects/277787-andrea-palladio-atelier-xyz-villa-foscari-la-malcontenta>

https://en.wikipedia.org/wiki/Grim%27s_Dyke#/media/File:Grims-dyke-1891.jpg

<http://archiseek.com/2013/grims-dyke-harrow-weald-kent/>

<http://archiseek.com/2013/grims-dyke-harrow-weald-kent/>

<https://www.bbc.com/portuguese/vert-cul-40451624>

<http://robertostraub.com.br/frank-lloyd-wright/>

<http://arch-grafika.ru/fr/2/9928690.jpg>

<http://arch-grafika.ru/fr/2/9928690.jpg>

<http://arch-grafika.ru/fr/2/6931242.jpg>

<http://arch-grafika.ru/fr/2/9294071.jpg>

<http://illustrationart.blogspot.com/2007/05/revisiting-frank-loyd-wright.html>

<http://www.sanmartin-arts crafts.com/2014/06/frank-loyd-wright-architectural.html>

<http://arch-grafika.ru/fr/2/6352794.jpg>

<http://www.sanmartin-arts crafts.com/2014/06/frank-loyd-wright-architectural.html>

<https://archinect.com/forum/thread/98926/help-save-loyd-wright-s-moore-house>

<http://acidadebranca.tumblr.com/post/26425032679/architectural-color-sketches-057-frank-loyd>

<https://i.pinimg.com/originals/53/79/e7/5379e74148795a9f0ad0bffa84345e.jpg>

<http://www.forsterdavid.org/img/content/big/archST/02.jpg>

<http://www.forsterdavid.org/indexBig.php?p=archST>

<https://pt.slideshare.net/RafGomes/adolf-lloos>

<https://pt.slideshare.net/RafGomes/adolf-lloos>

<http://spring2018.thedude.oucreate.com/wp-content/uploads/2018/04/Bauhaus.jpg>

https://www.bibliocad.com/en/library/bauhaus-the-state-house-building_48286/

<https://www.archdaily.com.br/br/tag/richard-neutra>

<https://www.archdaily.com.br/br/tag/richard-neutra>

<https://www.archdaily.com.br/br/tag/richard-neutra>

<https://es.wikiarquitectura.com/edificio/casa-de-reposo-lovell/#lg=1&slide=1>

<https://es.wikiarquitectura.com/edificio/casa-de-reposo-lovell/#lg=1&slide=2>

<http://www.ramonesteve.com/en/manufacturing-the-interior/posts/mies-van-der-rohe-in-the-tugendhat-house/>

<https://divisare.com/projects/276366-ludwig-mies-van-der-rohe-libor-teply-villa-tugendhat-1930#lg=1&slide=1>

<https://divisare.com/projects/276366-ludwig-mies-van-der-rohe-libor-teply-villa-tugendhat-1930#lg=1&slide=0>

https://www.flickr.com/photos/gerard_michel/29793150996/in/photostream/

https://www.flickr.com/photos/gerard_michel/29715642892/in/photostream/

https://www.flickr.com/photos/gerard_michel/29201364934/in/photostream/

<http://www.architectyourhome.pt/architecture/uma-atmosfera-de-conjunto-casa-e-paisagem-numa-unica-concepcao-alvaar-aalto-arquiteto/>

<http://www.architectyourhome.pt/architecture/uma-atmosfera-de-conjunto-casa-e-paisagem-numa-unica-concepcao-alvaar-aalto-arquiteto/>

https://www.admagazine.fr/architecture/balade/diaporama/les-maisons-darchitectes-a-visiter/33370#les-maisons-darchitectes-a-visiter_image1

<http://socks-studio.com/2014/04/08/the-plan-is-a-society-of-rooms-goldenberg-house-by-louis-kahn-1959/>

www.google.com/search?rlz=com.microsoft%3Apt-PT%3A%7Breferr%3Asource%3F%7D&rlz=1175KPT_pt-PTPT424&biw=1920&bih=981&tbn=isch&sa=1&ei=p91-W-fxG6SvGAbG356oAw&q=fotos+da+Casa+Goldenberg%2C+Kanh&oq=fotos+da+Casa+Goldenberg%2C+Kanh&gs_l=img.12...2619943.2623250.0.2626408.9.9.0.0.0.122.867.7j2.9.0...0...1c.1.64.img..1.0.0...0.Lu4FDd-jZlY#imgdii=y-PfbuFwjyB73M:&imgsrc=7v36WsWJmDhIFM:

<https://www.curbed.com/2016/3/23/11291976/louis-kahn-goldeberg-house-unbuilt-design-architecture>

<https://www.curbed.com/2016/3/23/11291976/louis-kahn-goldeberg-house-unbuilt-design-architecture>

<https://www.curbed.com/2016/3/23/11291976/louis-kahn-goldeberg-house-unbuilt-design-architecture>

<https://www.curbed.com/2016/3/23/11291976/louis-kahn-goldeberg-house-unbuilt-design-architecture>

<http://talleravb.blogspot.com/2012/11/robert-venturi-casa-vanna-venturi.html>

<http://talleravb.blogspot.com/2012/11/robert-venturi-casa-vanna-venturi.html>

<https://www.flickr.com/photos/36338508@N00/49225217>

<https://interactive.wttw.com/tenbuildings/vanna-venturi-house>

<https://i.pinimg.com/originals/69/c3/b1/69c3b1c9b72bf53925cd0ec4673ce361.jpg>

<https://i.pinimg.com/originals/09/7c/89/097c890115a4975222f93c343bfef856.jpg>

<https://my-planet.org/house-vi-in-u-s-by-peter-eisenman.html#.W4WWWkuhKhHE>

<http://www.richardmeier.com/?projects=giovannitti-house-2>

<http://chavinskee.blogspot.com/2018/04/giovannitti-house-by-richard-meier.html>

<https://www.youtube.com/watch?v=9lbKg28c4Jk>

<http://www.forsterdavid.org/indexBig.php?p=archST>

<http://www.forsterdavid.org/indexBig.php?p=archST>

<https://issuu.com/tallerintegral/docs/introduccionobras>

<https://issuu.com/tallerintegral/docs/introduccionobras>

<https://divisare.com/projects/96487-alvaro-siza-vieira-fernando-guerra-fg-sg-casa-avelino-duarte#lg=1&slide=0>

<https://divisare.com/projects/96487-alvaro-siza-vieira-fernando-guerra-fg-sg-casa-avelino-duarte#lg=1&slide=10>

<https://divisare.com/projects/96487-alvaro-siza-vieira-fernando-guerra-fg-sg-casa-avelino-duarte#lg=1&slide=12>

<http://www.emecubica.net/?p=753>

<https://i.pinimg.com/originals/c2/78/b8/c278b8d04c22556c40a21d672f5b5dae.jpg>

<http://www.laciudadiva.org/blogs/wp-content/uploads/2014/09/%C3%81LVARO-SIZA--BAIRRO-DA-MALAGUEIRA--1977-imagen-aa.jpg>

<https://portugueseearchitectures.wordpress.com/2014/07/06/1977habitacao-social-quinta-da-malagueirasiza-vieira/#jp-carousel-1844>

<https://portugueseearchitectures.wordpress.com/2014/07/06/1977habitacao-social-quinta-da-malagueirasiza-vieira/#jp-carousel-1838>

<https://portugueseearchitectures.wordpress.com/2014/07/06/1977habitacao-social-quinta-da-malagueirasiza-vieira/#jp-carousel-1842>

<https://portugueseearchitectures.wordpress.com/2014/07/06/1977habitacao-social-quinta-da-malagueirasiza-vieira/#jp-carousel-1854>

<http://uptaller3.blogspot.com/2011/05/quinta-da-malagueira.html>

<http://uptaller3.blogspot.com/2011/05/quinta-da-malagueira.html>

<http://uptaller3.blogspot.com/2011/05/quinta-da-malagueira.html>

<http://doyoucity.com/proyectos/entrada/5106>

http://4.bp.blogspot.com/-dqSNk-xA0d0/VmCCC3rf5EI/AAAAAAAAFwg/KW1rRA9UpW0/s1600/IMG_5723.JPG

http://3.bp.blogspot.com/-AH04MS3p3oA/VmCCR_tNtJI/AAAAAAAAFxE/O6O9plaA0hU/s1600/IMG_5734.JPG

http://4.bp.blogspot.com/-mAHdqo4t-s4/VmCCvF8cEvl/AAAAAAAAFyM/TL-bym0PH30/s1600/IMG_5750.JPG

http://1.bp.blogspot.com/-M5csB50wGsE/VmCCanzZP0I/AAAAAAAAFxF/RQusvfBFaGA/s1600/IMG_5738.JPG

http://3.bp.blogspot.com/-006hirCxX0s/VmCCAlUZRcl/AAAAAAAAFwc/syigyFby_0o/s1600/IMG_5725.JPG

http://3.bp.blogspot.com/-5lh5PTxK7js/VmCCfg3suyI/AAAAAAAAFwk/HzptarkoTpg/s1600/IMG_5741.JPG

http://4.bp.blogspot.com/-gT3amgrNWQ/VmCCFlykNCI/AAAAAAAAFws/BIA_E2wi03M/s1600/IMG_5722.JPG

https://www.google.com/search?q=fotos+a%C3%A9reas+da+quinta+da+malagueira,+a%C3%A9vora,+projetada+por+siza+vieira&rls=com.microsoft:pt-PT:%7Breferrer:source?%7D&rlz=117SKPT_pt-PTPT424&tbn=isch&tbo=u&source=univ&sa=X&ved=2ahUKEwjyvtU9KTdAhUkJsAKHR97Cy8QsAR6BAgAEAE&biw=1920&bih=981#imgsrc=WqRgwB532br8qM

<https://i.pinimg.com/originals/7c/5c/94/7c5c941e9cc96f1e6cf2398f9f34d19f.jpg>

<http://arquitectures234.blogspot.com/2011/03/alvaro-siza-quinta-malagueira.html>

No capítulo do CAIXILHO

Opções de Caixilho

Agradecimentos à **Alumínios Cortizo Portugal, Lda**, representada pelo Sr. MÁRIO MORAIS, por toda a amabilidade com que me recebeu e pela cedência do catálogo técnico que comporta as imagens apresentadas neste capítulo.